

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

POSSIBILIDADES DE RESILIÊNCIA NO ESTAR-SENDO NEGRA.
“É PRECISO TER CORAGEM PRA TER NA PELE A COR DA NOITE”



Ilustração: Bruno Ortiz

Luciane Bello

Porto Alegre, 10 de janeiro de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

LUCIANE BELLO

**POSSIBILIDADES DE RESILIÊNCIA NO ESTAR-SENDO NEGRA:
“É PRECISO TER CORAGEM PRA TER NA PELE A COR DA NOITE”**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi
Linha de Pesquisa: Políticas e Gestão de Processos Educacionais

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz – FACED/ UFRGS

Profa. Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío – IP/ UFRGS

Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – UFSCar

Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos Marques – UNIOESTE

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Bello, Luciane
POSSIBILIDADES DE RESILIÊNCIA NO ESTAR-SENDO
NEGRA: "É PRECISO TER CORAGEM PRA TER NA PELE A COR
DA NOITE" / Luciane Bello. -- 2017.
229 f.

Orientadora: Maria Aparecida Bergamaschi.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação
em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Mulher Negra. 2. Resiliência. 3. Racismo. 4.
Educação. 5. História de Vida. I. Bergamaschi, Maria
Aparecida, orient. II. Título.

Para todas e todos que me acompanharam e me encheram de amor e cuidado ao longo desse processo:

*Pra esse teu trabalho tu estás sendo acompanhada, entende.
Estás sendo acompanhada e orientada. [...] tua casa está muito protegida,
tua vida, tudo está sendo muito protegido para você encaminhar,
porque isso não vai ficar só no papel, na defesa.
É de um povo, como tu estás pegando a ancestralidade,
vem muita preta velha junto. Elas são muito queridas,
são da cura, da saúde, ajudam a gente nas coisas da saúde.
(Não sou eu que estou falando)
Nossa! Ajudam demais, até sem a gente saber, protegem muito.
É uma benção, porque a gente está fazendo uma coisa que eles nos intuem,
uma coisa para ter mais compreensão das coisas, mais entendimento.*

Makini

AGRADECIMENTOS

*Toda a vida acreditei: amor é os dois se duplicarem em um.
Mas hoje sinto: ser um é ainda muito. De mais.
Ambiciono, sim, ser o múltiplo de nada. Ninguém no plural.
Ninguéns.
(COUTO, 2009, p. 54)*

Neste momento em que me sinto com sentimentos de satisfação agradeço a muitas pessoas especiais que me acolheram, ampararam e motivaram a continuar a caminhada.

Em primeiro lugar, às comunidades e espaços por onde circulei e tive oportunidade de aprender e sentir o mundo com outro olhar, nos bairros Restinga e Lomba do Pinheiro, no Quilombo do Limoeiro em Palmares do Sul e no sarau “Sopapo Poético: ponto negro da poesia”. Pelo acolhimento e afeto proporcionado por pessoas tão especiais: Lisiane, Loiva, Marilene, Marina, Pâmela, Rita, Silvana e Véra Neusa.

À professora doutora Arabela Campos Oliven, pela competente orientação na pesquisa de mestrado e da tese. À professora doutora Maria Aparecida Bergamaschi, que acompanha minha trajetória como professora e membro das bancas de qualificação e defesa de dissertação, pelo acolhimento como orientadora no final do terceiro ano de pesquisa de doutorado, principalmente pela escuta carinhosa, atenta e delicada que me proporcionou um sentimento de paz e tranquilidade tão importantes neste momento.

Aos membros da banca de qualificação, professoras Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva e Leunice Oliveira e professor Fernando Seffner pelos questionamentos e novos caminhos apontados. Agradeço muito às professoras que participaram da banca de defesa da tese: Petronilha B. Gonçalves e Silva, Carla B. Meinerz, Débora D. Dell’Aglio e Sônia dos Santos Marques.

À família que é, sem dúvida, sustentação imprescindível em nossas histórias de vida. Refiro-me à família extensa que contempla também os membros com vínculo de sangue.

Agradeço carinhosamente minha avó Cecília (*in memoriam*), minha mãe Lucília, meus irmãos Fabrício (*in memoriam*) e Fábio, meu pai Assis e minha dinda Sônia e, também aqueles que escolhi para fazer parte de minha história: Régia, Conceição, João Jair, Juraci, Marisa, Rosemeri, Giovana, Cida, Eliane, D. Laura e especialmente a Alexandre, Crystal e Jade. Pessoas especiais que escolhi (ou me escolheram) para com-viver, lembrando que o tempo nos amadurece e ensina a fazer escolhas que dão novo sentido a vida.

Às amigas queridas Rita, Patrícia, Margareth, Eva, Daiane, Véra, Nora (NB); que tornam meus dias mais bonitos por serem amorosas e generosas. Adoro com-viver com vocês!

Agradeço imensamente a Marianne, Vinicius, Guilherme, Felipe e Verônica que me deram suporte emocional e físico para enfrentar este momento e me preparam para os próximos desafios que a vida reserva. A combinação de análise, fisioterapia e pilates se tornou essencial para meu bem-estar por aí.

Aos colegas de aula, de orientação e de trabalho pelo carinho, aprendizagens e pelas contribuições. Especialmente aos queridos Iosvaldyr Bittencourt Júnior (pela leitura atenta e generosa), Bruno Ortiz e Ramon Moser pela cedência e cuidado com as imagens, respectivamente, tão ou mais importantes que as palavras e ideias organizadas nesta tese.

À Tânia, minha irmã há 17 anos, que me ensina a olhar o mundo de forma diferente e que ao revisar esta tese com olhar cuidadoso, tornou-a melhor.

Agradeço carinhosamente a Lorenzo, meu filho, que me desafia a repensar e questionar o mundo permanentemente, a enfrentar meus medos e assim, me enche de amor.

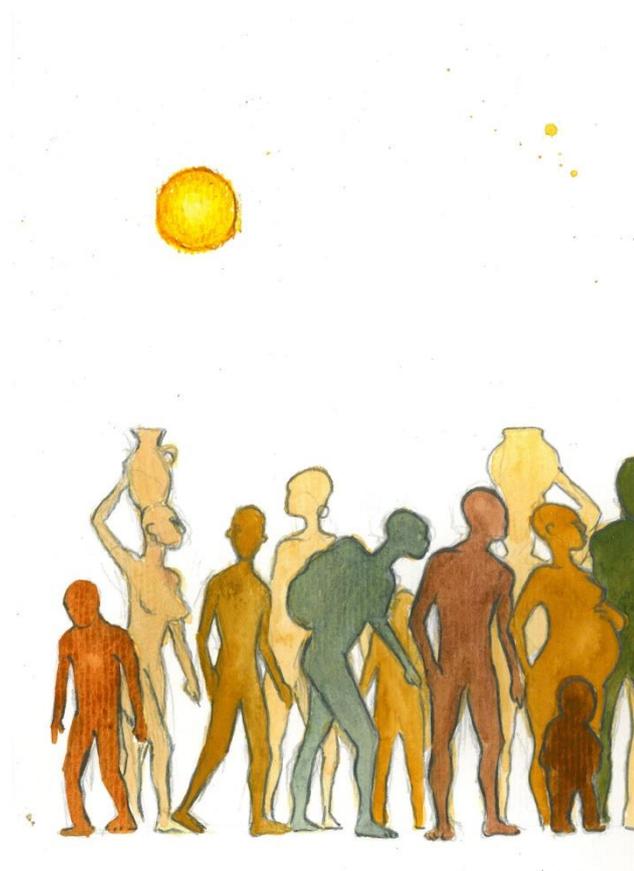


Ilustração: Bruno Ortiz

*A explosão não vai acontecer hoje.
Ainda é muito cedo... ou tarde demais.
Não venho armado de verdades decisivas.
Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais.
Entretanto, com toda a serenidade,
penso que é bom que certas coisas sejam ditas.
Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las.
Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida.
Faz tanto tempo...
Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou.
E muito menos aqueles a quem ela se destina.
E então? ...*

FANON, 1983

RESUMO:

A tese aborda o processo de construção da identidade de mulheres negras e as possibilidades de resiliência em suas histórias de vida embasada em estudos de Paulo Freire (1996, 2004) sobre o movimento processual do estar-sendo e nas possibilidades de resiliência por Yunes (2012). Questões sobre relações raciais, educacionais e de gênero foram subsidiadas por Nascimento (2008), Silva (1987, 1998, 2002, 2003, 2005), Gomes (1995, 2002, 2003), González (1979), hooks (1995, 2005, 2006), Collins (1989, 2000), Fanon (2008), Louro (1997, 2012), Scott (1995), Silveira (2002) e Machado (2013). Participaram da pesquisa 8 mulheres negras com idades entre 29 e 84 anos, com profissões, origens familiares e sociais diversas, moradoras de Porto Alegre e do Quilombo do Limoeiro, localizado no município de Palmares, no Rio Grande do Sul. Trata-se de pesquisa qualitativa que se propõe a conhecer e compreender as histórias de vida e as influências dessas mulheres na família, escola e comunidade, a partir de suas participações em atividades de ensino, pesquisa ou extensão na UFRGS. São professoras, orientadora educacional, diretoras, atrizes, cantoras, artesãs, técnica em enfermagem que atuam ou atuaram em escolas, hospitais, universidades, sarau de poesia negra, Associação Quilombola, cinema, teatro, entre outros espaços, e assim, mostram a arte, cultura e saberes do povo negro. A pesquisa demonstra o protagonismo das mulheres negras a partir de suas capacidades e potencialidades na escola, no trabalho, nos palcos a partir das trocas de experiências que promovem o processo de estar-sendo mulher e negra por meio da valorização do coletivo e da estética negra, do resgate da autoestima e, dessa forma, fortalecem suas identidades étnico-raciais e de gênero. Este processo é um desafio cotidiano porque em nosso país as relações raciais são conflituosas e as mulheres negras precisam se afirmar constantemente em vários espaços e tempos. São necessários movimentos de avanços e recuos para a construção de suas identidades, para o seu empoderamento e do seu povo. Esses movimentos ocorrem por meio das possibilidades de resiliência que aparecem no caminhar, em suas trajetórias, como um conjunto de circunstâncias com bases constitucionais, relacionais e ambientais e não como um atributo fixo individual.

Palavras-chave: Mulher Negra, Resiliência, Racismo, Educação, História de Vida

ABSTRACT

This thesis approaches the identity construction process of black women and the possibilities of resilience in their life stories based on the studies by Paulo Freire (1996, 2004) on the procedural movement of be-being and on the possibilities of resilience by Yunes (2012). Issues on race, educational, and gender relations were subsidized by Nascimento (2008), Silva (1987, 1998, 2002, 2003, 2005), Gomes (1995, 2002, 2003), González (1979), Hooks (1995, 2005, 2006), Collins (1989, 2000), Fanon (2008), Louro (1997, 2012), Scott (1995), Silveira (2002), and Machado (2013). Eight black women between 29 and 84 years old of different occupations and family and social backgrounds that lived in Porto Alegre and at Quilombo do Limoeiro in the city of Palmares, state of Rio Grande do Sul, Brazil, took part in this qualitative research. To objective was to know and understand the life histories and the influences of those women on family, school, and community based on their participations in teaching, research, or extension activities at UFRGS. The women are professors, an educational counselor, principals, actresses, singers, artisans, and a nurse aide who work or used to work at schools, hospitals, universities, a black poetry soireé, the *Quilombola Association*, cinema, theater, and other spaces and, thus, show the art, culture, and knowledge of the black people. The research shows the leading role of black women from their capacities and potentials at school, work, and on the stage based on the exchange of experiences that promote the process of be-being women and black by valuing the black collective and aesthetics, by recovering self-esteem and, thus, strengthen their ethnical-racial and gender identities. This process is a daily challenge since, in Brazil, racial relations are contentious and black women must constantly make a stand in several spaces and times. Advances and retreats are required for the construction of their identities and to empower the women and their people. These movements occur through the possibilities of resilience that manifest along their path, in their trajectories, as a set of circumstances with constitutional, relational, and environmental bases and not as a fixed individual attribute.

Key words: Black Woman, Resilience, Racism, Education, Life History

TABELA DE SIGLAS

CAAPA:	Comissão de Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações Afirmativas
CEB:	Câmara de Educação Básica
CNE:	Conselho Nacional de Educação
CONSUN:	Conselho Universitário
COPENE:	Congresso de Pesquisadores/as Negros/as
DEDS:	Departamento de Educação e Desenvolvimento Social
DNA:	Ácido Desoxirribonucléico
DIEESE:	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ENEM:	Exame Nacional de Ensino Médio
EUA:	Estados Unidos da América
FABICO:	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
FACED:	Faculdade de Educação
FAPESP:	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FMP:	Faculdade do Ministério Público
FNB:	Força Nacional Brasileira
IACOREQ:	Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCH:	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IFES:	Instituições Federais e Estaduais de Educação Superior
IFPel:	Instituto Federal de Pelotas
IPEA:	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDA:	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC:	Ministério da Educação e Cultura
MNU:	Movimento Negro Unificado
NEAB:	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos
OIT:	Organização Internacional do Trabalho
ONG:	Organização Não Governamental
ONU:	Organização das Nações Unidas
PEC-G:	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PL:	Projeto de Lei
PNAD:	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPGEDU:	Programa de Pós-graduação em Educação
PR:	Paraná
PRAE:	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PROEXT:	Pró-reitoria de Extensão

PUC: Pontifícia Universidade Católica

REUNI: Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RMAAD: Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora

RS: Rio Grande do Sul

SAE: Secretaria de Assistência Estudantil

SC: Santa Catarina

SEC: Secretaria da Educação

SECADI: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEPPIR: Secretaria Especial de Promoção de Igualdade Racial

SPM: Secretaria de Políticas para as Mulheres

TED: Technology, Entertainment, Design

TEN: Teatro Experimental do Negro

UFBA: Universidade Federal do Bahia

UFPR: Universidade Federal do Paraná

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

UNISUL: Universidade do Sul de Santa Catarina

UTA: Usina do Trabalho do Ator

LISTA DE APÊNDICES E ANEXO

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	221
Apêndice 2: Roteiro semiestruturado	222
Anexo 1: Calendário de 1987 “Mulheres negras no Brasil: recuperando nossa história”	223

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil das mulheres negras	88
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. RECRIANDO NOVOS CAMINHOS: A SOMA DAS ESCOLHAS	23
1.1. Oportunidades que se desvelam: “sensibilidades de mundo”	27
1.2. O Departamento de Educação e Desenvolvimento Social: em movimentos	36
2. DAS RELAÇÕES RACIAIS	44
2.1. O preconceito é sempre do outro? Racismo e discriminação no Brasil	49
2.2. Negra Mulher	60
2.3. Feminismo Negro	65
3. A PESQUISA: HISTÓRIAS DE VIDA A PARTIR DA ESCUTA SENSÍVEL	74
3.1. Compartilhando os encontros com as “donas de lençóis imensos de inteligência”	84
3.2. Perfil das Mulheres Negras	88
3.3. Breve apresentação: “as missangas”	89
4. ESTAR–SENDO NEGRA E SUAS POSSIBILIDADES	95
4.1. Possibilidades de resiliência: o cuidado com o outro	97
4.2. Ancestralidade: “a continuação do fio”	114
4.3. Intelectualidade Negra	119
4.4. Educação antirracista: “É obvio que o negro vai pro fundo da sala”	130
4.5. Amor, Liberdade e Espiritualidade	149
5. ESTAR–SENDO NEGRA E SUAS ESTÉTICAS	163
5.1. Estética negra	164
5.2. Sopapo Poético e sua Pretessência	172
5.3. Empoderamento Coletivo: Negras e Quilombolas	179
6. APROXIMAÇÕES ENTRE O QUE PENSAM, FALAM E FAZEM	186
CONSIDERAÇÕES	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203

INTRODUÇÃO

Ter na pele a cor da noite

*É preciso ter coragem
para ter na pele a cor da noite
ser intangível
é preciso ter coragem
pra estar assim no mundo
bicho solto encardido
a trocar olhos por luas
o futuro é coisa dura
de pedra e ferro montado
o futuro é coisa dura
difícil de se tocar
é preciso ter coragem
ver na noite sem ser visto
pra se escrever o futuro
com a pele cor do asfalto
molhado de muita chuva
e uma lua gêmea dupla
pousada abrindo clarão
mostrando tantas coisas
escondidas sob a pele
a quem não consegue passar
da superfície do mundo
quando a pele é cor da noite
é preciso ter coragem
pra reforjar o futuro
até que ele ganhe a cor
guardada dentro de todos
nas rotas loucas das veias
nos abismos corporais
é preciso que se veja
com olhos de luas gêmeas
em noite escura cerrada
a cor que tem o irmão
quando ele guarda na alma
não o vermelho do sangue
de tantas lutas travadas
e sim a cor do mais fundo nada
a mesma de sua pele
do nada mais invisível
mais absoluto nada
é preciso ter coragem*

*para se empunhar esta cor
 como arma como enxada como arado
 como fonte como estrada
 como língua incendiária
 que todas as línguas fala
 e torna esta cor escondida
 em nova cor revelada
 cor do dia cor do sonho
 de todo homem e mulher
 todo bicho toda mata
 cor a correr pelas veias
 a preencher os abismos
 criando um caminho novo
 pra raça humana avançar
 é preciso ter coragem
 pra ter na pele a cor da noite
 e sobreviver nesses dias
 é preciso ter coragem
 e olhos de lua a brilhar
 pra ser o futuro que se quer
 mesmo o que virá*

Marcio Meirelles

Vanda Machado (2008) homenageia o teatro negro como a utopia realizável com um dos versos da poesia de Marcio Meireles em sua tese: “É preciso ter coragem pra ter na pele a cor da noite”. Aqui a frase resume as histórias de vida que conheci e busquei compreender ao longo do processo da pesquisa. O racismo está muito presente em nosso cotidiano e exige que negros e negras¹ tenham coragem para assumir suas raízes negras e lutar por seus direitos. Diariamente precisam encarar desafios, provar que são capazes e que podem estar em qualquer lugar sem causar estranhamento. São diferentes, como somos todos, mas não menos que qualquer pessoa. Discriminação e preconceito doem na pele e na alma, cansam e precisam ser enfrentados, contornados e desconstruídos.

¹ O termo “negro” e “negra” engloba pretos e pardos segundo definição do IBGE e será utilizado ao longo da pesquisa como forma de reconhecimento do trabalho do Movimento Negro para ressignificar o termo.

Para contextualizar esta pesquisa registro meu lugar de: mulher, branca, mãe, assistente social, servidora pública federal, classe média, nascida no interior do Estado de Santa Catarina. Algumas pessoas, por terem o tom de pele mais claro, são privilegiadas e têm acesso a mais oportunidades, porém “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro” (FREYRE, 2003, p. 367). Sendo assim, sinto-me comprometida com os desafios das relações raciais cotidianas.

Acredito que todos nós estamos implicados no combate ao racismo como um fenômeno ideológico, que se consolida por meio de preconceitos, discriminações e estereótipos. Precisamos de uma sociedade com relações mais igualitárias, que não defenda a superioridade de uma raça sobre a outra, e, sim, respeite a outro, reconheça e valorize as diferenças que nos constituem e promovem a interculturalidade.

Dessa forma, aponto as oportunidades que foram se desvelando e construindo minha própria trajetória no capítulo *Recriando novos caminhos: a soma das escolhas*. Compartilho as mudanças que ocorreram durante o processo, percebidas por meio de uma abordagem sensível de mundo, que provocaram deslocamentos necessários para o amadurecimento e avanço da proposta inicial.

O segundo capítulo, intitulado *Das relações raciais* mostra como foram constituídas as relações raciais e como surgiu o mito da democracia racial em nosso país. São relações conflituosas que tornam o cotidiano cheio de desafios de forma que o estar-sendo mulher e negra exige estratégias para a sobrevivência como a organização de coletivos, por exemplo, a criação do feminismo negro entre as décadas de 1960 e 1980, que trabalha questões de gênero e raça não contemplados nos movimentos negro e feminista. Estar-sendo nessa tese é entendido como um processo para se afirmar como mulher e negra em vários espaços e tempos de nossa sociedade, com movimentos de avanços e recuos para a construção de suas

identidades e para o seu empoderamento, são possibilidades que aparecem no caminhar, em suas trajetórias.

As mudanças possibilitam traçar e recriar novos caminhos teóricos e metodológicos que mostro no terceiro capítulo *A pesquisa: histórias de vida a partir da escuta sensível*. A construção da empatia² durante os encontros com as “donas de lençóis imensos de inteligência” (SILVEIRA, 2002, p.197) foi possível à medida que essas mulheres foram apontando os rumos a serem seguidos ao escolherem o que desejavam compartilhar neste estudo, inclusive sugerindo a participação de outras mulheres negras que elas conheciam para contribuir com a pesquisa. Foi, então, a partir de uma escuta sensível que aceitei ser surpreendida pelo desconhecido que, incessantemente, anima a vida (BARBIER, 2002).

A partir da análise de 8 encontros³ com 8 mulheres negras esta tese compreende a construção da identidade e as possibilidades de resiliência (YUNES, 2012)⁴ em suas trajetórias. Resiliência tratada aqui como algo relativo, com bases tanto constitucionais como ambientais, com grau de resistência variável de acordo com as circunstâncias (RUTTER, 1985).

A pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer histórias de vida de mulheres negras que buscam a superação de obstáculos cotidianos que dificultam a construção da identidade étnico-racial. Os problemas desencadeados pelo racismo através do preconceito e das discriminações nos diferentes ambientes e nas relações sociais precisam ser conhecidos e combatidos, pois, segundo Comas (1970), a pigmentação relativamente escura é uma marca

² Empatia é o movimento de tentar colocar-se no lugar do outro. Este termo será abordado nos próximos capítulos.

³ Vou apresentar o número de colaboradoras da pesquisa grafado 8 - ∞. Este símbolo representa o infinito, a eternidade e o potencial divino. A imagem do Oito Deitado é conhecida desde a Antiguidade e é adotado por diversas áreas espirituais, pois ela também simboliza a evolução física e espiritual, além do seu desenho representar o infinito, pois a imagem não tem começo e nem fim. Disponível em: <http://www.significados.com.br/oito-deitado/>. Acesso em 01/05/2016.

⁴ Possibilidades de resiliência é uma expressão que sugere potencialidades que todos possuem para enfrentar situações de sofrimento e dor (YUNES, 2012).

de diferenciação que condena numerosos grupos ao desprezo, ao ostracismo e a uma posição social humilhante. O preconceito⁵ de cor é tão acentuado em certas pessoas que dá origem a fobias quase patológicas que refletem os preconceitos do meio social.

O quarto capítulo, *Estar-sendo Negra e suas Possibilidades*, tem a atenção voltada para o processo do estar-sendo negra a partir do olhar de Paulo Freire, quando este coloca que não somos, e sim, estamos em um movimento processual ao longo de nossas trajetórias. Outro destaque são as possibilidades de resiliência nas trajetórias das mulheres negras que colaboraram com a pesquisa, mostrando as formas como enfrentam ou contornam obstáculos cotidianos e assim conseguem mudar seus destinos e, também, o de seus familiares. Os espaços de construção e afirmação da identidade destas mulheres levam em conta a importância da família, a necessidade do cuidado com o outro, muitas vezes sem um companheiro para dividir os momentos mais difíceis, e destacando a participação importante da família extensa.

Os conceitos são históricos, uma construção social transitória e o conceito de resiliência ainda é novo em nosso país o que provoca algumas dúvidas e desconfianças desafiando aqueles que pesquisam sobre o tema. O termo resiliência teve origem na Física e se refere à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente. Na Psicologia, mais especificamente na Psicologia Positiva (Antoniuzzi, Dell'Aglio e Bandeira, 1998; Dell'Aglio, Koller e Yunes, 2006; Poletto e Koller, 2008; Yunes e Szymanski, 2001, 2005), os estudos sobre o tema são recentes, datam 30 anos, e buscam transformar velhas questões em novas possibilidades de compreensão de fenômenos psicológicos, tais como: felicidade, otimismo, altruísmo, esperança, alegria, satisfação e outros temas humanos tão importantes quanto a depressão, ansiedade, angústia e agressividade. Trata-se, portanto, de uma psicologia que almeja antes de qualquer coisa

⁵ Preconceito é uma opinião preestabelecida, imposta pelo meio, época e educação.

romper com o viés *negativo* e reducionista de algumas tradições epistemológicas, valorizando aspectos saudáveis de indivíduos, grupos ou comunidades.

O termo resiliência vem sendo usado também na Antropologia e na Educação e pode ser visto como um processo em que as pessoas enfrentam e superam crises e adversidades. Alguns estudos têm focado no indivíduo (Masten & Garmezy, 1985; Rutter, 1985, 1993; Werner & Smith, 1992), porém, esta pesquisa pretende mostrar que é preciso ter cuidado para não usar indiscriminadamente o termo resiliência (Martineau, 1999; Yunes, 2001b), assim como mostrar a importância da família neste processo (De Antoni, Koller, 2000; Yunes, 2001b, 2012) e principalmente enfatizar a resiliência em famílias negras (Bello, 2011; Prestes, 2013; Martins, 2013). Nesta pesquisa as possibilidades de resiliência serão percebidas como parte de um processo, como um conjunto de circunstâncias e não como um atributo fixo.

Destaco ainda, no capítulo quatro, que, depois da família, a escola é apontada como o espaço fundamental para uma educação antirracista, embora seja necessário ainda muito trabalho na formação de professores para evitar que o aluno negro “vá para o fundo da sala”, ou seja, fique à margem das discussões e das expectativas para a construção de um mundo mais democrático. As negras ainda são pouco visibilizadas em suas trajetórias acadêmicas, poucas intelectuais negras são conhecidas ou reconhecidas e por este motivo destaco além das trajetórias das negras que colaboraram com a pesquisa, a produção intelectual de outras mulheres negras comprometidas com as questões raciais, sociais e de gênero: Neusa Santos, Lélia González⁶, Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva⁷, Nilma Lino Gomes⁸, bell hooks⁹, Patricia Hill Collins¹⁰, entre outras.

⁶ Lélia Almeida González (1935 – 1994) nasceu em Belo Horizonte e faleceu no Rio de Janeiro, foi uma intelectual, política, professora, antropóloga, militante constante da causa da mulher e do negro, em todos os espaços que atuou se fez digna representante. Na vida política se destacou como participante da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), anos 70, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), anos 70, do Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga, foi membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Deixou

No capítulo cinco, *Estar-sendo Negra e suas Estéticas*, são trabalhados espaços como os quilombos, saraus, teatros e cinema que auxiliam no reconhecimento dos direitos, compartilhamento da riqueza cultural e da beleza do povo negro. Há uma preocupação em manter a coerência entre as lutas do passado e o desejo de novas conquistas no presente e no futuro do povo negro. A presença do negro e da negra na sociedade brasileira precisa acontecer em todos os espaços para fortalecer o elo entre o discurso e a prática, seja na construção da identidade por meio de posicionamentos políticos e até mesmo da valorização de sua estética. Assim, são construídas trajetórias que ultrapassam os limites impostos pela sociedade branca racista, machista, capitalista, eurocêntrica.

No sexto capítulo, *Aproximações entre o que pensam, falam e fazem*, apresento ações que as mulheres negras colaboradoras na pesquisa articulam no seu cotidiano. São posições

além de obras coletivas, teses e muitas anotações, os livros *Lugar de Negro* com autoria de Carlos Hasenbalg e *Festa Populares no Brasil*.

⁷ Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, gaúcha de Porto Alegre, graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com licenciatura em português e francês. Docente aposentada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), de onde irradiou suas potencialidades em ações vinculadas à Universidade de São Paulo (USP) e eventos científicos no Brasil e outros países. Indicada pelo movimento negro para a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, Petronilha foi relatora do parecer CNE/CP n.º 3/2004. O documento regulamenta a lei 10.639/2003 e estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos termos do Artigo 26 da Lei 9.394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

⁸ Nilma Lino Gomes no dia 01 de abril de 2013, foi empossada no cargo de reitora *pro tempore* da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. É a primeira vez que uma mulher negra assume a reitoria de uma universidade federal no Brasil. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1988), mestrado em Educação pela UFMG (1994), doutorado em Antropologia Social/ USP (2002) e pós-doutorado em Sociologia pela Universidade de Coimbra – Portugal (2006). Atualmente é professora associada na UFMG, Bolsista de Produtividade/CNPq, coordenadora-geral do Programa de Ações Afirmativas na UFMG e do NERA – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Ações Afirmativas. É conselheira do Conselho Nacional de Educação, onde integra a Câmara de Educação Básica.

⁹ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, em homenagem à sua mãe e a sua avó. A grafia em minúsculo é pedida pela própria autora que diz: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.

¹⁰ Professora de sociologia da Universidade de Maryland e professora emérita de sociologia da Universidade de Cincinnati.

políticas, engajadas que podem servir de inspiração e motivação para pessoas que se sentem comprometidas com questões raciais e lutam cotidianamente contra o preconceito e discriminação.

Por fim, *Considerações* reflete sobre as experiências vividas ao longo do processo de pesquisa cheio de trocas e descobertas que proporcionaram muitas aprendizagens e compartilho. Não tenho a pretensão de encerrar a discussão, ao contrário, abrir um leque de possibilidades para a construção de uma sociedade menos compartimentalizada, com novas relações raciais e sociais mais autênticas e focadas no coletivo.



Ilustração: Bruno Ortiz

Ubuntu

Eu sou o que sou através de você e você é através de mim

1. RECRIANDO NOVOS CAMINHOS. A SOMA DAS ESCOLHAS

A vida é a soma de todas as suas escolhas.

Albert Camus

A busca por desafios através de novos encontros e lugares sempre esteve presente em minha trajetória. Ao longo do caminho encontrei exemplos de mulheres fortes e determinadas. Minha avó além de cuidar dos 14 filhos trabalhou como cozinheira, lavadeira, arrumadeira nos “empreendimentos”¹¹ de meu avô. Minha mãe era a filha mais velha, cuidava dos irmãos e após concluir o Magistério¹² começou a trabalhar como professora. Aos 18 anos foi morar em uma pequena cidade distante de sua família para trabalhar. Batalhava para se sustentar e possibilitar estudo aos irmãos. Casou-se aos 29 anos com meu pai. Ele tinha pouco estudo, frequentou a escola por apenas três anos e trabalhou muitos anos como safreiro¹³ na empresa Souza Cruz. Sou a primogênita. Eles tiveram mais dois filhos. Um deles, dois anos mais novo que eu, nasceu com distrofia muscular progressiva e faleceu aos 15 anos. Quando minha mãe tinha 40 anos engravidou novamente. Eu estava com 11 e meu irmão com nove anos.

Nasci e morei no interior de Santa Catarina até completar a graduação em Serviço Social aos 21 anos. Estudei metade do Ensino Fundamental em escola privada com grande esforço de minha mãe para pagar as mensalidades até concluir os primeiros quatro anos. Quando ela não conseguiu mais pagar fui para uma escola pública estadual. Minha mãe, oriunda de uma família de poucos recursos, com apenas o Ensino Médio, está aposentada como professora estadual de Séries Iniciais por contrato de 20 horas. Meu pai aposentou-se como pedreiro na Prefeitura da cidade.

¹¹ Meu avô se dizia empreendedor, mas seguidamente seus negócios fracassavam.

¹² Curso de formação de professores de Ensino Médio.

¹³ Safreiros são pessoas que trabalham no período da safra, por exemplo, do fumo. Na Empresa Souza Cruz são empregados contratados por tempo determinado.

No Ensino Médio estudei em escola privada com bolsa de 90% de isenção das mensalidades por ter me destacado com boas notas na escola pública. Trabalhava aos sábados na recepção do colégio como contrapartida do desconto que recebia. Não me senti fazendo parte daquele colégio que era dirigido por irmãs religiosas, onde estudavam os filhos da elite. As pessoas eram diferentes e se consideravam melhores, afinal vinham de extratos sociais mais elevados, com tradição e condições econômicas diferenciadas que possibilitavam uma rotina de festas e viagens que eu não tive acesso e nem entendia muito bem.

Santa Catarina é um Estado do sul do país, com número baixo de negros em comparação a outros Estados do Brasil, aproximadamente 15,7%, segundo dados do IBGE¹⁴ (2014). Nas escolas que frequentei, no centro da cidade, onde morava com meus pais e os dois irmãos, meus colegas na sua grande maioria eram brancos. Desejava fazer a graduação em Psicologia, mas como não tinha esse curso na minha cidade e a família não tinha condições de custear as despesas fora dali, escolhi o curso de Serviço Social na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), uma universidade privada. Comecei a trabalhar no setor administrativo da instituição em que estudava aos 17 anos, inicialmente como estagiária e, depois, contratada com carteira assinada. Foi a forma encontrada para pagar as mensalidades e demais despesas do curso.

Com o desejo de trilhar novos caminhos, decidi morar e procurar emprego em Porto Alegre, logo após minha formatura no curso de Serviço Social, no final do ano de 1990.

¹⁴ O IBGE lançou em 06/11/13, o *Mapa da Distribuição Espacial da População, segundo a cor ou raça – Pretos e Pardos*, primeiro produto de uma parceria técnica com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Segundo o Censo 2010, 43,1% da população brasileira declararam pardos e o maior percentual desse contingente estava na Região Norte (66,9%), sendo que todas as regiões revelaram percentuais acima dos 35%, exceto o Sul, com 16,5%. Ainda segundo o censo, 7,6% dos entrevistados se declararam pretos, e seu maior percentual estava no Nordeste (9,5%), com o Sudeste (7,9%) a seguir, enquanto a Região Sul mostrou o menor percentual (4,1%). <http://iiiconapir.seppir.gov.br/?p=1646> Acesso em 25/07/2014.

Trabalhei como secretária em uma empresa de *design* de produtos e, depois, fiz concurso para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na qual ingressei no início de 1992. Trabalhei na Faculdade de Educação (FACED), na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e, atualmente, trabalho no Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT).

Tive oportunidade de trabalhar com docentes, estudantes de graduação, pós-graduação e extensão, tanto na UNISUL quanto na UFRGS. Fui mobilizada pelas situações vividas durante as entrevistas que realizava com estudantes que solicitavam benefícios para permanência na UFRGS, como Assistente Social na Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE¹⁵). Foi a partir dessa experiência que senti necessidade de aprofundar reflexões para compreender as condições adversas e as reações diferentes diante das situações pelas quais passam os estudantes negros e indígenas, quando ingressam nos cursos de graduação na UFRGS. São oferecidos auxílios para alimentação, transporte, moradia, creche, bolsas trabalho para estudantes com bom desempenho acadêmico.

Alguns profissionais da equipe já discutiam sobre a assistência estudantil praticada e sobre a necessidade de renovarmos o processo de atendimento. Com a aprovação da reserva de vagas pelo Conselho Universitário (CONSUN) da UFRGS em julho de 2007, para estudantes oriundos de escola pública, autodeclarados negros e indígenas a discussão foi ampliada, tanto interna quanto externamente. Manifestações contrárias à implantação do sistema de reserva de vagas, principalmente para estudantes negros, vieram de membros da sociedade e também de servidores (docentes e técnicos) da instituição. Questionava-se a existência do racismo no país e na UFRGS, como seriam identificados os candidatos às vagas, duvidava-se que jovens negros e indígenas oriundos de famílias de baixa renda pudessem

¹⁵ A partir de 2012 a Secretaria de Assistência Estudantil passou a se chamar Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE).

permanecer e se diplomar em ensino superior em uma instituição pública devido às deficiências de formação, entre outras dificuldades.

Pesquisas sobre a implantação da política de ações afirmativas em universidades (QUEIROZ, 2002, 2003; CARVALHO, 2005; QUEIROZ E SANTOS, 2006; CARDOSO, 2008; VELLOSO, 2009; PAIVA, 2010) mostram que o desempenho¹⁶ dos estudantes cotistas é igual ou melhor do que de não cotistas.

Um estudo realizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sobre as trajetórias de estudantes que entraram na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) entre 1994 e 1997 motivou minha escolha pelo tema trabalhado na dissertação de mestrado. Naquela pesquisa foi identificado um processo de "resiliência educacional" entre os jovens de classes desfavorecidas, pois eles apresentavam uma maior capacidade de se adaptar às adversidades, superando desafios duplos como a vida difícil e os estudos.

Em 2008 participei como representante da Reitoria da Comissão de Acompanhamento de Alunos do Programa de Ações Afirmativas (CAAPA) da UFRGS. O contato próximo com os grupos que defendiam a criação de cotas para ingresso de negros e indígenas na universidade reforçou a necessidade de reflexão sobre o momento que as Universidades estavam vivendo e o retorno aos estudos foi o caminho escolhido para um melhor desempenho de minhas atividades profissionais na SAE.

Ingressei no mestrado na FACED, em 2009, na linha de pesquisa "Universidade: teoria e prática", com orientação da professora Arabela Campos Oliven; em 2011 defendi a dissertação que identificou o processo de resiliência nas trajetórias de dez cotistas negros de oito cursos diferentes com bom desempenho acadêmico, ingressantes na Universidade

¹⁶ Os dados contrariam as expectativas daqueles que acreditam que o nível acadêmico seria prejudicado pelo ingresso pela porta dos fundos de estudantes despreparados, como diziam, de forma depreciativa, aqueles que são contra as cotas.

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2008, primeiro ano da implantação do sistema de reserva de vagas.

1.1. Oportunidades que se desvelam: “sensibilidades de mundo”

Segundo o pensamento banto, o homem não cria nada. Ao homem é concedido o poder de desvelar, seja pela Arte, pela Ciência, pela Filosofia ou pela cultura. O homem tem o poder da descoberta. Tem o poder de caminhar fazendo caminhos. O povo banto considera que o mundo é um grande pacote feito por Zambi, o Deus criador. Nesse pacote, ele teria colocado todos os problemas, todas as doenças, todos os males, também todas as curas, todas as ervas, todos os remédios para todos os males. Cabe ao homem a busca dos remédios para os seus males, porque tudo nasceu junto.
(MACHADO, 2013, p. 85)

Já nas entrevistas que fazia na PRAE com os estudantes que solicitavam benefícios para permanência na Universidade percebi o destaque que alguns davam para as oportunidades que apareciam em suas trajetórias e que não podiam ser deixadas de lado. Eram estudantes que vinham de famílias de baixa renda, entre outras dificuldades e persistiam diante dos desafios e sentiam-se felizes por estar em uma universidade pública de qualidade, não importando os obstáculos.

Esta atitude intrigava e me levou à pesquisa de mestrado. Queria conhecer um pouco mais as histórias de vida destes estudantes, com enfoque nos cotistas negros que ingressaram em nossa instituição. Foi então que me debrucei na pesquisa de mestrado¹⁷ – defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS em 2011. Pude conhecer e compreender as histórias de vida de dez estudantes cotistas negros que ingressaram em

¹⁷ Os dez estudantes cotistas negros que participaram da pesquisa intitulada “Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico” (BELLO, 2011) foram identificados com nomes de origem africana: Hamza (forte) – Ciências Contábeis; Dafina (valiosa, pedra preciosa) – Direito; Haidar (forte, robusto) – Engenharia Civil; Mayimuna (expressiva) – Geografia; Mandisa (doce) – Geografia; Moyo (vida, bem-estar, boa saúde) – Educação Física; Lasana (poeta) – Letras; Asantewaa (mulher guerreira) – Ciências Biológicas; Chenzira (garota ativa) – Letras; Naila (que tem sucesso) – Medicina Veterinária.

2008, primeiro ano de implantação do sistema de reserva de vagas na instituição. Entrevistei quatro homens e seis mulheres, de oito cursos diferentes (Biologia Marinha, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Engenharia Civil, Geografia, Letras, Medicina Veterinária), com idades entre 20 e 33 anos, moradores de Porto Alegre e Região Metropolitana.

Assim, iniciei esta caminhada e em todas as conversas que tive com os dez estudantes chamava a atenção suas buscas por caminhos e situações aparentemente diferentes das vivenciadas pelas mães, pais e demais familiares, que, em sua maioria, não possuía curso superior. Descobri ali a importância da família nestas trajetórias, como fonte de determinação para a conquista dos objetivos, pela motivação e pelo foco nas oportunidades e não nos obstáculos enfrentados em seus percursos. Pude conhecer as opiniões de cada um sobre si mesmo, sobre as cotas nas universidades, sobre assistência estudantil, suas expectativas, seus sonhos e possibilidades (BELLO, 2011).

No início da pesquisa de mestrado acreditava que a resiliência era um dom que nascia com algumas pessoas e ao longo do tempo foi possível perceber a influência do ambiente familiar, social, histórico (além das características pessoais) na trajetória desses jovens, principalmente nas mulheres. A ideia de que algumas pessoas já nasciam resilientes deu lugar para uma percepção da resiliência como um processo e, agora, na elaboração da tese, como uma possibilidade.

Nas famílias de estudantes cotistas negros, que ingressaram na UFRGS em 2008 e obtiveram bom desempenho acadêmico (BELLO, 2011), o apoio das mães e dos pais foi fundamental, mesmo que estes tivessem poucos anos de estudo. Havia um esforço para que seus filhos não deixassem de estudar ou para o retorno daqueles que haviam abandonado os estudos. Na maioria das vezes, tinham sido responsáveis pelas inscrições nos concursos, participavam na busca dos cursinhos pré-vestibulares populares, auxiliavam na escolha do

curso de graduação e até mesmo os acompanhavam no momento da matrícula e no primeiro dia em sala de aula.

O caso do então pizzaiolo Lasana serve como exemplo. Com o incentivo da mãe (que encontrou uma pequena notícia no jornal sobre cursinho pré-vestibular popular), retornou aos estudos. Iniciou o curso superior em uma universidade privada, mas como não conseguiu pagar as mensalidades e comprar os livros exigidos, buscou outra alternativa. Participou do ingresso extravestibular na UFRGS e entrou no curso de Bacharel em Letras, mas somente com o sistema de cotas pôde ingressar e concluir o curso que queria – Licenciatura em Letras.

Vários, entre esses estudantes, comentam a forma como o apoio de suas famílias foi determinante em suas vidas acadêmicas:

Estou aqui estudando para ter as coisas que a minha mãe não podia me dar quando eu era menor, para poder dar para os meus filhos, sei lá, e quem estiver perto de mim. Por isso que eu estou estudando [...] A minha mãe, só a minha mãe, pra mim só a minha mãe que vale a pena. Tem a minha tia também, eu gosto muito dela. Como se fosse uma mãe pra mim, ela se preocupa muito comigo (Naila apud BELLO, 2011, p. 81)¹⁸.

Pra minha mãe, fundamental é ter estudo. É isso que ela quer. Ela não sossega enquanto os três filhos não tiverem diploma da faculdade. É o que ela quer, o que ela espera (Chenzira apud BELLO, 2011, p. 81).

Minha mãe é uma guerreira, é minha heroína, meu pai também é herói. Não sei se eu iria aguentar. Me apoio muito neles, são espelhos pra mim. Meu curso, pretendo seguir em frente (Asantewaa apud BELLO, 2011, p. 82).

Da minha carreira, pretendo me formar em Direito, meu objetivo mais para meu futuro, mais para frente é ser juíza, desde que decidi fazer Direito. A curto prazo, até por influência da minha mãe, eu quero concurso público, estou tentando, fazendo concurso relacionado a Direito (Dafina apud BELLO, 2011, p. 116).

¹⁸ Algumas falas dos participantes da pesquisa de mestrado serão retomadas aqui porque foram o ponto de partida para esta tese. Serão apresentadas em corpo 10, com espaço simples e com recuo de 4cm.

Dafina ficou morando em Porto Alegre após sua mãe e seu pai mudarem para Santa Catarina e Paraná, respectivamente, por questões profissionais. Ela continuou estudando no Colégio Militar, foi morar com a avó paterna por um ano, com a tia materna e os primos por mais um ano e meio, depois morou com os avós maternos. Acolhida pelos familiares. Fez cursinho pré-vestibular, quatro vestibulares para Direito, passou em três, na PUC/RS, na Faculdade do Ministério Público (FMP) e na UFRGS. Sensibiliza-se com as histórias de colegas de aula, especialmente a de uma, que veio de Mato Grosso com o marido, mas se separou e teve dificuldades para permanecer no curso; e, também com os estudantes estrangeiros que ela reconhece terem mais obstáculos, inclusive pela dificuldade da língua e por estarem mais distantes da família. Ela sentia-se fortalecida com outras histórias que foi conhecendo ao longo do seu curso de Direito.

Haidar, estudante de Engenharia Civil, perdeu um irmão assassinado. Comenta sobre o apoio da família e o quanto gosta dos cursos da área de exatas. Faz referência aos tios que trabalham na área da construção civil como pedreiros. Gostaria de cursar Música, mas sabe que o mercado não é tão bom quanto o da área da Engenharia e por isso deixou para realizar este sonho mais tarde.

Mayimuna é a filha mais velha e mora com sua mãe, pai e quatro irmãos em Canoas. Ficou emocionada ao falar sobre as apresentações em que não podia participar no colégio por ser negra. Terminou o Ensino Médio em 2006, fez cursinho pré-vestibular pago pela madrinha, passou no primeiro concurso vestibular e destaca a importância de passar na UFRGS para mostrar que não é inferior.

Asantewaa comenta as dificuldades que enfrentou na escola e sua opinião sobre o sistema de cotas:

No início eu era contra, porque essa minha professora, ela achava também que era uma forma de discriminação, porque dá a entender que o negro não tem capacidade que outros têm. Mas depois eu parei para analisar. Tu tem que aproveitar [...], escola pública eu concordo. Algumas escolas privadas são muito

boas, os professores. Nenhum colégio (que estudei) tinha laboratório de ciências [...] Greve, corpo mole. Essa é a diferença de escola pública (Asantewaa apud BELLO, 2011, p. 114).

Os cotistas negros entrevistados, em sua maioria, moradores da região metropolitana de Porto Alegre tinham em comum as dificuldades financeiras, a defasagem de bagagem escolar para acompanhar as exigências da academia e também a dificuldade de encontrar outros negros nas escolas por onde passaram. Por exemplo, quando Naila estava no Ensino Fundamental em uma escola em Viamão, na grande Porto Alegre, tinha vários colegas negros; já no Ensino Médio quando se mudou para uma escola em Porto Alegre, tinha somente um colega negro. Na sua turma no curso de Medicina Veterinária, não tem nenhum colega negro.

Todos relataram que no Ensino Fundamental e Médio, normalmente, eram bons estudantes, mas ao ingressar à Universidade se defrontaram com dificuldades antes não conhecidas. As leituras de textos exigidas tinham uma proporção muito maior, assim como a necessidade de elaboração de resenhas e apresentações de trabalhos para os colegas de aula. A autoestima desses estudantes é colocada à prova em várias situações, como relata Mandisa:

Eu tive muita dificuldade. Parece outro mundo, as pessoas falam diferente. Acho que eu sou meio burra. Falando com meus colegas que tiveram uma trajetória parecida com a minha, eles também têm dificuldade. Eu tenho muita dificuldade de falar com os professores (apud BELLO, 2011, p. 97).

Embora os cotistas negros tivessem o hábito da leitura, liam autores que não são valorizados pela academia. Mayimuna compartilha sua experiência:

Cada vez que eu lembro do primeiro semestre, para me adaptar ao tipo e pessoas diferentes, diferente do cursinho. Pessoas totalmente diferentes, hoje eles são meus amigos. Viajados pelo mundo. Melhores colégios de Porto Alegre: Rosário, Anchieta. Visões diferentes. Por mais que eu tivesse o hábito da leitura, eu lia Paulo Coelho.

Eu gosto bastante de ler, pelo menos isso. Cultura totalmente diferente (apud BELLO, 2011, p. 96).

Os cotistas comentam sobre a dificuldade que tiveram para encontrar as palavras adequadas para as apresentações em aula, para a inclusão em grupos de estudo e também a dificuldade de serem escutados pelos professores, atribuindo esta invisibilidade ao fato de serem negros. Tinham também dificuldade para fazer novas amizades. Haidar fala que o contato com os colegas do curso de Engenharia Civil, na sua grande maioria brancos, restringe-se ao ambiente acadêmico. “Nenhuma forma de discriminação, todos se dão muito bem, todos são amigos. O assunto de cotas não é tocado em sala de aula. [...] eu saio mais com os meus primos, que são negros como eu” (Bello, 2011, p. 112).

Foi possível perceber que existe muita riqueza nas vivências e com-vivências entre cotistas e não cotistas na Universidade, tanto nas trocas cotidianas em sala de aula como em outros espaços da universidade. Moyo faz referência às disciplinas que abordavam o tema das cotas na FACED, e de como eram oportunidades que tinham para compartilhar suas próprias trajetórias com os colegas de aula. Ele expõe sua dificuldade na compreensão de textos porque quando estava no Ensino Fundamental e Médio, os textos que precisava ler para fazer os trabalhos eram fáceis e curtos. Já na graduação os textos são longos e complexos, e ele precisa ler várias vezes o mesmo parágrafo, com auxílio de dicionário, fazer anotações e, ainda assim, às vezes não compreende.

Hamza, estudante de Ciências Contábeis, fez a solicitação dos benefícios para permanência na universidade à SAE, mas por ter apresentado documentação incompleta, teve a solicitação indeferida. No segundo semestre, quando fez nova solicitação, era necessário uma entrevista com a assistente social, mas como ele não pôde comparecer (porque trabalha em período integral em Novo Hamburgo, cidade localizada na região

metropolitana de Porto Alegre), somente no terceiro semestre do curso é que teve seus benefícios deferidos.

Levando em conta as experiências vivenciadas no processo de elaboração de dissertação de mestrado aprendi que quando desenvolvemos uma pesquisa, existe diferença entre o alvo pretendido e o alcançado. Nem sempre o alvo alcançado pode ser previsto. E aí reside o encanto de pesquisar: o inesperado. As experiências e reflexões possibilitam surpresas ao longo do caminho e apontam desvios, avanços e recuos necessários.

Aquela pesquisa mostrou que as mulheres negras desempenham um papel muito importante nas trajetórias destes estudantes, ao incentivar e proporcionar condições para o ingresso e permanência de seus filhos, netos e sobrinhos na universidade. São elas também que os motivam para prosseguir os estudos no ensino superior, na escolha do curso, e os ajudam a encontrar formas de driblar as dificuldades cotidianas.

A minha mãe que me inscreveu no magistério também que eu queria fazer, tudo é minha mãe que me inscreve. Fosse por mim eu teria feito o Ensino Médio, não sei se teria feito vestibular (Chenzira apud BELLO, 2011, p. 81).

Quem me patrocinou para inscrição do vestibular, foi ele: 'Bah, pai. Eu não tenho dinheiro.' 'Deixa comigo que eu pago a tua inscrição' (Moyo apud BELLO, 2011, p. 103).

Eu achava que não ia passar. Achava um abuso a mãe gastar R\$ 100,00. A gente pagou, não sabia da isenção da taxa, a gente pagou no último dia. Eu nem queria pagar, as minhas amigas que foram comigo, davam o dinheiro: "Dá o dinheiro, dá" "Não, não quero!" Dei o dinheiro. Ai eu paguei e passei, né? Só eu fiz o vestibular e passei. Foi bem surpresa (Chenzira apud BELLO, 2011, p. 103).

A participação dessas mulheres de forma ativa, financeira e/ou emocionalmente, para o sucesso dos estudantes indicou o rumo da pesquisa de doutorado que tem como objetivo compreender a construção da identidade de mulheres negras e as possibilidades de resiliência em suas trajetórias, assim como compartilhar as sabedorias marginalizadas no

pensamento filosófico ocidental propagado em nossa cultura, que muitas vezes ignora e invisibiliza tais experiências e saberes.

A identidade será enfocada como “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2011, p. 16). As mulheres negras que participaram da pesquisa possuem um posicionamento político e social bem definido e motivaram a busca pela compreensão do processo de estar-sendo negra e as possibilidades de resiliência em suas trajetórias nas mais diversas áreas: na família, no trabalho e em suas comunidades.

No final do terceiro ano do doutorado houve mudança de orientadora e a professora Maria Aparecida Bergamaschi, da linha de pesquisa “Políticas e Gestão de Processos Educacionais”, me acolheu, juntamente com seu grupo de orientandos, cuja com-vivência proporcionou trocas muito importantes. Pude vivenciar momentos especiais de orientação individual e coletiva que renovaram a sensibilidade e o cuidado com o outro, transmitiram confiança e recarregaram as energias para superação das dificuldades, reafirmando que mudanças são necessárias e que precisamos percorrer novos caminhos para obter novos desafios e novas conquistas.

Os encontros com a orientadora e o grupo de orientandos aconteceram semanalmente e foram importantes porque possibilitaram novas reflexões a partir da apresentação das pesquisas dos colegas e também com o retorno dos mesmos sobre a leitura do esboço de minha tese. Novas conexões aconteceram e auxiliaram nos rumos da escrita.

A forma como percebo e sinto, tanto o tema de pesquisa, quanto as falas das mulheres que colaboraram com a pesquisa mudou e amadureceu ao longo do processo de doutoramento. O que eu pensava em fazer no início desse trabalho não dava mais conta,

nem do tema, nem do título, tampouco das divisões dos capítulos da tese: era preciso “pensar fora da caixa”¹⁹.

Aquilo que eu achava que deveria ser abordado de determinada maneira foi substituído lentamente, a partir das leituras, dos estudos e, principalmente, da escuta durante os encontros com as mulheres negras. Inicialmente pensava em abordar as trajetórias de mulheres negras com o intuito de conhecer suas posturas de lideranças formais ou informais no cotidiano. Aos poucos esse foco foi substituído porque, de certa maneira, as mulheres que contatei se sentiam constrangidas e diziam que não se percebiam como lideranças.

Ao longo dos encontros fui surpreendida com novas “sensibilidades de mundo”²⁰, a vida pessoal e profissional se entrelaçou, enriquecendo minha compreensão e me mostrando outras possibilidades. Foi necessário que eu me abrisse para sonhar, descobrir, compartilhar!

A construção desta tese busca um olhar e escuta sensíveis para identificar possibilidades de resiliência nas trajetórias de 8 mulheres negras que foram escolhidas pela admiração e respeito da pesquisadora por suas trajetórias atuantes. Elas inspiram, cada uma a seu modo, na busca de novos caminhos nas áreas da educação, saúde, cultura, arte e social.

Os conceitos trabalhados são construções sociais e, portanto, dinâmicos. Temas importantes como racismo, discriminação, desigualdade, estereótipo e invisibilidade andam juntos, embora sejam diferentes entre si.

Esta pesquisa utiliza a palavra “negra” levando em consideração os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que identificam como negros o grupo composto por pessoas autodeclaradas pretas e pardas. Principalmente porque pretende valorizar a luta do movimento negro em ressignificar o termo, normalmente utilizado pejorativamente.

¹⁹ “Pensar fora da caixa” aqui significa ousar, criar, recriar caminhos e ideias que fogem do predeterminado.

²⁰ Termo utilizado por Walter Dignolo (2012), “sensibilidade de mundo” se refere à descolonização, pensamento fronteiro e desobediência epistêmica. O autor usa a sensibilidade para dizer que há, muito mais do que um entendimento intelectual, um sentir emocional, como uma postura própria da América.

Refletir sobre a questão racial brasileira não é algo particular que deve interessar somente a pessoas que pertencem a determinado grupo étnico/racial. As relações raciais têm implicações em questões sociais, políticas e culturais, afetando direta ou indiretamente, a trajetória de todos (as) os (as) brasileiros (as); é também uma questão de humanidade porque o silenciamento sobre alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil pode reforçar a existência do racismo, da discriminação e da desigualdade racial (GOMES, 2005, p. 52).

As colaboradoras da pesquisa foram ou estão todas relacionadas com ações e atuações na UFRGS, seja de ensino, pesquisa, especialmente em atividades de extensão vinculadas ao DEDS/ PROEXT. Algumas trabalham como voluntárias em projetos de extensão desenvolvidos para formação de professores, outras com intervenção em comunidades de periferia ou em quilombos rurais, algumas são docentes aposentadas, uma é estudante; outra é estudante egressa e ainda uma servidora técnica em atividade.

1.2. O Departamento de Educação e Desenvolvimento Social: em movimentos

[...] a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(BARROS, 2010, p. 109)

O ambiente universitário pode ser estimulador de questionamentos e capaz de impulsionar novas buscas, alternativas e conexões sobre vários temas de nosso cotidiano. Nesse sentido, pode despertar o desejo de repensar e redirecionar nossas posições como aponta Santos (2004), combater o novo com o novo, proporcionando alternativas de pesquisa, formação, extensão, e de organização que apontem para a democratização do bem público universitário.

Acredito que um dos papéis da universidade pública é contribuir para tornar possível a ascensão social dos grupos historicamente excluídos, viabilizando o ingresso e

permanência no ensino superior e tornando possíveis essas caminhadas. Desde abril de 2013 atuo no Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS)²¹ da PROEXT da UFRGS e encontro oportunidades de estabelecer conexões entre o ensino, a pesquisa e a extensão, por meio do diálogo entre as comunidades interna e externa.

O Departamento teve início em 1992, com o objetivo de atuar em prol do compromisso da universidade pública para promover e garantir os valores democráticos de igualdade de direitos, de educação na cidadania e na diversidade sociocultural. O Departamento trabalha com extensão universitária e proporciona o diálogo entre Universidade e comunidade, buscando subsídios que lhe permitam encontrar soluções e intervir na realidade respondendo a anseios da sociedade.

O Departamento aponta uma concepção de universidade que se relaciona com os demais setores da sociedade, a fim de ampliar a percepção e atuação da vida acadêmica. Assim, a produção do conhecimento também se faz via extensão, através da sistematização dos diferentes saberes, levando a uma democratização por meio da participação efetiva da comunidade. Programas e projetos do DEDS demonstram a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, integrando servidores (técnicos e docentes), estudantes e pessoas da comunidade.

O DEDS promoveu em 2013 um curso de extensão sobre “Lideranças Negras e Identidade Étnica no Rio Grande do Sul (séculos XIX-XX)” em que foram abordadas questões relacionadas às lideranças negras nas diversas dimensões: políticas, sociais, culturais; individuais, coletivas; laicas, religiosas; populares, eruditas. Ocorreram cinco encontros e nas avaliações dos participantes e do grupo de técnicos do Departamento foi apontada a necessidade de se realizar um curso específico sobre lideranças negras femininas. Ingressei

²¹ Mais informações sobre o DEDS/ UFRGS disponíveis em <http://www.ufrgs.br/deds>.

no doutorado em 2012 e já tinha como foco da pesquisa estudar as trajetórias de mulheres negras. Esse curso de extensão foi como um presente.

As propostas das ações de extensão exigem um trabalho prévio sobre o assunto a ser abordado, assim como o estabelecimento de parcerias com outros departamentos na Universidade e também com órgãos externos à mesma. Sendo assim, nossa equipe em 2014 foi em busca de lideranças negras femininas, pesquisadores e pesquisadoras sobre o tema e se defrontou com a dificuldade de encontrar ou conseguir disponibilidade destas referências em Porto Alegre ou mesmo no Rio Grande do Sul. O curso “Lideranças Negras Femininas” foi realizado com convidadas de outros estados, como Bahia, Santa Catarina, Paraná, Brasília e Ceará.

A Universidade tem dificuldade para perceber e reconhecer a presença dessas mulheres negras como portadoras de conhecimentos advindos de sua ancestralidade, com papel ativo em suas comunidades. É necessário desconstruir os obstáculos a fim de permitir a escuta sobre estas histórias de vida na academia. Apesar da dificuldade avançamos na construção do curso de extensão, desvelando fortes presenças femininas negras.

Essas dificuldades iniciais reforçaram minha motivação para pesquisar como se dá a construção da identidade da mulher negra atuante e comprometida com questões raciais, além de proporcionar a troca de aprendizagens e oportunizar que as novas gerações de mulheres possam descobrir caminhos que apontem para a promoção de novas políticas públicas e assim tornar nossa sociedade mais democrática e igualitária.

O Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) organiza seus programas e projetos em quatro temáticas: Tempos e Territórios, Educação na Diversidade, Fronteiras no Desenvolvimento Social e Memória e Patrimônio Cultural. No DEDS tenho oportunidade de trabalhar com educação popular através do acompanhamento do Programa de Apoio ao Acesso à Universidade, especialmente com o cursinho pré-vestibular

“Esperança Popular”²² localizado no bairro Restinga no extremo sul de Porto Alegre. Os educadores são estudantes de graduação da UFRGS e os educandos, moradores da Restinga e bairros próximos. Há o estímulo para a participação dos educadores em congressos e outros eventos de forma a refletirem e compartilhem suas experiências vivenciadas no cursinho, assim como promovemos e divulgamos atividades na UFRGS entre os educandos do Esperança Popular.

Existem outros projetos que são desenvolvidos pela equipe, como por exemplo, o “Conversações Afirmativas” que existe desde 2008 quando houve o ingresso da primeira turma de estudantes cotistas na UFRGS. São rodas de conversa sobre temas sugeridos pelos participantes ao final de cada edição anual. O projeto já trabalhou temas como ações afirmativas, cursinhos pré-vestibulares populares, comunidades indígenas e quilombolas (rurais e urbanas), cultura de periferia (capoeira, pichação, dança, música), entre outros.

A partir da sugestão dos participantes do projeto “Conversações Afirmativas” foi promovido um ciclo de cinema, em parceria com a Sala Redenção – Cinema Universitário da UFRGS, sobre Cultura de Periferia, com exibição mensal de filmes realizados por moradores e sobre as realidades de periferias de São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, com entrada gratuita. Após as sessões havia debate com os diretores, atores e pesquisadores sobre os temas abordados.

Foi uma oportunidade para fazermos conexões importantes com a participação de talentosos moradores da periferia, crianças e adultos, que normalmente não entram na

²² O cursinho pré-vestibular “Esperança Popular” foi criado em 2006, por demanda de lideranças comunitárias do bairro Restinga. O DEDS/ PROREXT mantém dez bolsas para os educadores, faz revisão e impressão de apostilas através da Gráfica da UFRGS e sua equipe técnica acompanha reuniões e assembleias, promove formações com parceiros internos e externos à Universidade. São oferecidas também oficinas aos educandos sobre organização do tempo, orientação profissional, ações afirmativas, entre outros temas. Além do jornal bimestral *Tamo lá* que contribui para uma conexão maior com educadores, educandos e comunidade, pois são publicadas suas experiências, dicas para o vestibular e ENEM, reflexões sobre o futuro e histórias de lideranças comunitárias do bairro.

UFRGS. Adolescentes de um curso de mídias que funciona em uma escola municipal no bairro Restinga, diretores e atores de alguns filmes exibidos puderam participar e compartilhar suas experiências.

Igualmente, cito o “Programa Convivências” que ocorre em espaços externos da universidade com o intuito de proporcionar a convivência de estudantes de graduação com comunidades para troca de aprendizagens. O Programa acontece nos períodos de férias acadêmicas de inverno e verão.

A partir do “Programa Educação Antirracista no Cotidiano Escolar e Acadêmico” que iniciou em 2004 coordenado pelo DEDS foi criado o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos – NEAB/UFRGS. O Núcleo visa produzir, difundir e promover ações de ensino, extensão e pesquisa, por meio da articulação entre diferentes instâncias da Universidade e instâncias externas sobre questões relativas à história e cultura afro-brasileira, indígena e africana. O Núcleo conta com um site²³ para divulgar suas atividades e também com materiais que auxiliem professores em sala de aula, assim como demais interessados.

Desde 2013 o DEDS organiza, juntamente com estudantes africanos e os professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), José Rivair Macedo e José Carlos dos Anjos, a Semana da África na UFRGS. É um espaço para reflexão e integração de estudantes africanos de graduação e pós-graduação matriculados em nossa instituição, de outras universidades, além de professores e pesquisadores convidados de outras instituições brasileiras e africanas. O evento conta também com uma publicação chamada *Revista da Semana da África*, com artigos dos participantes, que está em sua quarta edição. Em cada número normalmente acompanha um material didático destacável para auxiliar professores e professoras em sala de aula.

²³ Disponível: <https://www.ufrgs.br/neab/>. Acesso em 14/11/2016.

O Departamento em 2015 realizou uma exposição fotográfica intitulada “Mulheres nas Ações do DEDES: Tess(c)ituras Coletivas” e apresentou o universo feminino em ações realizadas ao longo dos anos, oferecendo um momento privilegiado de memórias, descobertas e permanências.

Em 2016 houve o lançamento da *Revista DEDES em foco* com o tema “Lideranças Negras”. A cada ano será escolhido um tema para balizar a edição. Esta é uma forma de sistematizar o trabalho e possibilitar as trocas com as comunidades parceiras e com professores que atuam em salas de aula.

O DEDES propõe cotidianamente novos desafios que fazem refletir, construir, tecer, semear e dessa forma percorrer novos caminhos, aproximando universidade e sociedade. Dessa forma possibilita que a arte, a história e a cultura do povo negro, ignoradas no passado, possam ser redescobertas e ressignificadas.

Por mais de um século foi repetido que o negro era feio, menos inteligente, sem cultura, sem religião ou com religião inferior. Uma identidade inferior e negativa. É necessário muito trabalho para mudar esta visão. O Movimento Social Negro no Brasil já fez o convite à sociedade para debater a sua história racista. O termo negro historicamente carrega o estigma que permeia a linguagem, o pensamento e, algumas vezes, manifesta preconceito de forma até inconsciente, em função da escravização de pessoas vindas da África.

Ao utilizar as palavras negro e negra nesta pesquisa enfatizo a luta do movimento negro em busca de uma ressignificação positiva do termo, de forma que não lhes cause constrangimento e sim, motivo de orgulho e reconhecimento pela luta do povo negro.

Nesse sentido, há nesta pesquisa esforço para dar outro enfoque a essas questões através do respeito e valorização do povo negro, levando em consideração que quando estamos com o outro pode haver o desencadeamento ou construção de alguns processos.

Podemos escolher dentre vários caminhos, aquele que valoriza o individualismo e as feridas ou, como defendo, aquele que mostra as competências e potencialidades individuais e coletivas para lidar com os desafios, procurando percebê-los como oportunidades de afirmação e crescimento.

A partir de sentimentos e percepções singulares baseados na pluralidade das trajetórias ricas e complexas destas mulheres negras, foi possível refletir, aprender e compreender como se dão as relações raciais em suas histórias de vida, como lidam com o preconceito, discriminação e também como constroem suas identidades negras femininas.



Ilustração: Bruno Ortiz

*[...] Esse branco ardido está fadado
 porque não é com lábia de pseudo-primido
 que vai aliviar seu passado.
 Olha aqui meu senhor:
 Eu me lembro da senzala
 e tu te lembrás da Casa-Grande
 e vamos juntos escrever sinceramente outra história
 Digo, repito e não minto.
 Vamos passar essa verdade a limpo
 porque não é dançando samba
 que eu te redimo ou te acredito.
 Vê se te afasta, não invista, não insista! [...]*

Elisa Lucinda

2. DAS RELAÇÕES RACIAIS

[...] compreendo perfeitamente o seu caso, meu caro.

Eu também já fui negro.

SANTA ROSA

Darcy Ribeiro (2006, p. 207) relata uma situação em que o pintor Santa Rosa²⁴ comentou a frase acima quando conversava com um jovem também negro, que lutava para ascender na carreira diplomática e queixava-se das imensas barreiras que dificultavam a ascensão das pessoas de cor. Preto rico no Brasil é branco, assim como branco pobre é preto. O dinheiro e posições de prestígio podem embranquecer.

Outra situação é compartilhada por Schwarcz (2012), quando em entrevista em uma cidade do interior de Minas Gerais, um dentista negro responde: “Quando eu era negro minha vida era muito difícil”.

Este tipo de afirmação representa a experiência social brasileira em que é melhor embranquecer²⁵, pois assim é possível ascender socialmente e vice-versa. Florestan Fernandes (2007) diz que a absorção gradual dos indivíduos negros ocorreu por meio da seleção e assimilação daqueles que escolhessem se identificar a si mesmos com os círculos dominantes da raça dominante e manifestar completa lealdade aos seus interesses e valores sociais.

Freire (2004) destaca que o branco trouxe a História na mão, uma História que visibiliza a cultura do branco, a religião do branco e a compreensão do mundo branco. A língua reconhecida só a do colonizador, a do colonizado é dialeto, é um negócio ruim, fraco, inferior, pobre, incompetente, não é capaz de expressar o mundo, de expressar a beleza, a ciência; isso só pode se fazer na língua do civilizado, língua branca que é melhor, mais bonita.

²⁴ Tomás Santa Rosa Junior, também conhecido por Santa Rosa (1909-1956) foi um cenógrafo, artista gráfico, ilustrador, pintor, gravador, professor, decorador, figurinista e crítico de arte brasileiro.

²⁵ O embranquecimento acontecia quando indivíduos negros, principalmente intelectuais, eram sistematicamente assimilados e absorvidos pelas elites nacionais brasileiras.

A existência do mito de uma democracia racial no plano político-ideológico de nosso país aponta uma harmonia entre negros e brancos, explorados e exploradores. Presenciamos diariamente, no entanto, discussões sobre gênero, raça e classe que provocam questionamentos a respeito do colonialismo e da visão eurocêntrica, machista e racista que vem sendo naturalizada no cotidiano.

Cidadãos e cidadãs brasileiras sofrem com situações de discriminação e preconceito frutos de nossa colonização por homens, brancos, europeus que defendem uma lógica machista, racista e eurocêntrica que ignora as contribuições dadas por qualquer pessoa que não se encaixe nestes padrões, pois:

[...] esse mito, ao mesmo tempo que nega a desigualdade racial, implicitamente a reafirma, reconhecendo que o negro pode tornar-se branco, que o polaco pode tornar-se brasileiro, que o bugre pode tornar-se cristão. Mas essa metamorfose, concebida ideologicamente, apenas ocorre ao nível dos indivíduos, por quanto coletivamente continuarão a ser chamados negros, mulatos, polacos, bugres, brasileiros, cristãos... as manifestações discriminatórias, expressas em estereótipos, atitudes, opiniões, doutrinas, normas e padrões de comportamento (IANNI, 1985, p. 332).

A liberdade no Brasil restituída com a Lei Áurea que representou mais um passaporte de exclusão do que um convite à participação igual e efetiva no mundo do trabalho livre que então se inaugurava. Homens e mulheres negros escravizados foram lançados em um novo sistema econômico onde cada um luta por si, indiferente aos direitos ou bem-estar de seu vizinho (BORGES; MEDEIROS; D'DESKY, 2002).

Após a abolição da escravatura, quando os negros foram legalmente libertos, sem estudos, sem posse de terra, o governo brasileiro começou a promover uma política de branqueamento motivando a imigração de povos europeus para trabalhar e formar família em nosso país. Muitos imigrantes europeus receberam incentivos do governo brasileiro, tinham ressarcidas as despesas com as passagens para que viessem trabalhar, principalmente nas lavouras de café. Recebiam hospedagem gratuita quando chegavam ao

país, e ainda o imigrante e sua família recebiam o salário misto, entre dinheiro e um pedaço de terra para plantar seu próprio sustento. Os imigrantes se dedicaram à exploração de ouro e comércio, às atividades artesanais, à policultura, à atividade madeireira, à produção de borracha, à vinicultura, e etc. (MONSMA, 2010).

A contribuição dos negros no campo da escrita, conforme coloca Nogueira (2015) teve início com textos anteriores aos ocidentais. Os egípcios começaram a filosofar antes dos gregos. Além disso, há o fato de que o Egito antigo era uma sociedade negra, o que foi, conforme Martin Bernal e Cheikh Anta Diop, falsificado por conta do racismo antinegro que não aceitaria facilmente que uma sociedade muito avançada tecnologicamente naquele momento histórico pudesse ser negra. O autor destaca o racismo epistêmico ou epistemológico que trata da discriminação étnico-racial negativa em que a produção de conhecimento de algumas pessoas não é reconhecida porque não são brancas e os resultados da produção de conhecimento não são ocidentais.

Diop (1976) expôs que tanto na Antiguidade quanto nos tempos modernos o sentimento de ansiedade e medo diante do desconhecido e incontrolável é certamente um fator essencial do racismo. Ele acredita que o racismo é uma reação ao medo, especialmente quando inconfesso. O racista é alguém que se sente ameaçado por alguma coisa ou alguém que ele não pode ou consegue controlar.

Essas denominações e associações negativas em relação à cor preta, como coloca Silva (2005) podem levar os negros²⁶, desde a infância, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de, literalmente, se verem livres dela. Em muitas situações observa-se uma busca pelo branqueamento, a fim de camuflar a imagem negativa

²⁶ O termo negro, no final do século XIX, era utilizado como denominação pejorativa para homens e mulheres escravizados: pretos, pardos, homens de cor. Em dados de pesquisas, o IBGE utiliza o quesito cor/ raça desde 1872, e apenas a partir de meados dos anos 1920, uma elite de homens de cor passou a se designar “negros” (GUIMARÃES, 2004, p. 3). A autodeclaração em pesquisas do IBGE entre preta, amarela, branca e indígena data de 1980.

internalizada de si, valorizando sobremaneira a imagem positiva do outro. Há uma tendência a se rejeitar, não se estimar e procurar aproximar-se de tudo que o outro branco possui de positivo, bom e perfeito. Tais estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro.

O racismo é fundamentalmente transversal (MOORE, 2012), porque atravessa e afeta todos os segmentos da sociedade e todas as formas de organização social: partidos políticos, religiões, ideologias e, assim, se sustenta emocional e historicamente. O racismo é uma realidade social e cultural pautada no fenótipo, antes de ser um fenômeno político e econômico pautado na biologia. O racismo (fundamentalmente antinegro) é uma construção histórica e não ideológica, assim como o sexismo (exclusivamente antimulher).

O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou confusão; é ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social. É o fenótipo que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais, e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações “raciais”. Destaco que Guimarães (2002) adota “raças sociais” para identificar a realidade social do racismo que só o ato de nomear permite. É necessária a abordagem sobre o tema, nos espaços e tempos variados, para que efetivamente se possa mudar alguma coisa. De forma que ações discriminatórias façam parte do passado e não se repitam em nosso cotidiano presente e futuro.

Desde o final da década de oitenta, o Estado brasileiro adota algumas medidas que tornam a prática do racismo crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, a partir da promulgação da Constituição Federal em 1988²⁷; foi signatário da adoção de medidas positivas para a população afrodescendente nas áreas de educação e trabalho preconizada na Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial das Nações Unidas, realizada em Durban em 2001; e, em 2003, houve

²⁷ Mais informações sobre a Constituição de 1988 acesse: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/constituicao-federal>

a instituição obrigatória do ensino geral da história da África e dos afrodescendentes nas escolas.

Vivemos em uma sociedade que não respeita as diferenças, considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença, seja em questões de raça, gênero ou origem social. Isto acaba produzindo a imagem do “brasileiro cordial” (HOLANDA, 1936), daquele que trata a todos com igualdade, ignorando deliberadamente as suas nítidas e contundentes diferenças, causando um distanciamento entre as pessoas e desigualdades de oportunidades.

Quando se ignoram as diferenças históricas entre brancos e negros através da defesa do mito da democracia social, está se legitimando a tentativa de sanear o Brasil, o que significa embranquecer seu povo, tendo como argumento, claro, a suposição da superioridade branca (NASCIMENTO, 2008).

Tal discussão faz lembrar o depoimento de uma estudante negra do curso de Letras em um evento acadêmico em 2007, na FAGED/ UFRGS, quando se discutia a possibilidade de implantação do sistema de reserva de vagas para ingresso de estudantes de escolas públicas, negros e indígenas. Ela relatou que uma professora ao ser questionada sobre uma discriminação racista que ocorreu em sala de aula, explicou: “Para mim todos os alunos são iguais, é como se todos fossem brancos”. A professora “bem-intencionada”, tentando mostrar que não é racista, reafirma com esta postura a ideia do desejo de que todos fossem brancos para serem superiores, apaga a diferença, fazendo os alunos e as alunas negras “desaparecerem” da sala de aula.

O combate ao racismo é um desafio que precisa ser enfrentado cotidianamente por meio da implantação de políticas públicas que assegurem os direitos para todas as pessoas, respeitando suas diferenças. A maior força do racismo é a de fazer com que todos estejam submetidos à forma de se pensar racista, que todos desejemos ser um, que todos desejemos

ser o branco. A brançura, aqui entendida não somente como cor de pele, mas como símbolo hegemônico de cultura, da beleza, da razão, da felicidade do ser (SANTOS, 2004).

2.1. O preconceito é sempre do outro? Racismo e discriminação no Brasil

Não basta que os Negros afirmem que o preconceito de cor é a causa única da sua condição social, nem que o Sul branco responda que tal condição social é a causa principal do preconceito. Ambos são causa e efeito recíprocos, uma mudança em apenas um dos lados não trará o efeito desejado. Ambos precisam mudar, ou nenhum dos dois poderá melhorar
(DU BOIS, 1999, p. 236).

Desigualdade e discriminação entre brancos e negros vêm de longa data. Como coloca Du Bois (1999), logo após o fim da escravização, o trabalhador negro foi abandonado sem orientação, sem capital, sem terra, sem treinamento, sem organização econômica, sem proteção da lei, da ordem e da decência. Apesar dessas condições, Santos (2013) chama a atenção, pois o racismo brasileiro é muito eficaz. Seu funcionamento não pode ser aferido, não tem um padrão, não é palpável nem evidente, sugerindo que tudo seja transformado em um pedido de desculpas.

Quando se fala em racismo, preconceito e discriminação muitas pessoas não conseguem se perceber em atitudes racistas porque este comportamento parece estar quase sempre ligado ao outro. Esta parece ser uma característica do povo brasileiro, como afirma Schwarcz (2012, p. 30): “sentir-se uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados”.²⁸

²⁸ Conforme pesquisa realizada em 1988, em São Paulo, 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito enquanto 98% disseram conhecer outras pessoas preconceituosas (parentes próximos, namorados e amigos íntimos). Em 1995, no Jornal Folha de São Paulo, foi divulgada outra pesquisa com o mesmo tema em que 89% dos brasileiros disseram que existe preconceito contra negros no Brasil, mas somente 10% admitem tê-lo. A pesquisa foi repetida em 2011 e aponta resultados praticamente idênticos: “o preconceito é do outro”. (SCHWARCZ, 2012)

Collins (1989) ressalta a dificuldade de uma pessoa branca fazer o exercício da empatia enquanto não se confronta com o fato de que sua cor de pele lhe privilegiou. Implica em processos intelectuais de perceber como a branquitude é valorizada em instituições e símbolos e o quanto essa branquitude moldou sua história. Ao examinar as razões de seu próprio privilégio estará fazendo um esforço consciente de arrancar aquele pedaço do opressor plantado dentro dela. A autora destaca que as pessoas que vivenciam esse processo merecem o apoio das pessoas negras em seus esforços e dá outros exemplos: homens que se declaram feministas, membros da classe média que se unem nas lutas anti-pobreza, heterossexuais que apoiam gays e lésbicas. Estas pessoas estão tentando crescer e seus esforços os colocam em um lugar muito além da maioria que não pensou em se envolver em lutas tão importantes.

As teorias raciais chegaram ao Brasil em meados do século XIX, com a abolição da escravatura, mostraram a desigualdade como inferioridade. A miscigenação vista como positiva, caso o resultado fosse cada vez mais branco, também foi incentivada após a libertação dos escravos. Nossos governantes criaram um incentivo à imigração para tornar o país mais claro. Chegamos ao “quanto mais branco melhor” e também a tradicional figura do “negro de alma branca”. Schwarcz (2012) faz um apanhado histórico que aponta posições de intelectuais que foram forjando nossa sociedade, como Euclides da Cunha, autor de *Os sertões*, julgava a mestiçagem extremada um retrocesso; João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, faz a defesa do branqueamento em 1911; Roquete Pinto, presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia, previa que em 2012 teríamos uma população composta de 80% de brancos e 20% de mestiços, nenhum negro, nenhum índio. Em 1930 o mestiço transformou-se em ícone nacional, símbolo da identidade cruzada no sangue, no samba, capoeira, candomblé, comida e futebol.

Em suas obras²⁹ Freyre (1933; 1936) inicialmente falava em equilíbrio de opostos, não negando os conflitos e as violências entre brancos, negros e indígenas. A expressão “mito de democracia racial” só mais tarde foi utilizada pelo autor e se tornou bastante corrente entre demais estudiosos, principalmente a partir da década de 1950. Sua teoria se tornou uma fonte de orgulho nacional para o Brasil porque contrastava com divisões raciais que levavam a violência em outros países, como por exemplo, os Estados Unidos. A democracia racial se tornou amplamente aceita entre os brasileiros e até acadêmicos estrangeiros.

Ao contrário de Freyre, Fernandes (2007) defende que a miscigenação e a convivência harmônica entre as raças não teria impedido que o fenômeno social do racismo se manifestasse em diferentes formas de preconceito racial. Fernandes criticou a tese da democracia racial afirmando que ela não era real, mas não negava a possibilidade de construí-la. Ele defende que não é possível uma democracia efetiva se não houver eliminação do racismo, e, ainda, que o negro constitui o ponto central de referência de nossos atrasos e avanços históricos, a esperança maior na luta dos oprimidos pela criação de uma sociedade nova (FERNANDES, 1995).

Oracy Nogueira (1985) aponta que no Brasil existe um preconceito de marca. Marca física. O racismo, através da discriminação pelo fenótipo, pode provocar desigualdades de acesso da população negra em relação à educação, oportunidades de emprego, aos serviços públicos e sociais, ao lazer e ao direito de ser tratado equitativamente na justiça. Como dito acima, existe na sociedade brasileira, uma crença na inferioridade e superioridade racial, isso faz com que o racismo seja um tema que afeta todas as camadas da sociedade (MOORE, 2012).

²⁹ Refiro-me a duas obras consultas para a realização deste trabalho. *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936).

Diversidade por si só, não cria relações; a diferença sim. É a relação com o ser diferente e não a diversidade em si que constitui um problema na sociedade. Todo o problema está na relação com o Outro.

A diversidade em si é um dado estático, não necessariamente transformador, especialmente se removido do contexto estrutural e das condições estruturantes próprias à sociedade racializada e refletidas no racismo. O problema da sociedade racializada não é tanto a presença ou não de “diversidade” e seu reconhecimento formal como um dado social ou cultural, mas o reconhecimento positivo da diferença no sentido da aceitação do Outro Total, e das dinâmicas singulares que lhe são constitutivamente próprias. É por isso que, se não for ancorada num contexto de profundas mudanças estruturais visando ao desmantelamento das desigualdades sociorraciais, a promoção da “diversidade” pode, rapidamente, se revelar como uma nova tentativa de autoengano (MOORE, 2012, p. 235).

Porém, Monsma (2013) adverte que precisamos ter cuidado e não presumir que toda e qualquer desigualdade racial é consequência do racismo, porque existem muitos exemplos de grupos que foram estigmatizados e sofreram grandes desvantagens no passado, mas hoje estão em posição de igualdade com o resto da população. Porém, devemos estar atentos na continuação de tais diferenças em longo prazo porque sugere fortemente a operação de algum tipo de discriminação racial. “Racialismo”, por sua vez, é a crença na existência de “raças” biológicas e constitui racismo quando afirma a inferioridade essencial do outro grupo de origem e justifica as práticas de dominação racial. Embora cientistas sociais e psicólogos mostrem que a maioria das disposições e tendências comportamentais são produtos do contexto social e das histórias individuais específicas, e não da herança biológica dos indivíduos e dos grupos, ainda existe a crença na correlação entre características físicas e morais, intelectuais e de personalidade, como inteligência, sensualidade, honestidade ou afetividade.

Desde pelo menos a Segunda Guerra Mundial, existe consenso entre cientistas sociais e a grande maioria dos biólogos e geneticistas que “raças” biológicas não existem. Porém,

Anjos (2007), em seu texto “*Se raças não existem, é inegável que insistem!*”³⁰ expõe que no Brasil a polícia reconhece o negro sem pedir a carteira genética; os colegas professores imediatamente reconhecem o negro sem um teste de DNA, apesar de cientistas; alunos desconfiam que o excesso de melanina do professor possa carregar junto outros excessos e, sobretudo muitas deficiências.

Moore (2012) destaca que ao tentar ignorar o racismo tenta-se deslegitimar as crescentes lutas reivindicatórias das populações-alvo do mesmo e imprime um caráter banal às distorções socioeconômicas entre as populações de diferentes raças. Os que acreditam no contrário podem ser julgados revoltosos, inconformados e, até mesmo, racistas às avessas. Contra estes, a boa sociedade estaria legitimada a organizar vigorosas ações de repressão.

O racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio e conduz à sua banalização supondo a existência do mito da “democracia racial” que encontrou, na América Latina, a sua mais elaborada formulação. A tendência crescente a trivializar o racismo, seja relegando-o às relações impessoais ou reduzindo-o ao plano de meros preconceitos que “todo o mundo tem”, “tudo anda bem” na sociedade (MOORE, 2012).

Essa crença de que existia harmonia nas relações entre os colonizadores portugueses e o povo dominado exigiu a organização para a luta através da criação de leis e movimentos sociais. No Brasil algumas atitudes foram tomadas para tentar coibir o racismo e possibilitar uma educação contra atitudes racistas, uma delas foi a criação, em 1951, da Lei Afonso Arinos que dispôs punir o preconceito, formalizando sua existência, mas sem punições severas e por isso mostrou-se ineficaz.

³⁰ ANJOS, José Carlos dos. *Se raças não existem, é inegável que insistem!* <https://ufrgsprocotas.noblogs.org/post/2007/06/22/se-ra-as-n-o-existem-ineg-vel-que-insistem/>. Acesso em 30 de julho de 2015. Publicado no Blog “ufrgsprocotas” quando da discussão da implantação de reserva de vagas na UFRGS.

A necessidade de reconhecimento dos direitos fez com que homens negros se organizassem e construíssem um caminho de luta para garantir um lugar ao sol, assim como as mulheres formaram grupos feministas para garantirem seus direitos perante os homens. E as mulheres negras? Elas não conseguiam incluir sua pauta política nem no movimento negro (homens), tampouco no feminista (mulheres brancas).

As organizações que fizeram parte da história do Movimento Negro no Brasil a partir do século XX, a Frente Negra Brasileira (FNB), a Imprensa Negra, o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Movimento Negro Unificado (MNU) tinham como objetivo exigir do Estado uma postura diferenciada.

Em 1931 foi criada a FNB³¹, que deu origem à imprensa negra e também aos clubes negros, criaram cursos com o objetivo de negros e negras ascenderem socialmente. Os cursos eram marcenaria, carpintaria, enfim, uma educação voltada para o mundo do trabalho.

Nesta luta do povo negro houve também a criação do TEN entre 1944-1968, no Rio de Janeiro, com o objetivo trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, por meio da educação, da cultura e da arte. O TEN alfabetizava operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a enxergar o espaço que negros e negras ocupavam no contexto nacional.

Destaco o ressurgimento, em 1978, do Movimento Negro que deu origem ao Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU), um coletivo político que produz discursos e também é responsável pela reivindicação ao direito à educação do povo negro, questionando currículos, materiais didáticos, formação de professores, entre outros. O

³¹ Uma das maiores entidades negras do século XX, a Frente Negra Brasileira (FNB), foi criada em 1931. Sua missão era a de integrar o povo afrodescendente à sociedade. Autodenominada “órgão político e social da raça” tornou-se partido político. A Frente proporcionou à população desassistida e marginalizada assistência social, um meio de organização, educação (fundou uma escola) e combate ao preconceito.

Movimento Negro busca colocar em prática um projeto de mobilidade social partindo da necessidade de negar a história oficial e assim, contribuir para a construção de uma nova interpretação da trajetória dos negros no Brasil. Esse Movimento tem como objetivo a emancipação enquanto transformação social e cultural (GOMES, 2011).

Em 1988 foi criada pelo Governo Federal a Fundação Palmares³² como a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira. No mesmo ano a Constituição Brasileira afirma que o racismo é um crime inafiançável, porém só são consideradas atitudes preconceituosas tomadas em público, precisam de testemunhas para confirmação.

Em 1989 a Lei nº. 7.716 conhecida como a Lei Caó³³ passou a definir os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, tipificando condutas que abstem acesso a serviços, cargos e empregos. Essa lei foi alterada em 1990.

Em 1995 a questão entrou na agenda política do governo e em 1996 foi promovido o seminário “Multiculturalismo e Racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos”, para organização de políticas públicas para a população negra.

Os movimentos sociais de negros e de mulheres, existentes até a década de 1970 não contemplavam questões sobre mulheres negras. Foi então que elas começaram a se organizar e reivindicar seus direitos, dando início ao Feminismo Negro³⁴ buscando articulação entre raça – gênero – classe. Constata-se esse impulso no processo de

³² A Fundação Cultural Palmares, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) atua por uma política cultural igualitária e inclusiva, que busca contribuir para a valorização das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais. FCP já emitiu mais de 2.476 certificações para comunidades quilombolas em que reconhece os direitos das comunidades quilombolas e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal. Dedicar-se ao apoio e difusão da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História da África e Afro-brasileira nas escolas. Disponível: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso em 02/12/2016.

³³ Disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/legis031.pdf>. Acesso: 02/12/2016.

³⁴ O tema “Feminismo Negro” será abordado no item 2.3. deste estudo.

organização da V Conferência Mundial sobre as Mulheres na China/Beijing, em 1995, e da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância, na África do Sul/Durban, em 2001. É impossível analisar a condição e/ou organização das mulheres em âmbito mundial sem o reconhecimento da positiva movimentação das mulheres negras no Brasil e na América Latina e no Caribe.

Até pouco tempo as pesquisas realizadas em nosso país não faziam distinção entre raça e gênero em suas análises, dessa forma não contemplavam as especificidades das trajetórias de mulheres negras (pretas e pardas) invisibilizando as desigualdades existentes. O *Relatório do Governo Brasileiro à Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher*³⁵ ressalta a precariedade de dados estatísticos e informações, agregados por sexo e por raça/ etnia, dificultando a elaboração de políticas públicas que produzam mudanças na situação e nas relações desses segmentos, monitoramento e acompanhamento de forma qualificada. Em 1979 Lélia González já apontava esta lacuna:

As razões apresentadas como justificativa de tal exclusão denominam-se “dificuldades técnicas”. Por aí, pode-se constatar como se delineia a intenção de escamotear as informações a respeito da chamada população de “cor” de nosso país, assim como a miséria e o desamparo em que a mesma se encontra. E isto ocultado pelo interesse de aparentar a existência de uma grande harmonia (e igualdade) racial no Brasil (GONZÁLEZ, 1979, p. 14).

Na publicação *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, estudos mostram que em 2004 pouco mais da metade da população se declarava como branca (51,2%), enquanto a proporção de pretos ou pardos era 48,2%. Em

³⁵ Adotada pela Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 18.12.1979 – ratificada pelo Brasil em 01.02.1984. Disponível no: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/discrimulher.htm>

2014, mais da metade (53,6%) das pessoas se declaravam como de cor ou raça preta ou parda, enquanto as que se declaravam como brancas foi de 45,5%.

De acordo com dados da PNAD, em 2014, as mulheres brancas de 15 a 49 anos de idade 41,7% não tinham filhos, enquanto as pretas ou pardas 35,6%. Em 2014, entre as mulheres de 15 a 49 anos de idade com maior escolaridade (oito anos ou mais de estudo), 44,1% não tinham filhos; enquanto para aquelas com até sete anos de estudo esta proporção foi de 20,9%. As mulheres com maior escolaridade adiam mais a maternidade e, ao final do período reprodutivo, maior proporção permanece não tendo filho.

Atualmente o Brasil ocupa o terceiro lugar do Índice Gini³⁶ quanto à desigualdade de renda, a África do Sul está em quarto lugar. No Brasil é cinco vezes mais provável encontrar brancos que negros no topo da pirâmide de renda, porque entre os mais pobres, 70% são negros. Existem poucos negros em posições de prestígio e poder, que poderiam servir de exemplo às gerações mais jovens, por isso os obstáculos ainda são vistos por muitos como quase intransponíveis, dificultando a realização de seus sonhos e concretização de seus projetos de vida.

A desvantagem competitiva que os negros vêm enfrentando é consequência de um “ciclo de desvantagens cumulativas” (HASENBALG, 2005) na mobilidade social intergeracional e intrageracional, pois têm oportunidades limitadas no campo educacional, mercado de trabalho com ganhos e rendas menores do que os brancos.

Em busca de seu espaço profissional e ascensão socioeconômica as mulheres negras permanecem na luta pelo seu reconhecimento embora isto aconteça mais lentamente do que para o homem negro e a mulher branca. Apesar das mulheres negras estarem mais

³⁶ Mede o grau de desigualdade na distribuição da renda domiciliar per capita entre os indivíduos. O valor pode variar de zero, quando não há desigualdade (as rendas de todos os indivíduos têm o mesmo valor), até 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula). Fonte: http://www.brasil.gov.br/sobre/economia/indicadores/disoc_rdcg/indicadorview. Acesso em 06/07/2013.

presentes nos bancos escolares são preteridas no momento de inserção no mercado de trabalho, ocupando lugares profissionais abaixo da sua escolaridade. Em pesquisa na Universidade Federal do Bahia (UFBA) comprovou-se que as mulheres negras ocupam as vagas nos cursos de menor prestígio social e menores oportunidades no mercado, ou seja, nos cursos do “âmbito feminino”, Letras, Artes e Enfermagem, por exemplo (QUEIROZ, 2006).

O boletim *Tempo em curso*³⁷ é dedicado ao estudo dos indicadores do mercado de trabalho metropolitano brasileiro com distinção dos grupos de cor ou raça e gênero, analisa o já conhecido abismo de rendimento que separa os homens brancos dos negros. Explicita que, além da cor da pele, a distância de rendimento expressa também uma dimensão de gênero: mulheres brancas e negras (pretas e pardas) estão separadas por centenas de reais em relação aos rendimentos (R\$1.638 para as mulheres brancas; R\$ 906 para as mulheres negras – números registrados em setembro de 2011). Os dados mostram que as assimetrias de renda não se limitam à divisão homem e mulher. Dentro da população feminina, a diferença de renda entre trabalhadoras brancas e pretas/ pardas é de 80,7%.

O rendimento médio do trabalho das pessoas pretas e pardas é inferior comparado ao dos grupos de pessoas de cor branca e amarela. O desemprego também é uma variável cronicamente desfavorável aos negros. A taxa de desemprego, avaliada nas seis maiores regiões metropolitanas do país, também indica um cenário pior para as mulheres pretas e pardas, cujo desemprego foi de 9,3% em setembro de 2011, ante 6,2% para as brancas (PAIXÃO E MONÇORES, 2012).

No Plano Nacional de Política para as Mulheres (2012-2015) nosso país afirmou seu compromisso com o enfrentamento integrado do racismo, sexismo e lesbofobia. Para dar conta destas questões o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), lançou em 2011

³⁷ *Tempo em Curso*, elaborado pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser/UFRJ).

publicações de pesquisas com o objetivo de produzir informações e reflexões sobre as desigualdades de gênero e raça no país. São elas: *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça* e em 2013, o *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*³⁸ escrito por jovens negras que fazem conexões entre suas próprias experiências com a realidade dos dados analisados.

No *Dossiê Mulheres Negras* (2013) encontramos dados que mostram como as mulheres negras estão sobrerrepresentadas nos serviços sociais de forma geral, incluindo as funções domésticas, de saúde e de educação, que reforçam a função do cuidado e os papéis de mulheres e de negras.

A partir da compilação de dados entre 2009 e 2010, o boletim *Tempo em Curso*, aponta que em todos os tipos de “Violência sexual” contra as mulheres, negras eram maiores vítimas: 43,2%, nos registros por “Assédio Sexual”; 48,6%, nos “Estupros”; e 44,5%, no “Atentado violento ao pudor”; no caso da “Pornografia infantil” (50,3%) e da “Exploração sexual” (51,9%).

As desvantagens vêm se acumulando ao longo do tempo. É difícil para os homens negros assegurarem um lugar de destaque, mostrar suas capacidades. Para as mulheres negras, a situação é ainda mais desafiadora nesta sociedade machista e racista. Segundo as estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU): as mulheres são responsáveis por 2/3 do trabalho realizado no mundo e recebem 1/3 dos salários; as mulheres são detentoras de 1/10 da renda mundial; representam 2/3 dos analfabetos do mundo; detêm menos do que 1/100 das propriedades mundiais; dos quase 1,3 bilhão de miseráveis do mundo, 70% são mulheres.

No Brasil, as mulheres recebem em média metade do salário dos homens e as mulheres negras, a metade do salário do que ganham as mulheres brancas. Para a

³⁸ Publicação disponível no endereço: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf

Organização Internacional do Trabalho (OIT), a situação das mulheres está mudando e, se o ritmo atual se mantiver, em 475 anos conseguiremos a igualdade salarial entre homens e mulheres (LOURO, 1997).

Santos (2013) destaca que as mulheres negras na história da sociedade brasileira desempenharam um papel fundamental, lutando contra todas as adversidades, e construindo alternativas em busca de sua liberdade e independência. A solidariedade e o compromisso com a família representaram um diferencial que se refletiu na resposta aos atos de violência racial no cotidiano. Mesmo apresentando os piores índices sociais, com enormes barreiras para acessar o sistema de justiça, as mulheres negras ultrapassam as dificuldades e denunciam as injustiças sofridas. Elas também lideraram a maioria dos processos de mudança e souberam como ninguém utilizar a experiência adquirida na participação internacional.

Se o discurso mudou, infelizmente não se traduziram em políticas que provocassem mudanças nos indicadores sociais, apesar da Lei nº 7.716 de 05/01/1989, conhecida como Lei Caó, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

2.2. Negra Mulher

[...] a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista.

Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, parafraseando Simone de Beauvoir (1949): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, retoma a ideia de Neuza Santos Sousa (1990) no livro “Tornar-se negro”, e propõe uma versão não essencialista da raça e revela a dificuldade de se tornar e ser negro ou negra num país que defende a democracia racial, ao mesmo tempo em que propaga o branqueamento social e estabelece lugares sociais segregados com base em atributos de cor, sexo e condição de classe. Simone de Beauvoir impactou o mundo quando disse a frase

acima, e as mulheres das mais diferentes posições passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo resultava de uma construção.

Ao tratar de histórias de vida de mulheres negras é importante que se leve em consideração o conceito de gênero. Scott (1995, p. 86) define gênero como "um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder".

Louro (1997) define gênero como uma construção de identidades múltiplas, plurais dos sujeitos, que se transformam e são dinâmicas; ela destaca que não se pode pensar nas mulheres como subjugadas porque mesmo quando se pretendeu silenciá-las e submetê-las, as mulheres discordaram, construíram resistência e subverteram comportamentos também nas situações cotidianas. Talvez, por isso, não possamos nos apoiar somente nas trajetórias das revolucionárias. Há o risco de uma construção reduzida e idealizada de luta e de resistência.

Após a abolição dos escravos as mulheres negras continuaram trabalhando nos setores mais desqualificados recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento, não alterando sua condição social, mesmo depois da formação do mercado de trabalho livre no Brasil. O lugar de mulheres negras, como coloca González (1982) ao longo do tempo foi reconhecido como trabalhadora em casas de família quando a mulher branca saía de casa para o mercado de trabalho. A mulher negra trabalhava como doméstica, babá e cozinheira. Um exemplo que se destaca é a trajetória de Luiza Mahin³⁹ quituteira que protagonizou a organização e luta armada na Revolução dos Malês (muçulmanos), em Salvador, 1835, movimento que tinha o objetivo de tomar o poder.

Oliveira, Costa e Porcaro (1981) destacam que a figura materna constitui o foco e atrai em torno de si os membros familiares, procurando reunir todos os esforços com vistas a

³⁹ Luiza Mahin foi mãe de Luiz Gama, uma das grandes figuras negras do movimento abolicionista.

não permitir que os laços se afrouxem. A mulher negra foi nos primeiros tempos pós-abolição, a viga mestra da família e da comunidade negra. Nesse período as mulheres foram forçadas a arcar com o sustento moral e a subsistência de todos os outros. O homem negro não conseguia trabalho e assim não podia sustentar a família. A mulher passou a servir à patroa em vez de à senhora, a ser perseguida pelo patrão em vez de pelo senhor. Contribuiu para a emancipação da mulher branca enquanto trabalhava como empregada doméstica e babá para que a mulher branca pudesse trabalhar fora de casa. A ascensão social e econômica da mulher negra se processa em ritmo mais lento do que a do homem negro e da mulher branca.

Queiroz (2006), Paixão e Monçores (2012), Marcondes (2013), entre outros, estão levando em conta o recorte racial e de gênero, umas com dados quantitativos como vimos acima, outras em que as mulheres negras contam suas histórias de vida e os desafios para a construção do nosso país. Algumas trajetórias de mulheres negras que fizeram parte de nosso passado foram destaque do Calendário de 1987⁴⁰, produzido em São Paulo e intitulado *Mulheres negras no Brasil: recuperando nossa história*⁴¹ (Anexo 1). Cada mês do calendário está contemplado com a história de vida de uma mulher negra que ousou enfrentar o racismo e a discriminação desde o século XVIII até a década de 1980. São, portanto, 12 histórias de vida com sensibilidades de mundo diferentes.

Essas histórias mostram a presença forte e o protagonismo de mulheres negras na história do Brasil, muitas vezes invisibilizadas, não recebem o devido reconhecimento. São trajetórias inspiradoras que precisam ser compartilhadas, assim como outras mais recentes, por exemplo, as que fazem parte do livro *Mulheres negras na primeira pessoa*⁴², lançado

⁴⁰ Presente de **Niara**, uma das colaboradoras da pesquisa.

⁴¹ *Mulheres negras no Brasil: recuperando nossa história*, foi produzido pelo Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo, 1987.

⁴² Disponível no endereço: http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Mulheres_Negras_na_Primeira_Pessoa.pdf

em 2012. Conta a história de vida de 12 mulheres de vários estados do Brasil. É uma articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras com o objetivo de mostrar a trajetória de mulheres negras, a partir delas mesmas. Duas representantes de Porto Alegre compartilharam suas histórias no livro, são elas: Marilza Soares Sito, mãe de duas estudantes da UFRGS e Junara Nascentes Ferreira, estudante egressa da mesma instituição.

Apesar das dificuldades cotidianas de uma mulher negra, pobre, moradora de periferia, tais como questões de racismo, saúde, educação, segurança, elas têm uma percepção e valorização maior das oportunidades mostrando as possibilidades de resiliência. Exemplo disto são as frases expressas por estas mulheres:

Nós somos os únicos seres capazes de superar todas as dificuldades e temos forças pra lutar contra tudo, é só querer. (Marilza apud WERNECK, IRACI, CRUZ, 2012, p. 19)

Acho que o mais importante na minha trajetória foi ter mulheres negras que foram referências para mim, e toda vez que fui buscar essas referências, elas estavam sempre presentes. (Junara apud WERNECK, IRACI, CRUZ, 2012, p. 25)

Em 2013 como prêmio de um concurso de redações e ensaios foi lançado o livro *Mulheres Negras contam sua História*⁴³. Inscreveram-se 521 mulheres (421 redações e 100 ensaios) que fazem reflexões sobre as desigualdades no mundo do trabalho, nas relações familiares, violência e superação do racismo. É uma parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR).

Essas histórias de vida mostram que elas sofrem dupla ou tripla discriminação por serem mulheres, negras e pobres. Sofrem formas distintas de opressão, sobrepondo e influenciando mutuamente. Há que se ter em mente que gênero, raça e classe social são sistemas distintos de opressão subjacentes à única estrutura de dominação. As estratégias

⁴³ http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/11/livro-201cmulheres-negras-contam-sua-historia201d-sera-lancado-na-iii-conapir. Acesso em 27/08/2016.

individuais devem ser compreendidas sem perder-se de vista que a opressão incide sobre a coletividade constituída pelas mulheres negras. Conhecer estas estratégias propiciará a elaboração de metodologias específicas, capazes de entender as condições complexas e multifacetadas de opressão das mulheres negras (COLLINS, 2000).

Ser negra é tomar posse dessa consciência e criar uma nova que assegure o respeito às diferenças e afirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. A mulher negra, em nosso país, que vive tanto no meio urbano como rural, é usualmente chefe de família subempregada. Esses discursos sobre as discriminações da mulher negra foram e são igualmente representações; representações que não apenas espelharam essas mulheres, mas que efetivamente as produziram.

Louro (2012) coloca que as mulheres, em geral, tinham por natureza uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e naturais educadoras, portanto nada mais adequado do que lhe confiar à educação escolar dos pequenos, afinal o magistério representava, de certa forma, a extensão da maternidade. O argumento parecia perfeito: a docência ampliaria a função maternal porque o magistério era visto como uma atividade de amor, de entrega e doação que poderia ser realizado em um turno possibilitando que elas atendessem suas obrigações domésticas no outro período.

A autora destaca que a representação da boa professora pouco preocupada com seu salário, deveria depositar toda a sua energia na formação de seus alunos e alunas, que constituiriam sua família e suas tarefas seriam feitas gratuitamente, apenas por amor. De certa forma essa mulher deixa de viver sua própria vida e esquece de si. Esta postura é reforçada na forma de vestir-se porque as professoras deveriam se trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal. Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar, de falar, de escrever, de argumentar (LOURO, 2012).

Com base em todos os argumentos apresentados pode-se apostar que o feminismo negro, aprofundado no próximo item, vem para desafiar a ordem imposta por homens e mulheres brancos e homens negros. Hooks (1995) enfatiza que é essencial para a continuidade da luta feminista, que se reconheça o ponto de vista das mulheres negras. Diz também que o feminismo negro atua a partir das lutas em que raça, classe e gênero se agregam como fatores simultâneos de opressão. As mulheres negras têm um papel central a desempenhar na construção de uma teoria feminista, podendo oferecer uma contribuição única e valiosa.

2.3. Feminismo Negro

*O que o movimento faz o tempo todo é juntar. Isso tem que ser constante.
[...] Então esta é mais uma das atividades do movimento de mulheres negras:
tornar visível a opressão...
Somos sempre oprimidas por sermos negras, mulheres e pobres
(SILVA, 2005).*

O Feminismo Negro no Brasil, de acordo com Pinto (2003), pode ser dividido em ondas que marcam etapas diferenciadas de lutas. A primeira onda estaria caracterizada pela luta por direitos primários, como o acesso à educação e construção da identidade feminina. A segunda onda resiste contra a ditadura militar e, reivindica o direito ao voto e ao exercício do prazer, luta contra a hegemonia masculina e a violência sexual. Já a terceira onda aponta ainda a questão do direito ao voto e inserção no mercado de trabalho e ensino superior.

Vale dizer que o feminismo é compreendido aqui como um conjunto de ideias e práticas que visa superar as desigualdades entre homens e mulheres e acabar com as situações de opressão e exclusão das mulheres. O feminismo é uma teoria política que tem expressão social desde o fim do século passado. As mulheres lutaram por sua liberdade e em todas as épocas temos exemplos de mulheres excepcionais, de ações de resistência e de elaboração de tratados e manifestos em defesa da igualdade (FARIA, NOBRE, 1997).

Essa experiência coletiva forjada no contexto histórico de cada localidade tornou o racismo a principal categoria para repensar as teorias, discursos e práticas feministas. O racismo visto como base legítima para a construção do conhecimento traz à tona a importância do conhecimento produzido por mulheres comuns em suas experiências diárias como mães, professoras, escritoras, empregadas domésticas, militantes pelos direitos civis, cantoras e compositoras da música popular.

Nos primeiros anos do século XX, o perfil das militantes feministas no país era composto, principalmente, de mulheres com formação universitária, de classe média e urbana. Em alguns casos, haviam estudado fora do país, a exemplo de Bertha Lutz. Nessa fase inicial do movimento, que se estendeu até meados da década de 1970, a luta feminista centrava-se em torno do voto feminino e de melhores condições de trabalho para as mulheres.

O ano de 1975 é caracterizado pela literatura feminista, e marcou a segunda fase do movimento feminista brasileiro. A partir desse período, tal movimento passa a ser representado por grupos de mulheres atuantes nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Paralelamente, a ONU realizou a Conferência Internacional da Mulher, na cidade do México, na qual representantes de diferentes países, inclusive do Brasil, se reuniram para avaliar a situação das mulheres no mundo. Ao fim do evento, a ONU definiu o período de 1975 a 1985 como a Década Internacional da Mulher, estabelecendo que os governantes dos países participantes da Conferência programassem ações a favor da melhoria das condições de vida das mulheres.

No Brasil, tal medida permitiu a ampliação da atuação das feministas na esfera pública, por intermédio da realização de eventos nacionais, com o intuito de discutir temas relacionados ao cotidiano feminino como violência, sexualidade, custo de vida e participação política. No início dos anos 1980, como parte do processo de redemocratização

do país, surge o primeiro órgão do governo destinado a atuar em prol dos direitos das mulheres: o Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo.

Em meio aos avanços obtidos na área da saúde, novas questões começaram a ser discutidas nas décadas de 1980 e 1990. Sob a influência do feminismo anglo-saxão, iniciava-se nesse período uma crítica pelo fato de o feminismo ser liderado por mulheres brancas, urbanas e da classe média alta⁴⁴. Apontava-se, ainda, a necessidade de promover discussões mais amplas acerca de conceitos como classe social e raça.

Nesse momento, mulheres negras questionaram a ausência da temática racial no movimento e o 3º Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, que ocorreu em Bertoga, São Paulo, em 1985, foi fundamental para a mobilização do feminismo negro. Nesse evento, ativistas negras apresentaram suas demandas relativas à luta contra a violência doméstica, ao combate a práticas racistas no mercado de trabalho e, principalmente, a assuntos relativos à saúde, como mortalidade materna e saúde reprodutiva e sexual das mulheres negras.

Outro fator que contribuiu para o fortalecimento do movimento refere-se à circulação de feministas negras em esferas nacionais e internacionais de mobilização política, que incluíam a participação em reuniões, eventos e congressos e contatos com pessoas, instituições e agências diversas.

Exemplos de superação vão surgindo a todo o momento. Leymah Gbowee, ativista liberiana, assistente social, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2011, conferencista do *Fronteiras do Pensamento*⁴⁵ em 2013, descreve o trabalho realizado com mulheres negras

⁴⁴ Collins (2000) destaca que o feminismo branco luta por causas diferentes do feminismo negro.

⁴⁵ Fronteiras do Pensamento é um projeto cultural múltiplo, com oito anos de existência, que aposta na liberdade de expressão intelectual e na educação de qualidade como ferramentas para o desenvolvimento. Através de uma série anual de conferências, o *Fronteiras* abre espaço para o debate e a análise da contemporaneidade e das perspectivas para o futuro, apresentando pensadores, artistas, cientistas e líderes que

na Libéria, na busca pela paz, em um livro intitulado *Guerreiras da paz* (2012). Mostra como enfrenta com determinação as dificuldades cotidianas e busca a concretização de um sonho coletivo. Sua experiência serve de inspiração e motivação para a superação de preconceitos e busca de sucesso, tanto na vida acadêmica, como profissional e familiar. Ela trabalha com uma equipe de mulheres, faz palestras, oficinas e conferências pelo mundo. A forma como ela propõe a discussão para as mulheres durante suas intervenções é muito interessante, pois convida que todas retirem seus rótulos.

“Escrevam seus títulos numa folha de papel: advogada, médica, mãe... Escrevam e ponham as folhas aqui!” Eu levantava uma maleta e a passava de mão em mão entre as cem mulheres da sala. Quando a maleta ficava cheia, eu a fechava com um estalo. “Estão vendo. As folhas estão trancadas. Agora não temos títulos. Não somos advogadas, ativistas, políticas ou esposas. Vamos falar apenas como mulheres e como liberianas” (GBOWEE, 2012, p. 270).

Chimamanda Adichie, escritora nigeriana que mora nos Estados Unidos, chama a atenção para o perigo de uma história única em uma conferência ao grupo TED⁴⁶. Compartilha o processo de identificação desde sua infância, em livros e filmes e a dificuldade em se reconhecer nas histórias que tinha acesso.

Porque tudo o que eu havia lido eram livros em que os personagens eram estrangeiros, fui convencida de que livros naturalmente tinham de ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não poderia me identificar. Mas tudo mudou quando eu descobri livros africanos [...] Tive uma virada na minha percepção sobre literatura. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele de cor de chocolate, cujo cabelo crespo não dava pra fazer rabo-de-cavalo, também poderiam existir na literatura (ADICHIE, 2009).

são vanguardistas em suas áreas de pesquisa e pensamento. <http://www.frenteirasdopensamento.com.br/>. Acesso em 05/08/2014.

⁴⁶ TED (*Technology, Entertainment, Design*, em português: *Tecnologia, Entretenimento, Design*) é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de "ideias que merecem ser disseminadas". Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em 19/06/2016.

Problematiza questões como o racismo e discriminação, por exemplo, em seu livro *Americanah* coloca:

Além do mais, admita: você diz “Eu não sou negro” só porque sabe que os negros são o último degrau da escada de raças americana. E você não quer estar ali. Não negue. E se ser negro trouxesse todos os privilégios de ser branco? Você ainda diria “Não me chame de negro, eu sou de Trinidad.” É, eu sabia que não. Você é negro, baby. E essa é a questão de se tornar negro: você tem de se mostrar ofendido quando palavras como “farofeiro” e “tziu” são usadas de brincadeira, mesmo que não tenha a menor ideia do que está sendo dito. [...] O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os EUA. [...] dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade (ADICHIE, 2014).

O feminismo negro no Brasil foi consolidado com o surgimento de Organizações Não Governamentais (ONGs): Nzinga-Coletivo de Mulheres Negras (RJ), Criola (RJ), Geledés (SP), Fala Preta (SP) etc., voltadas para o combate à violência doméstica, à discriminação racial e para os cuidados no âmbito da saúde reprodutiva.

As ONGs centraram seu papel na informação, na prestação de assistência jurídica em casos de repercussão na mídia, elaborando relatórios de pesquisa e apontando as contradições do sistema judicial brasileiro, propondo a construção de uma nova legislação porque o sistema de justiça responde de forma insatisfatória à demanda da população negra quando é vítima de discriminação racial e do racismo. O Geledés⁴⁷, Instituto da Mulher Negra, estruturou um serviço de assistência legal para vítimas de discriminação racial,

⁴⁷ Geledés foi fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. Posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social. Disponível: <http://www.geledes.org.br/>. Acesso em 21/08/2016.

conhecido como SOS Racismo, que detectou que a discriminação racial era um fenômeno sistemático e desconhecido da esfera jurídica e do Ministério Público de São Paulo. Houve então, uma ampliação da consciência do que seria discriminação racial e racismo.

Todos estes espaços e movimentos vão proporcionando a formação de mulheres negras na luta contra o preconceito e a discriminação. Pedrina de Deus (1988) relata sua satisfação ao perceber que novas lideranças⁴⁸ negras estão se formando, principalmente femininas. São lideranças qualificadas que contribuem imensamente para o fortalecimento do Movimento Negro Feminista.

Confesso que fui ao Encontro de Mulheres Negras psicologicamente preparada para mais um desgaste. Discutir nossas questões de raça em público sempre nos reserva algum desgaste. Mas foi gratificante! [...] Aprendemos que as mulheres negras têm a essência de transformação em suas mãos. Ninguém, até agora foi capaz de determinar como se faz ou nasce uma liderança. Mas está claro que as experiências de vida exercem influência sobre a qualidade dessa liderança. O modelo de desempenho que ocorreu no Encontro Estadual de Mulheres Negras me aponta uma nova mulher negra e, infalivelmente um novo Movimento Negro. Elas ocuparam o espaço feminista, tradicionalmente com rara tática revolucionária. Eu sabia que uma nova liderança viria. [...] A nova liderança já sabe determinar metas e atingi-las. Sabe dar crédito pelas contribuições pessoais que cada um traz ao Movimento Negro, em vez de acirrar hostilidades. Sabe compreender o uso do poder e sabe transformar cada situação numa experiência de aprendizado (DEUS, 1988).

Um importante espaço de articulação surgiu em 1992, a Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora (RMAAD), que busca focar as políticas públicas de nível nacional e regional para uma sociedade democrática, justa, promotora do multiculturalismo, sem violência, livre de racismo, discriminação racial, sexismo, exclusão. A definição da Rede destaca seu caráter transnacional, com forte participação nas Américas.

⁴⁸ A liderança será abordada nesta pesquisa como um protagonismo destas mulheres, não necessariamente como liderança formal, mas percebida enquanto uma postura de resistência, de destaque nas lutas antirracistas. Não necessariamente ligada ao feminismo.

[...] ser mulher, negra, indígena, lésbica e/ou migrante em sociedades patriarcais, racistas, homofóbicas e neoliberais é viver em um território corporal, afetivo, espiritual e material excludente e em permanente disputa com os grupos hegemônicos que modelam as sociedades de acordo com os padrões masculinos, brancos, heterossexuais e ricos (Declaración de La Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora, 2010).

Na forma das redes transnacionais e interseccionando, nas suas ações políticas e movimentalistas, a categoria “raça” com gênero, classe social, geração, etc..., as organizações de mulheres negras das Américas inauguraram um novo momento para os movimentos negro e feminista em suas lutas por políticas de inclusão. Passaram a apresentar e a representar novas vozes, e levaram, conseqüentemente, ao nascimento do feminismo negro (SAYÃO, 2014).

A IV Conferência Mundial sobre a Mulher em Beijing, em 1995, foi igualmente um agente catalisador desse processo, sendo um cenário importante para a atuação das mulheres negras. Ressalta-se que a temática racial foi incluída na Declaração Final e na Plataforma de Ação de Beijing.

Teorias feministas produzidas por mulheres negras norte-americanas, como Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patrícia Hill Collins contribuíram para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política dessas mulheres nas Américas, do Norte, Latina e depois Caribe. Porém, como alerta Silva (2003), não podemos perder de vista o compromisso e comprometimento que exigem quebra do domínio intelectual, político, material, centrado numa única visão de mundo, de ciência, de cidadania de origem europeia e estadunidense. Isto requer diálogo entre estas visões e outras, como as de raiz africana, indígena, asiática.

Souza e Pimentel (2014) chamam a atenção para o racismo perverso que tenta fazer com que as mulheres negras acreditem que não são importantes, não são bonitas, não são

dignas de afeto e que não merecem ou podem ter um tempo para se cuidar, refletir e se conhecer intimamente. Esconder os sentimentos e fraquezas além de uma estratégia de sobrevivência é também um efeito da injusta visão de si próprias imposta por séculos em que não era permitido falhar, chorar, reclamar.

As autoras destacam que se exige da mulher negra que seja forte, resiliente e a ela não é dado o direito de ser vista também como uma mulher que ama, chora, sente dor, possui fraquezas, como todas as outras mulheres. É para dar conta dessas dificuldades que a sororidade negra se faz necessária enquanto laço político-afetivo.

Por meio da análise das histórias de vida, com uma visão ética e estética das mulheres colaboradoras da pesquisa, é possível destacar a importância desse cuidado com o outro, assim como a forma como constroem e fortalecem suas identidades e possibilidades de resiliência.

No Feminismo Negro aparece a sororidade como um laço afetivo de solidariedade e irmandade entre as mulheres negras que têm experiências em comum (MACHADO, 1992). A sororidade é vista também como um misto de sentimento e utopia presentes nos movimentos feministas que tratam das relações de gênero, em que as desigualdades entre mulheres ocupam menos espaço e emoção porque se encontra subordinado ao das desigualdades entre os sexos (COSTA, 2004).

Levando em conta questões como racismo, discriminação de raça e gênero, apresento a construção do processo de pesquisa no próximo capítulo, com destaque às histórias de vida de 8 mulheres negras, com ênfase em suas escolhas e descobertas. Por meio do exercício de empatia e de uma nova “sensibilidade de mundo” foi possível constituir o método, na medida em que fui pesquisando e escrevendo.



Ilustração: Bruno Ortiz

*Os cientistas dizem que somos feitos de átomos,
mas um passarinho me diz que somos feitos de histórias.*

Eduardo Galeano

3. A PESQUISA: HISTÓRIAS DE VIDA A PARTIR DA ESCUTA SENSÍVEL

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

A escrita dessa tese foi construída numa busca constante de leveza e sensibilidade com o intuito de contribuir para o reconhecimento e respeito das diferenças entre as pessoas, por meio das oportunidades enriquecedoras proporcionadas pelas com-vivências. Freire (2004) destaca que o ser humano sendo e se reconhecendo como inacabado, precisa conhecer mais sobre os processos que fazem parte de sua trajetória. Este processo é esperançoso e mesmo que não se encontre o que se busca, a esperança deve fazer parte dele.

As mudanças no processo de elaboração da tese foram possibilitadas por novas conexões, maneiras de estar e sentir. Mulheres negras, protagonistas de tal pesquisa, contribuíram imensamente nas reflexões e escolha dos caminhos trilhados com a esperança como um elemento fundamental para a construção de um mundo melhor para se viver.

Foi aberta a possibilidade para que as mulheres compartilhassem o que desejassem, sem rótulos ou pré-definições. O olhar e a escuta atentos para conhecer o processo de construção das identidades dessas mulheres negras e as possibilidades de resiliência que perpassam suas histórias de vida, apontaram a influência que geram nas trajetórias de seus familiares e na comunidade em que estão inseridas.

Abordo questões ainda delicadas de serem tratadas em nossa sociedade como gênero, raça, classe. Embora alguns ainda acreditem que vivemos em uma “democracia racial” no Brasil, sabemos que o colonialismo presente na formação de nosso país trouxe uma visão eurocêntrica, machista e racista muitas vezes naturalizada no cotidiano. Entrevistei professoras, atrizes, cantora, artesãs, cabeleireira e técnica de enfermagem que trabalham

com questões raciais no espaço escolar, cinema, teatro, associações, hospitais, igrejas, comunidades quilombolas, entre outros.

Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. As articulações entre os conceitos vida e sentido aparecem ao longo do tempo, pois ele faz as conexões de sentido que as converte em 'experiência'. (SOARES, 1994, p. 21)

Inicialmente refleti sobre quais seriam as trajetórias que realmente gostaria de pesquisar e compreender. Segundo Arenhaldt (2005), escutar e pesquisar as narrativas de vida, em suas mais diversas manifestações, é captar suas pulsações, seus ritmos e suas cores. É um fluir de emoções e lembranças que constituem e afirmam as várias e diversas formas e jeitos de ser e estar no mundo.

Um esboço do perfil das mulheres que eu conhecia há alguns anos foi sendo construído com aquelas que frequentavam espaços em comum e eram inspirações para a escolha do tema da pesquisa. Histórias de vida de mulheres envolvidas de alguma forma em atividades de ensino, extensão ou pesquisa na UFRGS, que se destacam pelas suas posturas e ações comprometidas com o povo negro e sua ancestralidade em diferentes áreas.

As narrativas de vida possibilitam que a pessoa se preencha de si mesma, organizando de modo coerente suas lembranças e percepções imediatas. Essa reflexão faz emergir os microeventos que pontuam a vida cotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribuem para a construção social da realidade (CIPRIANI, POZZI e CORRADI, 1983).

Sinto-me privilegiada por “estar com” e poder escutar estas mulheres com idades e experiências variadas, mas que têm em comum a garra, a persistência e a “manha”⁴⁹ (FREIRE, 2004) para se tornar vitoriosas e servir de exemplos para as novas gerações. Não pretendo em momento algum generalizar as histórias de vida de tais mulheres, por isso o cuidado ao mostrar seus depoimentos respeitando suas individualidades e intimidades.

Durante o processo de elaboração da tese e escolha das mulheres participei de Congressos de Pesquisadores Negros (COPENE) da região sul, em 2013 na cidade de Pelotas/RS e 2015 em Curitiba/PR. Participei também de debates promovidos por coletivos de jovens negras, saraus literários, posse de diretoria de associação quilombola, festa *black-music*, jogo de futebol em comemoração à semana da consciência negra, comemorações de independência de países africanos organizadas por estudantes da UFRGS, entre outros eventos.

Algumas situações, vividas por mim, mulher branca em espaços majoritariamente negros, causaram estranhamentos, como por exemplo, o encontro organizado pelo coletivo de estudantes negros e negras da UFRGS – Negração⁵⁰, ocorrido em setembro de 2014, no auditório da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), com o título “Afroresilientes⁵¹: a perspectiva da Militância Negra Feminista”.

⁴⁹ O termo “manha” de Paulo Freire (2004) significa o reconhecimento de nossos limites e o desenvolvimento de táticas para enfrentar ou confrontar as restrições.

⁵⁰ O Coletivo Negração é composto por um grupo de estudantes negros e negras e foi formado recentemente na UFRGS, com perspectivas de luta pelas pautas da negritude, dentro e fora da universidade. O marco da criação foi o dia “20 de setembro” em 2012 com a reivindicação de errata – “Povo que não tem virtude acaba por escravizar” – ao hino do Rio Grande do Sul. O Coletivo debate temas como: produção de conhecimento voltada às demandas do povo negro e trabalhador; Ações Afirmativas com debate sobre a permanência e assistência dos estudantes ingressos pelo sistema de cotas; combate ao racismo institucional que oprime negras e negros que frequentam a UFRGS. Disponível em: <http://coletivonegracao.blogspot.com.br/> Acesso: 09/06/2016.

⁵¹ Afroresiliência é um termo utilizado por Martins (2013) como uma postura de “meter o pé na porta”, de resistência, justificando que as discussões em torno do conceito negro são desgastantes e não conclusivas (CUNHA JÚNIOR, 1996, p. 19). Porém, assim como o Movimento Negro, prefiro tentar ressignificar

O evento começou com mais de uma hora de atraso e na intervenção da terceira palestrante foi pedido que as pessoas não negras levantassem dos lugares que ocupavam. Quando levantamos⁵² foi pedido que sentássemos no chão do palco onde estavam as componentes da mesa palestrante, de frente para o público para dar lugar aos negros que estavam sentados no chão.

No primeiro momento fiquei surpresa com o pedido, me senti constrangida porque parecia que eu não era bem-vinda naquele espaço. Depois, o discurso da palestrante foi mostrando as mágoas, fragilidades e ressentimentos vividos em relação às discriminações sofridas desde a infância até à Universidade. Ela disse que sua intenção era empoderar os negros e negras presentes naquele espaço institucional que nem sempre está disponível para os mesmos. Ora! Mas não é assim que negros e negras sentem-se cotidianamente?

Outro momento de reflexão sobre as relações étnico-raciais entre brancos e negros aconteceu no sarau literário “Sopapo Poético”⁵³. É costume apresentar a sistemática de funcionamento do sarau no início das atividades, quando é possível fazer a declamação de poesias ou cantar músicas de autores negros e negras. Na forma como foi colocada em um dia que participei deu a impressão que somente os negros e negras presentes poderiam se manifestar. A pessoa que fez a apresentação se retratou e apontou que o espaço é para todos e que todas as pessoas presentes poderiam se expressar, independente da cor ou raça. Porém os autores apresentados deveriam necessariamente ser negros ou negras.

Parece que constantemente paira um clima de desconfiança sobre as relações entre negros e brancos, o cuidado para não ser ou parecer racista e ainda certa resistência para admitir e, respeitar as diferenças entre as pessoas. Tal atitude é compreensível se levarmos

positivamente o termo Negro e Negra. Também porque acredito que resiliência vai além de resistir, são possibilidades de contornar, recuar e avançar, ser flexível.

⁵² Levantaram mais ou menos dez pessoas em um auditório com capacidade para 65.

⁵³ O sarau literário Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia celebra o protagonismo negro em uma roda de atuações, reflexões, de convivências afrocentradas e será abordado com mais detalhes no capítulo 5.

em conta a construção de nosso país através de um sistema escravista que faz com que hoje sintamos “o preconceito contra o preconceito” ou “o preconceito de ter preconceito”. É algo ultrajante para quem sofre e degradante para quem o pratica (FERNANDES, 1971).

Meu papel na UFRGS se qualifica e permite um crescimento pessoal e profissional porque além de atuar como servidora técnica, sou pesquisadora de temas que acredito serem necessários para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Isto dá mais sentido à minha própria trajetória de Assistente Social, servidora pública, porque possibilita ações e produções escritas a partir da interação entre ensino, pesquisa e extensão que consigo realizar em meu cotidiano.

Nos últimos meses, durante o afastamento de minhas atividades profissionais para a conclusão da tese, foi possível circular mais pelos espaços frequentados por negros que já conhecia e, assim, observar as trajetórias de mulheres negras, escutar, compreender e me em algumas situações. Retornei aos espaços em que me senti acolhida, como no Quilombo do Limoeiro em Palmares do Sul, no sarau *Sopapo Poético. Ponto Negro da Poesia* que acontece no centro histórico de Porto Alegre e na Restinga, bairro do extremo-sul da capital. Foram novas oportunidades para reencontrar as mulheres que despertaram meu interesse para o tema, protagonistas nas áreas de educação, saúde, religião, artes e movimentos sociais.

O convite para as colaboradoras da pesquisa foi acontecendo ao longo do processo, porque a “sensibilidade de mundo” foi mudando. Em um primeiro momento pretendia trabalhar com lideranças negras femininas, mas ao compartilhar a intenção com as possíveis convidadas, percebi certa resistência manifestada por: “Eu não sou uma liderança!”

Percebo, então, que a idade perpassa esta discussão de ser ou não liderança. As mulheres negras mais jovens têm muito respeito por seus pais e avós e reconhecem as pessoas mais velhas como sendo legítimas lideranças. Parece que elas não percebem o impacto de suas próprias ações cotidianas na luta contra o racismo, mesmo sendo mulheres

premiadas por projetos que provocam a reflexão e a mudança de paradigmas em nossa sociedade, como é o caso de algumas das convidadas.

Algumas mulheres negras convidadas responderam que gostariam de participar da pesquisa e assim o fizeram; outras, apesar de manifestar o interesse e se colocar à disposição não deram retorno para combinarmos o dia e local do encontro; também houve quem não respondesse ao convite. Este processo possibilitou o amadurecimento na forma de aproximação das mulheres, por meio da reflexão sobre os objetivos da pesquisa. Os contatos aconteceram pessoalmente, via email, por telefone e redes sociais.

Estas 8 mulheres negras foram colaboradoras preciosas, pois sugeriram outras mulheres com papel relevante na discussão de raça e gênero para participarem deste processo e também, inclusive mostraram os rumos a serem seguidos. Todas participantes ensinaram, deram um novo sentido as minhas escolhas de pesquisa proporcionando um novo olhar e uma nova escuta a respeito das pessoas e situações cotidianas. Silva (2011, p. 160) destaca:

Caminhar exige mudar de lugar, ensina a compreender o mundo, grande escola. Mais ainda, leva a atinar como o mundo se constrói, a compreender por quais caminhos mulheres e homens o fazem e refazem. [...] é preciso ter disposição para percorrer caminhos ainda não conhecidos. 'Ler é uma forma de caminhar, de ver o mundo, escrever é uma forma de traçar caminhos pelo mundo' [...]

Estas mulheres são muito ativas em áreas diversas e apesar da vida intensa, com muitos compromissos sociais, acadêmicos e profissionais, além de problemas de saúde na família, elas organizaram seu tempo e espaço a fim de gentilmente compartilhar suas histórias de vida.

Tais movimentos fizeram com que me sentisse ainda mais comprometida com as mulheres e com o tema da pesquisa. Suas pré-disposições para participar, suas falas sobre a importância da abordagem do tema e o sentimento de orgulho ao compartilhar suas

histórias de vida me deixaram mais motivada para fazer o trabalho, tentando aproveitar da melhor forma, agradecendo por toda generosidade com que fui presenteada.

A pesquisa qualitativa analisa histórias de vida de 8 mulheres negras com idades entre 29 e 84 anos, profissões, grau de escolaridade, origens familiares e sociais diversas. Sete são moradoras de Porto Alegre e uma do Quilombo do Limoeiro em Palmares do Sul/ RS. Os espaços dos encontros foram escolhidos pelas mulheres negras e a identificação das mesmas ocorreu através de nomes de origem africana⁵⁴.

Todos os encontros foram iniciados com uma apresentação do percurso da pesquisadora, breve explanação sobre a pesquisa de mestrado que levou ao projeto de tese e os objetivos da pesquisa atual. Posteriormente, houve a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), para leitura e assinatura. Uma cópia do documento no qual inclui os dados para contato da pesquisadora e orientadora foi entregue a cada uma das participantes.

Tais mulheres apresentam em seus depoimentos as visões sobre racismo, sexismo, manifestações de preconceito e discriminação, assim como compartilham seus desafios e conquistas apontando o processo de construção de suas identidades, mostrando seus protagonismos nas áreas da arte, estética, cultura, política e educação.

As abordagens foram realizadas com muito respeito e cuidado, levando em conta que “somente nós mesmas podemos nos definir. Somos as fontes mais genuínas de conhecimento sobre nós; exigimos que estudos que nos tomem por temática tenham como centralidade nossos pontos de vista de mulheres negras” (SILVA, 1998, p. 22).

⁵⁴ As colaboradoras da pesquisa foram identificadas com nomes de origem africana grafados em negrito como forma de destaque e foram escolhidos, pela pesquisadora, como forma de homenageá-las. **NIARA**: significa "aquela que tem grandes propósitos", nome de origem swahili; **AMINA**: confiável, honesta (Oeste da África); **SEKAI**: sorriso (Zimbábue); **ASHANTI**: Mulher Africana Forte (Gana); **KIANGA**: significa luz do sol (Quênia-Tanzânia); **DAKARAI**: alegria, felicidade (Zimbábue); **NA'ZYIA**: Amor de uma mãe (Quênia); **MAKINI**: origem swahili significa "calma e serena".

A proposta de doutorado foi sendo delineada a partir de minhas vivências, ao articular momentos de ação como Assistente Social e reflexão durante mestrado em Educação na UFRGS. Dessa forma foi possível refletir, (re)pensar e (re)fazer continuamente as escolhas teóricas e metodológicas desta tese.

Nos últimos quatro anos, durante o doutorado, o estudo de textos para minha prática como servidora técnica e estudante de pós-graduação foi mesclado, principalmente, com as experiências vividas em atividades de extensão que tinham como foco as comunidades quilombolas rurais e urbanas, estudantes africanos na graduação e pós-graduação da UFRGS, a cultura de moradores de periferia, situação dos refugiados africanos em nosso Estado, entre outros.

Tais experiências acadêmicas, pessoais e profissionais, aos poucos foram possibilitando uma aproximação às questões muitas vezes ignoradas pela população brasileira, sejam eles negros ou brancos. Ao longo de todo o processo da pesquisa houve o cuidado para aprimorar a escuta, porque escutar é diferente de ouvir; escutar é integrar ouvir-ver-sentir (CECCIN, 2000).

A escuta sensível durante os encontros levou em conta a relação com o contexto social e sua influência nas histórias de vida compartilhadas. A escuta sensível supõe trabalho sobre si, relação com a realidade, uma atitude de abertura holística, relação com a totalidade do outro e por isso necessita que os cinco sentidos sejam desenvolvidos. A ideia de incompletude e a construção cotidiana individual e coletiva, influenciada pelo tempo e espaço, perpassa todo processo da pesquisa na tentativa de captar afetos e sensações como aponta Barbier (1983):

A sensibilidade é, decerto, individual, mas também e simultaneamente social [...] é entrar no sentir, apurar a emoção. Entrar no sentimento é aceitar ser receptivo em relação ao mundo que, sempre, nos fala de modo diferente. É aceitar estar “vazio” (idem, p. 202).

No início da pesquisa organizei um roteiro semiestruturado ⁵⁵ (Apêndice 2) que foi logo deixado de lado. Ele continha questões sobre origem familiar, experiência escolar, influências em suas histórias de vida, conquistas e desafios, além da percepção pessoal sobre democracia racial, liderança, política e religião. Sem o roteiro as convidadas puderam falar livremente sobre quem elas eram e como se percebiam enquanto mulheres negras.

Havia uma aproximação prévia da pesquisadora em relação às histórias de vida das colaboradoras da pesquisa, talvez isto tenha fomentado um senso de confiança, respeito e validação ao longo do processo de escuta (ERRANTE, 2000).

Todas as falas dos encontros foram gravadas e perfizeram um total de mais de sete horas e aproximadamente 90 páginas transcritas. Ao longo das conversas foram relatadas informações que desconhecia. Isso fez com que após os encontros eu pesquisasse sobre pessoas e organizações para compreender o contexto e deixar mais claro para o entendimento do leitor.

Durante os encontros aprimorei o exercício da empatia, segundo Goldim (2006), considerando perspectivas diferentes daquelas que concebo, para sentir-me como se estivesse na situação experimentada pela outra pessoa. No “encontro social” a empatia, a intuição e a imaginação foram trabalhadas, de forma a desenvolver percepções, sentimentos, emoções (MARTINS & BICUDO, 1989).

Exercitei também a atenção para além daquilo que é dito, expresso por gestos, palavras, ações e emoções. Percebi a singularidade e complexidade, a força e fragilidade, as dores e alegrias, a coragem e o medo de cada uma das entrevistadas (CERQUEIRA E SOUSA, 2011).

A escuta sensível e a empatia facilitam a percepção das possibilidades de resiliência nas histórias de vida destas mulheres, identificando a busca por novos horizontes diante dos

⁵⁵ O roteiro semiestruturado foi utilizado somente nos dois primeiros encontros.

desafios. Ser resiliente não se trata de ser invulnerável às dificuldades e pressões, mas de tentar contornar, confrontar ou adaptar-se as dificuldades que se apresentam ao longo da caminhada.

Os encontros para a pesquisa possibilitaram o compartilhamento de uma notável riqueza existencial, pois as mulheres negras puderam fazer diversas narrativas com experiências biográficas e políticas de suas histórias de vida: de indivíduos, famílias, relações de parentesco e vizinhança que desempenham um papel fundamental nos processos de construção de imagens sobre o que é ser negra no Brasil.

O respeito às escolhas das convidadas no momento do encontro foi muito importante porque elas elaboram e, às vezes, ressignificam suas experiências, o que exigiu alguns momentos de silêncio para dar conta deste processo. Por isso é necessário que se mantenha a tranquilidade e não se interrompa, enfim, é necessário ter sensibilidade para deixar fluir as lembranças e escolhas do que será compartilhado, tal como coloca Chauí (1973, p. 20), “Lembrar não é reviver é re-fazer.”

É provável que o momento anterior aos nossos encontros tenha mobilizado suas memórias e dessa forma determinaram suas escolhas para o relato compartilhado. Algumas delas não falaram sobre idade, religião, estado civil e formação escolar. Tentei respeitar suas escolhas, não insistindo no tema. Em nossos encontros houve choro e também risadas, assim como momentos de silêncio.

A seguir apresento como se deu o momento do encontro com as colaboradoras, em que local tal encontro aconteceu, as particularidades de cada situação, como também a razão das escolhas e das aproximações entre as histórias de vida. Foram momentos agradáveis e enriquecedores que contaram com a pré-disposição dessas mulheres especiais para abrir o coração na tentativa de mostrar a origem de sua força para enfrentar os obstáculos cotidianos. Chama a atenção que a vitimização que poderia fazer parte das

histórias de vida de cada uma delas não tem destaque em suas falas. É uma questão de postura que pode vir da construção da identidade ao longo das trajetórias singulares dessas mulheres negras.

3.1. Compartilhando os encontros com as “donas de lençóis imensos de inteligência”

Sou o que quero ser, porque possuo apenas uma vida e nela só tenho uma chance de fazer o que quero. Tenho felicidade o bastante para fazê-la doce, dificuldades para fazê-la forte, tristeza para fazê-la humana e esperança suficiente para fazê-la feliz. As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas, elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos.
Clarice Lispector

Cito a expressão utilizada por Silveira (2002, p. 197), “donas de lençóis imensos de inteligência”, em seu livro sobre as filhas de lavadeiras porque destaca o papel das mães que além de enfrentar atividades braçais de lavar, passar, engomar, para manutenção e sobrevivência, priorizavam também os estudos como forma de propiciar melhores perspectivas para o futuro das filhas.

Este sentimento exprime de certa forma, as experiências que foram compartilhadas na pesquisa porque nas trajetórias das mulheres que participaram, a educação escolar e familiar foi referência constante. As mães e pais destas mulheres focavam a criação dos filhos através dos estudos e a maioria das mulheres escolheram a profissão de professora ou trabalham com educação nos mais variados espaços.

As mulheres negras estão apresentadas pela ordem em que ocorreram os encontros, para o registro de suas falas, identificadas com nomes de origem africana, com uma breve descrição de idade, religião, estado civil, formação acadêmica e profissional. Dois encontros foram realizados em junho de 2014, antes da qualificação do projeto de tese; dois aconteceram em setembro de 2015; e outros quatro entre março e abril de 2016.

Os encontros com as mulheres ocorreram em maioria nas casas das entrevistadas. Os encontros com **Amina** e **Ashanti** foram realizadas em uma sala de reuniões na UFRGS. A

escolha do local levou em conta a acessibilidade para as convidadas, porque era um espaço mais centralizado, porém o barulho das pessoas que circulavam pelo local prejudicou um pouco o trabalho. Por esta razão os demais encontros ocorreram em outros espaços. Com **Niara** aconteceu em minha casa onde pudemos conversar com mais tranquilidade. Os demais encontros ocorreram nas casas das colaboradoras.

Os encontros com **Amina** e **Niara** aconteceram antes da qualificação do projeto que ocorreu em setembro de 2014, o que possibilitou um ensaio de análise. As contribuições dos membros da banca de qualificação foram muito importantes e a partir das sugestões de leitura e demais propostas de reflexão avancei no processo de pesquisa.

Ashanti foi a terceira participante e nosso encontro aconteceu em setembro de 2015. Ela estava bastante nervosa, demorou um pouco para sentir-se à vontade. Interrompi a gravação, ofereci água e café para tentar deixá-la mais tranquila. Havia se preparado muito para o encontro, com reflexões que a deixavam borbulhando com ideias e sentimentos.

Os encontros com **Sekai**, **Dakarai**, **Nazy'ia**, **Kianga** e **Makini** aconteceram em suas casas. Fui muito bem acolhida por todas, passamos tardes ótimas, com muita conversa acompanhada por um café, um quitute.

Sekai me recebeu em sua casa em setembro de 2015 num dia em que chovia granizo. Ela já estava um pouco mais organizada após problemas de saúde com familiares, que lhe exigiram bastante atenção e causaram preocupação. A data havia sido pré-agendada de acordo com sua disponibilidade.

Na'zyia mora no Quilombo do Limoeiro em Palmares do Sul/ RS e fui visitá-la em março de 2016, logo após a concessão de licença do trabalho para poder concluir a tese. Passei o dia por lá, o filho mais velho estava na aula pela manhã, o marido estava na colheita do arroz o dia todo e o filho menor estava em casa porque estuda à tarde. Depois do almoço conversamos sobre sua história de vida. Quando terminamos fomos visitar outras mulheres

quilombolas, encontramos em uma casa quatro gerações, desde a avó com mais de 90 anos, duas filhas, uma neta e a bisneta recém-nascida, passamos também pela casa dos sogros de **Na'zyia**.

Fui até a casa de **Dakarai** em abril de 2016 em um momento familiar conturbado porque a filha mais velha, que mora em uma casa no mesmo terreno no bairro Restinga, estava hospitalizada. Havia feito uma cirurgia para retirada de um câncer. **Dakarai** estava cuidando da reforma na casa da filha para seu retorno do hospital, mas fez questão que eu fosse naquele momento porque precisava conversar e se distrair um pouco. Saí de lá já era noite.

O encontro com **Kianga** aconteceu no Jardim da Cura, um espaço ao lado do prédio da FACED no Campus Centro da UFRGS, também em abril de 2016. Quando combinamos o encontro ela me convidou para assistir a uma apresentação que faria junto com o grupo Usina do Trabalho do Ator (UTA) no pátio em frente à FACED. Assisti à performance, uma experiência bastante diferente e interessante para mim, que durou pouco mais de uma hora. Alguns voluntários ensaiaram e apresentaram uma peça com o auxílio e orientações dos atores do grupo.

Quando fomos conversar, **Kianga** parecia um pouco resistente, mas depois ficou mais tranquila e se emocionou em vários momentos quando falava de suas raízes, das influências ancestrais em sua história de vida.

O encontro com **Makini** aconteceu no final de abril de 2016 depois do casamento de sua filha mais velha porque ela estava envolvida com os preparativos do evento e com hóspedes em sua casa. Fomos interrompidas algumas vezes, pois ainda chegavam presentes do casamento e tinha uma moça que estava fazendo a limpeza da casa. Ela estava muito à vontade e parecia estar curtindo aquele momento, relembando histórias e revivendo sentimentos. **Makini** se emocionou algumas vezes, quando lembrou das entrevistas que

realizou na sua pesquisa de mestrado, quando contou sobre a iniciação de seu filho no Candomblé e também ao compartilhar seus sonhos.

O que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, a maneira como ele a reconstrói e o modo como ele pretende que seja sua vida assim narrada (BOSI, 1994). Levando isso em consideração a escolha pelos temas trabalhados na análise foi baseada na frequência com que apareceram durante as falas. As lembranças durante os encontros aconteciam por meio da elaboração da fala, fotos, objetos destas mulheres.

Um breve perfil das 8 mulheres negras que participaram da pesquisa está apresentado em um quadro síntese, com informações que facilitam compreender a trajetória de cada uma. Alguns itens não foram preenchidos, porque aquela informação determinada não apareceu durante as conversas, tendo em vista que procurei deixá-las à vontade para exporem suas experiências.

Logo após o quadro segue uma breve descrição das mulheres que participaram da pesquisa, levando em conta as informações trocadas durante nossos encontros sobre as origens dos membros das famílias, formação escolar própria e dos familiares, experiências de trabalho, e outras questões que se sentiram à vontade para compartilhar.

3.2. Perfil das mulheres negras

Quadro 1

NOME/ ENCONTRO	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	PROFISSÃO	RELIGIÃO	ESTADO CIVIL
AMINA 05/06/14	84	Graduação em Ciências Sociais	Professora, Supervisora Educativa	Católica	Solteira
NIARA 10/06/14	53	Licenciatura em Letras	Servidora Pública Federal	Espírita	Solteira
ASHANTI 02/09/15	29	Cursando graduação em Políticas Públicas	Atriz	Evangélica	Solteira
SEKAI 17/09/15	69	-	Relojoeira, Artesã	-	Casada
NA'ZYIA 14/03/16	31	Ensino fundamental	Artesã	Espírita	Casada
DAKARAI 02/04/16	65	Ensino médio	Técnica em Enfermagem	Espírita	Viúva
KIANGA 05/04/16	29	Licenciatura em Teatro	Atriz, Cantora, Arte-Educadora	-	Solteira
MAKINI 29/04/16	-	Licenciatura em Letras	Professora, Escritora, Orientadora Educativa	Espírita, Católica, Candomblé	Divorciada

3.3. Breve apresentação. “as missangas”

*[...] a vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas.
São sempre tantas, as missangas ...”
(COUTO, 2009, p. 67).*

Com a intenção de fazer uma homenagem às mulheres negras que compartilharam suas histórias de vida nesta pesquisa, debruicei-me, mais uma vez sobre o livro de contos “O fio das missangas”, de Mia Couto. Essa referência às missangas me faz lembrar muito de todo o processo vivido até aqui em que as 8 mulheres deram vida a esta tese. Escolhi alguns trechos das histórias do livro e utilizei como epígrafe para apresentá-las.

Amina

*Há mulheres que querem que o seu homem seja o Sol.
O meu quero-o nuvem.
Há mulheres que falam na voz do seu homem.
O meu que seja calado e eu, nele, guarde meus silêncios. [...]
Estou tão feliz que nem rio.
Deito-me com desleixo, bastando-me. eu e eu.
(COUTO, 2009, p. 51; 69)*

Vem de uma família negra mestiça: mãe (filha de mãe negra e pai branco), pai (filho de mãe negra – filha de negra e branco; pai filho de bugre com negra), “bem misturado” como ela se refere a ele. Mãe costureira, espírita, frequentou por 60 anos o Instituto Espírita Dias da Cruz onde era voluntária. Pai trabalhava na viação férrea, era católico. **Amina** é solteira e não tem filhos. Estudou no Instituto de Educação metade do Ensino Fundamental, a outra metade no Colégio Bom Conselho e retornou para fazer o curso de Magistério no Instituto de Educação. A graduação de Ciências Sociais fez na PUC/RS. Mora desde os seis anos de idade no mesmo endereço no bairro Rio Branco, uma antiga região de afrodescendentes de Porto Alegre, na casa que o pai construiu. Trabalhou na área da educação por 60 anos, como professora, diretora, supervisora: em Viamão quando tinha 19 anos; no bairro Belém Velho onde atendia os filhos sadios de pais leprosos internados para tratamento; zona norte de Porto Alegre, na Vila Ipiranga trabalhava com turmas de recuperação; no Colégio Santo Inácio, no Círculo Operário (de jesuítas), dava aula para o ginásio e colegial para alunos operários adultos e pobres, muitos negros e na Secretaria Estadual de Educação.

Niara

*Que ele seja homem em breves doses.
Que exista em marés, no ciclo das águas e dos ventos.
E, vez em quando, seja mulher, tanto quanto eu.
As suas mãos as quero firmes quando me despir.
Mas ainda mais quero que ele me saiba vestir.
Como se eu mesma me vestisse e ele fosse a mão da minha vaidade.
(COUTO, 2009, p. 51)*

É a filha mais moça de seis irmãos, cinco são mulheres. Uma família de origem simples, negros, pai e mãe com misturas, a mãe de uma família de Caxias do Sul, região serrana do RS, com mistura de italiano e negro, o pai de Porto Alegre com origem de negros e indígenas. O pai foi pedreiro e a mãe cozinheira e lavadeira. Eles não tinham religião definida e deixaram os filhos livres para fazerem suas escolhas. Ressalta que ela e seus irmãos têm perfil agregador⁵⁶, embora com trajetórias profissionais diferentes. Estudou sempre em escola pública em bairro da zona leste de Porto Alegre onde mora até hoje. Graduiu-se em Letras pela UFRGS, trabalhou como professora em cursinho supletivo e pré-vestibular privado como professora de português e inglês. Fez concurso para professora da área de português em Sapucaia do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre, na rede municipal e estadual onde atuou por alguns anos. Foi uma das fundadoras do Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ)⁵⁷. É solteira e tem uma filha de pai africano.

Ashanti

*E os humanos se entreolharam, intrigados.
Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia?
Até que um, mais velho, se lembrou.
Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória,
em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres.
Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos
– chamados de obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos.
Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.
(COUTO, 2009, p. 75)*

⁵⁶ Agregar significa reunir, congregar, juntar, trazer para dentro.

⁵⁷ O IACOREQ nasceu da vontade política de militantes do movimento negro em contribuir com as comunidades rurais negras, favorecendo o processo de inclusão cidadã dessas comunidades. Os principais objetivos são assessorar a organização política dos quilombolas e incentivar a articulação entre as comunidades do estado. Sua atuação inclui a realização de pesquisas e intervenções militantes. http://www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs_lutas_parceiros_iacoreq.html. Acesso em 06/07/2014.

É uma jovem atriz de 29 anos, solteira. Ingressou no curso de Teatro na UFRGS, após trabalhar como atendente em uma locadora de vídeos, já fez trabalhos no teatro e no cinema. Estagiou na Prefeitura de Porto Alegre por quatro anos e decidiu se transferir para o curso de Políticas Públicas. A mãe faxineira, separada, evangélica. Tem uma irmã. Divide um apartamento com amigas atrizes com quem trabalha em peças teatrais e performances. É bastante questionadora sobre as próprias escolhas e sobre a cobrança da sociedade acerca de determinados estereótipos que ela não acredita. Pensa sobre o que fará daqui a cinco ou dez anos e principalmente sobre o seu papel para mudar questões políticas e sociais através do seu trabalho como atriz hoje.

Sekai

*Afinal, elas, as mulheres, não precisavam de ritual para festejar a vida.
Elas são a festa da vida. Ou a vida em festa?
(COUTO, 2009, p. 107)*

Nasceu em Venâncio Aires/ RS e está com 69 anos. É relojoeira aposentada, casada e têm duas filhas, uma delas é DJ, produtora cultural e mora em outro Estado. A mãe é falecida e o pai está com 100 anos. **Sekai** gosta de viajar, passear, festa, ouvir todo tipo de música, teatro, cinema. Está sempre em atividades culturais rodeada por muitos amigos e acompanhada pelo marido, que é arquiteto. Quando se aposentou precisou complementar a renda e começou a realizar oficinas para ensinar mulheres a trançar os cabelos e a arte dos turbantes. Gosta muito de participar de festas com a família ou com amigos, um jeito que diz ter herdado do pai e passado para a filha. Sua marca registrada é o sorriso imenso e cativante que vai conquistando todos e contribuindo para a construção de uma elevada autoestima em crianças, jovens e senhoras negras.

Na'zyia

*Uns aprendem a andar. Outros aprendem a cair.
Conforme o chão de um é feito para o futuro
e o de outro é rabiscado para sobrevivência. [...]
O pulo é o desajeito humano de ensaiar um voo
(COUTO, 2009, p. 99)*

É moradora do Quilombo do Limoeiro, em Palmares do Sul/ RS. Tem 31 anos, completou o Ensino Fundamental, é casada e mãe de dois filhos. O pai e a mãe são negros, estão separados, tiveram seis filhos. A mãe era natural de Canguçu/ RS, depois se mudou para Porto Alegre (onde Na'zyia nasceu) em busca de melhores oportunidades para criar os filhos. A mãe é empregada doméstica e o pai trabalha na construção civil. Muitas vezes não

tinham nada pra comer, era a polenta que sustentava a família. Trabalhou na Pastoral da Saúde, participa da Associação de Moradores há 15 anos e na atual gestão é presidente. É vendedora autônoma e artesã.

Dakarai

*Estou entrando no salão de dança e,
desculpe o contradito desrespeitoso,
já não tenho força de mais falar.
Só o desfazer dessa sua certeza:
a vida, sim, tem segunda via.
Se o amor, arrependido de não ter amado,
assim o quiser.
(COUTO, 2009, p. 80)*

É uma senhora bem humorada e sempre disposta a encontrar os amigos, cantar, dançar e principalmente viajar. É espírita. Nasceu em Barra do Ribeiro/ RS e mais tarde seu pai mudou-se com a família para Tapes onde trabalhava como agricultor. A mãe teve dez filhos, era empregada doméstica e faleceu quando **Dakarai** tinha 20 anos. Seu pai faleceu com 101 anos. Trabalhou na área de saúde como auxiliar e técnica em Enfermagem em hospitais nas cidades da região metropolitana de Porto Alegre (Canoas, Guaíba, Viamão) e está aposentada há quatro anos. Tem um filho e duas filhas biológicas, adotou uma sobrinha quando ainda era bebê. Mora há 30 anos em uma casa localizada em área verde no bairro Restinga no extremo sul de Porto Alegre, mas tem vontade de mudar-se para outro bairro por causa da violência. Os filhos mais velhos fizeram o Ensino Médio, uma filha é Enfermeira, Mestre em Ciências Sociais pela UFRGS.

Kianga

*Não existe terra, existem mares que estão vazios.
Dentro de mim, vão nascendo palavras líquidas,
num idioma que desconheço e
me vai inundando todo inteiro.
(COUTO, 2009, p. 98)*

É uma jovem “pequena gigante” atriz, cantora, compositora, música e arte-educadora. Sente orgulho de suas raízes, sua avó também era cantora e reunia muitas pessoas em sua casa, um ponto de encontro de artistas e jornalistas. O avô por parte de pai tem 93 anos e toca cavaquinho. Seus pais são separados, ela mora com a mãe em bairro próximo ao centro de Porto Alegre. É formada em Teatro desde 2012, faz performances, espetáculos teatrais, recitais e musicais desde 2008 em parceria com atores e diretores

gaúchos. É uma das fundadoras e colaboradoras do “Sarau Sopapo Poético/Ponto Negro da Poesia”, projeto que ganhou o Prêmio Bolsa de Fomento a Literatura 2015, da Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura, categoria difusão literária. Tem projetos musicais sobre pesquisa de música popular e desenvolve trabalho autoral.

Makini

*Recordar tudo, de uma só vez, me dá sofrimento.
 Por isso, vou lembrando aos poucos.
 Me debruço na varanda e a altura me tonteia.
 Quase vou na vertigem.
 Sabem o que descobri?
 Que minha alma é feita de água.
 Não posso me debruçar tanto.
 Senão me entorno e ainda morro vazia, sem gota.
 (COUTO, 2009, p. 53)*

Professora aposentada do Estado do RS e do Colégio de Aplicação da UFRGS. É separada, tem duas filhas e um filho. É de origem humilde, filha de mãe viúva, perdeu o pai que era negro com um ano de idade. A mãe era branca, católica. Avó materna era umbandista. A avó paterna com quem viveu algum tempo no Alegrete/ RS, era evangélica. Estudou no Instituto de Educação, era a única negra numa escola experimental que tinha línguas estrangeiras, teatro, aulas pela manhã e à tarde. A família esperava que ela fizesse o Magistério, mas passou na prova do Colégio Júlio de Castilhos, que era seu sonho. Fez o curso Clássico onde teve oportunidade de fazer línguas estrangeiras, especialmente o inglês. Fez vestibular da UFRGS para o curso de Letras e passou na primeira tentativa.

A educação (na escola ou outros espaços educativos), a política, a cultura e a arte são responsáveis pela construção da identidade de mulheres negras em nossa sociedade e possibilitam avanços ou retrocessos neste processo. Nas falas das colaboradoras da pesquisa temas como ancestralidade, intelectualidade, educação, amor, liberdade e espiritualidade estão presentes em discussões tanto na família, quanto nas escolas, saraus, palcos, igrejas, movimentos sociais (quilombola, pastoral do negro, entre outros), como mostro a seguir.



Ilustração: Bruno Ortiz

[...] eu acho que inclusive nenhum de nós é. Eu acho que nós estamos sendo, ou não sendo historicamente. Eu uso os verbos muito no gerúndio, para marcar a processualidade histórica (FREIRE, 2004).

4. ESTAR-SENDO NEGRA E SUAS POSSIBILIDADES

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Neuza Santos Souza

A identidade negra é entendida, no contexto desta pesquisa, como um processo construído historicamente, em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo, decorrente da crença no mito da democracia racial, que pode ser tão violento quanto aquele que está mais visível, aparente. A construção da identidade negra é um desafio cotidiano nos mais variados espaços, onde o negro muitas vezes é levado a não se reconhecer para não sofrer. O processo inicia normalmente na família e vai se desdobrando a partir de outras relações que vão sendo estabelecidas na escola, na comunidade, no trabalho.

Como destaca Gomes (2008) a identidade se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. Não se constrói identidade no isolamento, ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo exterior e interior com os outros. Embora existam aspectos comuns que remetam à construção da identidade negra no Brasil, cada vez mais se entende que, para discuti-la, precisamos considerar como os sujeitos a constroem, não somente no nível coletivo, mas também na esfera individual. O mais difícil é, após conhecer essas estratégias individuais, interpretá-las, não julgá-las e nem classificá-las como mais ou menos politizadas, mais ou menos corretas. Precisamos compreender e respeitar como o negro constrói a sua identidade nos seus próprios termos.

Mostrar que a diversidade é um fator de complementaridade e de enriquecimento (MUNANGA, 2005) ainda é tarefa árdua, porque dizer que se respeita o outro de longe é

diferente de mostrar na convivência, pois diante dos limites que o outro impõe exige-se negociação, resolução de conflitos, mudança de valores. O autor destaca ainda:

[...] nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento por 'outros' ou por sua ausência, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela... O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode causar prejuízo ou uma deformação de opressão ao aprisionar alguns num modo de ser falso, deformado ou reduzido... A ideia fundamental que sustenta essas demandas é a de que o reconhecimento possa forjar a identidade. (TAYLOR, 1994, p. 45).

Tanto negros quanto indígenas lutam diariamente pelos direitos a terra, saúde, trabalho, educação, transporte, entre outros, porque são desrespeitados até os dias atuais. São invisibilizados e suas necessidades ignoradas nos mais diversos segmentos de nossa sociedade.

As mulheres, no entanto, principalmente as mulheres negras, também são relegadas a um papel secundário, desvalorizado. Embora desde o início da nossa colonização tenham se tornado o alicerce da mobilidade social, econômica e educacional das famílias negras deste país, tenham investido todas as esperanças no sonho de sobreviver e de educar os filhos, elas ainda ocupam posições inferiores no mercado de trabalho, concluem cursos com menor reconhecimento e remuneração, são as maiores vítimas de violência.

A mulher negra aparece ao longo do tempo como sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família. Ela desempenha o papel forte e corajoso, com capacidade de luta pela sobrevivência, transmitindo o ímpeto de não recusar a luta pelo povo negro. Esta postura aponta para as possibilidades de resiliência, nos mais variados espaços privados e coletivos, nas histórias de vida das mulheres negras que participaram da pesquisa.

Embora as mulheres que colaboraram na pesquisa demonstrem posturas fortes e determinadas em relação ao enfrentamento dos desafios cotidianos, elas compartilham também momentos de fraqueza, ou que exigiram delas posturas duras. Diferentes estressores

podem afetar as pessoas de formas parecidas, mas também os mesmos estressores podem ser experienciados de maneira diferente por diferentes pessoas ao longo de suas trajetórias.

Fases ou áreas da vida são impactadas pelos acontecimentos cotidianos e provocam reações diferenciadas que vão desde a resistência ao enfrentamento, a necessidade de contornar os obstáculos ou ainda o recuo em determinadas situações.

Percebo essas experiências como possibilidades de resiliência porque não se trata de um atributo fixo da pessoa, ao contrário, diante de circunstâncias, tempos e áreas diferentes as reações podem mudar e alterar seus impactos tanto na pessoa quanto na sociedade.

Na medida em que fui conversando com as 8 mulheres negras, fui percebendo que alguns temas eram recorrentes, como o cuidado com o outro, o reconhecimento da importância da ancestralidade em suas histórias de vida, a liberdade de escolha sobre questões de espiritualidade e trabalho, a educação como prioridade para a família, a posse de terra para os quilombolas, a importância da estética nos palcos, saraus e nos cabelos como fortalecedor da autoestima.

4.1. Possibilidades de resiliência e o cuidado com o outro

*[...] não é um tempo de determinações,
mas é um tempo de possibilidade em que eu me experimento como possível
também. Quer dizer, eu sou possível de ser ou de não ser.
Isto eu acho lindo em nós, seres humanos.
(FREIRE, 2004, p. 258).*

Resiliência é um conceito amplo e polêmico que está em construção e evolução porque é dinâmico. Teve sua origem na Física e na Engenharia em 1807 com Thomaz Young. Na Psicologia começou a ser utilizado no início dos anos 1970, mas a abordagem em congressos científicos ocorreu no final dos anos 1990. Resiliência tem sido estudada também na Medicina, Mecânica, Sociologia e Educação.

A resiliência refere-se não a uma qualidade única ou extraordinária, mas a um processo comum, ordinário, que resulta do funcionamento de sistemas adaptativos humanos

básicos. O grupo em que a pessoa está inserida assim como as características ambientais também influencia este processo (BONANNO, 2004; MASTEN, GARMEZY, 1985).

É necessário o cuidado para diferenciar resiliência de *coping* e invulnerabilidade, e não utilizá-lo como estereótipo, pois uma pessoa não é sempre resiliente, em todos os momentos ou em todas as áreas, trata-se de uma combinação de fatores pessoais, familiares, culturais, ambientais.

A noção de resiliência na psicologia implica outros termos, como invulnerabilidade, que por vezes são confundidos entre si. Mas, segundo Zimmerman e Arunkumar (1994), resiliência refere-se a uma habilidade de superar adversidades, o que não significa que a pessoa saia da crise ilesa, como implica a invulnerabilidade.

Existe uma diferenciação entre os conceitos de resiliência e *coping*⁵⁸. A primeira trata do estudo das pessoas que se adaptam e superam as adversidades; a segunda, como explicam Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998), tem sido descrita como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes.

Para Werner (1993), a característica do *coping* é o sentimento de confiança que as pessoas apresentam diante dos obstáculos a serem superados. O *coping* nas esferas social, emocional e acadêmica delimitaria tipos de resiliências, tais como a resiliência social, resiliência emocional e resiliência acadêmica.

Nas Ciências Humanas a noção de resiliência serve para descrever a capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo num ambiente desfavorável, de se construir ou se reconstruir positivamente frente às adversidades. A capacidade de resiliência funciona como elemento transformador, autotransformador e processual de administração da própria subjetividade (BARLACH, 2005, p. 269).

⁵⁸ *Coping* é um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como se sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais (Lazarus & Folkman, 1984, p.141).

Nos dicionários de língua inglesa, a resiliência aparece relacionada com aspectos humanos, inserida na psicologia; nos dicionários em português a palavra aparece com enfoque na física de materiais, fazendo comparações com elásticos, molas e barras de ferro que voltam ao seu estado inicial após sofrer ação de uma força que provoca deformação.

A resiliência tem sido examinada de forma sistematizada no decorrer das últimas três décadas, a partir de trabalhos desenvolvidos com crianças vivendo em ambientes com múltiplos riscos psicossociais. Dentre esses, destacam-se o estudo longitudinal coordenado por Werner (1995) que acompanhou, durante 32 anos, uma coorte de 698 crianças nascidas em 1955, na ilha de Kauai-Hawaii, e outro estudo longitudinal que representa um marco inicial para o desenvolvimento da pesquisa sobre resiliência conduzido por Michel Rutter, que acompanhou, durante um período de dez anos (1979-1989), o desenvolvimento de 125 crianças cujos pais eram portadores de doença mental.

O estudo sobre a resiliência vem afirmar-se na edição especial do periódico *American Psychologist*, segundo Sheldon e King (2001), como uma tentativa de adoção de uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas, ou seja, um enfoque mais positivo dos processos. Tendo em vista essa perspectiva, busca-se transformar velhas questões em novas possibilidades de compreensão de fenômenos psicológicos, tais como: felicidade, otimismo, altruísmo, esperança, alegria, satisfação e outros temas humanos tão importantes para a pesquisa quanto à depressão, ansiedade, angústia e agressividade.

Trata-se, portanto, de uma psicologia que almeja antes de qualquer coisa romper com o viés *negativo* e reducionista de algumas tradições epistemológicas, valorizando aspectos saudáveis de indivíduos, grupos ou comunidades.

A resiliência atualmente é utilizada também na educação e pode ser vista como a capacidade do estudante obter sucesso acadêmico apesar da exposição a dificuldades

pessoais e sociais que o levaria, inclusive, a padrão de desempenho melhor que seus colegas, muitas vezes poupados de sofrimentos e dificuldades familiares.

A perspectiva individual busca identificar a resiliência a partir de características pessoais, tais como sexo, temperamento e *background* genético. A pessoa pode ser resiliente em uma das áreas, mas nada garante que será em todas (HUTZ; KOLLER; BANDEIRA, 1996), ou, ainda, poderia ser resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais, os quais também oscilam em sua função, podendo atuar como protetores em certos momentos e, em outros, como fatores de risco, não podendo ser vista como um atributo fixo, pois se as circunstâncias mudam, a resiliência se altera (RUTTER, 1987).

Yunes (2003) alerta para o fato de que fatores de risco podem operar de diferentes maneiras em diferentes períodos de desenvolvimento; é necessário focar nos mecanismos de risco e não fatores de risco, pois o que é risco numa determinada situação pode ser proteção em outra. A mesma situação de vida pode ser experienciada por um indivíduo como perigo e paralisá-lo, enquanto outro diante da mesma situação se sente motivado com o grande desafio a ser transposto.

O conceito “família resiliente” se refere ao processo interacional que se desenrola na família como unidade funcional ao longo do tempo, fortalecendo ambos, a pessoa e a família. Trata-se de um processo mediante o qual seus membros enfrentam períodos de crise ou desorganização, resistem às privações prolongadas e efetivamente se reorganizam. Em um processo de resiliência pode-se encontrar algumas características como coesão, flexibilidade, comunicação aberta, foco na resolução de problemas, sistema de crenças (WALSH, 1996, 1998).

Há um enfoque no “nós” e não no “eu”, há a busca do pertencimento de grupo que pode estar relacionada com questões de busca da espiritualidade, equilíbrio e harmonia. A resiliência, portanto, leva em consideração não só as características das pessoas, mas

também da família e do ambiente em que estão inseridas. O sentimento coletivo pode prevalecer sobre as questões individuais e dessa forma fortalecer e motivar as pessoas diante dos obstáculos.

Dentre os desafios cotidianos, a opressão provocada pelo racismo e sexismo é uma questão que aparece nas falas das mulheres negras que colaboraram com a pesquisa. Houve o relato de uma preocupação em não se deixar oprimir, por homens brancos ou negros e também por mulheres brancas. Mas **Ashanti** e **Makini** relataram, entretanto, que tem o cuidado para não serem elas as opressoras.

Freire (2004) chama a atenção para a possibilidade de, ao mesmo tempo em que buscamos ser, podemos cair no não-ser. Quer dizer, eu posso oprimir, posso ser oprimido e posso fazer as duas coisas juntas: ser opressor e ser oprimido. As mulheres negras que colaboraram na pesquisa relatam uma luta pessoal e diária contra o próprio racismo. Mesmo sendo mulher e negra existe o risco de discriminar e oprimir o outro.

Na banca eu falei que estamos todos no mesmo barco, a luta maior que a gente tem é esse racismo interno que todos nós temos, negros e brancos. Não adianta dizer assim: o negro é racista. Todo brasileiro é racista. Ele teve uma colonização que dirigiu para essa forma de pensar do brasileiro. Forma de ser do negro e do branco. A gente tem que dar conta e lutar. Eu, **Makini** tenho que lutar contra esse racismo que eu tenho dentro de mim. Até com relação a mim mesma. Esses dias as amigas da minha filha, ela formaram um grupo há muitos anos atrás: “Diáspora negra”. Elas estavam no Ensino Médio, agora já estão todas formadas. Elas se reúnem aqui em casa: “Tia, é incrível, a gente faz esse trabalho, quando nós saímos à noite, se vem um grupo de jovens negros a gente atravessa. Se são brancos, não, a gente não faz isso. A gente tem que estar sempre se policiando. Se a gente faz, outros devem fazer em relação a nós porque somos negros”. É algo muito introjetado na sociedade. E a gente tem que se dar conta para lutar, internamente. Enquanto nós não trabalharmos não vai ter lei que saia da gaveta. **Makini**⁵⁹

⁵⁹ As transcrições das entrevistas realizadas para elaboração da tese estão apresentadas em corpo 12, espaço simples, utilizando a margem total da página, dentro de uma moldura como forma de destaque.

Para hooks (1995) as mulheres brancas e homens negros podem ser e agir como opressor ou oprimido. Os homens negros podem ser vítimas do racismo, sexismo, mas lhe é permitido agir como exploradores e opressores da mulher. As mulheres brancas podem ser vítimas do sexismo, mas o racismo lhes permite agir como exploradores e opressores do povo negro.

Gonçalves (2000) alerta sobre a necessidade de criar uma união entre os negros, pois tendo mesma origem como filhos e netos de escravizados teriam os mesmos problemas. As histórias de vida das mulheres negras que participaram da pesquisa mostram momentos de enfrentamento e recuos lançados ao longo de suas trajetórias. São recursos aprendidos dentro da família - resiliência familiar - que busca o apoio mútuo, colaboração, compromisso, respeito às diferenças, às necessidades e limites individuais, a reconciliação, união e conseqüente desenvolvimento de liderança. O líder tem o papel de proteger e orientar os membros mais vulneráveis da família atuando como moderador das relações (DE ANTONI, 2005).

Amina acredita que é muito importante trabalhar a resiliência com as crianças nas escolas porque nossa sociedade ainda não está preparada para lidar com preconceitos e discriminações raciais, seja através do enfrentamento ou do fortalecimento de postura, reconhecimento e respeito das diferenças.

É uma área que tinha que ser trabalhada: resiliência. A criança tá chorando, ficou deprimida porque chamaram de negro, indígena, pobre. Como se trabalha isso: "Sou negro e daí?" Uma área sensível e as escolas não estão preparadas para este trabalho de aprendizagem do aluno neste tema. Ser resiliente é meter o pé na porta? Pra mim não é. Ele enfrenta, que tipo de enfrentamento a gente precisa. É uma grande interrogação que eu tenho atualmente. [...] Em termos de cidadania, envolve tudo, na verdade preparo das pessoas para o enfrentamento: de

que forma se faz esse enfrentamento: chorando, metendo o pé na porta, partindo para apelação? **Amina**

Existe uma relação entre resiliência e autoestima. A autoestima e o otimismo são fundamentais na formação do indivíduo capaz de enfrentar a adversidade, porque uma das principais características do ser resiliente é justamente a boa autoestima, derivada de boa percepção que a pessoa possui de si mesma.

Sekai faz referência à importância da família para o fortalecimento da autoestima para o enfrentamento dos obstáculos e comenta que um sorriso pode determinar o “tom” do nosso dia e das pessoas que convivem conosco. A preocupação com o bem-estar do outro está presente.

Mesmo quando a gente tem uma tristeza. Um. Bom Dia! e um bom sorriso faz parte e o resto do dia também corre assim. Mesmo que tenha algum problema que tu tenha que resolver, de alguma maneira mais séria. A alegria e o colorido faz parte de mim. [...] Acho que momento assim todo mundo tem, eu nunca deixei essa coisa me abater. Sempre procuro estar bem, bem comigo mesma. Pras pessoas que estão comigo também ficarem bem. No momento que a gente fica abatido, coisa e tal. Se a gente não tá bem a outra pessoa também fica. A gente procura sempre apoiar um ao outro e estar sempre bem. Momento de tristeza. Nada que não dê, sair por cima. **Sekai**

A autoestima aparece bastante entre os assuntos conversados com **Makini**. Ela comenta que ao levar sua filha para aprender balé afro no Afro- Sul⁶⁰ foi convidada para trabalhar a autoestima das meninas negras que faziam parte do grupo porque a professora estava com dificuldades.

⁶⁰ Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode funciona como movimento de valorização da cultura negra e do direito a livre expressão da pessoa humana, com objetivo de lutar contra o racismo e divulgar a história e a música negra através de seus espetáculos. Foi criado por jovens negros, integrantes de uma banda, em Porto Alegre em 1974. Desenvolve atividades de dança, música, moda e gastronomia. Disponível em <https://odomode.org/quem-somos/>. Acesso em 31/08/2016.

Ela (professora) não conseguia trabalhar com as meninas todas negras, para que conseguissem pisar firme no chão, ela não sentia um empoderamento. Eu comecei a fazer um trabalho sábado à tarde, no Afro-Sul. Antes da dança eu fazia uma rodinha com as meninas para saber. A maioria das meninas era de classe média, e classe média alta, todas em escola privada. Elas começaram a contar tudo o que acontecia na kombi escolar, botavam tudo pra fora, [...] teve um período que as meninas começaram a se assumir mais, se gostar mais. A professora fazia um trabalho bonito com elas. **Makini**

A resiliência coloca em destaque a capacidade do ser humano se reconstruir ao longo de sua vida, se renovar a cada nova experiência, sem esquecer o seu passado. Luciano (2011) chama a atenção para a necessidade do cuidado para não haver banalização, generalização ou ainda polarização entre adaptação/superação, inato/adquirido, permanente/circunstancial. Sugere que utilizemos as noções de “resiliência” e “complementariedade”, no lugar de “resistência” e “diferenciação”, com o propósito metodológico de maior compreensão das estratégias, dos planos, dos projetos. A resiliência não se trata de sobrevivência mecânica ou causal, mas de autossuperação consciente, estratégica e permanente. Tal capacidade de autossuperação representa uma contraposição à ideia de que os sujeitos que crescem em ambientes adversos estão fadados a se tornarem problemáticos.

Sobre a autossuperação Silva (2006, 2007) destaca que vamos descobrir que pessoas espezinhadas, economicamente despossuídas, culturalmente desvalorizadas, mesmo vivendo situações de opressão, são capazes de reconstruir positivamente seu jeito de ser, viver, pensar, apoiados em valores próprios ao seu pertencimento étnico-racial e à sua condição social.

As mulheres que participaram da pesquisa mostraram disposição e habilidade para se fortalecer com os obstáculos. **Ashanti** ressalta que aprendeu sobre o desafio de conviver com o diferente quando ingressou na Universidade:

[...] a gente só muda quando incomoda. Quando o trânsito não para a gente não pensa no que tá acontecendo. Causa só uma irritação e não muda. Qual é o ponto? Isso eu acho que a universidade me ajudou a pensar bastante. Conviver com outras pessoas. **Ashanti**

Dakarai ressalta que mesmo estudando em um colégio de freiras havia discriminação e aos dezesseis anos, ela só podia dançar com o professor. Estava impedida de dançar com os colegas e também de entrar no clube da cidade porque era negra: “Eu sofri na carne isso aí, mas eu tenho impressão que não me abalou. Serviu para eu sair”.

Os obstáculos não paralisam, ao contrário, ela coloca que se sentia motivada a buscar novas formas de se preservar e superar as dificuldades cotidianas. **Dakarai** comenta sobre o momento que está vivendo, reflexo de suas experiências passadas e que possibilita estar tranquila na sua comunidade, apesar dos altos índices de violência:

Tô louqueando por aí. Essa Tinga medonha. Estou sempre fechadinha aqui. Me dou com todo mundo. Boa tarde, bom dia! Eles lá, eu aqui. [...]31 anos aqui nesse mesmo lugarzinho. Agora eles vieram ali na frente, batiam palma: “Como está sua filha?” Muito obrigada, obrigada mesmo de coração. A gente tem que aprender essas coisas. Eu acho que vivo bem. **Dakarai**

Ashanti compartilha sua experiência no mundo do trabalho, passa por uma locadora de vídeo como atendente, estagiária na Secretaria da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre, garçonete e atriz. Vai contornando os obstáculos para seguir o sonho de ser atriz. Mesmo tendo trabalhado em várias peças teatrais e filme premiados, o dia de amanhã continua

sendo uma incógnita, o que dificulta a organização para pagamento das contas para sua sobrevivência.

Conflito é uma coisa constante na minha vida [...] a gente se pergunta: O que eu vou ser daqui a cinco anos ou há dez anos? Eu fiz um texto do que eu era dez anos atrás. Eu trabalhava numa locadora, trabalhei num cinema um ano e meio e depois fui trabalhar em uma locadora. No (jornal) Diário Gaúcho eu vi que tinha um curso de Teatro em Novo Hamburgo que era gratuito. Eu não sabia que tinha em Porto Alegre, fui estudar em Novo Hamburgo. Quando eu fui pedir para o meu chefe para folgar porque cada semana o dia de folga era diferente: “Eu preciso folgar sempre na quinta para fazer um curso”. Ele perguntou: “Curso de quê? “Curso de Teatro”. “Quer sair detrás do balcão para a frente das telas?” Eu falei: “Sim”. Ele deu um sorriso que eu não sei se paternal, incrédulo, irônico, se era todos esse sorrisos. E não me deu a folga e eu pedi demissão. Daí dez anos passam e eu vejo um filme meu no cinema. “Nossa, aquela que largou a locadora?” Não acreditava tanto que isso ia acontecer! **Ashanti**

Poderia fazer uma relação entre a resiliência e o que Paulo Freire (2004) chama de “manha” após conhecer as histórias de vida destas mulheres negras. As manhas são exatamente as táticas necessárias quando se trabalha com o reconhecimento dos limites a serem enfrentados, tipo de restrições a serem confrontadas. Freire se refere à manha existente entre os indígenas, que é orgânica, fisiológica, biológica e necessária para a sobrevivência. A população negra foi e é oprimida, mantém-se firme em seus propósitos e podem nos ensinar seus métodos de enfrentamento ou deslocamentos frente os desafios, como a ginga⁶¹ na capoeira.

A superação com competência enfocada nos potenciais e capacidades humanas é o alvo da resiliência, portanto ela não pode ser vista como um atributo pessoal e fixo, mas um processo dinâmico e complexo. Pessoas ou grupos resilientes possuem algumas

⁶¹ O gingado utilizado na capoeira tem o objetivo de confundir o adversário, não oferecer um alvo fixo, dificultando o contra-ataque com eficiência.

características, como por exemplo, a firme aceitação da realidade; a crença profunda, em geral apoiada por valores fortemente sustentados, de que a vida é significativa; uma “misteriosa” habilidade para improvisar; adaptação positiva ou superação da adversidade (LUTHAR;CICCHETTI; BECKER, 2000).

Na'zyia comenta sobre as muitas dificuldades que ela e os irmãos passaram quando eram pequenos, inclusive fome. Moraram em Canguçu/ RS, em Porto Alegre/ RS e com a separação dos pais foram morar em Palmares do Sul/ RS. A mãe trabalhava em uma madeireira lavando tábuas, depois foi trabalhar como empregada doméstica em Porto Alegre. Como ficavam sozinhos em casa quando a mãe ia trabalhar durante a semana os irmãos mais velhos cuidavam dos mais novos.

[...] passamos muita dificuldade, minha mãe trabalhava como doméstica e meu pai em obras. Meu pai saía na sexta e voltava na segunda ou, às vezes, nem voltava. Muitas vezes não tinha nada pra comer, era a polenta. Polenta sempre nos acompanhou. **Na'zyia**

Situações delicadas precisam ser enfrentadas cotidianamente por pessoas negras desde pequenas. A criança negra precisa de um olhar diferenciado que contemple sua beleza como ela é, porque cresce “tomando tapas na alma” (MACHADO, 2013, p. 34). As crianças negras não foram rainha do milho, da primavera, do grêmio, também não podiam ser o anjinho porque o cabelo não balançava.

Os estereótipos exigidos em nossa sociedade, são referidos por **Ashanti**, como a cor da pele, tipo de cabelo e outras características físicas que podem determinar os espaços e as possibilidades de cada um: “Eu fico nesse conflito. Eu não me encaixar num padrão, mas eu posso, eu posso qualquer coisa!”

A resiliência não é uma vacina contra o sofrimento, nem um estado imutável, mas um caminho a percorrer; não consiste em apagar a página, mas sim virá-la (BOUVIER, 1999,

p. 154). **Makini** aponta que o grande desafio em sua trajetória foi fortalecer sua autoestima e dos filhos. Comenta que fez uma homenagem aos filhos e às crianças oprimidas em sua dissertação e compartilha como enfrentou algumas situações constrangedoras que viveu com os filhos na escola e outros espaços públicos:

Eu tive que trabalhar a minha autoestima para trabalhar a dos meus filhos. Eu até me emociono, a minha dissertação. Quando eu fazia uma entrevista com uma criança negra é como se eu abrisse um baú da minha infância, em escolas consideradas de elite. Então eu tinha um compromisso comigo e tenho com as crianças negras. [...] Meus filhos é outra história, história maravilhosa! Minha filha mais velha, hoje tem 40 anos, com ela eu comecei meu trabalho de autoestima. E ela com dois anos de idade na pracinha, eu morava aqui no Bom Fim. Ela tinha as pernas bem grossinhas, gostava de ficar brincando por ali. As crianças estavam cantando *palabens*. Ela foi correndo, assim. Entrou na rodinha e queria cantar. E as meninas empurraram e ela caiu. “A neguinha não canta *palabens*”. Ela não entendeu aquilo, levantava e ia de novo. Eu tava com uma afilhada. Falei pra ela ir lá e pegar. As mães riam, as mães das crianças, a mentalidade que aquelas mães já passavam. As famílias passam para os seus filhos. Naquela época eu tava fazendo meu pós (graduação) de Aconselhamento. Eu cheguei em casa e pensei: “Eu tenho que começar uma metodologia com a minha filha”. Eu fazia terapia também. Vou elaborar um método porque tem uma sociedade que diz que ela é feia, vou ter que vê um método, características positivas, contrárias ao que a sociedade diz a ela. Elaborei um método skineriano, comportamental. Hora de maior carinho, hora de ir pra cama. Toda noite eu fazia o mesmo carinho e as mesmas palavras: “Você é linda, você é linda. Você é uma negra linda. Você é inteligente. Você é muito inteligente”. Sempre momento de carinho, extremo afeto. O que eu devia dizer para ela. Ela já estava na creche. **Makini**

Segundo Silva (2000) a constituição da identidade se dá por meio de um processo relacional, é construída; instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada e se dá pela relação com o “outro”. Em nossa sociedade a identidade torna-se cada vez mais difusa e descentrada, o outro é a cor diferente, a outra raça, a outra sexualidade, a outra nacionalidade.

O outro exige cuidado e acolhimento. É necessário que a família fortaleça e empodere seus membros, fazendo com que desde crianças possam se impor nos mais variados espaços. Às vezes o movimento de empoderamento acontece também fora de casa, na participação em representações escolares, movimentos sociais, igrejas.

Na'zyia destaca que vai se envolvendo nos movimentos de forma que consiga conciliar as atividades com o cuidado dos filhos, que é seu foco. Ela foi para trabalhar na pastoral da saúde porque o filho mais velho tinha dificuldade para comer, então ela foi aprender receitas saudáveis e nutritivas para fazer em casa de forma que pudesse fortalecer a saúde de seu filho.

Na pastoral eu tive um convite de uma amiga que já fazia parte. Como eu tava sempre nesses movimentos, pastoral foi o segundo. Já peguei de cara, eu não consigo dizer não. Eu sempre vou, vamos ver como fica lá na frente. Fui e adorei a primeira reunião. Aprendi a fazer a farinha, aproveitar os talos, verdura, frutas. Me achei, estou achada! Tem um grupo de oração que elas fazem lá. Aqui é formado em por idosos, aqui em Palmares, em outros lugares tem mais jovens. Faz doze anos porque o meu filho era bebê. Vou sempre, nas reuniões eu participo. **Na'zyia**

O cuidado com os filhos acontece também no espaço escolar como relata **Na'zyia**. Ela faz parte do Conselho Escolar e já colocou à disposição da direção da escola o espaço da Associação Quilombola para aulas de reforço no turno inverso. Ela também estimula a participação do filho na sala de aula, como vice-líder da turma.

Dá pra fazer um trabalho legal. Eu sou muito metida. Faço parte e fizeram convite para ser presidente do conselho da escola. Mas não vai dar certo com a diretora, acho que ela deveria trabalhar mais leitura. [...] é o segundo ano que é o vice-líder da sala. [...] Se vê que tá errado. Vocês estão lá dentro, tão sabendo muito mais que a gente. **Na'zyia**

Makini comenta que o filho teve professores mais compreensivos e que souberam lidar com o racismo em sala de aula, diferentemente do que aconteceu com suas filhas.

A professora depois contou que eles estavam lá na aula e os meninos começaram a chamá-lo de macaco. Macaco, macaco. “Sou macaco sim, porque sou mais esperto, mais rápido, sou mais inteligente que vocês”. E saiu correndo e foi pro pátio, e corria, tinha umas pernas. (A professora) Chamou todo mundo: “Calma todo mundo. Vamos agora fazer a corrida do macaco. Todo mundo vai ser macaco”. Colocou no chão do pátio um risco: “Vamos começar”. Todo dia antes de terminar a aula, uns 15 minutos antes desciam pro pátio para fazer a corrida do macaco. Ele sempre ganhava. Um dia ele chegou em casa todo chateado, meio choramingando: “O que que houve, meu filho?” “Não venci a corrida do macaco”. “Ah, então é sinal que tem mais macacos na sua sala, não é só você”. A gente ia driblando essas situações com a ajuda de professores, professores conscientes, acho que tiveram sorte.

Makini

Os membros da família de **Makini** vão se fortalecendo para enfrentar o racismo diariamente com seu esforço. Seu filho fazia judô e ensinava alguns golpes para a irmã mais nova que utilizava para se defender na escola, quando era discriminada.

[...] é mais retraída. Mas ela é muito decidida naquilo que ela quer fazer. Ele ensinava judô, ela era pequena, ele tinha seis, ela tinha três. Ele ensinava aqui o judô pra ela. Na segunda-série foi quando eu vi, ela deve ter sofrido antes, mas não falava. Ela chegou em casa e reclamou: “Hoje eu briguei no colégio, um guri me chamou de vaca preta”. “Ah, ele te disse isso”. “Disse”. “O que você disse?” “Vaca tem de tudo que é cor e aí eu dei um golpe nele”. Depois eu fiquei sabendo, oito anos ela deu um golpe e botou o pé no guri e depois disse repete o que tu disse, se tu repete tu vai apanhar. Ele no chão e ela com o pé em cima dele. E os colegas tudo em volta, e os colegas gritavam: “Bate, bate”. A professora ficou apavorada. O guri não repetia, a professora chegou e apartou. Ficou respeitada na turma, sabiam que ela lutava judô, assim do jeito dela. **Makini**

Existe uma característica que se ressalta entre as mulheres negras que participaram da pesquisa: perfil conciliador, importante para a criação de redes, seja no espaço pessoal ou do trabalho.

Ter um perfil que seja conciliador, que tenha um pouco de sensibilidade para saber onde andamos juntos, onde paramos; onde esse segmento soma mais ou menos ou aquele, numa proposta de ação; sem se nortear pelas questões de simpatia pessoal, com os cuidados devidos que a gente deve ter no campo da política. Essa rede vai se multiplicando e a gente se perde nela, às vezes a gente diz: “Mas eu não conheço ninguém que pudesse trabalhar nesta área”. Puxa um pouquinho pela memória e percorre pelos caminhos e lembra que tinha alguém ali. **Niara**

Uma coisa importante tu ter encontrado parceiros, o trabalho no departamento de educação fundamental, sem perder a modéstia foi um bom trabalho porque a gente tinha um grupo de trabalho muito bom, tinha gente da melhor qualidade, pegava no batente junto, que arregaçava a manga, vamos pra frente. Pessoas com quem a gente convive no trabalho, se não tem grupo, não tem como fazer, tem que conseguir ter um grupo que acredite no trabalho, aí vai pra frente, tu vê um resultado. O magistério me deu a condição de formar uma rede de conhecimento, conheci muitas pessoas como fui indicada hoje eu posso indicar, a gente cultiva muito pouco, a gente fica olhando nosso umbigo, mas a rede é mais do que meio caminho andado. É fundamental. **Amina**

A presença de agregados na família é outro destaque nas histórias de vida das entrevistadas. As mulheres enfatizam o sentimento de preocupação com o coletivo e a rotina de abertura para novos membros entrarem nas famílias, seja por morte de algum familiar ou por alguma outra combinação. São primos, sobrinhos ou conhecidos que não tem quem cuide, não têm para onde ir, acabam se fixando e sendo adotados.

As mulheres que participaram da pesquisa salientam o perfil acolhedor de suas famílias, cheias de afeto e respeito, mostrando em seus relatos que são famílias extensas. Nascimento (2008) chama a atenção que em decorrência da escravidão ontem e discriminação hoje, a família negra está configurada fora dos padrões ocidentais. Podem ser

chamadas de famílias por “extensão” em que a organização triangular se dilui, abrindo-se, ramificando-se, esgotando a forma dos padrões instituídos, além de trazer, ao contrário da triangular, a figura materna como orientadora e referencial em sua formação. Nem sempre se trata de uma só pessoa a desempenhar esse papel. A figura materna se reduplica, migrando para várias mulheres e de forma concomitante. Há a presença de uma irmã mais velha, tia, madrinha ou mesmo vizinha, e, quando possível, de uma avó a desempenhar esse papel. Isso não significa que o homem seja excluído ou desrespeitado, o que acontece é que sua figura paterna não assume as mesmas proporções.

Amina e **Niara** comentam as suas configurações familiares.

A mãe teve quatro filhos, um morreu na gestação, outro com onze meses por uma cardiopatia. Tivemos dois primos que foram criados juntos conosco, praticamente são irmãos. [...] Quando minha mãe já era viúva, veio uma irmã de criação que mora até hoje comigo. **Amina**

Nós éramos seis; seis e os outros porque em nossa casa nunca fomos só seis, sempre teve um irmão adotivo, primos adotivos, sobrinho que perdeu pai e/ou mãe e vira irmão. Essa característica do acolhimento é uma característica familiar que a gente carrega até hoje, qualquer um de nós. Seja quem for. **Niara**

Amina comenta que gostava de trabalhar em salas abertas, compartilhar os espaços com as colegas. Mas teve dificuldade quando chegou à Secretaria de Educação onde existiam duas salas em que as pessoas não se misturavam, mesmo fazendo parte do mesmo departamento, até as festas comemorativas eram separadas. No trabalho negros e brancos eram separados em funções, exigências e comemorações diferenciadas. “Naturalmente” algumas mandavam (brancas) outras (negras) serviam, existia até uma sineta para chamar as negras, relata **Amina**.

Como a gente se negou, conseguimos fazer a primeira comemoração conjunta só no outro ano na Páscoa. [...] Quando alguém da nossa sala queria água não tocava sinetinha, levantava para pegar. Elas (da outra sala) achavam muito estranho. Casualmente ou não, era o setor com maior concentração de negros, aquele era o grupo que servia, carregava cadeira, fazia pacote. Nunca soube trabalhar em reduto fechado, é uma experiência que eu não tenho, sempre trabalhei com grupos, com coisas mais abertas. **Amina**

Dakarai, técnica em enfermagem, ao falar da sua família enfatiza que tem três filhos, um homem e duas mulheres, e ainda uma sobrinha adotiva. A cunhada faleceu quando o bebê tinha uma semana de vida e o irmão de **Dakarai** estava com dificuldades para cuidá-la. Vendo seu irmão levar a filha para o trabalho, pediu para criar o bebê. Hoje ela diz que não abordaria o irmão da forma como fez na época, ele saiu na defensiva.

Um dia eu disse para ele, tu não quer me dar a tua filha pra eu criar? Ele me olhou: “Filho não se dá.” Eu não quero a tua filha dada, quero criar para ti. Ele virou as costas e foi embora. Lá pelas tantas, depois de um mês ele apareceu aqui: “Tu cria ela pra mim”. Nem precisa pedir, imagina... Filho não se dá, realmente. Na época eu não atinei, não pensei no que eu disse. Se fosse hoje eu pensaria diferente. **Dakarai**

Nascimento (2008) ressalta que as famílias por “extensão” desenham a imagem abarcadora, íntima e acolhedora de um círculo, o qual, numa leitura simbólica, vem associado ao ventre materno, formando um grande círculo a abraçar e proteger seus inúmeros filhos, a imagem de uma Grande Mãe.

Amina ressalta que na sua família tudo é compartilhado, as coisas devem ser utilizadas por todos. Existe uma questão trazida de casa que é o respeito e cuidado com o outro e com aquilo que é do outro. Ela relata que se sente incomodada com a quantidade de chaves que existe hoje nas escolas, são muitas grades, muitos armários, muita insegurança e falta de respeito.

Faço parte da Associação de ex-alunos do Instituto de Educação e fico espantada com tantas chaves e grades, que uma pessoa monopoliza. Uma sensação ruim que me dá, tu entra na sala, tudo chaveado. O problema não é a chave, as chaves estão de posse de algumas pessoas, partindo da desconfiança que se a chave ficar naquele lugar as pessoas vão mexer. É difícil, é uma coisa que eu não consegui ainda trabalhar bem, acho horrível. Se dependesse de mim eu faria uma campanha por uma escola sem grades. Eu estou dentro de uma escola pública com portas com duas chaves: ferrolho em cima, ferrolho em baixo, fulana e beltrana que carregam a chave pra casa. É complicado! Eu venho da minha casa, que tem chave, mas não se carrega, quem está lá dentro sabe que não pode mexer naquilo que não é seu. [...] Na minha casa até hoje é assim, se não é meu eu não mexo. **Amina**

Nesta pesquisa ressalto a posição de destaque ocupada pelas mulheres que participaram da pesquisa. São diretoras, coordenadoras, orientadoras (além de trabalharem como professoras), atrizes, cantora, artesã, técnica em enfermagem, lideranças comunitárias, produtoras culturais. Desenvolvem atividades criativas, que dominam várias técnicas, conhecimentos, saberes que trazem em suas bagagens por influências e contribuições de gerações anteriores. A consciência da importância do papel que elas podem desempenhar para ter novas conquistas perpassa todas as histórias de vida fazendo com que atuem politicamente em defesa dos direitos do povo negro.

4.2. Ancestralidade: “a continuação do fio”

*Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás...
Vindo de outros lugares... Iniciado por outras pessoas...
Completado, remendado, costurado e... Continuado por nós.
De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade,
um passado, uma tradição que precisa ser continuada,
costurada, bricolada todo dia.
(MUNDURUKU, 2002, p. 41)*

Munduruku (2002) chama a atenção porque o presente é vivido e empolgante quando ele está estruturado, alicerçado por toda a teia da vida e da ancestralidade de uma pessoa ou grupo de pessoas.

Ancestralidade, segundo Oliveira (2007), entendida como um tempo difuso e um espaço diluído, que contém dobras, labirintos e os corredores se abrem para o grande vão da memória. A ancestralidade do povo negro percebida como um tecido produzido no tear africano, entrelaçando-se os fios do tempo e do espaço vai sendo criado o tecido do mundo. A ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na obra de arte, na música, na dança! E a vida, aqui é vista, como uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos. As suas narrativas transmitem conhecimentos e criam a própria realidade que se quer conhecer.

A ancestralidade está presente nas histórias compartilhadas por **Amina** e **Niara** quando falam sobre a importância da família no processo de construção de suas identidades. Para elas o processo se iniciou em casa, com a família reforçando a postura que deveria ser adotada em outros espaços, para que fossem respeitadas.

Sempre com aquela consciência assim: “Nós somos negros.” Eu não tive ao longo da minha vida, esses problemas que muitas vezes aparecem. “Afinal, quem eu sou?” Eu sempre soube que nós éramos negros. Era uma questão que chamar de negro não ofendia porque a gente tinha consciência de ser negro. Na minha casa sempre soube que todos que estavam ali, independentemente da cor da pele, todos éramos e somos negros. **Amina**

Do ponto de vista racial, nós sempre fomos negros, sempre nos enxergamos como tal. Todas as questões e tensionamentos raciais que se via na infância, na escola e tal, a recomendação dos meus pais para lidar com isso era que a gente não devia ter vergonha de nada. “Ser negro não é ser menor”. O problema era do cara que estava discriminando, usando de preconceito conosco. [...] Não é que não vivenciamos situação de discriminação, enfrentamos sempre com essa consciência: “Se existe racista não é problema nosso, e sim de quem é promotor de um ato racista”. A gente tem que reagir reafirmando nossa identidade não como uma identidade menor. **Niara**

Guillen (2013) destaca que ancestralidade não se trata de apego ao passado no sentido conservador de tradição, mas elemento dinâmico que faz a ponte entre passado e futuro, que permite compartilhar experiências, indicar rotas de luta e novos caminhos.

Sekai ressalta que suas características pessoais tem origem na sua família, que o espírito festivo vem do pai, mas que toda família adora se encontrar, festejar. Ela relata também que sua filha (produtora cultural) casou com um jovem francês e para as famílias se conhecerem fizeram uma festa.

Acho que vem dos meus ancestrais, porque minha mãe era assim, meu pai é assim. Ele tem 99 anos, ele gosta de tudo. Quando ele acha as coisas bonitas, ele não diz bonito, ele diz asseado: “Pai, vamos embora?” “Não, tá muito asseado”. É dele. A minha família toda é muito alegre, muito unida, muito alegre. [...] Ai não teve festa, fomos fazer a festa lá nos parente, Porque o pai e a mãe dele queriam conhecer toda a família dela. Família dele lá que é pequena. A gente organizou uma festinha. Recepcionar o pai e a mãe do rapaz. Deu umas 300 pessoas, só parente, só os mais próximos. A família é assim! De repente por isso eu sou assim, eu já nasci nesse ambiente. Todo mundo dança, minha tia de 70, de 80 dança, meu pai dançou até os 95 anos dele. Agora que ele não dança mais, mas ele adora! **Sekai**

Silveira (2002)⁶² aponta que o exercício de respeito humano uns para com os outros, especialmente, para com os mais velhos, no cultivo das tradições religiosas, nos ensinamentos de moral e conduta, através de provérbios e de lições sábias repassadas pela oralidade, de geração para geração e também pelo exemplo, iniciam dentro das casas com as filhas e filhos.

As mulheres negras criaram muitas estratégias para superar dificuldades provocadas e aumentadas pela convivência com situações de solidão a dois, a ausência dos maridos que

⁶² SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. *As filhas das lavadeiras*. Porto Alegre: Grupo cultural Rainha Ginga, 2002.

não acompanhavam as questões da casa, dos filhos e das filhas; a presença de maridos com problemas de alcoolismo; de companheiros viciados em jogo de azar, que subtraíam os ganhos da mulher; enfrentamento da infidelidade conjugal que em nada favorecia a autoestima dessas mulheres; complicações e consequências de ideologias políticas dos seus homens. A viuvez, com a morte muito prematura do homem negro, também foi apontada como causa geradora de desequilíbrios para a melhor garantia de sustento das casas.

Silveira (2002) retrata que a maioria das filhas das lavadeiras⁶³ deixa transparecer que o pai era secundário, frente ao que a mãe fazia. Era dela o comando da casa, o papel de propulsora do desenvolvimento da família. **Niara**, filha de lavadeira, destaca a importância das mulheres na condução de sua vida familiar.

Na criação, no núcleo mais restrito uma memória da presença feminina de uma forma muito marcante, da minha mãe e do meu pai referirem minha vó como liderança de família, chefe de família, que meu avô seguia. Com minha mãe eu via a mesma coisa, eles tinham acertos entre eles, quem conduzia, quem decidia, quem aprovava os planejamentos familiares era a minha mãe. O meu pai acatava, se ele tinha muitas discordâncias, normalmente se dava por vencido e a minha mãe fazia as coisas que achava mais importante. **Niara**

Silveira (2002) comenta ainda que, as filhas de lavadeiras que entrevistou relatam que as mães faziam teatrinhos em casa para as crianças, contavam histórias, eram artistas do lar. Passaram o gosto por esses encantos para as filhas, inclusive influenciando em suas carreiras de tanto escutar histórias tornaram-se também artistas do cotidiano.

Esta forma de perceber o papel da família na construção da identidade das mulheres negras reforça que a ancestralidade não é a afirmação do “eu” egoístico, narcisista porque é

⁶³ SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. *As filhas das lavadeiras*. Porto Alegre: Grupo cultural Rainha Ginga, 2002.

através dela que se conta a história de um povo, o arsenal simbólico adquirido por este durante os percursos do tempo. Quem conta a história do “eu” é sua tradição (OLIVEIRA, 2003).

Nem todas as mulheres negras, no entanto, passam por experiências familiares assim. **Kianga** ressalta que somente ao ingressar na Universidade e participar de projeto de extensão ⁶⁴ começou a refletir mais sobre a sua identidade, suas raízes.

Através do Conexões de Saberes eu fui aprofundando. A consciência negra: de onde eu era, de onde eu vinha, saber que a minha família tinha uma origem mais humilde, a primeira a me graduar no ensino superior. **Kianga**

Foi então que percebeu o quanto a influência artística familiar foi importante na sua formação, ela se emociona ao compartilhar suas lembranças.

[...] Desde pequena comecei a gostar do samba, Ivone Lara, Lupicínio, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Cartola, Leci Brandão, Alcione. Tem respeito a minha família. Eu tenho. Começava com churrasco na sexta e terminava no domingo de noite com sopão. Iam os jornalistas, o pessoal da Zero Hora, que o meu pai trabalhou como diagramador. O pessoal ia lá para casa da minha vó. E eu sempre no meio disso. Aniversário de 90 da minha vó, que eu apareço tocando uma sanfoninha. [...] Meu vô toca cavaquinho. Por parte de pai, tem 93 anos, toca cavaquinho, toca chorinho. Minha vó fazia teatro de sombra para as crianças. Ia pra praça e fazia baile, tocava serestas. Meus tios sempre cantaram. **Kianga**

⁶⁴ Conexões de Saberes foi um projeto implementado pela SECADI/MEC, que funcionou entre 2004 e 2008. objetivos estimular maior articulação entre as universidades e as comunidades populares, com troca de saberes, experiências e demandas; possibilitar que os jovens universitários de origem popular desenvolvessem a capacidade de produção de conhecimentos científicos e ampliassem sua capacidade de intervenção em seu território de origem, oferecendo apoio financeiro e metodológico para isso; entre outros. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conexoes-de-saberes>. Acesso em 30/08/2016.

Kianga relembra sua trajetória artística e sabe que está dando continuidade a tradição de sua família, seguindo a herança, não deixando que a história de seus avós desapareça e assim revive sentimentos compartilhados em sua família.

Oliveira (2012) traz uma reflexão sobre a filosofia da Ancestralidade e sua relação com a interculturalidade no pensamento contemporâneo. No âmbito dos estudos pós-coloniais ela dialoga com o pensamento negro-africano (antropologia, filosofia e literatura), com a filosofia latino-americana da libertação e com o pensamento social negro no Brasil.

A intelectualidade negra também está atravessada pela interculturalidade porque as raízes da produção intelectual são diferentes, conforme coloca Bergamaschi (2014), os mundos são diferentes, porém não hierarquizados. Com a chegada dos europeus na América querendo “ensinar” os seus conhecimentos acabaram ignorando os conhecimentos dos povos originários, e essa postura continuou quando trouxeram negros e os escravizaram.

4.3. Intelectualidade negra

[...] o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes (hooks, 1995).

As contribuições culturais, tanto de indígenas quanto de negros, em nosso país é rica, porém a sociedade e a academia não as reconhecem. Em Bello (2011) já aparecia este tipo de dificuldade, desde a infância os meninos negros vislumbravam a possibilidade de se destacar através do futebol ou seguir carreira como servidor público. Para ser jogador de futebol existe um limite de idade e quando percebiam que a idade havia passado, tentavam a segunda opção: o ingresso na graduação, dedicação ao estudo para prestar concurso público. As meninas negras manifestavam que a família tinha o desejo de que fossem

professoras ou funcionárias públicas. Dessa forma seriam reconhecidas, poderiam ter ascensão social e tanto a mãe quanto o pai se sentiriam orgulhosos.

O ex-Reitor da UFMG, professor Tomaz A. dos Santos, questiona se o problema social e racial é um só e comenta que viveu uma situação constrangedora quando foi participar de um evento científico no exterior, conforme relato abaixo.

Eu descobri que muitas pessoas estranhavam o meu papel de reitor, como negro. Quer dizer, é como se eu estivesse no lugar errado. [...] Estávamos um grupo de congressistas conversando num café em Viena [...] se aproximou de mim um casal e a mulher falou: 'Pois é, meu marido e eu estávamos conversando sobre se o senhor é um jogador de futebol ou um sambista'. (SANTOS, 2008, p. 163)

A sociedade exige uma postura pré-determinada de negros e indígenas, como colocado acima, o homem negro poderá ter êxito como cantor de samba ou jogador de futebol, da mulher negra espera-se que seja capaz de cozinhar muito bem, dançar, cantar, mas não escrever. Como Evaristo (2007) destaca em entrevista à *Revista Raça*: "Às vezes me perguntam: Você canta? E eu digo: Não canto nem danço".

Conceição Evaristo, assim como Carolina de Jesus, chama a atenção para a dificuldade que uma mulher negra encontra para escrever, ser reconhecida como escritora. Quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes, quase sempre invoca imagens masculinas. Essa invisibilidade acontece em função do racismo, sexismo e da exploração de classe já institucionalizados. É um reflexo da realidade em que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação, apesar da escrita possibilitar construir discursos sobre a raça e o gênero, questionar posições e verdades prontas, criar conhecimento, mudar o foco do olhar.

A importância dada pelos negros e negras ao estudo como ferramenta que possibilitaria uma mudança no estilo de vida e o respeito pela sociedade é bem colocado por Carolina Maria de Jesus (1996)⁶⁵:

O livro... me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiaram os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bússola que ha de orientar o homem no porvir.

Constantemente negros e negras precisam provar que são capazes, seja em sala de aula ou no mercado de trabalho, porque são naturalmente preteridos das oportunidades. Ser negro nesse país é ter que carregar um rótulo negativo, porque no Brasil, conforme visto anteriormente, a cor da pele e os traços fisionômicos, ou seja, o fenótipo ainda gera preconceito e discriminação.

Discriminações são recorrentes em processos seletivos para grandes empresas. Há situações em que, silenciosamente, são oferecidas canetas azuis para candidatos brancos e canetas pretas para candidatos negros⁶⁶. Prestar provas escritas em um concurso público possibilita a passagem para outras etapas ou até mesmo a aprovação, pois não existe identificação do fenótipo por foto. Porque, em nossa sociedade, um negro ser bem-sucedido como jogador de futebol está dentro dos padrões aceitos, mas o mesmo não ocorre para reitor de uma universidade?

⁶⁵ Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) foi uma escritora mineira que viveu grande parte de sua vida em São Paulo e tornou-se famosa ao publicar *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). Ela narra seu cotidiano de pobreza e fome na favela do Canindé. Ganhava seu sustento e dos três filhos, catando papéis. Era semi-alfabetizada, mas tinha enorme gosto pela leitura e pela escrita, lia os livros, jornais e revistas que catava nas ruas e separava o que poderia servir como caderno de notas, onde escreveu os diários mais tarde publicados. Além do já citado Quarto de Despejo, assim intitulado, pois dizia ser a favela o quarto de despejo da sociedade brasileira, publicou também *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de fome* (1963), *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996). Seus livros foram traduzidos para mais de treze idiomas. A escritora é descrita por seus contemporâneos como uma mulher geniosa, inquieta, explosiva, atrevida, petulante, ousada, corajosa, arredia, rebelde. A audácia lhe rendeu o apelido de “língua de fogo”.

⁶⁶ Relato que ouvi de um colega administrador que trabalhou em recrutamento de pessoal de empresa privada.

Essas questões podem nos levar a refletir sobre como a sociedade vê o negro? Qual tipo de produção intelectual é reconhecida e valorizada? Por isso a necessidade de se recontar a história. Culturalmente falando, os negros que vieram da África para o Brasil, trouxeram em sua bagagem conhecimentos, valores, crenças, que infelizmente, muitas vezes foram ignorados ou escondidos até como uma questão de sobrevivência.

Gonçalves (2000) diz que existem formas variadas de se reconhecer um intelectual, seja através da linguagem oral ou escrita. Em nossa história ainda contamos com poucos materiais ou documentos que não foram detalhadamente estudados, pesquisados a respeito das contribuições da população negra em nosso país.

Afinal, não existem intelectuais negros ou estes não são reconhecidos? São necessárias muitas reflexões porque ao longo da história percebemos que alguns negros que tiveram destaque produzindo textos, músicas, discursos foram naturalmente embranquecidos. Ideias que mereciam ser compartilhadas, que tinham valor, só poderiam vir de pessoas brancas?

São escritores, músicos, atores que tiveram suas identidades negras encobertas em épocas passadas, ou ao ganhar versões mais atuais outros contornos e características, foram perdendo sua cor e seus traços. Sem deixar de levar em conta que alguns conhecimentos produzidos historicamente por negros são considerados, de forma depreciativa, como “cultura popular” e não como conhecimento.

É importante definir a palavra "intelectual" neste estudo. Em um dicionário de sociologia⁶⁷ encontro um sentido mais amplo, utilizada para designar todos os que contribuem para a produção, confirmação ou difusão de valores, de "visões do mundo" ou de conhecimentos, nomeadamente quando esses conhecimentos comportam consequências axiológicas ou mais geralmente filosóficas.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf>. Acesso em 01/11/2016.

Hooks (1995) chama a atenção para a diferença entre qualificação acadêmica e intelectualidade porque qualquer um poderia ensinar, mas nem todos seriam intelectuais. A função de professor poderia render *status* e respeito, porém, ser demasiado erudito e intelectual significava correr risco de ser encarado como esquisito, estranho e talvez mesmo louco. Apesar do testemunho histórico de que as negras desempenharam um papel importante como professoras, pensadoras críticas, escritoras dos conhecimentos da vida negra, em particular nas comunidades negras segregadas, muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras.

O material didático para nossas escolas foi feito durante muito tempo por pessoas brancas que ocupavam espaços privilegiados decorrentes de sua formação também privilegiada, que ignoravam ou não queriam reconhecer a importância que os povos negros desempenharam ao longo da história da humanidade. A noção de que os povos da raça negra representavam um papel sem importância na longa e complexa trama da humanidade foi forjada durante o recente período sombrio da História humana, constituída pela conquista das Américas e a escravização dos africanos nessas terras. Nesse sentido, os negros teriam sido, no máximo, meros coadjuvantes na História até mesmo no seu próprio continente de origem (MOORE, 2012).

Nesta pesquisa destaco mulheres que por meio de suas bagagens acadêmicas e profissionais produzem material didático para formação de professores, fazem performances questionadoras e engajadas na luta antirracista. Dessa forma procuram disseminar suas crenças e compartilhar seus conhecimentos nos palcos, nas salas de aula e outros espaços. Essa contribuição foi construída por meio de trocas com seus familiares e estudos ao longo de suas histórias de vida, tornando-as fortes e determinadas. Hooks (1995) destaca que a vida intelectual não precisa estar separada da comunitária, mas pode

funcionar como uma fonte de capacitação para a participação plena da vida da família e da comunidade.

Tanto **Amina** quanto **Niara** se preocupam e se ocupam com a elaboração e escolha de material didático para as escolas, assim como a formação de professores das redes públicas de ensino sobre questões étnico-raciais:

Uma das queixa dos professores o tempo todo é da falta de material de estudo, recursos, da falta de formação na educação inicial, na graduação. “Não ensino, não abordo isso porque eu não aprendi”. Mas a gente sabe que tem muito, é importante dar visibilidade para essas referências negras, na medicina, na engenharia, em qualquer área que remonta o período da escravidão. Aqui temos referência desse período de escravidão, os escravos que vem como se só trouxessem mão de obra, mas é mais, eles trouxeram conhecimento, por isso eles vieram, eles foram escolhidos em algumas áreas justamente pelo domínio de tecnologia que tinham.

Niara

A história da população negra é cheia de desafios, dolorosa em alguns momentos, mas também repleta de conquistas, com base em lutas individuais e, sobretudo coletivas. A visão discriminatória dos negros foi difundida, por isso a importância de buscarmos outros aspectos da história que não foram investigados ou compartilhados. Tendo estas questões em vista o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, antes mesmo da implantação da Lei 10.639/03 e do sistema de reserva de vagas para estudantes de escola pública, negros e indígenas, organiza cursos, documentos e publicações para serem compartilhadas na formação de professores das redes públicas de ensino.

Além dos professores serem formados com novas bases, a preocupação com a forma e linguagem técnica com que estes materiais (dissertações, teses, laudos) são produzidos na academia também está em pauta. Muitas vezes o material não consegue ser compreendido pelas pessoas interessadas, que participaram da sua elaboração e fazem parte das comunidades “pesquisadas”.

A universidade é um espaço de produção de conhecimentos. A gente precisa fazer com que isso encontre as pessoas. As teses e dissertações que são produzidas são importantes, elas precisam ser lidas, traduzidas por vezes para que elas sejam um suporte para o trabalho, que as pessoas têm que fazer na área a, b, c. Por exemplo, os laudos antropológicos das comunidades quilombolas eles são escritos pelas comunidades. Tem um grupo de pesquisa que escuta, elabora, formata um texto, mas quem conta aquelas história são eles, são autores como aqueles nomes que vão nos créditos da publicação impressa. Quando esse material chega na comunidade ela fica muito orgulhosa, mas não consegue ler [...] porque a maioria tem uma baixa instrução formal. A gente devia se preocupar e fazer essa adequação. **Niara**

Freire (2004) já chamava atenção para a necessidade de cuidado para elaborar materiais *com* eles, não só *para* eles.

Sempre que possível dentro dos recursos de alguma formação a gente transforma isso numa publicação para ter alcance maior e dar para essa publicação uma formatação legível para educadores. Para qualquer educador, além dos professores de história, que é a principal área a que se atribui a questão da educação das relações raciais, de conteúdo de história e cultura africana, afro-brasileira como aponta a lei 10.639. Do ponto de vista de um gestor ele precisa saber o que ele quer diante das exigências institucionais, legais, onde ele quer chegar e como ele pode fazer a geração de produtos concretos como uma publicação. **Niara**

Amina trabalhou muitos anos com a produção de livros didáticos e técnicos, em uma Comissão junto ao Ministério da Educação, como Coordenadora Estadual selecionando livros, fazendo treinamento de professores, analisando o material pedagógico utilizado nas escolas. Fez várias viagens e obteve uma bolsa de estudos nos Estados Unidos. Foram 60 anos de sua vida dedicados à educação no Estado e uma certeza: muita satisfação com o trabalho realizado. Ao refazer sua trajetória durante o encontro constata:

Sempre em função de educação, não consigo nem me imaginar em outra coisa fora dessa área. Não tenho experiência em outra área. Tivesse que começar, começava aí de novo. **Amina**

Kianga ressalta que as letras dos sambas machistas a incomodavam há algum tempo, levantavam questionamentos, mas ela não conseguia expor suas opiniões. Foi preciso um tempo para amadurecer e dar a sua resposta, compondo letras de samba, mas daí a tornar público suas músicas demorou um pouco.

Eu tenho as minhas músicas que componho [...]. É muito contraditório. Essa coisa de ser ator. Ao mesmo tempo esse meu lado compositora, de escrever uma música. Às vezes eu escondo, não quero expor muito. Mas eu tô num momento de botar pra fora. Questionamento. Escutei vários sambas que eu achava machista. Em resposta a esse machismo. Fazer arte desse lugar, que as mulheres hoje em dia são cada vez mais desafiadas. A gente sabe que sempre, sempre foram abafadas. Esse lugar hoje que a gente tá, de falar, de acabar com machismo, acabar com racismo. As letras começam a falar isso. Eu colocava num verso lá: “Sou Maria da Penha, não Maria Degolada, sou a sua companheira, não a sua empregada. Esse tal de seu machismo tá com nada meu irmão, mude a letra do seu samba que eu encerro a minha canção”. Não sou tua empregada, não me tira! **Kianga**

Apesar das resistências ao longo de suas trajetórias aos negros foi negada tanto a educação quanto a religião. Nas aulas de história enfatizam a presença do negro como escravo, trabalhador braçal, sendo ignoradas suas qualidades e contribuições para nossa sociedade. Muitos negros e negras foram trazidos para o Brasil de forma violenta e certamente muitos deles tinham conhecimento de ofícios em diversas áreas, bem como aprenderam muitos saberes e técnicas em terras brasileiras. O negro, para aprender, deveria ensinar a si mesmo (DU BOIS, 1999).

Silveira (2002) ressalta esta situação de que o ensino empírico era introduzido nos lares, pela maioria analfabeta de negras cozinheiras, quituteiras, lavadeiras, engomadeiras, e foi sendo acrescido do ensino formal e sistemático para os filhos e filhas. A manutenção dos estudos da prole foi o grande motivo, além da sobrevivência, para que se dedicassem ao

trabalho, com tanto afinco. Também alimentavam os mesmos sonhos de sobrevivência e de dar estudo para os filhos e filhas.

O cotidiano de uma mulher negra é diferente de um homem ou mulher brancos e também de um homem negro e as negras que participaram da pesquisa comentam seus sentimentos diante do estranhamento causado por estarem ou ocuparem espaços nos quais não são esperadas ou reconhecidas.

Como relatado no início deste estudo, houve um trabalho de busca por intelectuais e lideranças negras femininas para uma atividade de extensão em 2014, que demandou tempo e foi difícil de ser realizada. Existem poucos registros, poucas referências do trabalho destas mulheres, sem contar que em alguns casos a baixa autoestima faz com que elas próprias não reconheçam e evidenciem suas qualidades.

Niara comenta que não sente diferença no tratamento em relação a si no espaço em que trabalha, a Universidade. Porém relata ter ouvido de uma Pró-Reitora negra que, quando participa de eventos em outros Estados, frequentemente há um estranhamento sobre sua posição hierárquica e é necessário identificar-se como tal para ter reconhecida sua autoridade.

Acho que tem diferença, não vou te dizer que eu sinta tanto essa diferença, por conta do perfil do departamento, do tipo de relações que estabeleço e talvez pelo tempo de inserção ali. Na verdade minha maior circulação enquanto gestora negra está dentro dos espaços acadêmicos onde já tenho certo reconhecimento. Então não percebo muito isso. Eu acho que não seja igual, acho que mudando de espaço eu sentiria isso com certeza, são relações diferentes, tem legitimidade de perfis para ocupar alguns espaços que são evidentes. [...] Lembro muito da fala de uma Pró-Reitora que circula o país, Pró-Reitora negra e que ela disse uma vez emocionada numa fala de encerramento de um evento, que não havia lugar onde ela fosse nesse país, representando a Universidade que ela não tivesse que se anunciar como tal. Porque sendo mulher e negra o reconhecimento [...] não é automático, não era natural que esse perfil seja de uma Pró-Reitora. **Niara**

Porém, quando se trata de representação institucional, também podem acontecer interpretações equivocadas: por exemplo, quando chega um convite para algum evento que trata de questões de diversidade, em geral são acionados servidores negros. O que se espera do negro e onde ele está autorizado a se manifestar?

A cara preta de plantão: [...] tem um convite institucional para o Fórum da Diversidade. Bom, falou diversidade tem que achar um preto pra mandar? Não necessariamente. Se este lugar é o meu, tem a ver com o que eu faço, tá dentro das minhas atribuições, muito bem. Se não for, não precisa ser essa cara preta de plantão. Às vezes esta indicação tem papel muito perverso. Por exemplo, um negro é acionado quando tem algum conflito com o movimento social, este vem pressionar a instituição por alguma questão. Aí o preto de dentro da instituição é quem vai atender seus pares, com todo discurso institucional, a postura institucional de surdez frente a essas demandas. Eu acho que o movimento social pressionando o tempo todo ele provoca mudanças. **Niara**

Conseguir se enxergar, enxergar negros nos espaços em que transita um pouco mais elitizado ou diferenciado é um desafio colocado pelas negras em nossos encontros. Seja em funções de poder ou em espaços culturais, como em determinados shows, no teatro, na própria escola e universidade, em congressos:

Depois como professora na escola (encontrei) poucos negros também, fomos duas no meu tempo de quatro anos de trabalho. Na universidade tinha um percentual de negros mais expressivo, mas negros na grande maioria em cargos de apoio, não como docentes. Lembro de alguns docentes que me chamaram a atenção. Na própria Letras a gente tinha a professora de inglês. Esse olho de onde está o negro no espaço que eu estou, eu sempre tive. Cadê o negro daqui porque eu quero saber quem ele é e onde ele está. Eu lembro bem de professor negro da faculdade de Economia, professor negro na Administração, não lembro de mais nenhum nessa Universidade na época que eu estudava. Essa busca sempre estive atenta. **Niara**

De um modo geral, em muitos lugares de chegar e ser a única negra, muitas vezes representava o Estado em muitas coisas, era sempre a mesma situação. Tinha estranhamento, muita gente de fora do Rio Grande do Sul (RS) pensava que eu era da Bahia e não do RS.

“Você é gaúcha, então não é nascida, mas... como pode?” Surpresa de ter negro no RS. Me acostumei em não ter muito negro junto no trabalho. Não tem, não tem. Ajudei a criar uma associação de classe de técnicos em educação do Estado, entrei a única negra, saí a única negra. Não tem mesmo ou estão sumidos, qual é o problema? Não assumem o papel de aparecer. **Amina**

Amina foi para o movimento negro na década de 1970 em função do seu trabalho na Secretaria de Ensino do Estado. Foi estudar sobre a questão negra porque ela precisava do conhecimento para participar da subcomissão que tratava desse tema. Na década de 80 começou a participar dos agentes da pastoral da igreja católica, onde ficou por 25 anos trabalhando na educação voltada para a questão racial.

Ela sente um estranhamento que em alguns espaços, tidos como mais “cultos” ainda encontra poucos negros, como por exemplo, em teatros, shows. Em shows de samba e pagode seria “normal” encontrar negros. Uma questão cultural ou de acolhimento, sentir-se bem, reconhecer-se e ser reconhecida?

A diferença é do tipo de cultura, tem alguma conotação com os artistas, porque será que a plateia é quase totalmente branca, por que os negros não vão? Acho que não é só questão de dinheiro, não. Não é barato, mas será que nenhum negro tem condição de pagar? Por que será? Uma coisa que me incomoda demais, tu chega num lugar e não vê negro. Por que não? **Amina**

Guimarães (2004) ressalta que a tentativa de embranquecimento do negro por aqueles que reconheciam seu valor intelectual e artístico, não nos deve fechar os olhos para a contribuição de introdução, na cultura brasileira, de valores estéticos e de ideias mestiças que modificaram a vida cultural nacional. Porque de fato, uma estratégia de completo embranquecimento jamais poderia ser bem-sucedida. Se foi comum a absorção de pretos e mulatos em famílias e meios sociais brancos e ricos, foi também registrada, nas artes e nos

escritos políticos que marcaram o longo caminho da construção da negritude no Brasil, a dolorida experiência de ser negro ou mulato no mundo dos brancos.

Líderes negros do século XIX bem sabiam que o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e ou exploradas que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes. Atualmente, em setores de trabalho mais desvalorizados, encontramos mulheres negras, porém, quando se exige nível de escolaridade mais alto o acesso diminui.

Mesmo, contudo, com todas as discriminações vividas pelas mulheres negras, a vitimização não faz parte do seu cotidiano, as dificuldades são reconhecidas, mas a busca de formas para ultrapassá-las é permanente. Em todas as falas das mulheres que participaram deste estudo há uma preocupação em driblar os obstáculos que encontram em suas trajetórias, com destaque para o olhar que “cuida do outro” e busca alternativas para amenizar as dificuldades próprias e daqueles que as rodeiam.

A Educação é referida em todos os encontros como indispensável na formação das colaboradoras assim como de seus filhos. Seja a educação oferecida em casa pela mãe, pai, avós e tios, quanto a educação escolar ou aquela desenvolvida nos movimentos sociais.

4.4. Educação antirracista. “É obvio que o negro vai pro fundo da sala”

As flores também são de cores variadas. E entre elas não existe o preconceito. É que o homem raciocina, e as flores não. Mas o raciocínio do homem é tolice.

Carolina Maria de Jesus

Embora normalmente os negros e negras sejam excluídos em vários ambientes, a construção e afirmação da identidade deste estar-sendo acontecem em vários espaços que lidam com o reconhecimento e conscientização da população negra, como por exemplo: a família, a escola, os movimentos sociais e culturais.

Em um artigo de Moacyr Scliar (2008), no auge da discussão sobre cotas nas universidades, quando estavam ingressando os primeiros cotistas negros na UFRGS, há o relato de uma brincadeira da época em que o escritor era criança e junto com seus colegas tentavam identificar negros com óculos nas ruas. Era muito difícil encontrá-los, porque poucos negros usavam óculos, talvez por serem pobres, não dispunham de recursos para comprá-los e muitos ainda não frequentavam a escola.

Ao longo da história em nosso país, incluindo o Rio Grande do Sul, embora existisse um projeto educacional do Império que instituísse a obrigatoriedade de ensino dos 7 aos 14 anos e eliminasse a proibição de escravos frequentarem as escolas públicas, em 1879, a realidade era outra. Escolas se negavam a matricular escravos, negros livres e libertos (GONÇALVES, 2000).

A educação no Brasil colônia era proibida para escravos, pois estava reservada aos cidadãos brasileiros e o negro havia nascido na África. Os impedimentos de acesso à educação se refletem até os dias atuais como uma mostra do preconceito e discriminação de raça e também de gênero.

Fernandes (1986) aponta que foi por meio da organização coletiva que negros e negras em nosso país buscaram construir sua identidade e conquistar espaços sociais, culturais e políticos. Foi através da resistência nos quilombos que deram origem aos movimentos sociais que buscavam combater com as mesmas armas que os brancos utilizavam: cultura e instrução. Era uma busca pela cidadania, como coloca Cavalleiro (2005) uma educação antirracista não só proporciona o bem-estar do ser humano, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileiras.

A mulher negra não era incentivada a ter estudo e profissão. Um caso emblemático é a história de Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé em São Paulo, catadora de papel para sobreviver e escritora por satisfação. É um símbolo de resiliência ao

resistir e contornar os obstáculos (que não foram poucos) que se apresentaram em seu caminho.

Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. [...] Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos (JESUS, 2007).

Atualmente existem Resoluções, Pareceres e Leis que dão suporte para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana⁶⁸ em nosso país. Estes documentos constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação de ações escolares para promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes na sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil. Contribuem na busca relações étnico-sociais positivas, rumo à construção da nação democrática.

O objetivo destes documentos é reconhecer e valorizar nossas raízes africanas ao lado das indígenas, europeias e asiáticas por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores a serem estabelecidos pelas Instituições educativas e seus professores, com o apoio e a supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas.

Bello (2011) constata que a escolarização dos pais dos estudantes universitários que fizeram parte da pesquisa era baixa, com pouco acesso aos bancos escolares. Ainda assim os estudos foram prioridade na educação dos filhos. Os pais e a mães, especialmente as mães se esforçavam e incentivavam os estudos, desejavam que seus filhos fossem além de suas conquistas, porque percebiam que as limitações de trabalho e financeiras que viviam eram também decorrentes da falta de estudos e não queriam que isso se repetisse com os filhos.

⁶⁸ Resolução CNE/CEB nº 01/2000, Resolução CNE/CEB nº 3/2010, Parecer CNE/CEB nº 02/2007, Parecer CNE/CEB nº 11/2000, Parecer CNE/CP nº 03/2004, Resolução CNE/CP nº 01/2004, Lei 10.639/2003. Disponível no endereço: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em 26/08/2016.

Um dos terrenos de combate é o dos Direitos Humanos, que obriga a reconhecer a identidade, um terreno político-jurídico, mesmo sendo importante, não é suficiente, as leis não destroem os preconceitos e as atitudes invisíveis da cabeça das pessoas. Por isso a importância da educação. Educar é antes de tudo, formar cidadãos (MUNANGA, 2002, p. 44).

Todos os esforços se concentravam para que eles tivessem tudo o que fosse necessário para estudar e assim tivessem um futuro melhor: morar perto de boas escolas, garantir o material escolar, incentivar a pesquisa nas bibliotecas e a participação nas atividades escolares como um todo. O mesmo ocorre entre as mulheres que participaram desta pesquisa:

[...] Meus pais eram semianalfabetos, os dois estudaram até o segundo ano primário, eram leitores, mas não tiveram oportunidade de estudar muito, uma das coisas que eles faziam questão era de que os filhos estudassem. Meu pai era pedreiro e minha mãe cozinheira. Eles tinham como projeto de vida que os filhos deles tinham que ter alguma coisa a mais, isso nós ouvimos a vida toda. Duas coisas foram muito marcantes na nossa criação: investir no estudo e não se acomodar nos lugares que os pais ocuparam por falta de condições de estudos. Eles sempre nos disseram: “gostaríamos de ter estudado mais, de ter tido outras profissões.” Não deu. Então passa a ser o projeto pros filhos. **Niara**

Uma preocupação de casa: não faltar material escolar, se não dá pra comprar, tem biblioteca. Fui durante muito tempo rato de biblioteca. Não tinha como dizer: “Não fiz porque não tenho material.” Isso não é razão para não fazer. A gente tinha tudo que era solicitado. Há uns anos atrás encontrei uma colega de ginásio do Bom Conselho que disse: “Nunca vou te esquecer, eu tinha uma inveja do teu material escolar. Tu tinhas uns cadernos que ninguém tinha, eram diferentes. Eu nunca me esquecerei de ti, por um detalhe: tu tinhas um material escolar que ninguém tinha. Eu ficava de olho nos teus cadernos.” Aí eu me lembrei que o meu pai era funcionário da viação Férrea e nós tínhamos cadernos da Associação. Foi um período de estudos bem tranquilo. Meus pais cuidavam bem disso. **Amina**

Makini, professora e orientadora educacional aposentada, relata que ela e os irmãos tinham incentivo de toda família para estudar. Ela destaca com orgulho que seu pai era muito inteligente, fazia discursos pelo interior.

Como acontece em outras famílias negras, eles nos elegeram como inteligentes. Sempre que a minha mãe precisava de alguma coisa, algum material, eles ajudavam. (Fui) Uma menina muito curiosa, ir atrás, saber as coisas do mundo. **Makini**

Dakarai comenta que seus pais mudaram de Barra do Ribeiro para Tapes para que os filhos pudessem estudar mais, porém os desafios estavam presentes, como por exemplo, discriminação no colégio de freiras e no clube da cidade em que foram morar.

A gente foi morar em Tapes porque a gente queria estudar mais um pouquinho. Fiz o ginásio num colégio de freira, também onde eu só podia dançar com o professor porque eu era negra. **Dakarai**

Amina coloca que estudou em escolas padrão, com os melhores professores (nenhum negro) e poucos estudantes negros. Sua mãe a incentivou a participar de todas as atividades na escola, festas, apresentações, passeios porque se ela estava naquele espaço deveria fazer parte de todas as atividades.

Outra coisa que ajuda, minha mãe sempre perguntava. “Por que não ir, por que não estar?” No Bom Conselho, colégio particular, tu és aluna como as outras. Tem a festa, tem o piquenique, lá é o teu meio, se tu estás lá, também é teu meio. **Amina**

Existe um cuidado evidenciado pelas famílias de **Amina**, **Niara** e **Makini**, que procuram incentivar suas participações em momentos e espaços importantes para a

formação pessoal, escolar, política. O “estar” na escola, nos passeios de turma, em espaços de luta política constitui as histórias de vida dessas mulheres negras que vem ao longo da caminhada trabalhando com questões raciais dentro de suas famílias, mas também na escola como estudantes e professoras. A luta contra o racismo, preconceito e discriminação foi reforçada dentro das famílias através do cuidado com a autoestima e o incentivo à educação, valorizando a sabedoria dos pais e avós.

Amina estudou no Instituto de Educação e fez três períodos de jardim, três anos de ensino primário; repetiu a quinta série com onze anos no Colégio Bom Conselho porque não tinha sexta série. Lá era a única negra de 150 alunos, ficou durante cinco anos e depois retornou ao Instituto de Educação para fazer Magistério na década de 1950. No Instituto eram 140 alunos divididos em cinco turmas, tinha alguns negros. Quando se pergunta hoje porque não se sentia discriminada percebe que o cuidado da mãe e do pai foi muito importante nos primeiros anos, na escola, o que acabou auxiliando também quando foi trabalhar.

O esforço para se destacar como boa aluna, talvez fizesse parte de uma busca para ser incluída nos grupos porque, assim, era chamada para auxiliar os colegas de aula. Parece que nesses espaços de estudo e de trabalho está presente a ambiguidade entre inclusão e exclusão, uma preocupação em não “estar fora” e sim “estar dentro” para poder ser reconhecida. Seus pais já sabiam destes desafios.

Eu participava de todas as atividades. Por que não fui rejeitada? Essa é a pergunta que eu hoje faço. Normalmente seria, qual foi o componente que fez com que eu não percebesse e sentisse que havia uma diferença de tratamento. [...] Eu tive um componente que não me deixou ver a questão racista muito de perto, eu fui uma boa aluna [...] era requisitada, era boa aluna em matemática. Às vezes eu era chamada para ajudar outra aluna. Às vezes as colegas e às vezes até os próprios professores requisitavam. Hoje eu teria outro entendimento, na época eu não tive. **Amina**

Aos dez anos **Amina** avisou a mãe que não retornaria mais ao Instituto de Educação porque embora tenha sido uma aluna razoavelmente boa quando fez o exame de admissão, passou em todas as disciplinas, exceto em português. Mas ela ficou magoada com a explicação que a professora apresentou à sua mãe:

“**Amina** só fez bobagem, ela só tem dez anos e meio e pode repetir o quinto ano, até porque tem meninas mais velhas que precisam entrar no ginásio.” (fala da professora) Aquilo me incomodou, muito, muito, muito. Eu disse para minha mãe: “Pro Instituto não volto, com essa professora não estudo mais.” Tudo podia ter sido dito, menos isso. Só voltei a falar com a professora no Normal⁶⁹, de tão incomodada que eu fiquei. Foi uma coisa interessante, a professora era da mesma cidade da minha mãe, tinha estudado com a minha mãe, aquilo me deixou muito incomodada. Eu dizia: “Não adianta, com a Dona Fulana, não vou mais!”
Amina

Niara teve um percurso diferente, estudou em escolas públicas na periferia de Porto Alegre onde conviveu com vários negros no Ensino Fundamental e médio. Ela teve um padrinho intelectual durante o Ensino Médio que orientou, ensinou e possibilitou, inclusive financeiramente, que ela fizesse um cursinho preparatório para o vestibular. Através da filha de uma vizinha que era empregada doméstica na casa desse senhor, um homem branco de 65 anos, que **Niara** foi convidada para ter aulas de inglês e lá descobriu um mundo diferente, aprendeu inglês, o hábito da leitura, literatura o que de certa forma a levou a escolher o curso de Letras.

[...] Um professor poliglota, depois de aposentado ofereceu ensinar inglês para preencher seu tempo, ofereceu para ensinar inglês para filha dela, mas não era interessante que fosse só para uma e disse para ela convidar uma amiga. Ela me convidou e eu fui. Ele devia ter 65 anos. Uma ou duas vezes por semana eu passava as tardes aprendendo muito mais do que inglês, tinha um universo que eu desconhecia completamente, de literatura que eu fui

⁶⁹ Curso que equivale atualmente ao Ensino Médio.

descobririndo naquela casa, quase toda casa era uma biblioteca. Arrumaram outros motivos da gente ficar por ali. Uma hora de inglês chegava as duas e saía as seis, sete vendo um livro e outro. Um hábito de ler que não tinha na minha família, não tinha pais leitores. Investiam no estudo, mas não tinham como oferecer isso. Eu lia coisa que eu não tinha condições de ler. Penso hoje como li “Pedro Paramo”, não entendi e nunca mais li. Outros livros infanto-juvenis como “Pollyana”, “Uma menina chamada Rita.” Outras pessoas foram alcançando livros, um namoradinho de minha irmã, um vizinho, fui descobrindo outras leituras. **Niara**

Niara ressalta que vivemos um momento em que está sendo muito importante, por meio da política de ação afirmativa na educação e mercado de trabalho, confrontar uma sociedade que até pouco tempo defendia o mito de democracia racial com a efetiva manifestação de racismo existente. A tentativa de democratizar o acesso ao ensino superior para as camadas populares, por meio das cotas, é questionada em nosso país. Ela ameaça a situação confortável de parte da sociedade, que até pouco tempo tinha seu espaço garantido na educação e, conseqüentemente, em boas posições no mercado de trabalho.

Hoje a gente está num momento mais feliz, a questão das cotas é uma satisfação, mudou a cor dos alunos, se não chegou no percentual que a gente queria para mim tanto faz, porque mudou cor, faixa etária, jeito de andar, tá diferente essa Universidade. [...] A questão das cotas foi lindo, maravilhoso esse processo que a gente viveu aqui. O movimento estudantil que mobilizou toda questão sobre cotas aqui não tem a dimensão do quanto eles foram educadores, articuladores. Do quanto a universidade aprendeu com eles, o movimento social aprendeu com eles, ensinou pra eles também. Foi o processo mais bonito que a gente já viu, pra mim não tem. Vejo algumas carinhas de alguns estudantes pretos, brancos, menos pretos que são crianças que estão nesse nascedouro, nessa escola. **Niara**

A resistência à aceitação das cotas para ingresso em universidades torna-se evidente pela manifestação de alguns pesquisadores (FRY, MAGGIE 2007; KAUFMANN, 2007; MAGNOLI, 2009; entre outros). Lembramos que essa resistência não ocorreu quando foram

implantadas no Brasil outros tipos de cotas, como por exemplo, cotas para filhos de agricultores em curso de Agronomia e Veterinária, conhecida como Lei do Boi de 1968 (Lei nº 5.465, de 3 de julho de 1968)⁷⁰, cotas para deficientes físicos no mercado de trabalho de 24 de julho de 1991 quando entrou em vigor, em nível nacional, através da Lei nº 8.213, pois já estava previsto na Constituição Federal em seu Artigo 37, Parágrafo VIII, ou cotas para mulheres na política, Leis nº 9.100/ 95 e nº 9.504/97.

Não é por acaso que o sistema brasileiro de ensino está dividido em distintos segmentos: público e privado, leigo e religioso, voltado para funções técnicas e orientado para universidade, gratuito e pago. [...] Não é produto do acaso, nem de razões puramente pedagógicas... o sistema de ensino está estruturado segundo as concepções e interesses daqueles que dispõem das condições de decidir sobre essas questões; ou das concepções e interesses que essas pessoas representam... reproduz disparidade e antagonismos básicos da sociedade (IANNI, 2004, p. 269).

Inicialmente a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio da Decisão 134/2007- Conselho Universitário (CONSUN) previu a criação de cotas sociais (estudantes oriundos escola pública), raciais (estudantes oriundos de escola pública autodeclarados negros) e vagas específicas para indígenas até 2012. As vagas foram assim distribuídas: 10 (dez) novas vagas a cada ano para candidatos indígenas, e no mínimo, 30% (trinta por cento) das vagas existentes para candidatos egressos do ensino público, sendo que no mínimo 15% (quinze por cento) devem ser reservadas aos estudantes autodeclarados negros.

Em 2012, após a avaliação do sistema de reserva de vagas, o CONSUN da UFRGS aprovou por unanimidade as mudanças que passaram a valer no Concurso Vestibular 2013. As alterações adequaram o Programa de Ações Afirmativas da Universidade ao

⁷⁰ Lei do Boi de 1968. Art. 1º: Os estabelecimentos de Ensino Médio agrícola e as Escolas Superiores de Agricultura e Veterinária, mantidos pela União, reservarão, anualmente, de preferência, de 50% (cinquenta por cento) de suas vagas a candidatos agricultores ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que residam com suas famílias na zona rural e 30% (trinta por cento) a agricultores ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que residam em cidades ou vilas que não possuam estabelecimentos de Ensino Médio.

decreto e à portaria da Presidência da República que regulamentam a Lei das Cotas – Lei nº 12.711⁷¹ de 29 de agosto de 2012, que trata da implementação das reservas de vagas em instituições federais de ensino. Para estudantes indígenas continua o processo seletivo de ingresso específico.

Mesmo com todas as mudanças que vêm ocorrendo na Universidade e em nossa sociedade ainda acontecem alguns equívocos quando se fala em diversidade e representação dessa diversidade, como se somente algumas pessoas estivessem implicadas nessa questão.

A diversidade em si é um dado estático, não necessariamente transformador, especialmente se removido do contexto estrutural e das condições estruturantes próprias à sociedade racializada e refletidas no racismo. O problema da sociedade racializada não é tanto a presença ou não de “diversidade” e seu reconhecimento formal como um dado social ou cultural, mas o reconhecimento positivo da diferença no sentido da aceitação do Outro Total, e das dinâmicas singulares que lhe são constitutivamente próprias. É por isso que, se não for ancorada num contexto de profundas mudanças estruturais visando ao desmantelamento das desigualdades sociorraciais, a promoção da “diversidade” pode, rapidamente, se revelar como uma nova tentativa de autoengano. (MOORE, 2012, p. 235)

Seguindo os caminhos apontados por Moore, que almeja grandes mudanças para dar conta de uma sociedade racializada, Freire (2004) propõe o convívio com esse outro que é diferente de nós, mas não inferior, respeitando suas ideias e sensibilidades de mundo para dessa forma aprendermos e crescermos. Ressalta que a tolerância verdadeira possui dois lados, ambos se toleram, se respeitam (sonhos, ideias, opções, gostos) porque sua legitimidade está no ensinar e aprender com o diferente.

Nesta mesma linha de pensamento, destaco as ideias de Silva (2007), quando defende que a educação das relações étnico-raciais procura formar cidadãos empenhados na promoção de condições de igualdade de direitos sociais, políticos, econômicos e ainda, dos

⁷¹ Lei nº 12.711/ 2012, de 29 de agosto, da Presidência da República aprovou a reserva de no mínimo 50% das vagas para egressos do ensino público nas universidades públicas, com preferência para as famílias que recebem menos de um salário mínimo e meio per capita.

direitos de ser, viver e pensar próprios. Esta educação fomenta o comprometimento com o reconhecimento e valorização de visões de mundo, experiências históricas, assim como das contribuições de diferentes povos, negociando prioridades, interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos.

Quando foi para a Universidade, **Niara** se deparou com uma nova realidade, pois existiam mais negros, no entanto eles eram estrangeiros.

Isso era um panorama muito comum na época. No meu convívio eu circulava bem com brancos, mas o meu grupo era dos negros. Eu sempre procurei os negros para me associar, tinha muitas coisas em comum para eu ficar longe deles. Tinha amigos brancos também, esses amigos brancos eram vinculados por outra questão, era o branco pobre. Reencontrei uma colega com quem estudei no Ensino Fundamental. No Ensino Médio fomos para escolas diferentes e nos reencontramos na Letras no primeiro semestre e mais outros três colegas negros, mas eram africanos. Tinha uma aproximação se não fosse pela questão racial era pela questão econômica, era muito visível na minha vida acadêmica. **Niara**

Esta postura de se associar aos negros ou brancos pobres nos remete para a definição de “pedaço” em que Magnani (2002, p. 12) identifica a busca das pessoas por identificação de gostos, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhante. Embora a Universidade não fosse esse espaço de iguais existia a busca pelos iguais, onde pudessem exercitar os códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças evocando laços de pertencimento e estabelecimento de fronteiras.

Niara tinha dificuldade para acompanhar os colegas na faculdade porque eles tinham uma bagagem que ela não possuía. Os colegas faziam os trabalhos de crítica literária e de língua estrangeira com uma facilidade que Niara só foi entender mais tarde. Hoje compreende que a Universidade desconsiderava o estudante oriundo de camadas populares, de escolas públicas, não oferecia informação suficiente para que ele desse conta das exigências da academia.

Eu fazia os trabalhos acadêmicos com o que absorvia das aulas e com o material recebido lá. Meu trabalho era com o meu recurso. Recurso que eu tinha, que era muito pouco. Eu ficava impressionada e me perguntava: “de onde eles (colegas) tiraram essa interpretação?” Um dia eu fui na biblioteca, mas eu não sabia usar a biblioteca como deveria. A gente estava fazendo análise de texto de Fernando Pessoa, fui procurar uma poesia e eu achei um livro de crítica literária. Encontrei nele a análise de uma poesia de Pessoa com uma interpretação muito próxima da que eu e minha e duas colegas com origem parecida com a minha tínhamos feito. Mas com outros termos, outras palavras. A gente não tinha vocabulário. Eu descobri que meus colegas que iam tão bem se utilizavam de um recurso que eu sequer sabia que existia. **Niara**

Segundo Rocha (2009) as escolas passam por algumas fases até incluir a discussão racial no currículo. A primeira fase é a da “invisibilidade” em que o silêncio sobre o tema é escolhido como estratégia; depois vem a fase da “negação”, pensam no tema, mas acreditam no mito da democracia racial, em que defendem a ideia de que o racismo não existe e abordar o assunto pode incitar ódio ou ainda pretendem convencer que as desigualdades entre brancos e negros ocorre apenas economicamente; outra fase é a do “reconhecimento” em que a escola reconhece a necessidade de tratar os temas de racismo, preconceito e discriminação, mas tem dúvidas de como efetivar, não sabe o que, quando e como fazer; a quarta fase é a do avanço e os projetos deixam de ser esporádicos e passam a fazer parte do currículo e das atividades escolares, a escola ensina e promove o respeito às diferenças e a vivência da diversidade.

Em sala de aula alguns professores têm dificuldade para lidar com situações de racismo e discriminação, às vezes, por falta de formação política e profissional. **Niara** comenta uma situação que viveu quando era professora no ensino fundamental em uma escola em Sapucaia do Sul, região metropolitana de Porto Alegre e reforça a necessidade desse comprometimento com a questão racial na formação de professores.

Quando a questão era racial, parecia que a pessoa ficava paralisada, não posso acusar de racismo, era por não saber como lidar com isso: viver conflitos em sala de aula. Eu vivi isso! Eu assisti conflito de aluno dentro da sala de aula ser ironizado por outro por ser negro. Um caso específico de um aluno baiano: “Eu não sou negro, eu sou brasileiro. Questão de negro é com a professora Niara”. É comigo. Alguém tem que tomar para si isso, independente do espaço que a gente esteja, para que o aluno deixe de dizer que não tem nada a ver com isso quando ele está sendo agredido. **Niara**

Niara também comenta duas situações que viveu com sua filha, uma quando ela ainda estava na creche e outra no Ensino Fundamental. Quando sua filha entrou na creche já na turma do Jardim B houve uma disputa de espaço e liderança com o grupo de crianças que vinha desde o berçário juntos.

Tinha uma menina que começou a dar ordens: “Junta os brinquedos negra isso, negra aquilo.” Os brinquedos que eu enviei pra creche já foram escolhas pensando na identidade racial. As bonecas dela eram pretas. “Mãe, ela me chamou de negra isso, negra aquilo.” Fui monitorando e tentando conciliar. “Diz para ela que tu tem nome”. Um dia a guria deu um empurrão. Atirava os brinquedos longe para guria juntar. Antes de mandar ela dar uma surra na colega, fui até a creche conversar com as professoras. **Niara**

Niara passa a acompanhar e orientar a filha para lidar com as provocações de uma colega, mas não percebia movimento das professoras para resolver a questão. Foi até a escola e pediu que a mãe da criança fosse chamada para conversar e tentar resolver o problema.

Não sei se vocês estão percebendo, tem um conflito. Estou percebendo que há uma disputa de autoridade, mas está indo para o campo das relações raciais. Elas disseram que estavam observando, mas que minha filha estava se impondo. Eu disse que estava monitorando, pedindo para ela reagir, mas vai chegar uma hora que não vai dar. Que falassem com chama a mãe da criança, que (eu não queria saber quem era a criança e quem era a mãe para não me irritar) porque eu ia lá todo dia. Alguma coisa elas tinham que fazer. [...] Em uma reunião de avaliação a mãe da menina contou que a filha estava se demonstrando muito preconceituosa. Ela não sabia de onde aquilo estava saindo, que dela e do pai não era.

Tempos depois a professora me disse que não quis contar na ocasião que as crianças tentaram colocar fogo na boneca preta que minha filha tinha levado pra sala. **Niara**

Silva (2007) chama a atenção para a questão racial não como exclusividade dos negros, mas um compromisso de toda sociedade brasileira.

Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que ele deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditados e outros gestos influem na educação (SILVA, 2007, p. 1).

De tal situação de preconceito e discriminação foram criados projetos na tentativa de diminuir os problemas de relacionamento na turma. O projeto intitulado “Todo mundo é diferente, mas as relações devem ser iguais” trouxe os familiares das crianças, com as mais diferentes origens para apresentar suas tradições e culturas. Outro projeto foi “Todo mundo é amigo” porque estava acontecendo muita briga entre as crianças e com a iniciativa o problema foi apaziguado.

Quando sua filha estava na primeira série do ensino fundamental houve um problema com a localização em sala de aula. A professora colocou a menina na última fila da sala e **Niara** não gostou nada e questionou a professora.

E nessa questão do canto da sala, na primeira série a professora fez um espelho da classe e quando eu ia buscar a minha filha ela estava sempre lá atrás. Perguntei pra professora por quê? “Ela é maiorzinha”. “A senhora troque ela de lugar, por favor, porque eu não gostaria que ela ficasse no fundo porque a criança fica mais desatenta.” É óbvio que o negro vai pro fundo da sala. O aluno que está mais na frente está mais no olho do professor, tem mais atenção. Então porque no espelho de classe ela tem que botar o preto na última fila, para ser o negro que tem menor atenção, que se abrir a boca é para atrapalhar o outro que está mais atento. A professora entendeu e trocou o espelho. Acabou com a questão do tamanho ela nem era gigante pra estar lá. Eu não queria mesmo porque eu sei o que significa isso dentro

de uma organização de classe. Quando tu pões os detrás tu já tens uma avaliação em termos de expectativa, de rendimento ou de comportamento. **Niara**

A própria **Niara** em seu comentário deixa clara sua impressão sobre as expectativas das professoras em relação ao estudante negro, ela é muito baixa, não faz questão de tê-lo próximo a si. No fundo da sala são ignorados, esquecidos, não incomodam... e, dificilmente aprendem também. Naturalizar essa postura e outras que sutilmente excluem o negro em vários espaços é compactuar com esse racismo que está entranhado em nossa formação, em nossas histórias de vida. São muitos exemplos desse tipo de atitude em salas de aula.

Makini também comenta que enquanto trabalhou como orientadora educacional viu várias vezes crianças negras sendo retiradas de sala de aula:

Estudantes negros sendo retirados de aula, saem de casa, os pais incentivando. Eu via eles sentadinhos nos bancos eu chamava eles pro SOE (Setor de Orientação Educacional). O que houve? Era assim ó, um colega chamava ele de macaco e ele reagia, a professora via ele reagindo, não analisava. Já mandava para sala do SOE. Assim como outros, em outras salas também acontecia. Aí comecei a fazer atendimento com eles e para as mães ali naquela região, os padres franciscanos da igreja do bairro, no bairro Santo Antonio, eles faziam um trabalho na Vila Maria da Conceição, tinha umas colegas minhas que trabalhavam também na Pastoral, então mães que trabalhavam na Vila Conceição. **Makini**

Negros e negras precisam frequentemente demonstrar suas capacidades, superar os demais colegas. Não basta ser mediano, acompanhar a turma, precisa se destacar para conseguir alcançar seus sonhos, ser reconhecido. O caminho utilizado, muitas vezes, é a escola e o acesso à informação. Esta busca é necessária para poder ultrapassar os limites impostos pela sociedade. **Makini** comenta que sua filha tirava nota máxima nas provas, mas seu boletim não refletia isso. Fez uma consulta com outras crianças negras e esta situação se repetia:

[...] teve problema de avaliação, eu tive que ir lá falar com a professora. Em inglês ela tirou um oito. Eu sempre questionava. “Ah, mãe eu não sei, na prova eu tirei dez”. A professora ficou muito apavorada que eu fui cobrar. Eu sou professora de inglês, ela ficou muito apavorada, minha filha é excelente, eu sou professora de inglês. Sou uma mãe muito chata, muito atrevida, com relação aos meus filhos. Ela olhou e mostrou. Tirou dez em todas as provas e o trabalho de grupo ela tirou oito, mesmo somando não dá oito. Ela ficou toda sem jeito por ter dado aquela nota. Eu acredito que foi uma nota racista [...] Eu comecei uma pesquisa, porque nessa época eu trabalhava com as meninas do Afrosul que estudavam em escolas privadas sobre as notas de inglês, nenhuma tinha dez.

Ashanti, atriz e estudante universitária, compartilha desejos e angústias que a levaram a trocar o curso de Teatro por Políticas Públicas:

Daí eu entrei em uma zona de conflito que era: os artistas tem que reclamar mesmo. Não tem políticas públicas pras coisas, tem que falar. De outro lado não é bem assim, mas não adianta dar essa resposta. Daí tranquei o curso de Teatro e entrei na seleção das Políticas Públicas. Vi meu histórico em branco, agora eu tava em outro curso. Me deu um congelamento! Eu tenho pensado muito na minha trajetória, sobre o que eu tenho aprendido e no meu lugar de conflito. Quero aprender muito, quero ter uma informação concreta e profunda das coisas. A serviço de quem eu tô querendo essa informação e para que eu preciso dessa informação? Para ter legitimidade. **Ashanti**

Quando **Amina** foi trabalhar na escola que funcionava no Instituto Amparo Santa Cruz viveu uma situação difícil que teve desdobramentos em sua trajetória profissional e acadêmica. Em um final da manhã qualquer, seus alunos estavam colhendo flores no jardim para oferecer à professora. Era final do expediente, hora das professoras saírem para pegar o ônibus e chega a presidente da entidade.

Uma pessoa muito influente. Abriu a boca e arrasou de cabo a rabo numa linguagem que não me agradou. Mas não se dirigiu a mim. Ela podia ter feito uma reclamação para mim, ela emparelhou todo grupo de professores e eu não gostei. Eu pedi uma audiência com ela e esperei quinze dias. Vim na delegacia (de ensino) que funcionava na Av. Independência.

Comuniquei o que havia acontecido e argumentei que a escola tinha uma direção, se ela tinha uma reclamação tinha que falar para direção. Emparelhou todos os professores. **Amina**

Mesmo tendo sido advertida pela delegada de ensino que estava “mexendo num abelheiro”⁷² e que a denúncia seria um problema da delegacia de ensino, não da escola, fez a denúncia por escrito: “Acho uma falta de respeito o que aconteceu, não é porque eu tenho 22, 23 anos.” Quando estava em férias naquele ano, a professora **Amina** foi chamada para retirar alguns documentos porque a Delegacia de Ensino havia incendiado. Um professor da PUC, que fazia parte da comissão diretora da entidade morava bem perto da sua casa e ofereceu carona. Ela estava com uma amiga e aceitou a carona, foi quando ele faz referência ao assunto da denúncia: “A gente soube que tu fez a denúncia na Delegacia e pega muito mal, porque a dona fulana que é a presidente é uma pessoa da alta sociedade, quem sabe tu retira.” **Amina** não se intimidou e respondeu prontamente.

Veja bem doutor, eu pedi um encontro, esperei por quinze dias, nem resposta pra dizer: “Não vou te atender.” Não houve resposta. Nem que nós fossemos empregados dela, ela poderia se dirigir assim. Nós não somos empregados dela, somos funcionários do Estado. Não podia falar aquilo na frente das crianças. Agora não é mais comigo é com a Delegacia. E o professor disse: “As pessoas vão passar o vexame de ser chamadas. E tu não estás livre de ter uma tuberculose, lepra.” Despejou um monte de coisa. Eu pensei: o que tá no papel, tá no papel eu não fiz uma queixa eu fiz uma denúncia. **Amina**

O desenrolar da história aconteceu anos depois quando reencontrou o professor no curso de Ciências Sociais na PUC/RS. Ele tentou prejudicá-la, mas os colegas identificaram o alvo e avisaram-na sobre as intenções que ele tinha de “corrigir a professora negra ousada”. Foi o momento de tentar se superar, não faltando nenhuma aula, sentando na frente na sala de aula, fazendo todos os trabalhos e se preparando para as provas escritas e orais.

⁷² Esta expressão significa se envolver em situação difícil, complicada, de risco.

Ele vai à escola, se apresentou como elemento da diretoria da instituição e diz: “Ano passado a gente teve um problema, uma professora, uma negra que ousou se confrontar com a diretoria, mas ela vai ser minha aluna e aí nós vamos ver” As pessoas identificaram e em seguida eu soube. “Te prepara que ele vai cair em cima de ti com tudo que puder.” Aí chegou o fim do ano, prova escrita e prova oral, eu falei com meus colegas: “Gente, tá acontecendo isso e isso”. Eles foram assistir. Ele (professor) me deixou pro fim, era ponto sorteado, chegou a minha vez ele disse: “Você não vai sortear, vai falar o que você quiser.” Não, não é ponto sorteado? Como vou falar o que eu quero, pode ser que não seja aquilo que a banca queira ouvir. Foi uma coisa assim, vai não vai, acabou ele não sorteou, me sabatinou a matéria inteira do ano inteiro. **Amina**

Amina teve uma educação voltada para a autonomia. Cresceu ouvindo o lema: autonomia e responsabilidade. Desde o primeiro emprego, quando tinha 19 anos, trabalhou como professora e diretora: “me deram a direção, olha só, recém-saída das fraldas!”. Relembra que algumas vezes o papel de professora ultrapassava a tarefa de ensinar, era necessário ser também cuidadora, mãe, dar banho, cortar as unhas, tratar as feridas, dar colo, repartir a merenda: “Não dá só pra dar aula é preciso fazer muito mais”.

Ela conta a história de um aluno que tinha 16 anos e muita dificuldade para obedecê-la, tentando sair da escola sem autorização, por exemplo. Ela só entendeu a situação quando a mãe do aluno foi na escola para conhecer “a professora que deixava o filho tão irritado”. Foi a primeira escola em que **Amina** trabalhou e na época ela tinha 19 anos.

“Quero falar com a professora do meu filho.” Eu me apresentei e ela disse: “Eu não acredito, eu tô pensando que é uma professora idosa. Porque o meu marido ensinou os seis filhos que ‘a mulher tem que estar à disposição. Se meus filhos quiserem sonho de madrugada, eu levanto pra fazer. Eles não são acostumados a obedecer mulher, a mulher é que tem que estar à disposição’. Ele fica louco porque tem que obedecer a mulher. Mas eu pensei que a professora era uma senhora, não uma menina”. **Amina**

Outra história que **Amina** não esquece é de uma aluna que tinha 15 anos, era criada pela avó e pelo padrinho. Era muito mimada, não respeitava a avó e vinha com um presentinho para a professora e depois aprontava. Anos mais tarde a aluna bateu a sua porta para agradecer os limites que a professora aos 19 anos havia colocado em sua vida.

Uma flor, um pão. Pra comprar. Eu me dei conta que ela tinha uma segunda intenção. “Trouxe um pão feito em casa pra senhora.” “Se tu veio com segunda intenção pode levar o teu presente. Eu te conheço. Vem agradando pra aprontar alguma coisa. Se tiver segunda intenção tu leva de volta, nem vou tocar.” Depois de quinze, vinte anos toca a campainha, qual minha surpresa? Era ela, casada: “Ah professora, nunca vou esquecer o duro que a senhora dava em mim. Era a única pessoa que exigia mais de mim.” Ela levou um quadro da santa ceia bem bonito. **Amina**

Com as situações compartilhadas por **Amina** sobre os mais de 60 anos focada na Educação, orgulhosa de ser boa aluna e professora dedicada, penso em Freire (2004) quando diz que ninguém nasce feito, a gente se faz, a gente se constrói social e historicamente. Tornamo-nos professor quando somos aluno, gostando de ser aluno, gostando de exercer a curiosidade, de procurar a razão de ser dos fatos e dos objetos. Quando se gosta de aprender, descobre-se também o gosto de ensinar.

A diversidade e a diferença precisam ser expressas como elementos positivos e enriquecedores do processo educativo. O estabelecimento de canais de comunicação atuantes, a troca de experiências e a partilha na responsabilidade de construção de uma proposta educacional vinculada à realidade da comunidade escolar deverão ser uma constante preocupação (ROCHA, 2009).

Acredito que os questionamentos que as colaboradoras se fazem, ao contar suas histórias são o motor propulsor das mudanças. Elas não se acomodam, percebem os

obstáculos, refletem, contornam, se fortalecem e vão em frente. Porque o desafio de hoje poderá ser o mesmo amanhã ou poderá exigir novas posturas e intervenções.

É preciso, no entanto, estar atenta porque embora geralmente seja enfatizada nas histórias de vida das mulheres negras a “capacidade de sobreviver apesar” das circunstâncias difíceis, hooks (2006) destaca que é preciso ir além da sobrevivência, é preciso amor na vida.

4.5. Amor, Liberdade e Espiritualidade

*Quando conhecemos o amor, quando amamos,
é possível enxergar o passado com outros olhos;
é possível transformar o presente e sonhar o futuro.
Esse é o poder do amor. O amor cura.
(hooks, 2006, p. 188)*

Por muito tempo negros e negras passaram a acreditar que a capacidade de conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem, sinal de fraqueza. Muitos negros têm passado essa ideia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Hooks (2006), entretanto, embasada na vivência com mulheres estadunidenses destaca que para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor, aprender a responder as necessidades emocionais, mesmo que tenham sido condicionadas a achar que essas necessidades não eram importantes.

Em nosso país a situação entre as mulheres negras não é diferente como coloca Cidinha da Silva (2015)⁷³ quando fala sobre a peça teatral intitulada *Engravidei, Pari*

⁷³ <http://www.geledes.org.br/integra-da-entrevista-concedida-por-cidinha-da-silva-a-revista-forum-para-materia-sobre-a-solidao-da-mulher-negra/#gs.CgAjmlE>

*Cavalos e Aprendi a Voar Sem Asas*⁷⁴ que trata da solidão da mulher negra. O texto foi escrito para a Cia de Teatro Negro *Os Crespos* e tinha como objetivo tratar sobre afetividade das mulheres negras a partir de 55 entrevistas realizadas durante a pesquisa do espetáculo com presidiárias, universitárias, catadoras de material reciclável, trabalhadoras de salões de beleza, sambistas, estrangeiras, moradoras de rua, ente outras.

Segundo Silva (2015) a solidão não era um tema e sim a afetividade entre as mulheres negras. A solidão, contudo, emergiu com força nas entrevistas, em certos momentos de maneira “desesperada e desesperançada”. Ela separa a questão em dois campos: o primeiro seria afetivo-sexual com a falta de parceiros, principalmente para relações estáveis e companheiras; e o segundo o abandono sofrido pelas mulheres negras na condução das famílias, na educação dos filhos, no provimento da vida de pessoas sob sua responsabilidade.

hooks (2006) descreve a dificuldade de vivenciar e expressar amor que as mulheres negras feridas vivem. Não se pode negar a herança do período escravocrata e divisões raciais e sexistas. As mulheres negras se casam mais tardiamente e têm dificuldade de casar pela segunda-vez, se viúvas ou abandonadas.

Embora já tenham sido casadas ou ainda permaneçam com seus cônjuges ou namorados as mulheres negras que participaram desta pesquisa pouco falam sobre eles, parece que fazem parte de suas “verdades privadas” (hooks, 2006). Diferentemente do que acontece quando falam sobre o amor por seus filhos, motivo de enfrentamentos para defendê-los na escola e outros espaços públicos.

Amina e Niara não fazem referência a companheiros. Existe um amor em relação às mães, aos pais, irmãos, filhos, sobrinhos, alunos muito grande em suas falas. Um sentimento

⁷⁴ Trata-se de verso de poema de Maria Tereza Moreira de Jesus, poeta negra paulistana, falecida em 2010 e homenageada pelo grupo *Os crespos*.

de orgulho e cuidado por aqueles que vieram antes e lhes ensinaram sobre a vida e o respeito ao outro. O trabalho, geralmente voltado às questões raciais ou ao cuidado com o outro, ocupa grande parte de suas vidas porque estão dispostas a aprender mais, fazer mais pelo seu povo negro.

Na'zyia comenta que está casada há 15 anos e ressalta que juntos, ela e o marido, conseguiram uma boa estrutura para criar seus dois filhos:

[...] Meu esposo, a gente se dá super bem. A gente tá junto há quinze anos. Tem uma estrutura boa. Temos. Coisas do dia-a-dia que dá pra suportar. A gente consegue manter. A gente não costuma bater. Grita, bota de castigo, mas bater, não. A gente tem uma estrutura boa. **Na'zyia**

Makini que está separada comenta sobre o marido no momento em que recebeu o convite para trabalhar no Colégio de Aplicação há muitos anos atrás. Ela já atuava como professora na rede estadual e tinha filhos pequenos:

“Vou pensar, falar com meu marido, eu tenho um trabalho. Vim aqui para ver”. Ela me olhou assim, surpresa, todo mundo quer vir trabalhar no Colégio de Aplicação, como você ainda vai pensar? [...] Eu vou pensar. Porque eu já tinha dois filhos pequenos. [...] Cheguei em casa e falei com meu marido, ele me olhou e disse: “Olha, o cavalo encilhado passa só uma vez na vida”. **Makini**

Ela comenta também de um momento emocionante em que seu ex-marido, embora não conhecesse muito sobre a religião, participou do ritual de iniciação ao candomblé do seu filho.

Ele foi para dar apoio pro filho. As pessoas passavam e cumprimentavam ele, pensavam que ele era pai de santo. Como é negro, ele tem uma postura imponente. Mexeu bastante. [...] Também me surpreendi, o pai dele foi. Ele tem um espírito carioca bem aberto. **Makini**

Kianga fala orgulhosa sobre como se sente feliz quando seu namorado comenta como as pessoas a vêem, por onde ela passa e o reconhecimento da relação entre a sua trajetória e a história do negro, através do tambor ou das letras de músicas que compõe. Percebo muito amor quando ela fala sobre sua mãe, pai, avós, sobrinhos.

Nessa perspectiva, de considerar a presença de seus companheiros em momentos importantes da vida, **Sekai** comenta sobre a sua participação no IACOREQ. Ela foi sozinha nos primeiros encontros e convenceu o marido a participar também, argumentando: “As pessoas lá são diferentes das que a gente conhece por aí. [...] A gente começou a fazer esse trabalho assim. E o grupo permanece até hoje. A gente trabalha políticas públicas”.

Dakarai comenta que o pai não queria que ela se casasse porque tinha 19 anos e isso atrapalharia os estudos. Destaca que seu esposo foi muito bom e depois de alguns anos ela retornou aos estudos.

“Estudo não combina com namoro, tu quer casar, tu vai casar, vai sair do colégio”. Naquela época a gente achava que tava certa. Saí do colégio. Meu marido foi uma pessoa muito boa, ele tinha 27 e eu tinha só 19. Ele era de Camaquã, uma rapaziada numa casa faziam uma zoeira. Ele largou tudo aquilo. Dessa molecada de hoje, não é nada diferente. Só eu digo que havia mais respeito. A gente não dormia com namorado, eu casei virgem. Valores a gente não saía com namorado, se saía o pai ia junto, um irmão. Agora essas gurias com 13, 14 anos tão dormindo com os namorados, dormindo na casa. Hoje vem um, depois de amanhã vem outro. O que é isso, o que vai virar a minha casa? **Dakarai**

Ashanti não faz referência a companheiro ou companheira, mas pondera que apesar de todas as exigências de nossa sociedade e sua resistência para se encaixar em padrões pré-estabelecidos deseja falar sobre amor, coisas leves e bonitas em seus trabalhos, não só tratar sobre questões raciais, discriminações, violências:

[...] Porque eu trabalhei muito para ocupar esse lugar. Eu quero falar de história de amor também, eu quero falar de flores. Eu quero falar de coisas que não são pesadas, mas eu não posso deixar de falar de coisas pesadas. **Ashanti**

Hooks (2006) defende a ideia de que o amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as casas. Porque, segundo ela, é a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em suas vidas, na garantia da sobrevivência: “Quando nos amamos, desejamos viver plenamente”.

A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão “amor interior” e não “amor próprio” porque a palavra “próprio” é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante (hooks, 2006, p. 197).

Ashanti comenta que se sente orgulhosa da coragem de sua mãe ao se separar do marido, apesar de ser evangélica, morar em um bairro pobre e violento de Porto Alegre, ter sido criada numa família castradora.

A minha mãe faxineira que cresceu numa estrutura evangélica, machista. Consegue desfazer um casamento porque ela escolhe se amar. Ela disse: “Não tava bom pra mim”. Uma coisa que eu nunca imaginava. **Ashanti**

Amina é solteira e ressalta que sua mãe era seu modelo, ela defendia a ideia de que a mulher precisava ter uma profissão para ter autonomia e não ser servil.

Minha mãe foi meu exemplo, nascida em 1908 tinha uma visão muito clara da necessidade de uma mulher ter profissão, ela era costureira. Dizia: “É bom ter profissão, mesmo que não precise ajudar o marido nas despesas. A mulher não pode ser servil, precisa ter autonomia.”
Amina

Diante das dificuldades cotidianas, as mulheres negras que participaram da pesquisa dão destaque às superações, como por exemplo, isso que **Dakarai** comenta, mostrando que passou por muitas coisas boas e outras ruins: “As ruins a gente chuta, as boas a gente lembra.” E continua:

Tem muitas coisas que a gente tem que aceitar. Se não tem outro... tem que aceitar. Graças a Deus a minha família não é tão burra, olha que eu tenho gente formada aí. Fotografias, tem convite. Sou muito orgulhosa disso aí. “Meu Deus, essa tua casa é uma coisa.” A gente conversa, a gente senta para conversar. A gente mostra onde é que estão as coisas. Tu te joga não vou ali porque o fulano me disse isso e isso. Não vai ser nada, não vai conseguir nada, não vai aprender a conversar porque a gente aprende na roda, é na conversa que a gente aprende. Um diz uma coisa, a gente fica pensando, isso pode me servir mais tarde. **Dakarai**

A evocação a Deus acontece com frequência nas falas durante os encontros⁷⁵, independente da religião por elas exposta, aparece várias vezes como agradecimento, pedido de socorro ou ainda como exaltação de uma conquista. É uma força que permeia os momentos tanto de felicidade quanto de dificuldade. Talvez esta seja uma forma de não se sentir sozinha diante da necessidade de enfrentamento ou adaptação aos obstáculos cotidianos, dos mais simples aos mais complexos.

Kianga evoca Deus quando fala do orgulho que sente de suas raízes, das influências familiares, mas também a necessidade de se adaptar aos padrões racistas em determinados lugares para não sofrer *bulling*: “Com o cabelo solto. Na escola que fui prender! *Blackão*, muito livre, graças a Deus”.

Dakarai ressalta que para enfrentar as dificuldades do cotidiano é importante a ligação com uma espiritualidade que fortalece e mantém o foco, é preciso estar pronto para lutar e levantar quando cair.

⁷⁵ Com exceção de **Niara**, **Makini** e **Amina**.

Então aquilo que Deus determinou para nós, nós vamos ter. A vida é luta, tu quer crescer, quer ter alguma coisa na tua vida? Lute! Tu vai sempre encontrar obstáculo, a vida não é fácil. Cai aqui, levanta ali. E vai embora. [...] tem pessoas pior que eu, graças a Deus eu tô podendo ainda, têm pessoas muito pior. A gente tem que ter respeito. **Dakarai**

Ashanti destaca o momento em que trocou de curso e sentiu medo quando viu seu histórico acadêmico em branco. Ela decidiu trocar o curso de Teatro que ama para ingressar no curso de Políticas Públicas para poder se aprofundar em assuntos que darão mais instrumentos para enfrentar o mercado de trabalho. Ela pensa em retornar ao curso de Teatro para concluí-lo. Faz referência a Deus também quando comenta também sobre sua primeira grande viagem e o prazer que sentiu.

Vi meu histórico em branco, agora eu tava em outro curso. Me deu um congelamento. “Ai, meu Deus agora eu troquei, o que que eu faço?” [...] Acho que eu sou uma ótima trajetória, mas às vezes eu penso, não, eu sou um fracasso, meu Deus eu não consigo, todo mundo consegue. Eu não consigo o quê? [...] No início desse ano, pela primeira vez eu fiz uma grande viagem. Fiquei um mês, peguei uma carona para o Rio de Janeiro, peguei outra carona e fui para Bahia e comecei a acreditar em Deus. **Ashanti**

Na’zyia faz referência a Deus em vários momentos, quando fala sobre uma doença que a deixou bastante fragilizada e sobre o cotidiano de luta do povo quilombola em que a busca pelo bem estar do coletivo exige trabalho, amor e também conta com a força de algo superior: Deus.

Quando chegava uma pessoa com a mesma situação, com o mioma tu perde cabelo, fica com anemia, é tanta coisa que tu diz: “Meu Deus do céu! De onde vem isso, de onde eu peguei?” [...] Tinha partes do livro que dizia: a gente tem que rezar, falar com Deus. A gente tinha medo! [...] A gente vai lutando no dia a dia. O futuro a Deus pertence! [...] é uma situação e a

gente aqui como o lugar é pequeno, tu fica sabendo da vida de todo mundo e te envolve, aí meu Deus tô me metendo demais. **Na'zyia**

Leonardo Boff (2014) chama a atenção, dizendo que o povo brasileiro é espiritual e místico, Deus não é um problema, mas uma solução para seus problemas e o sentido derradeiro de seu viver e de seu morrer.

Mas há mudanças que são verdadeiras, profundas, capazes de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas. Hoje a singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço da paz no meio de conflitos e desolações sociais e existenciais (BOFF, 2001, p. 17).

Ao diferenciar religião e espiritualidade, Dalai-Lama (2006) define que **religião** estaria relacionada com a crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença no sobrenatural, paraíso ou nirvana associada aos ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações. Já a **espiritualidade** estaria relacionada com as qualidades do espírito humano: amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros.

Amina, Niara e Makini compartilham várias experiências que ressaltam a liberdade com que seus familiares escolhem seus caminhos espirituais. **Makini** comenta que morava às vezes com a mãe e às vezes com a avó e estas mudanças proporcionavam sua circulação por religiões diferentes.

Minha vó era umbandista. Quando a minha vó vinha de Alegrete ela me levava para as festas de religião afro. Quando eu estava com a minha mãe eu ia à missa e quando eu estava

com a minha avó paterna eu ia na igreja adventista. Eu vivia de uma casa para outra. [...] eu convivia com a três religiões. Tenho as três dentro de mim. **Makini**

Um dos momentos do encontro com **Makini** em que ela se emocionou bastante foi quando falou sobre a liberdade que viveu em relação à espiritualidade em sua infância, a importância da religião afro-brasileira em sua vida e quando seu filho, que mora em outra cidade, pediu que ela o acompanhasse no ritual de iniciação ao candomblé.

A religião afro eu vivo muito dentro dela, ela vive muito dentro de mim, essa coisa da ancestralidade. Embora eu não seja praticante, algumas coisas que eu faço. Festa de iemanjá em Salvador, eu vou sempre. Se eu não vou, vou a Nosso Senhor do Bom Fim. É um compromisso espiritual. Respeito demais. Eles me acompanham isso eu sei. Eu tenho muita fé, embora eu seja espiritualista sou muito dos mestres ascensionados. **Makini**

Um dia ele me ligou e disse: “Mãe eu queria que tu viesses nas minhas férias porque eu estou no candomblé.” Nossa, meu filho! Você tem certeza? Puro, uma baiana que abriu uma casa lá: “Vou pro chão, ficar no retiro”. Bah, eu fiquei assim. Tu te sente bem? “Eu me sinto muito bem.” Aí a gente começou a conversar por telefone, ele me dizendo como ele tinha sido chamado, ele tava super bem. [...] Eu convivo muito com pais de santo, mãe de santo, conheço um pouco da religião. Ele tá feliz, uma opção dele. Opção espiritual dele. **Makini**

Makini relatou sobre a ligação entre os seus sonhos e o seu cotidiano em vários momentos de sua história de vida. Um exemplo foi em uma reunião quando trabalhava na Secretaria de Educação do Estado:

Uma reunião na SEC vieram todos os representantes. Estávamos em um auditório, sala de reuniões e essa amiga, a gente pedia para ela fazer uma prece antes de começar a reunião. Ela começou a falar, ela era vidente. Ela disse, fez a prece, tem uns capuchinhos todos sentados por aqui por perto. E nós ficamos assim. Bom, ela tá vendo. Eles vão trabalhar aqui com a gente. Quando a gente vê entra um que era do grupo, que era padre capuchinho. Ué, teus amigos vieram antes. E a **Makini** tá com aquele mestre bem acima, oriental, eu não sei quem ele é, mas ele tá sempre acompanhando ela. **Makini**

Makini fala sobre suas encarnações e o respeito em relação às religiões:

Casa que trabalha só com mestres. Me achei, os ensinamentos, tudo. Nós somos um mundo, e temos várias encarnações. Meu irmão diz que eu tive uma encarnação na Índia em que eu tinha a vidência. Lá no Aplicação eu tava com uma camisa branca, (uma amiga falou) eu te vi assim, parecia que tava com um turbante e uma pedra aqui assim, com essa camisa esvoaçante. Te vi vestida assim, parecia uma indiana. Eu falei pro meu irmão e ele falou: “Você teve uma encarnação na Índia em que você era vidente, ela deve ter visto tua pedra da vidência.” Vai formando um quadro. Respeito todas religiões, todas crenças. Fui freira na França, freira de medicações, eu fazia medicações com ervas, então por isso que quando eu entro numa religião católica eu fico... faz muito bem. Te vem as explicações internas, nós temos em nós todas as encarnações. Sobressair uma, muito forte. Eu adoro igreja, adoro vitrais. De vez em quando eu vou a missa, mas hoje eu trabalho com os mestre e os orixás trabalham comigo. E se manifestam nos meus sonhos. Pode acontecer e de hoje eu sonhar contigo e se apresentar o teu orixá. Antes eu não falava nada. **Makini**

Ela conta em detalhes um sonho que teve com uma colega de trabalho: ela estava deitada em uma pequena cama na sua casa. **Makini** ficava olhando a água que parecia que ia afogar a amiga e um lindo homem negro com um só brinco na orelha a chamava:

Eu olhei assim, cheguei perto e me ajoelhei, eu tocava a pele dele era toda trabalhada, parece que tinha umas coisas escritas. Eu olhava para ele, olhava para minha amiga, ansiosa porque ela tá deitada e vai se afogar. Ai passou aquele sonho. No outro dia me deu uma angustia. No outro dia liguei para casa dela, uma amiga atendeu. Mas não tá em casa, eu queria falar com ela, eu sonhei com ela. É que eu tive um sonho com ela, eu queria saber se ela tá bem. Eu vi que ela relutou. Quero ver se ela tá bem. “Ah, tá eu digo para ela.” Ela é amiga dela e minha amiga também. Isso foi de manhã. Quando foi a tarde ela me liga. A fulana tá no chão e ela não pode receber visita, mas como tu tem um recado para ela, você sonhou com ela, o pai de santo liberou e disse que tu pode vir. Só para te dar um exemplo de como ele se manifesta. É no sonho. Eu passo aí de carro e te levo lá. Sai ela, ela já tava de cabeça raspada. Eu não imaginei, eu queria te contar um sonho que eu tive. Conte o sonho. Aquele careca era Ogum, ela é filha de Ogum, Mas ela era de ogum com Yansã, é dos ventos, é guerreira. Ela tinha dois guerreiros. Só não lembro qual era da cabeça, qual era do corpo.

Até hoje ela é dinâmica, guerreira, se tinha qualquer movimento ela tava na frente. Isso tava prejudicando a vida dela, muito a vida dela e da família. O pai de santo dela pediu licença para mudar, tirar Yansã, para ela ficar mais calma, pra Oxum, a água. Cê (você) já viu uma coisa dessa? Eu me emociono. Eu sonhei quando ela tava lá recebendo as águas. Eu entendia muito pouco, Ogum tava cuidando dela, ela tava na porta. Olhando para ela, lindo. Teu Ogum é tão bonito, tão bonito. Enorme, alto, careca e com aquele brinco. Tu sabe qual a confirmação que eu tive? Uma amiga do SOE do Aplicação foi nos Estados Unidos e lá ela comprou uns brincos. Quando eu vejo, ela chegou. “Eu comprei esse brinco aqui.” Mas é a tua cara não é a minha cara. Quando eu olho era o mesmo brinco. Menina o que é aquilo, contei para minha colega. E ela me contou coisas que aconteceram com ela lá em Nova York. Coisas incríveis. Aí eu contei para ela. Quando eu vi a minha amiga, esse brinco não é meu, é teu. E dei para ela, contei. Esse é o brinco que o teu Ogun usava. Incrível. Tipo assim não tem como não acreditar no candomblé, na força dos orixás. **Makini**

Amina destaca que sua mãe era espírita, foi voluntária por 60 anos no Instituto Espírita Dias da Cruz, a família do pai era católica. Ela é católica, participou ativamente da pastoral, que é uma ação da igreja católica para atingir diferentes públicos na missão de levar a palavra de Deus às comunidades.

Niara monta um mapa sobre as religiões dentro de sua família.

[...] Pais nunca tiveram uma religião definida. Minha mãe devota de Santa Rita, não carola de viver na igreja, vez por outra ia na sessão de umbanda, tomar um passe na casa espírita, não rígida do ponto de vista religioso, não exigia que se frequentasse uma ou outra religião exclusivamente. Eu mesma ainda na infância por relação com colegas de escola, da mesma faixa etária, me aproximei de jovens da igreja católica, participei de grupo de jovens, eu e minha irmã. Depois eu fui na igreja metodista, mórmons, espiritismo. Meu irmão, segundo acima de mim, frequentou Ananda Marga⁷⁶, igreja católica, batuque, cumpriu todos rituais

⁷⁶ Ananda Marga é uma Organização Internacional Espiritual e de Serviço Social fundada na Índia em 1955 por Shrii Shrii Anandamurti e conta com milhões de membros em todo o mundo. Procura combinar práticas espirituais (meditação, posturas de Yoga, conduta moral e dieta natural adequada) com o serviço dinâmico ao próximo (escolas, clínicas médicas, orfanatos, cooperativas, asilos para idosos e outros projetos para o benefício da humanidade). Os membros desta entidade procuram desenvolver-se em todos os aspectos da VIDA: físico, mental, moral, social e espiritual para assim contribuir para o melhoramento do planeta. Disponível em http://www.anandamarga.org.br/ananda_marga.php?flag=500. Acesso em 08/09/16.

do batuque se inseriu ali. Mapa de religião da família: meu irmão é batuqueiro, duas de nós somos espírita, com uma vida bem orgânica. Outra irmã é católica, prefere sem ter isso como rotina rígida na sua casa, sua fé a leva mais para igreja católica. Outras duas, às vezes frequentam a sociedade espírita. Uma delas tem mais tendência para umbanda. Convivemos nessa diversidade bem tranquilamente, nunca teve impedimento pra nada. No tempo em que frequentei a igreja católica, eu e a minha irmã quase abríamos a igreja pro padre, gostava das companhias dali, a gente participava de liturgia, até a hora que cansou. Não é isso, vai procurar outra coisa. Assumi o espiritismo desde 1995, quase por acaso. De vez em quando ia, tomava um passe. Entrei num curso de curiosa. Me inseri nos trabalhos da casa espírita e me encontrei de 1995 até hoje. Quase 20 anos. Estou certa de que é ali que quero ficar.

Niara

Ashanti comenta sobre sua experiência de exclusão da mulher nos espaços religiosos e o desejo de liberdade para expor suas ideias, empoderar outras mulheres negras e o cuidado em não se tornar opressora.

Mesmo sendo evangélica eu fiquei muito incomodada com as hierarquias. O pastor, o evangelista, só cargos masculinos. As mulheres estão lá para cantar, me incomodava e sempre me questionei. Mas eu tinha noção do que era o feminismo, vamos empoderar mulheres, uma protege a outra. Só que daí eu fui ver que nem sempre o feminismo tá a meu lado, mas uma mulher que não tenha inclusão se aproveita e tem uma relação de poder ali. Não dá pra dizer que tá me empoderando porque não está. Comecei a questionar isso num primeiro momento é o amor, quero falar sobre isso. Depois tu vai conhecendo melhor as teorias. Depois tem um terceiro momento. Não deixar que a teoria que te liberta te aprisione. Meu medo é sempre esse. De voltar pra igreja evangélica. Que o movimento negro também não me aprisione. Tem táticas, tem discursos que precisam ser pensados. O lugar da mulher muitas vezes é aquele lugar aquém, o movimento feminista, às vezes ele reproduz racismo. Eu evito participar de organizações porque elas tendem a ter um discurso. Tentam unificar o discurso. Sempre pra unificar o discurso vai ter que passar por cima de coisas. É mais fácil com conjunto, mas o conjunto falha. Eu quero evitar essas falhas de excluir qualquer minoria. De ser excluída. Eu tô num lugar de poder mínimo. O que que eu posso excluir? Nada, abaixo da mulher negra, né? Eu posso ser muito opressora com outra mulher. Sempre estar policiando esse lugar que a gente ocupa. Eu tenho esse desejo de estar nas organizações, mas com bastante cuidado. Não me cegar pela paixão inicial, sempre tem essa

paixão inicial. A gente tá sofrendo muito. Não precisa ser eu o agente de mais sofrimento de ninguém. **Ashanti**

Vivemos um momento em que várias mulheres negras estão se sentindo empoderadas, por meio dos coletivos virtuais e físicos que estão sendo formados por estudantes secundaristas, de graduação e pós-graduação. Elas estão estudando, organizando-se e mostrando à sociedade o que pensam, o que fazem, o que sonham. Estão preocupadas com o momento atual em que ainda vivemos o mito da democracia racial em nossa sociedade, em que pessoas defendem a ideia de que não existe racismo. Estas mulheres querem que suas vozes sejam ouvidas, para que o futuro seja diferente e melhor para todos.

Para isso é necessário acesso ao trabalho, à cultura e à liberdade juntos ao mesmo tempo, crescendo e ajudando-se mutuamente, para possibilitar a conquista do ideal da fraternidade humana, adquirida por meio do ideal unificador da raça; o ideal de criar e desenvolver os traços e os talentos do negro (DU BOIS, 1999).

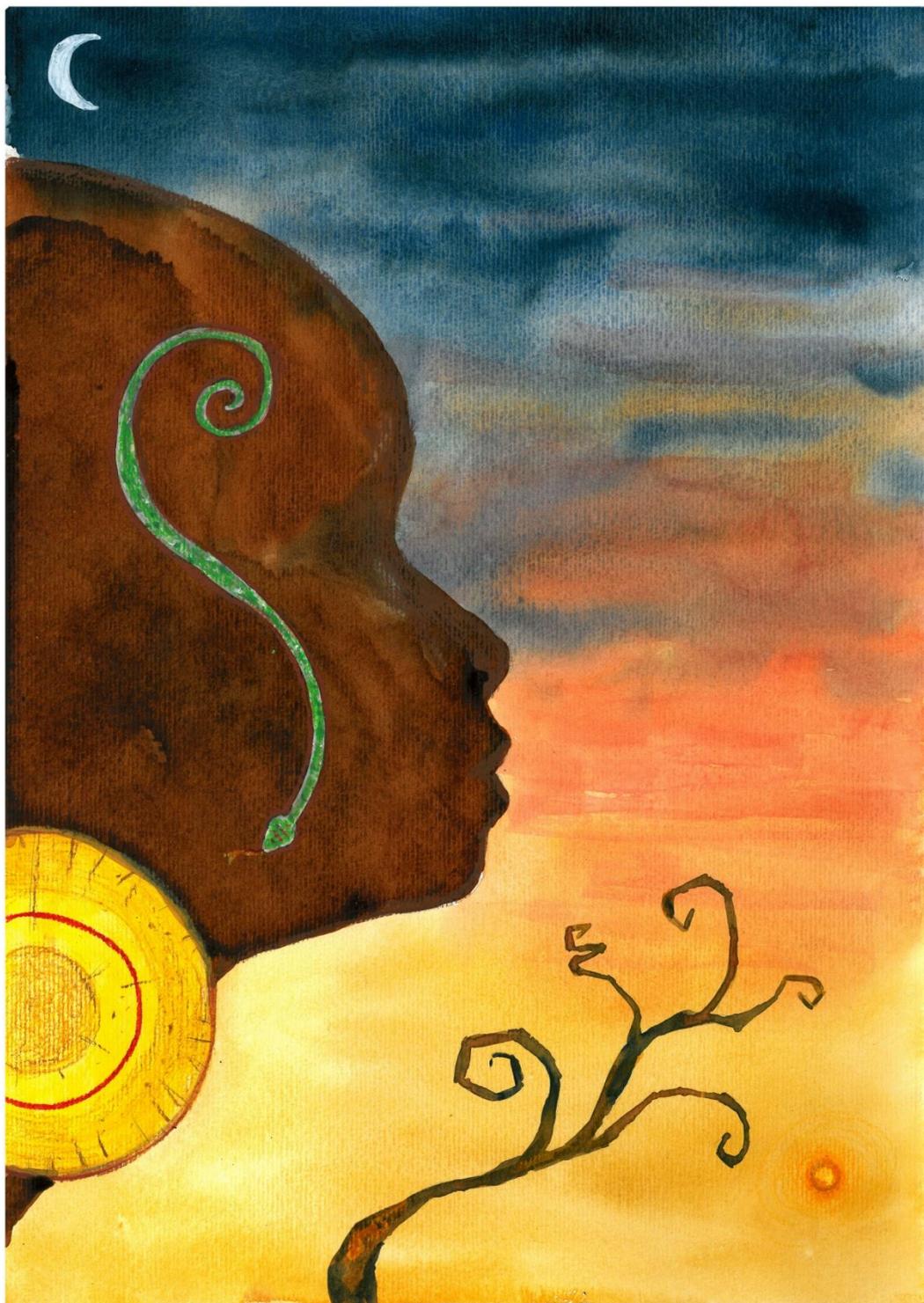


Ilustração: Bruno Ortiz

*Eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico.
Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta.
(JESUS, 2007, p. 58)*

5. ESTAR-SENDO NEGRA E SUAS ESTÉTICAS

[...] Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer
(FANON, 2008, p. 104)

A reflexão sobre estética negra apareceu nos momentos em que as mulheres negras falaram sobre a construção de suas identidades. Suas experiências em oficinas sobre o cuidado de si e valorização da autoestima nos movimentos sociais, assim como no sarau “Sopapo Poético” que desperta e visibiliza novos artistas.

A perspectiva de estética abordada por Maffesoli (1995) assenta-se na compreensão de indivisão entre aquele que produz arte e aquele que a consome, que a assimila. Isso nos estimula a repensar preconceitos e ressignificar dogmas historicamente construídos, especialmente pelas classes sociais mais favorecidas, ligados à compreensão da existência de uma suposta genialidade dos artistas, ou da habilidade criadora e expressiva entendida como dom nato, inerente a poucos privilegiados da sociedade.

Para o autor, a arte tem função mais ampla que a representação em si; ela possibilita percepções de mundo, que podem variar de um sujeito para outro, em constante produção de sentidos sobre a realidade presentificada, favorecendo o lugar do mistério e do oculto, em um mundo em que tudo é dito, disseminado e simulado por aparências.

Maffesoli (1995) afirma ainda que a vida social, em sua integralidade, está imersa numa atmosfera estética e é feita de emoções, de sentimentos e de afetos compartilhados. Essa dimensão contrapõe-se à perspectiva elitista de produção em arte, ao afirmar a estética como campo de produção de sentidos em comunhão com a vida social. Acreditamos que tal postura, dentre outros posicionamentos teóricos assemelhados ao longo dos estudos em estética, auxilia na reflexão sobre a democratização do acesso à produção e à fruição em arte, considerando os diferentes modos de criação e construção de conhecimentos.

O corpo é importante para se pensar a cultura, como coloca Gomes (2003), porque ele é mais do que um conceito acadêmico e diz respeito a vivências concretas, a diversas formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas ao longo do processo histórico e social.

Nesse sentido Oliveira (2011) destaca que a cultura se constitui no modo de apreensão do real, e o real constitui-se como singularidade. O modo pelo qual eu apreendo o real depende da percepção que tenho da singularidade, depende do observador que observa e não do que é observado. Os objetos do mundo não são independentes do observador.

A expressão estética negra, segundo Gomes (2008), é inseparável do plano político, econômico, urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade.

5.1. Estética negra

*Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo,
responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais.
Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão,
minhas características étnicas.
(FANON, 2008, p. 104)*

Com o processo de escravidão, ser negro passa a ser confundido com ser escravo, objeto e propriedade do outro. Seu corpo serve para trabalhar, seu cabelo é relegado ao lugar de feiura, influenciando a construção da autoestima e identidade negra das novas gerações. Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco assinalava a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o *black*, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e passa a ser considerado uma celebração da condição de negro(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos(as) jovens negros(as),

quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade.

Estética é, portanto, a maneira de sentir, de experimentar em comum e engloba o conjunto da vida social que pode ser percebida como obra de arte de algum tipo (MAFFESOLI, 1995).

Fanon (2008) ressalta que os negros tiveram que enfrentar o olhar branco em um mundo branco. O homem de cor encontrou dificuldades na elaboração de seu esquema corporal e fez de seu conhecimento de corpo uma atividade unicamente de negação, e nele reina uma atmosfera densa de incertezas.

[...] O branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata. E depois, havia outra coisa, outras coisas que o branco não podia compreender (FANON, 2008, p. 119).

Ao chamar a atenção para as implicações do corpo, Machado (2013) indicou que ao longo da caminhada pela vida, aprendeu e principalmente, sentiu que as crianças negras carecem de um olhar diferenciado. Um olhar que contemple a sua beleza do jeito como ela é. Para a continuidade geradora de uma identidade brasileira, temos a considerar que a compreensão do mundo é bem maior do que a compreensão ocidental.

Desde pequenas as meninas negras precisam enfrentar as cobranças da sociedade sobre a estética do corpo, da pele, do cabelo, como **Makini** destaca em situações que viveu com a filha e uma amiga.

As meninas negras costumam, até hoje, colocar um pano na cabeça para dizer que têm cabelo grande. Minha filha fazia isso. Ai eu observei que outras crianças negras faziam isso. Até hoje eu vejo. Eu não tirava a fralda. Ela botava uma fralda. No dia-a-dia: “Cadê o cabelinho crespinho bonito fofinho, eu não vejo! A mamãe queria ver”. Demorou um tempo até que ela tirou a fralda, aí eu continuei, foi outro elemento que eu acrescentei: dela gostar

do cabelo dela. A sociedade diz que nós temos cabelo ruim, cabelo duro. No casamento da minha filha, todos negros e uma das minhas grandes amigas disse que a gente tem cabelo duro, ela ainda acredita! Ela é tão assumida, no entanto, foi tão introjetado. Ela é uma pessoa de 60 anos, que ela acha que o cabelo dela é duro. Eu tentei desconstruir isso. **Makini**

Gomes (2008) chama a atenção de que não há como negar a influência do processo de pressão para a transformação do corpo e do cabelo negro, na construção da autoestima e na configuração da identidade negra das novas gerações. Atender aos padrões pré-determinados de corpo, pele, cabelo, para se tornar atriz, ou fugir deles? **Ashanti** comenta que sofre quando não se encaixa neste perfil porque acaba sendo excluída e isto tem um custo material, mas principalmente emocional.

Eu não posso me sentir perdedora. Mas às vezes, enfim, a gente tá num universo, num país, num sistema que nos cobra certas coisas que a gente quer corresponder. Embora eu fuja dos padrões, não é todo dia que eu acordo e penso que estou feliz em não estar atendendo a certos padrões. Eu só quero passar despercebida. Não é tão simples. [...] Não é questão de estratégia. É de me poupar do sofrimento dessa comunicação. Quando eu quero ser mais dura e agressiva. Eu não quero que a pessoa sofra. É que eu tô cansada. Se eu for arisca o suficiente, quem sabe a pessoa vai procurar outra pessoa para importunar. **Ashanti**

Fanon (2008) destaca que é prisioneiro da própria aparência, desliza pelos cantos, permanece silencioso, aspira ao anonimato, ao esquecimento: “Vejam, aceito tudo, desde que passe despercebido!”. Em nosso país essa é a realidade que os negros e negras precisam enfrentar cotidianamente. O fenótipo que poderia ser motivo de orgulho e valorização, ao contrário, às vezes, gera situações cruéis de discriminação, que acabam desequilibrando a autoestima.

Kianga comentou que em alguns locais é necessário prender o cabelo crespo para não sofrer *bulling*, Ashanti destaca que se sente pressionada para ter uma aparência (cabelo

liso, cor de pele clara) para poder trabalhar e ser respeitada como atriz. **Niara** também faz referência à questão da estética quando sua filha é colocada no fundo da sala porque é lá o lugar do negro, ou ainda quando **Dakarai** conta que viaja em excursões em que é a única negra ou **Amina** vai a shows em que não encontra nenhum outro negro, são “estranhos no ninho”, chamam a atenção pela presença, mesmo que não se manifestem. Esses momentos não passam despercebidos e, às vezes, geram sofrimento. Não tem como esconder, apagar suas marcas. E por que elas não são respeitadas, valorizadas?

Makini comenta que às vezes tem vontade de poder descansar de ser negra em um país africano, porque a convivência com o branco em nosso país é difícil. Na África, segundo Gomes (2008), mesmo com lutas, disputas e discordâncias étnicas, ser negro era ser livre e, mais, era ser humano. Embora **Makini** sinta impotência diante de algumas situações de discriminação cotidianas ela não pensa em desistir. Nem sempre é confortável, fácil, agradável o enfrentamento desta realidade, como relata:

Se esconder na periferia não é só porque essa sociedade coloca o negro lá na periferia, também é. Só que lá no meio negro, muitos ficam lá, não saem muito porque se sentem mais protegidos. É um outro mecanismo de defesa. Porque tu tens que ter muita força, muita energia para poder chegar nos lugares e enfrentar. É um leão todo dia, todo dia. Tenho um amigo meu ganense que eu digo para ele: “Quero ir pra tua terra e ficar um mês para descansar sendo negra.” Porque aqui tu tá muito bem, tu tá vivendo, convivendo, quando tu vê num dia surge uma coisa que tu não espera e é sempre, é sempre. Queria dormir como negro, acordar como negro, no meio de negros e não ter que ficar me cuidando toda hora. Saber que muitas vezes tu tens oportunidade para algumas coisas, lá atrás tão puxando teu tapete. Têm negros que são muito habilitados, eles se embrenham num trabalho x, era o primeiro lugar: “Mas eu tirei o primeiro lugar!” Já foi puxado o tapete. Existe muita justificativa que para o outro lado são bem racionais e pro negro a gente sabe que não tem nada a ver aquela justificativa. Mas ele não pode fazer nada. **Makini**

Kianga quando fala de sua infância ressalta que sua paixão pelo teatro começou como uma forma de enfrentar sua timidez:

Essa paixão pela arte começou na escola, eu sempre fui uma menina tímida. Aos 12 anos fiz minha primeira oficina de teatro porque eu queria ver se o teatro ia me ajudar a combater essa timidez. E passei as aulas não participando muito dos jogos, hoje vejo como professora entendo essa resistência dos jovens não quererem participar. Eu tinha isso, eu não queria participar. Mas eu observava e aos poucos aquelas aulas foram me conquistando. Na apresentação final, os meninos a maioria tinham saído do grupo. Não queriam fazer gays, não queriam fazer mulheres. Não tinham essa maturidade também de brincar. Teve uma evasão e eu acabei fazendo esses papéis. **Kianga**

Kianga reflete sobre a construção de sua trajetória como mulher negra comprometida com o combate ao racismo por meio da arte seja pela representação de uma poesia, uma peça teatral, uma música:

Começamos a fazer recitais de poesia negra. O primeiro recital foi da Conceição Evaristo⁷⁷, só com poesias da Conceição Evaristo. Encontro a Vera (Lopes)⁷⁸, encontro o (grupo) Caixa Preta⁷⁹. Descubro teatro negro, literatura negra, descubro outros grupos de teatro negro que vinham para cá: “Dos comuns”⁸⁰, “Os crespos”⁸¹, depois vim saber “Cia Capulanas”⁸², “Hilton Cobra”⁸³. Se abriu um universo de como eu me identificava na arte. Hoje. Aquilo foi um descobrir, assim né. E aí em seguida, então, tando na convivência da Vera Lopes que além de

⁷⁷ Conceição Evaristo é escritora, nasceu em uma favela da zona sul de Belo Horizonte em 1946.

⁷⁸ Vera Lopes é atriz gaúcha, mora atualmente em Salvador/ BA.

⁷⁹ Grupo de Teatro Caixa Preta surgiu em 2002, sob a liderança de Jessé Oliveira, Vera Lopes e Márcio Oliveira, tendo logo se tornado um dos mais expressivos grupos do Rio Grande do Sul. Disponível: <http://grupocaixa-preta.blogspot.com.br/>. Acesso em 07/09/2016.

⁸⁰ Criado por Hilton Cobra em 2001, no Rio de Janeiro, a Cia dos Comuns, com o objetivo de ampliar a presença de artistas negros no teatro brasileiro contemporâneo.

⁸¹ Os Crespos é um coletivo teatral de pesquisa cênica e audiovisual, debates e intervenções públicas, composto por atores negros.

⁸² Capulanas é uma Cia de Arte Negra composta por jovens negras e negros de diversos movimentos populares de São Paulo. Nasceu da necessidade e vontade de dialogar com a comunidade e sociedade, sobre descobertas, anseios e perspectivas do que é e tem sido ser negro na sociedade atual. A proposta da Capulanas Cia de Arte Negra é de fortalecer a imagem da mulher negra através da música, dança, poesia, artes plásticas, teatro e outros. Disponível: <http://ciacapulanas.blogspot.com.br/>. Acesso em 07/09/2016.

⁸³ José Hilton Santos Almeida nasceu em Feira de Santana em 1956, conhecido como Hilton Cobra ou Cobrinha, é um ator e diretor de teatro brasileiro.

ser uma grande atriz é uma militante que luta e sempre lutou, me transmitiu essa luta, essa importância ser artista negra e falar destas questões, combater o racismo. Depois fizemos recital de Oliveira Silveira⁸⁴. Por último fizemos um da Carolina de Jesus. **Kianga**

A forma artística é uma maneira de reconhecer a pluralidade dos mundos social e individual e possibilita a ampliação do conhecimento humano, pois “acentua, caricaturiza, carrega no traço e, assim, faz sobressair o invisível, o subterrâneo [...] que a ciência oficial tem muita dificuldade para distinguir” (MAFFESOLI, 1995, p. 89). Ele nos apresenta o cotidiano social animado por formas, imagens e processos de estar-juntos mostrando a dimensão estética da experiência social.

Segundo Gomes (2008) tanto a beleza como a feiura são julgamentos coletivos e podem variar no processo histórico, nas relações políticas, nas de poder e nas culturas. Porém o mundo globalizado tenta impor padrões ocidentais considerados universais e válidos para todos:

[...] Ainda impera a crença de que a beleza é branca, o corpo bonito é o magro, e o cabelo liso é o “bom”. [...] É a tentativa de se aproximar do tipo estético ideal, visto como representante da superioridade étnica, valorizado e aceito socialmente, a saber, o branco. No Brasil, o branco não é somente uma referência social, mas também estética (GOMES, 2008, p. 290-292).

O comprometimento de **Makini** com as questões antirracistas fizeram com que ela estudasse e trabalhasse com a temática ao longo de sua trajetória em vários espaços, no Colégio de Aplicação da UFRGS, na Pastoral do Negro, em escolas estaduais com projetos focados na autoestima de crianças negras em Porto Alegre.

⁸⁴ Oliveira Ferreira Silveira, nasceu em Rosário do Sul em 1941 e faleceu em janeiro de 2009. Foi um poeta brasileiro, formou-se em Letras pela UFRGS, militante do Movimento Negro em Porto Alegre, um dos fundadores do Grupo Palmares e um dos líderes da campanha pelo reconhecimento do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro.

[...] No Aplicação eu consegui, nós conseguimos, eu e uma colega, ela de origem alemã fazer um projeto sobre heterogeneidade e dentro desse projeto de pesquisa e extensão: “Nossas Origens”. A gente começou a trabalhar no Colégio de Aplicação com essa questão. Lá em 1995 por aí acho que foi um trabalho bem precursor a essa questão da diversidade que depois começou a despontar. O trabalho na pastoral aconteceu porque eu trabalhava numa escola perto da vila Maria da Conceição, Escola pública Estadual, ali naquela escola já na primeira série, a maioria das crianças eram negros, a Vila Cruzeiro do Sul é a primeira em contingência de negros e a Maria da Conceição é a segunda. [...] A gente fica muito, dá um retorno muito positivo, mostra assim. Vale a pena! **Makini**

Sekai destaca o prazer ao trabalhar em escolas e comunidades quilombolas com oficinas para o aumento da autoestima de mulheres negras através da estética, do cuidado com o corpo, cabelo, unhas e rosto com o uso de tranças, turbantes, esmaltes, maquiagens. É um olhar com amor e cuidado para as outras mulheres com o objetivo de fortalecê-las e torná-las agentes de novas mudanças por meio da valorização da sua aparência.

Continuar esse trabalho, acho muito legal. Continuar trabalhando com autoestima, beleza negra. Continuar viajando, continuar curtindo a vida, até quando Deus quiser! **Sekai**

Sekai, relojoeira aposentada, ressalta a importância do cabelo em sua própria trajetória e comenta que descobriu essas habilidades depois da aposentadoria.

Cabelo é uma situação, né? O meu cabelo começou a branquear quando eu tinha 12 anos, é de família também. Até os 30 anos eu passava alguma coisa, o famoso henê, coisa e tal. Eu fiquei grávida com 30 anos e não podia mais passar nada. Aí ele ficou branco, usei mais um pouco, raspei a cabeça. Usei a cabeça raspada por cinco anos. Pinteí de tudo que foi cor que tu imagina, depois acabei assumindo o branco. Pra ele não ficar tudo branco eu coloco uma mechinha, pra dar um tchamzinho diferente [...] eu tinha que ter uma maneira de produzir um extra. Comecei a trançar e de repente a coisa fluiu. O pessoal chama para dar aula, na faculdade. Comecei a trabalhar também com bijuterias, bonecas negras, essa coisa toda. Nos quilombos tu tinhas que apresentar alguma coisa, o Iacoreq é um grupo grande, cada pessoa faz uma coisa. Eu comecei a trabalhar a estética das mulheres quilombolas. Uma coisa muito

boa. Muito interessante. Tu chega nos lugares a autoestima está completamente lá embaixo. Eu já vou prá lá bem colorida. “Como uma pessoa com mais de 60 anos tá usando roupa colorida, usa batom, usa turbante no cabelo?” Tu começa a trabalhar, elas são muito resistentes, não estão acostumadas, nunca viram aquilo. Começo a trabalhar com as crianças. Ai elas ficam empoderadas, da beleza delas, mulheres bonitas, tu corta cabelo, arruma, faz trança e elas ficam maravilhosas! **Sekai**

Ao longo da história de mulher negra no Brasil houve investimento em mostrá-la como antimusa, caracterizando uma situação de solidão estrutural, essa visão de desvalorização de sua imagem, acabou criando sequelas na autoestima das mesmas (CARNEIRO, 2002). **Sekai** comenta uma situação que viveu em uma comunidade quilombola, quando um homem pediu para que ela ajudasse a sua esposa:

Chegou um senhor, era alemão: “A senhora consegue dar um jeito? Quando ela deita, eu não enxergo o travesseiro, porque o cabelo dela é uma coisa”. Passei creme, ajeitei. Quando ela foi na frente do espelho ela teve uma crise de choro. Ela não imagina que fosse bonita, que fosse aquela mulher ali. O homem chegou a se ajoelhar para me agradecer, o que eu tinha feito pela mulher dele. Eu não fiz nada, só ajeitei. Não tem alcance a nada, eles não tem nada, dinheiro também não para adquirir alguma coisa. Como tu não vai ficar feliz? Como não ficar, ficamos muito contente. Fizemos trabalho de quase dois anos, estão bem resolvidos, assumidos. **Sekai**

Hooks (2005) destaca que o ritual de alisamento dos cabelos das mulheres da sua família aos sábados era envolto em música soul, conversa, peixe frito e refrigerante. Era um momento de intimidade das mulheres sem a presença de homens em que se satisfazia as necessidades umas das outras, existia um bem-estar interior com alegrias e conversas. No salão de beleza as mulheres negras compartilhavam contos, lamúrias, fofocas, é um lugar de acolhimento.

Conhecer e com-viver em espaços que nos possibilitam a reflexão sobre questões étnico-raciais alargam nossas percepções e enriquecem nosso cotidiano. O Sopapo é um

lugar de expressão de poesia e música, compartilhamento de sentimentos, desafios e conquistas da população negra de Porto Alegre. Com os versos reproduzidos abaixo o sarau *Sopapo Poético. Ponto Negro da Poesia* abre a noite de música e poesia negra.

5.2. Sopapo Poético e sua Pretessência

Lá Na Gafiera

*Tá na hora meu amigo antes que você esqueça
De mandar pra todo mundo o "ce" tem nessa cabeça
Tá na hora meu amigo antes que você esqueça
De mandar pra todo mundo o "ce" tem nessa cabeça
Tá na hora de dizer a verdade
Abrir seu peito e cantar bem forte
Pra toda cidade ouvir [...] Na cabeça tem o chapéu
Em cima da aba tem o céu
E é tão bonito...*

Faixa Preta Samba Rock

O sarau *Sopapo Poético. Ponto Negro da Poesia* é um projeto criado por um grupo de pessoas, dentre elas atores, atrizes, músicos, poetas, enfim, artistas talentosos que perceberam a necessidade de um espaço em que pudessem compartilhar suas artes e suas vidas. O projeto teve início em 2012 com mais ou menos 30 pessoas.

O nome Sopapo tem origem no Tambor de Sopapo⁸⁵, que carrega a história da diáspora africana no Rio Grande do Sul e vem pelas mãos e mentes dos africanos escravizados para a região das charqueadas, ao extremo sul do Brasil. É considerado sagrado

⁸⁵ *O Grande Tambor* é um filme que conta uma parte da história sobre a contribuição dos afrodescendentes na formação simbólica e cultural do povo do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xIL6Hfq4ZTw>. Acesso: 16/08/2016.

e sobreviveu pelas mãos de Mestre Batista⁸⁶, um *Griot*⁸⁷, que preservou a memória e a arte da fabricação do instrumento de som grave e marcante e que hoje é patrimônio brasileiro.

A origem do nome foi pensada de forma a contemplar a ideia de sarau negro no sul, que falasse na identidade gaúcha. No grupo apareceram outras interpretações como: Só papo – conversa; Sopapo – sacolejo, um soco no racismo. O complemento da ideia do nome veio logo: *Ponto negro da poesia*. Assim surgiu o sarau gaúcho de autores e autoras negras como ressalta **Kianga**:

Um dia eu tava caminhando por aí. Sopapo. O tambor do sopapo que tem tudo a ver, um símbolo da identidade afro gaúcha. Sopapo poético. E levei pra reunião. O que vocês acham?
Kianga

Os participantes do sarau *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* procuram assegurar seu espaço, mostrar seus talentos, compartilhar seus valores e princípios, fortalecer suas identidades e autoestima. O cotidiano é repleto de desafios como o enfrentamento da discriminação, a falta de informação sobre seus direitos e também falta de reconhecimento dos talentos de artistas negros por parte da população.

Desde seu início o sarau tem como foco artistas negros e negras e para respaldar a iniciativa foi convidado o ilustre músico Giba Giba⁸⁸ para dar um axé, dar uma licença para que aquela semente fosse plantada.

⁸⁶ Mestre Batista era conhecedor da história do tambor sopapo, como também o responsável por sua fabricação, foi ele quem levou o instrumento para as baterias das escolas de samba, não apenas de Pelotas, como do Rio de Janeiro e da Bahia.

⁸⁷ *Griots* são pessoas com o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos, os conhecimentos e as canções de seu povo. Ensinam a arte, o conhecimento de plantas, tradições.

⁸⁸ Gilberto Amaro do Nascimento (1940–2014), mais conhecido como Giba Giba, foi um cantor, compositor, percussionista e ativista cultural brasileiro.

Maravilhoso, foi gentil, foi parceiro. Até hoje a gente tem os registros. Falando, nos dando aquela aula, aquele jeito único dele. Tocou sapapo, cantou. **Kianga**

É importante plantar e colher coletivamente. A semente do *Sopapo Poético. Ponto Negro da Poesia* foi plantada em 2012, cresceu e a colheita já está sendo realizada pelos “sopapeiros”. Neste ano de 2016 o sarau completou quatro anos de atividade com ações inéditas incluindo registros em livro e DVD. Como destaca **Kianga** sobre sua experiência enquanto precursora do sarau.

Desde então eu comecei com essa relação de amor. O sarau não é uma pessoa [...] É um coletivo, ‘os sopapeiros’. [...] Qualquer pessoa é bem vinda, é acolhida. Vai pra roda, mas é isso, autores negros. Com o tempo. Até que nós ganhamos a bolsa de fomento à literatura. Nós escrevemos o projeto em conjunto. Com esse projeto a gente chegou num momento super especial. Que é de fazer um livro de poesias com as pessoas que participam. Alguns tão consagrados. **Kianga**

O *Sopapo Poético. Ponto Negro da Poesia* é itinerante e vai acontecendo em espaços abertos pelas parcerias. Pode ser uma associação, um boteco, uma escola. A forma como se constitui o sarau é circular, para que todos possam se ver, reconhecer e fortalecer. As dificuldades começaram a aparecer quando fechou para reforma o espaço onde nasceu o sarau, a AECPARS (Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e do RS). Em março, após a reforma, o grupo retomou o espaço da AECPARS que agora é chamado de Centro de Referência do Povo Negro *Nilo Feijó (CRM)*.

O espaço ficou anos e anos fechado. A gente teve esse movimento, a gente fez uma faxina. Não tinha água, a gente pegava água no posto (de gasolina próximo à Associação). Limpamos banheiro, a luz foi religada. Foi o primeiro sarau! **Kianga**

Em um dos momentos em que participei da roda de poesia no *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* durante a apresentação da sistemática de funcionamento do sarau, foi necessário uma retomada e esclarecimento da metodologia. Na forma como foi colocada inicialmente deu a impressão que somente os negros presentes poderiam se manifestar. A correção apontou que a abertura do espaço era para que todos e todas presentes pudessem se expressar, independente da cor ou raça, porém os autores e autoras apresentados deveriam necessariamente ser negros ou negras.

Parece que paira um clima de desconfiança sobre as relações entre negros e brancos, uma necessidade de cuidar para não ser ou parecer racista e ainda há certa resistência para admitir e respeitar as diferenças entre as pessoas, como fonte de enriquecimento das relações. Tal atitude de incômodo parece ser uma consequência de uma visão trazida do sistema escravista que é renovado em atitudes cotidianas permanentemente. Situações de preconceito e discriminação fazem com que algumas pessoas sintam “o preconceito contra o preconceito” ou “o preconceito de ter preconceito”, fazendo crer que o preconceito é algo ultrajante para quem sofre e degradante para quem o pratica (FERNANDES,1971). O preconceito vai se reestruturando ao longo dos tempos, mudando, porém, continua presente em nosso cotidiano e exigindo reflexões, discussões, enfrentamentos.

O sarau hoje em dia é um sucesso. Ponto negro da poesia. A feira afro, maioria das pessoas negras, empoderadas, com seus *black* solto. Coloridas, bonitas, se sentem bem. Vem, tem brancos que são recebidos, não negros, lêem poesia. A única regra do nosso sarau é que a gente trabalha com poetas negros. Vinicius de Moraes, Mário Quintana (autores brancos): tem vários saraus pra tu ler esse poema. Cuti (Luiz Silva), Conceição (Evaristo), Carolina (de Jesus) (autores negros). **Kianga**

A iniciativa do *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* foi crescendo e cada vez mais pessoas participam das rodas e novas parcerias vão se consolidando. A ideia é de que todos

possam desempenhar os vários papéis para o bom andamento desse encontro cultural e político, alternando as experiências como, por exemplo, o “puxador” que provoca e conduz, o cantor, o músico, o fotógrafo, entre outros. É um espaço colaborativo, cada um dá o que pode, traz o que tem, desde instrumentos, poesias e outros materiais.

Vários talentos vão despertando e se apresentando num clima de muito respeito e admiração. Assim nasce o livro *Pretessência* que vem para mostrar as poesias dos sopapeiros e sua preta-essência como bem descreve **Kianga** sobre o seu crescimento e demais envolvidos no sarau:

Começou a escrever e está nascendo como um poeta. A gente foi vendo os talentos que estavam escondidos. E começaram a aparecer. O livro “Pretessência”. Cada um traz em sua poesia a sua preta essência, como expressa seus sentimentos. E para mim o auge do sarau é chegar nesse nível. É chegar nesses registros. Registrar. [...] Às vezes eu escondo, não quero expor muito. Mas eu estou num momento de botar pra fora. São questionamentos. Escutei vários sambas que eu achava machista. Em resposta a esse machismo. Fazer arte desse lugar, que as mulheres hoje em dia são cada vez mais desafiando. A gente sabe que sempre, sempre foram abafadas. Esse lugar hoje que a gente tá, de falar, de acabar com machismo, acabar com racismo. As letras começam a falar isso. Eu colocava num verso lá: Eu sou Maria da Penha, não Maria degolada. Sou a tua companheira, não a tua empregada. Esse tal de seu machismo. Sou contra machismo, sou contra racismo. Não sou tua empregada, não me tira.

Kianga

Nem sempre as pessoas que participam do Sopo sentem-se confortáveis porque é necessário enfrentar a plateia, o olhar do outro, as crenças do outro. Podemos associar este exercício com a fagocitação que opera na inconsciência social. Enquanto o ‘ser’ quer impor a ordem e a limpeza, o ‘estar’ sabe viver o equilíbrio entre ordem e desordem. A cultura ocidental pretende que tudo seja ordem (KUSCH, 1962, p. 202).

O tempo do sarau é um tempo mais fluido, pois embora tenha um horário definido para o início da atividade, normalmente há um atraso. O *Sopapo Poético: Ponto Negro da*

Poesia é um momento de encontros e combinações, comércio de artesanatos, grife de roupas, acessórios e quitutes, ultrapassa o momento das declamações de poesias e das músicas.

As experiências das pessoas que frequentam o *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* são formadas por contribuições de seus antepassados. Avós, mães, pais e tios são influências constantes na construção deste estar-sendo artista, poeta, cantor(a) e negro(a). Como coloca **Kianga** alguns destes negros e negras são reconhecidos como “agitadores culturais”, ou seja, aquele que fomenta a cultura, articula, estabelece elos, agrega.

O *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* tem um olhar especial para as crianças. Elas têm um espaço reservado para criação artística e posteriormente se apresentam e apresentam seus trabalhos ao grande círculo. Esta é uma preocupação que acompanha os sopapeiros: o cuidado com as crianças, o trabalho da sua autoestima, ligada ao seu corpo, ao empoderamento para que em outros espaços sintam-se mais fortalecidas e em condições de se afirmarem como coloca **Kianga**:

Com as crianças. Tem a ver com chegar no meio da roda, pegar o microfone e falar. Ser visto, ser aplaudido, ser o foco. **Kianga**

O desafio da pessoa negra – se afirmar e se empoderar – está presente em todos os espaços e momentos da vida, **Kianga** relembra situações que viveu quando era criança e destaca:

Eu fico pensando hoje em dia: “Eu estudei em colégio particular eu era minoria na sala, o *bullying* com o meu cabelo. Será que isso não me deixava mais quieta, me deixava mais quietinha?” Nem que seja para começar o seu nome. Só o fato de chegar no centro da roda. Está começando a se relacionar. Falar para muitas pessoas e ele é aplaudido, acolhido. Acho isso bárbaro! A gente tá transformando a história dessas crianças. Tão dançando, tão fazendo teatro. Relação com arte, com a identidade, convivendo juntos. Muito parecidas com

elas, com *black*, com cachos. E eu fico imaginando quando eles estiverem maiores. “Como vão recordar disso?” **Kianga**

As histórias de vida das pessoas mais antigas que frequentam o *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* podem servir de fonte de reflexão e inspiração para novas gerações que estão conhecendo aquele espaço. O compartilhamento, a troca de experiências e a convivência com o outro, que o Sopapo oportuniza, pode servir de motivação para as novas gerações descobrirem seus talentos, aumentarem sua autoestima. O exercício de respeito ao outro e às suas diferenças é necessário para uma sociedade mais democrática e igualitária, proporcionando o equilíbrio e o fortalecimento a partir das relações que estabelecemos.

Kianga sente-se emocionada quando relembra sua trajetória artística porque sabe que está dando continuidade a tradição de sua família, seguindo a herança, não deixando que a história desapareça. Ela toca, canta e é atriz. Em suas apresentações veste-se como sua avó com saia comprida, turbante, brincos grandes e assim revive sentimentos compartilhados em sua família pobre em que a avó mandava os filhos cantar em um programa de rádio para trazerem algo para comer no café.

“Lembrei de ti”. Ouviu um tambor, ouviu um samba. Eu fico super feliz. Quando me mostra a musica tinha oxum, ou é luta. **Kianga**

O *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* funciona para negros e negras como o “pedaço” (MAGNANI, 2002) onde podem encontrar os iguais, exercitar os códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. Essa noção evoca laços de pertencimento e estabelecimento de fronteiras e, como destaca Maffesoli (1996), o laço social torna-se emocional e quando compartilhado constitui a ética da estética.

5.3. Empoderamento Coletivo: Negras e Quilombolas

Quando me amam, dizem que não é pela minha cor. Quando me detestam, acrescentam, que não é pela minha cor [...] Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal (FANON, 2008, p. 108).

O povo negro buscou formas de resistência contra a situação sub-humana em que foi lançado. Por meio dos quilombos realizavam modos de resistência organizada contra a superexploração de que era objeto e aos deslocamentos exigidos pelos ciclos de economia brasileira. Existiram dois tipos de quilombos: de rompimento ou de ruptura como Palmares e Urubu; e os abolicionistas liderados por personalidades públicas e propiciavam o trânsito fácil entre os fugitivos e a sociedade como Jabaquara e Leblon (SCHWARCZ, 2012). Palmares, liderado por Zumbi, foi a primeira tentativa de criação de uma sociedade democrática e igualitária, ali se pode dizer que existiu uma democracia racial.

As comunidades quilombolas, ou remanescentes de quilombos, são comunidades tradicionais cuja memória coletiva faz referência a elementos de um passado escravocrata. Essas comunidades, hoje, passam por um processo de reconhecimento pelo Estado brasileiro, amparado legalmente no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal e no Decreto-Lei n. 4.887⁸⁹, que possibilita a essas comunidades o direito à titularidade de seus territórios (ANJOS, 2009).

Cotidianamente os descendentes de coletivos escravizados que permaneceram em terras conquistadas pelos antepassados precisam lutar por seus direitos – apesar da Constituição de 1988 atribuir direitos territoriais, sociais e culturais às comunidades quilombolas, historicamente estigmatizadas. Ainda hoje os quilombos existentes no país, em especial na região sul, permanecem à margem da sociedade e invisíveis ao Estado,

⁸⁹ Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. O Decreto-Lei n. 4.887: Prevê a autoidentificação das comunidades remanescentes de quilombos e repassa os procedimentos administrativos para o INCRA sob duas perspectivas: crítica – fixação de fronteiras fundiárias em um modelo cartográfico oficial e pragmática – indistinção entre o fazer científico e o conhecimento nativo (ANJOS, 2009).

desamparados de políticas públicas essenciais, em todos os níveis de Governo (HESSEL, 2004, p. 8).

A professora Petronilha Beatriz G. da Silva em sua tese de doutorado sobre o Quilombo do Limoeiro, localizado em Palmares do Sul, chama a atenção para aquela comunidade instigante e lutadora por seus direitos:

A convivência no Limoeiro me fez sentir atraída a compreender: que sentido dão os negros, aqueles homens e mulheres, numa sociedade que os oprime enquanto etnia e enquanto classe social? De que maneira, sofrendo discriminação, de um lado, como negros, de outro, como camponeses, estão engajados na cultura rural e agrícola que ajudam a construir e a manter? Qual a atmosfera do seu presente? (SILVA, 1987, p. 04)

Durante o doutorado, por meio de uma ação de extensão⁹⁰ conheci melhor a Associação de Moradores do Quilombo do Limoeiro, região litorânea de nosso Estado, onde muitas lutas são travadas para que a comunidade tenha acesso aos direitos que satisfaçam suas necessidades. Por problemas de saúde o presidente anterior precisou se afastar e atualmente a diretoria é composta por mulheres jovens da comunidade. **Na'zyia** é Presidente da Associação de Moradores do Quilombo do Limoeiro e comenta sobre a discriminação que sentem por serem mulheres e fazerem parte da diretoria da Associação:

O meu grupo é só mulher. Nós temos que tomar decisões por nós. Não querem que tu tenha autoridade maior que eles. Os homens se achando melhor que qualquer mulher. O que é importante na ideia deles. [...] Eu já tava há doze anos, sabia os passos dele. Segui os passos dele, as coisas boas. Ouvir as pessoas é muito importante. **Na'zyia**

⁹⁰ Programa Convivências promove a mediação do conhecimento nas diferentes realidades, desenvolvendo atividades interdisciplinares, provoca a troca entre o saber acadêmico e o popular permitindo a formação dos estudantes e dos que vivem nas comunidades envolvidas, possibilitando que todos participem da construção e das transformações tanto da Universidade, como da nossa sociedade. Mais informações: <http://www.ufrgs.br/deds/programas-e-acoas/programas-convivencia-2011>

Alguns estudantes universitários integrantes de um projeto da UFRGS ao chegarem pela primeira vez em um quilombo ficam impressionados com o modo de vida dos quilombolas que encontraram, e mostraram falta de informação sobre os costumes do povo quilombola, através de comentários, como destaca **Na'zyia**. Porém, é preciso ter cuidado para não repetir este tipo de opinião com outras populações. Por exemplo, quando se fala em índio e se relaciona com oca, pena, arco e flecha isto também faz parte de um estereótipo que precisamos mudar, avançar:

O que era ser quilombola? Todo mundo acho que quilombola é que nem índio, né? Tem oquinha, não tem casa: “Vocês têm casa? Têm carro? A gente achava que era que nem os índios.” **Na'zyia**

Existem desafios que a comunidade quilombola precisa lidar cotidianamente. A questão fundiária representa uma das grandes fragilidades atualmente, pela falta do documento de propriedade por parte das comunidades remanescentes de quilombos que constitui um importante entrave ao desenvolvimento territorial das comunidades.

Na'zyia comenta sobre a luta pelas terras dos antepassados disputadas judicialmente há muitos anos.

[...]54 famílias. Muitos já se afastaram foram morar fora, uns foram estudar, mudar de vida. Mas a gente... Particpei desde o começo, teve uma reunião do INCRA, titular as terras que a gente já tava. Ou dos fazendeiros tomaram conta. Todo mundo queria as terras que os fazendeiros estavam em cima. Hoje a gente ganhou, foi reconhecida as terras que os fazendeiros estão em cima. Setecentos e dois hectares de terra já é quilombola. A moça do INCRA disse que ainda vai levar uns quarto ou cinco anos para passar pros quilombolas. É um processo bem longo uns onze anos mais ou menos pra ter reconhecido. (**Na'zyia**)

Sekai chama a atenção sobre a forma curiosa como uma família quilombola do Limoeiro conseguiu reaver as terras:

Não tinham nem terra para plantar. Quando ela ganhou a terra do senhor fazendeiro, tinha os meninos pequenos. Ela plantou eucalipto em toda volta do terreno, sem pensar que tantos anos depois fosse resolver a situação dela. Acharam o filho desse senhor e ele disse: “É dela”. Foi resolvido na paz, não teve grandes conflitos. **Sekai**

Há demandas não atendidas, como por exemplo, habitações de qualidade, saneamento básico, saúde e assistência. A infraestrutura de estradas de acesso apresenta problemas cruciais em determinadas comunidades. No campo da educação, há dificuldade de formação de professores e os projetos e os recursos acabam antes da execução final do projeto (SILVA, 2010). É uma luta cotidiana para obter o mínimo de cidadania, infelizmente, quase sempre negado.

Na'zyia como uma liderança comunitária comenta algumas conquistas e dificuldades que a comunidade enfrenta:

Tem a missa uma vez por mês que a gente faz na Associação. Tem os médicos. A gente tá conseguindo manter a cota. Os agentes de saúde que a gente conseguiu também que é uma luta dos quilombolas. Que a gente tinha ganhado um carro 2014 e em 2015 a gente perdeu. A gente quer retomar. Um carro porque a gente tem cadeirante e não consegue vir na associação. E o carro vai até lá. Agora até é o segundo ano que eles tiraram o ônibus municipal daqui para baixo, a maioria é idoso. **Na'zyia**

Sem contar os projetos aprovados com verbas públicas destinadas para compra de equipamentos e maquinários que não chegam até a comunidade quilombola, vão ficando no meio do caminho... Algumas comunidades estão mais avançadas e possuem maquinário que facilitam o trabalho dos agricultores.

A nossa comunidade é a única que não tem trator, caminhãozinho. Tavares, Mostardas já tem trator, tem caminhão. Nosso projeto foi perdido, a gente ganhou trator e quando chegou na prefeitura a gente perdeu. Via prefeitura a verba nunca chega, é uma briga! A gente não

quer que venha via prefeitura, quer que venha direto. A gente perdeu dois projetos: o projeto do trator e da engenhoca para descascar arroz. **Na'zyia**

Em outras comunidades não é diferente como relata **Makini**, cuja filha trabalhava no Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em Brasília e agora está trabalhando no Rio Grande do Sul, com as comunidades quilombolas. Os agricultores de origem europeia ignoram sua presença. Ela está tendo alguns atritos com a chefia porque cobra que as verbas destinadas aos quilombos cheguem até os mesmos.

Nos quilombos, os ancestrais estão lá, lutando junto. [...] Como é importante isso dos quilombos. Minha filha fica meio revoltada. Veio pro MDA daqui, única negra, só loiro, só gringo. Tá tendo atrito com a chefe dela. Ela disse que chamou ela de racista. Por que os agricultores de origem alemã, italiana, vem a verba. Vem a verba x e é desviada: “O que quê tá havendo, se veio pra tal coisa, foi desviado para tal?”. Não sei que resposta deram para ela. Que ela era racista porque tavam passando a verba. **Makini**

O impacto das histórias em nossas vidas é grande e pode fazer com que busquemos novos caminhos e passemos a acreditar em coisas diferentes. Mas precisamos estar atentos como coloca Adichie (2009) porque as histórias nos constituem, por isso não podemos insistir somente nas histórias negativas senão, estaríamos tornando superficial a experiência e negligenciando as muitas outras histórias que nos formaram. Ela destaca que a história única cria estereótipos e eles são incompletos, fazendo com que a história torne-se a única história.

Ashanti comenta um texto sobre Zumbi dos Palmares que um amigo do Rio de Janeiro enviou para ela dar uma opinião. Trata-se de um texto em que era questionada sua imagem como herói do povo negro. Ela ficou muito pensativa sobre o impacto que haveria se o mito de Zumbi fosse desfeito, como por exemplo: “Para quem serviria essa desmistificação?”

Um rapaz falando sobre apropriação, sobre conhecer história, e ele falava sobre zumbi. Tem muitos amigos negros que estão compartilhando falácias, acho isso um problema. Que inventem uma Dandara para que se discuta a mulher negra. Da história que não era bem assim. Se Zumbi estivesse entre nós agora ele não seria um herói. Enfim eu fiquei mexida com aquele texto ali. Pensei a serviço de que aquele texto? A gente já tem no nosso imaginário, por mais que se procure na história não vão se desfazer. Como a gente sempre ouviu uma história que nos deixou num lugar muito ruim, muito rebaixado. O que que eu ganho em desfazer essa imagem desse mito como herói? Eu acho que nesse momento eu não ganharia nada, não me interessei em procurar a verdadeira história. Eu acharia várias vertentes, e vou escolher acreditar numa ou não. A história parte da fé e a gente sempre teve que acreditar numa. História não tão boa. **Ashanti**

O colonizador tentou de várias formas fazer com que acreditássemos que não existia valor na arte, na cultura, na estética do povo negro. Ao contrário, ignorou as contribuições trazidas pelos africanos e também dos indígenas que já estavam por aqui. Inverter esta lógica que foi ensinada, incutida desde o início de nossa colonização demanda muito estudo e empenho, além de tempo.

[...] A nossa práxis educativa, em sua incessante e dialógica interação saber-prática, teoria-ação, não deve senão aspirar à plenitude e à inteireza de todos os seus contornos, planuras e saliências, de todos os seus aspectos, incluso aqui o ético-moral; de nossa inserção e presença no mundo do outro e com o outro (FREIRE, 1996, p. 29).

As mulheres negras colaboradoras da pesquisa fazem em seus cotidianos estes movimentos e são reconhecidas em muitos espaços pelos trabalhos que desenvolvem. São pessoas coerentes e comprometidas com a práxis educativa.



Ilustração: Bruno Ortiz

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.
(CALVINO, 1990, p. 138)

6. APROXIMAÇÕES ENTRE O QUE PENSAM, FALAM E FAZEM

É preciso haver uma indispensável coerência entre o que se diz e o que se faz – o meu discurso não pode diferenciar-se do meu gesto. Meu discurso tem que ser coerente com o meu corpo. A maneira como o meu corpo se move no mundo tem que ser coerente com o discurso que fala do movimento do mundo
(FREIRE, 2004, p. 186).

Freire (2004) já argumentava que a mudança não pode ser feita por uma pessoa só, pois ela nasce de nosso desejo, mas é coletiva e social. Precisamos assumir responsabilidades no processo de mudança porque segundo ele, desejar não é proibido, não é pecado.

Desde o início de sua trajetória artística, **Kianga** preocupava-se com o que estava mobilizando e fazendo refletir no outro. A arte é vista por ela como um ato político, capaz de representar todas as minorias.

Vamos pensar na criança negra que tá assistindo. Se a princesa vai ter só cabelo liso, só olho azul [...] Eu fico pensando em meus sobrinhos, como é que eles vão se contagiar nesse espetáculo se eles não se vêem nele. **Kianga**

Kianga sente-se comprometida o tempo todo com a história de seus pais e avós, trabalha como arte-educadora com o intuito de poder trocar conhecimentos e energias com seu público, seja em uma sala de aula, num espetáculo na rua ou nos palcos. Apesar das dificuldades para se viver de arte, principalmente da arte negra no nosso Estado e país ela ressalta sua preocupação com a formação das crianças negras, em representá-las em suas peças teatrais, mas também com as mulheres negras em suas letras de samba, por exemplo.

[...] Os pais trabalham, consomem teatro. Quando eu vi tudo já tava permeado de luta, arte negra. [...] Tem coisas que eu não consigo dizer. Vamos fazer um seminário. Eu acho que não sou boa nisso, mas se eu cantar uma música? Criar uma performance. Várias vezes eu fiz isso. Abrir seminários muito importantes. Um Salão de Atos. Grandes intelectuais. E eu fazer

abertura. No Salão de Atos, sozinha, entrei cantando, dizendo poesia negra. Não tinha me dado conta, não uso microfone. Baita espaço, vou entrar sozinha para abrir. Elas registraram as fotos. Tinha duas fotos minhas. De braços abertos. “Que poesia era aquela?” Dão esse retorno. Foi uma emoção! De estar naquele espaço. Já tinha me formado. Foi um presente.

Kianga

Esta busca pela coerência entre o que se faz, fala e pensa é constante na trajetória de **Kianga** que aponta a necessidade de estar constantemente se repensando, afinal tem em seu trabalho uma responsabilidade política e social.

Elementos, histórias como negros. Matriz africana. Já cantamos jongo. Vai ter a dança do pezinho, vamos cantar um jongo, um ponto de capoeira. [...] Não quero me envolver em qualquer espetáculo. Contar os dramas do meu povo. Precisa de dinheiro, precisa se manter. Como vai manter esse grupo de teatro. Da arte do quanto é forte. Qualquer obstáculo é nada. Tenho uma história. Acho aqui no RS difícil. Tem uma produção não negra, a maioria do elenco vai ser branca, mesmo falando de cultura negra. **Kianga**

A partir do conhecimento que trazem em suas histórias de vida, as mulheres negras que participaram da pesquisa, fazem acreditar que cada pessoa pode sim, fazer a diferença. Vale a pena lutar diariamente pelas convicções, mesmo que elas mudem constantemente, porque as certezas são fluidas e se alteram à medida que vivemos novas experiências, convivendo com o diferente.

Existem dificuldades e obstáculos a serem transpostas cotidianamente, e também oportunidades que possibilitam a inclusão de novas crenças, sonhos e conquistas. Cada um de nós tem um papel importante na construção político-social deste mundo!

Todas as mulheres negras que participaram da pesquisa mostram esta disposição de não deixar passar os preconceitos, não se isentar da sua parcela de responsabilidade, ao

contrário, são muito ativas em suas comunidades, defendendo suas opiniões e fazendo com que exista uma conexão entre aquilo que acreditam e o que praticam em suas vidas.

Kianga e Ashanti buscam focar em seus trabalhos o compromisso com temas ligados às suas trajetórias e do povo negro no campo da arte, da música. Elas apontam a necessidade de estar se repensando.

Mas o que eu tava fazendo com o teatro, mesmo? Eu parei, uns anos atrás, não queria mais fazer textos clássicos. Não queria fazer peças que falassem do amor e Julieta, o amor impossível, as famílias brigam. O que que isso vai mover agora? Comecei a trabalhar com uma linguagem mais aberta, de performance arte, para poder discutir outras coisas e trabalhar com material real, atual, humano e a partir da minha história. Mas daí depois de um tempo eu entrei em conflito de novo. **Ashanti**

Elas destacam que não é possível aguardar que os governos abram espaços, viabilizem trabalhos ou que tratem de questões étnico-raciais nos mais variados espaços. É necessário que elas próprias se mobilizem e por meio de movimentos tanto individuais quanto coletivos possam mudar a realidade atual, e que o racismo, as desigualdades e as discriminações presentes possam dar lugar a uma sociedade mais justa e igualitária. **Ashanti** comenta a experiência que teve quando trabalhou na Secretaria de Cultura da Prefeitura de Porto Alegre e conheceu as limitações impostas inclusive pela burocracia:

“Ah! Mas o governo não se faz nada, não se faz nada.” Tudo passa por um processo. A verba para um ônibus não é a mesma verba para alimentação, que não é a mesma verba. Se tem muita descrença com o trabalho público, muita crítica. Total desconhecimento de pessoas fantásticas, trabalhando muito para realizar as coisas. Tem um monte de gente que talvez não trabalhe mesmo. Mas tem muita gente se esforçando, discursando e aprendendo. **Ashanti**

Ashanti também compartilha suas preocupações diárias sobre como se manter trabalhando com teatro e cinema, como pagar as contas no final do mês? Ela quer fazer um mundo novo, viver corajosamente, experimentar, sonhar, mas também quer ter o direito de curtir o fruto de seu trabalho e viver dignamente.

Poder usufruir desse mundo que a gente quer construir. Esse ano é todo isso, é muito sofrido, às vezes, é alegre também. É precioso a gente ter tempo para ensaiar e para viver coisas que eu achei que não ia ter. Ele é parte disso, mas eu sei que dezembro vai chegar. Porque agora eu tinha trabalhado assim, às vezes eu não sei como vou pagar minhas contas. Eu vou estrear três peças nos próximos dois meses, eu não posso trabalhar num bar como os outros atores fazem, trabalhar a noite, eu tenho que estar bem. Como é que eu faço? Eu sei que até dezembro eu vou fazer meus trabalhos, eu vou apresentar e ter como viver. Depois de dezembro eu já não sei mais. Eu vou voltar para outra história que talvez seja a história de trabalhar de atendente na loja, na locadora. Mas eu pude fazer, pude experimentar, pude me dar outra oportunidade, pude fazer outras coisas. É viver o utópico, mas também com os pés no chão. Pode ser temporário, pode não ser temporário. Eu não vou deixar de viver porque pode acabar. **Ashanti**

Seguindo com a compreensão sobre o que dizem e o que fazem as mulheres da minha pesquisa, apesar das dificuldades cotidianas, elas não se desmotivam, ao contrário sentem-se desafiadas a ultrapassá-las. **Dakarai** ressalta que tem iniciativa e busca espaços que a deixem feliz, “o melhor lugar” como ela refere, brigando por aquilo que acredita. A preocupação com o estar bem não é egoísta, existe uma preocupação com o outro, o que impulsiona suas ações:

Eu sempre fui meio metida. Isso aí me custou, me custou muita coisa. Eu sempre quis estar lá. Eu queria estar lá. Melhor lugar, eu não sei o que eu pensava. [...] Eu sou muito brigona, gosto de comprar briga, que não tem nada a ver comigo, eu compro. Semana passada eu comprei no ônibus, não me arrependo nem um pouco, isso que eu faço eu juro que não me arrependo: uma senhora subiu no ônibus, tinha dois lugares, ela sentou assim, sentou a menina, neta dela de 12 anos e pagou a passagem para a menina. No momento que ela

pagou a passagem, a menina tem que passar para trás, não? Lá adiante. A menina ia levantar e ela disse: “Não levanta porque eu paguei passagem pra ti.” Eu olhei para ela e disse: “Levanta sim. Olha, mas a senhora tá vendo uma pessoa com duas muletas. Essa menina tá bem.” “Aleijado anda de carro.” Eu disse para ela: “Como é que a senhora tá no ônibus.” Nunca tinha visto a mulher. “Eu não sou aleijada.” “A senhora é mais deficiente que ele.” Aí o ônibus todo mundo tomou conta, eles esperam tu falar que é pra todo mundo tomar conta. Aí a menina levantou. Quando eu desci eu disse para ela: “Tu tá plantando, vai ver o que a tua neta vai fazer ainda pra ti.” Fui para casa dormir meu sono. Como eu não vou. Eu vinha de pé ali na frente, eu sempre dou o meu lugar. Nem gosto de sentar ali na frente, já passo pra trás, tem pessoas pior que eu, graças a Deus eu estou podendo ainda, têm pessoas muito pior. A gente tem que ter respeito. **Dakarai**

O compromisso e o respeito pela comunidade negra acompanha também a trajetória de **Makini**. Embora ela tivesse uma proposta de trabalho “irrecusável”, conforme a direção do Colégio de Aplicação, na época em que fizeram o convite para que ela assumisse um cargo naquela escola. **Makini** não se sentia confortável em abandonar seu trabalho como professora em comunidades carentes.

Comecei com 12 horas, depois pediram para aumentar para 20 horas, tive que diminuir no Estado, mas não queria abandonar porque tinha um trabalho bem forte na periferia, com relação à autoestima da criança negra, trabalhava na pastoral do negro na igreja católica. É um trabalho importante, é um compromisso muito forte, compromisso da minha vida. **Makini**

Niara e Amina trabalham comprometidamente em movimentos sociais e na educação com o intuito de aproximar o conhecimento das comunidades carentes, especialmente quilombolas, dos conhecimentos produzidos nas escolas e universidades. A preocupação com a formação de professores e outros profissionais, com o material didático disponibilizado em sala de aula ocupam um espaço em suas vidas e trazem satisfação. Estabelecer pontes entre as pessoas e os lugares, através de parcerias, ações coletivas são objetivos que as acompanham ao longo de suas trajetórias.

Ashanti chama a atenção para a necessidade de repensarmos e mudarmos nossas atitudes para que possamos viver em um mundo melhor, sendo nós mesmos os agentes desta mudança.

Eu fico vendo alguns amigos falarem de mais amor menos motor, tantos slogans tranquilo e de boas energias. Mas para isso acontecer com todas as pessoas alguma coisa tem que mudar. Pra gente ficar tranquila nenhuma pessoa pode ser seguida no mercado. Pra gente ficar tranquila as mulheres não podem ter medo de andar a noite. Tem coisas para se resolver. Eu quero ser agente desse mundo melhor. [...] a gente se pergunta: O que eu vou ser daqui a cinco anos ou há dez anos? **Ashanti**

Nesta fala de **Ashanti** estão presentes pontos importantes que nos fazem refletir sobre a nossa sociedade e a necessidade desta luta antirracista em nosso cotidiano. Não somos uma “uma ilha de democracia racial, cercada de racistas por todos os lados” (SCHWARCZ, 2012, p. 30), infelizmente somos preconceituosos e discriminamos, mesmo sem perceber. Penso e desejo, que assim como Freire (1996) se refere, estejamos no caminho de algumas mudanças, que consigamos estabelecer a “práxis educativa”:

[...] Pelas violências de toda sorte, é necessário retomar esta temática, que não somente interessa aos pedagogos, mas a todos os cidadãos preocupados com uma ação-intervenção no mundo que resgate a eticidade, a boniteza, a dignidade de homens e mulheres (FREIRE, 1996, p. 31).

Mas, acredito que ao longo deste trabalho de pesquisa, especialmente nesse capítulo, foi possível mostrar que existem pessoas com uma bagagem muito rica envolvidas com ações práticas que vão ao encontro de uma sociedade mais igualitária, democrática e justa.



Ilustração: Bruno Ortiz

*A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra.
E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu.
A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.
(JESUS, 1960, p. 160)*

CONSIDERAÇÕES

*Talvez pareça um pouco de falta de humildade dizer que
não me arrependo de nada do que fiz. [...]
Às vezes aceito em paz, reconheço que poderia ter sido melhor,
mas ao mesmo tempo descubro que isso não era possível porque sou histórico,
como toda gente é. Estou limitado pela história, limitado pelas culturas, por tudo.
Então, sigo contente. Talvez não sinta arrependimento porque
jamais traí meus sonhos.
(FREIRE, 2004)*

Esta tese desde seu início buscou uma linguagem e forma possível de ser compreendida por todos, seja na academia ou nas comunidades externas ao meio acadêmico. Existiu um exercício para tentar tornar mais acessível os resultados das pesquisas que realizamos na universidade às pessoas, que de alguma forma são excluídas, embora muitas vezes participem das mesmas.

Distanciar o que realmente pensamos e sentimos para produzir um estudo, ou apenas publicar artigos para cumprir um requisito acadêmico se soma às incoerências entre aquilo que se diz e o que se faz em nossa sociedade. Agimos ou convivemos expostos a incoerências entre aquilo que pensamos, dizemos e fazemos. Somos desafiados cotidianamente a pensar e falar sobre amor, humildade, bondade, empatia e muitas vezes não conseguimos agir com respeito, dedicação e sensibilidade às necessidades das outras pessoas, o que resulta em relações conflituosas e danosas. Respeitar e tolerar (FREIRE, 2004) exige cuidado e atenção de todas as partes envolvidas, pois não é possível que o esforço venha apenas de um lado.

Valorizar aspectos positivos é tão importante quanto perceber a existência de falhas, incompletudes e problemas nas histórias de vida. Sensibilidade, comprometimento e respeito com as escolhas que as pessoas fazem podem auxiliar a passagem para outros níveis mais avançados, mais elaborados nas relações. Esta experiência de pesquisa e escrita de tese proporcionou experiências que podem levar a um processo de estar-sendo melhor, mais

consciente de que é possível aprender, na medida em estamos mais atentos àqueles que estão ao redor, prontos para compartilhar, trocar experiências.

[...] Estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem "tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 1996, p. 64).

Ao longo da pesquisa percebi que a construção da identidade da mulher negra se dá por meio das relações em que cada um e todos vão trabalhando, às vezes de forma contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada e às vezes de maneira coesa, integrada a sua intimidade, seu "eu". Essa construção acontece pela relação com o "outro" que é diferente e não menor.

Durante as falas das mulheres negras nos encontros elas demonstram que conforme nos apresentamos ao mundo somos reconhecidos por ele, somos diferentes diante de pessoas ou espaços diferentes. Alguns nos dão suporte, outros nos desafiam. Exigem movimentos constantes nos quais existem perdas e ganhos, e demandam o cuidado com a ética. O respeito entre todos os cidadãos é importante para que boas relações aconteçam em nosso cotidiano.

Conforme Munanga (1986) a cor ou pertencimento racial que alguém se atribui é confirmado ou negado pelo olhar do outro, podendo determinar uma dissonância entre o reconhecimento de si mesmo e o reconhecimento a partir do olhar do outro. Por isso o debate sobre as relações raciais no ambiente escolar e de trabalho enriquecem, e podem apontar novas políticas públicas que diminuam o racismo, discriminações e desigualdades em nossa sociedade, como bem colocam **Amina, Niara, Makini, Ashanti, Dakarai e Kianga**.

Por meio de uma postura responsável, comprometida e ativa nas comunidades, defendendo opiniões, levando em conta aquilo que o outro precisa, as mulheres negras colaboradoras da pesquisa buscam uma construção político-social, sem discriminações e desigualdades. A conexão entre aquilo que acreditam e o que praticam possibilitará um mundo melhor, mais democrático e justo.

A preocupação com a educação de crianças, formação de educadoras e educadores, o cuidado com a elaboração de material didático que mostre outras formas de perceber o mundo em que vivemos a partir do enfrentamento das desigualdades, respeitando as diferenças, é um dos caminhos apontados.

Segundo Mignolo (2008) a história do mundo escrita por europeus corresponde à experiência europeia e não à sensibilidade e experiências de todo o mundo. Nos relatos compartilhados durante os encontros é possível perceber como cada pessoa faz a diferença em espaços e tempos variados, estas mulheres destacam que vale a pena lutar diariamente por coletivos, sejam de estudantes, mulheres, associados, trabalhadores, entre outros.

Existem dificuldades, obstáculos a serem transpostos para o estar-sendo no mundo de forma harmônica e equilibrada. As colaboradoras da pesquisa destacam que isso é possível por meio do respeito a nossa ancestralidade negra e indígena, respeito ao outro, gentileza no com-viver, acolhimento das escolhas do outro e suas formas de estar no mundo.

Ao encontrar os obstáculos ao longo da trajetória podemos focalizar uma causa em uma única pessoa, mas o esforço para superação desta armadilha pode estar centrado no trabalho coletivo. Quando uma causa está localizada, pessoalizada, existe também o risco de que ela se extinga. As mulheres negras que colaboraram com a pesquisa apontam que em suas trajetórias se envolvem em ONGs, Pastorais do Negro e da Saúde, Institutos que se preocupam com questões coletivas.

O compromisso com esses espaços de afirmação de direitos coletivos está presente nas histórias de vida dessas mulheres que aqui narraram trechos de suas vidas. Elas perpassam estes caminhos com sensibilidade, e assim conseguem identificar até onde e quando podem continuar com as parcerias, porque as redes de apoio na família e no trabalho são indispensáveis para atingirem um objetivo comum e manterem os espaços conquistados. Tais histórias de vida nos mostram que as conquistas coletivas demandam reflexão permanente com o grupo, tentativas e erros, em variados tempos e espaços.

A construção da identidade da mulher negra desta pesquisa acontece dentro das famílias, na escola, espaços culturais e políticos desde a infância. Os pais, principalmente as mulheres da família negra, têm um olhar mais atento com o intuito de fortalecer a autoestima de suas crianças, muitas vezes sendo responsáveis pelo sustento e suporte emocional dos filhos, netos e outros agregados como relatam **Niara, Amina, Dakarai, Makini, Na'zyia e Sekai**. Nascimento (2008) destaca que a mulher negra se estrutura como uma pessoa que toma para si a responsabilidade de manter a unidade familiar, a coesão grupal e a preservação das tradições culturais e religiosas de seu grupo.

A liberdade para fazerem escolhas ao longo de suas histórias de vida aparece como um componente importante na construção de suas identidades, seja na escolha do curso, escola, casamento, profissão, religião. Esta postura é incentivada pela família e vai diante da vida auxiliando em suas escolhas, faz parte da busca de realização dos seus objetivos.

Além da escola, o trabalho nas comunidades de periferia ou quilombolas, os palcos e, até o cinema são espaços importantes para uma educação antirracista. O sarau *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* é um desses pontos de encontro estratégicos de negros e negras e funciona para o planejamento de novas ações, empoderamento, compartilhamento e busca de alternativas para problemas enfrentados no cotidiano.

São necessários espaços como o *Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia* porque infelizmente, ainda hoje, negros e negras não são acolhidos ou reconhecidos em alguns papéis em nossa sociedade racista, como por exemplo: escritor, escritora, poeta, poetisa, ator, atriz. As mulheres relatam que ainda é um desafio conseguir se enxergar, enxergar outros negros nos espaços por onde transitam. A forma de enfrentar ou contornar os obstáculos demonstrados perpassam pelas possibilidades de resiliência que vão se apresentando ou sendo reconhecidas em cada história de vida pessoal ou de um grupo.

A educação escolar é uma referência muito forte nas histórias de **Amina, Niara, Kianga e Makini** que além de comentar que gostavam de estudar optaram pela educação em suas trajetórias profissionais. Existem cobranças pessoais, familiares e da sociedade sobre o estudo e o comprometimento destas professoras, orientadoras, supervisoras, diretoras, arte-educadora para o trabalho voltado para a questão étnico-racial em sala de aula.

Há relatos sobre como as posturas éticas destas mulheres negras foram importantes nas histórias de vida de muitos alunos quando tratavam de questões étnico-raciais, percebendo os resultados ao reencontrá-los depois de adultos já trabalhando e alguns também comprometidos com a questão étnico-racial conforme relatam **Amina, Niara e Makini**. Freire (1996) defende que ensinar a ética é poder perceber as virtudes que são exigidas ao ato de ensinar e aprender, que não são poucas e fazem parte do cotidiano de luta por uma ética que esteja combinada com a prática educativa.

As referências aos companheiros das mulheres negras que colaboraram com a pesquisa não aparecem como histórias de amor romântico. Falam sobre ex-maridos ou namorados de uma forma bem discreta. Existe uma postura mais reservada quando se trata sobre o assunto do amor romântico, acredito que como refere hooks (2006), este tema faz parte de suas “verdades privadas”.

Relatam de forma muito amorosa suas experiências com os filhos e filhas, alunos e alunas, o público em saraus, shows ou teatro. Os filhos são normalmente disparadores de ações antirracistas com o objetivo de empoderá-los. Filhos biológicos ou adotivos, trabalho em casa lar⁹¹ são destaques em suas histórias de vida.

O cuidado e a preocupação com suas crianças ocupa um lugar privilegiado. As mulheres colaboradoras da pesquisa enfatizam a necessidade de proteger principalmente as crianças de forma constante, aproveitando os momentos desafiadores para empoderá-las, seja na família ou na escola. Podem ser aquelas que estão próximas, fazem parte da família, ou aquelas que estão mais distantes.

Há o destaque para as formas de lidar com os obstáculos diários na escola ou no mercado de trabalho porque as discriminações acontecem o tempo todo, de variadas formas. Um exemplo é dado por **Makini** quando destaca o trabalho que fazia com as meninas do balé no Afrosul Odomodê, com o intuito de aumentar a autoestima que interferia, inclusive, no desenvolvimento dos passos de dança.

A saúde foi destacada em no encontro com **Na'zyia**. Ela comenta sobre uma doença que a deixou fragilizada e fez com que buscasse uma aproximação com a religião espírita para se confortar. Ela relata também que foi a partir de sua preocupação com a saúde do filho mais velho que procurou integrar-se à Pastoral da Saúde. Aprendeu como fazer comidas saudáveis para o filho e compartilhou o conhecimento com as famílias com crianças pequenas da comunidade quilombola em que vive.

⁹¹ Casa lar é um local que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes, afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo, em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção. Baseado na Lei 12.010 (03/08/2009), “o acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando em privação de liberdade”.

A saúde é uma peça importante também na história de vida de **Dakarai**. Ela trabalhou muitos anos em hospitais, atualmente está aposentada, mas tem muitas recordações sobre seu papel como agente de saúde que a deixam orgulhosa. Ela comenta que as dificuldades para estudar foram transpostas com a ajuda do pai (que se mudou para uma cidade maior para os filhos estudarem) e do marido, que não a impediu de retornar aos estudos depois de casada. Já trabalhando recebeu incentivo de uma chefia para prosseguir os estudos na área da saúde.

Algumas colaboradoras fizeram suas escolhas profissionais baseadas nas histórias de vida de seus familiares. **Kianga** relata fortemente a influência de seus avós em sua trajetória perpassada pela música, seja como cantora, compositora, arte-educadora.

A ênfase na área das Artes dada por **Kianga**, **Ashanti** e **Sekai** possibilitam reflexões e ações muito importantes no sentido da construção da identidade desde a infância do povo negro e o fortalecimento da autoestima até a idade adulta, por meio de oficinas que tratam da estética negra. Questões ético-estéticas sobre o corpo e o cabelo das mulheres negras, perpassam suas histórias e expressam um posicionamento político e cultural.

O gosto por viajar e conhecer outros lugares e pessoas é ressaltado no encontro com **Dakarai**, que mesmo sendo a única negra na maioria dos grupos que participa, diz que se sente bem porque tem o mesmo direito que qualquer outra pessoa do grupo de estar naquele lugar. **Ashanti** ressalta que ao fazer sua primeira grande viagem que teve como destino a Bahia (terra predominantemente de pessoas negras com exaltação da cultura de origem afro-brasileira) sentiu como se estivesse encontrado com Deus. Tal sentimento pode estar ligado à ancestralidade, ao sentimento de pertencimento que remete as suas raízes.

Makini comenta sobre o investimento no estudo de outras línguas estrangeiras como forma de melhor se comunicar com o outro, para abrir novas possibilidades, de intercâmbio, de produção intelectual e convívio. Assim como **Niara** ressalta a importância de ter tido

aulas particulares com um professor aposentado que mostrou a ela um mundo de livros e conhecimentos que ela desconhecia, e dessa forma influenciou sua escolha de curso na graduação.

O racismo institucional em escolas, hospitais e empresas aparece nas falas das mulheres durante os encontros, por exemplo, quando **Niara** comenta sobre a figura do “cara preto de plantão” para representar a instituição em assuntos ligados ao racismo e discriminação. Ou quando **Amina** fala na “negra ousada” que desafiou uma autoridade reconhecida pela sociedade, que não poderia ser enfrentada apesar de sua postura desrespeitosa com as professoras diante de seus alunos; muito menos por uma negra, segundo a autoridade na área de educação da Secretaria de Estado.

Durante o processo de elaboração da tese pude perceber algumas novas posturas das mulheres negras envolvidas na pesquisa em relação às questões raciais e de gênero. Ouvindo inclusive, de uma delas que a questão de gênero não era um foco em sua trajetória, mas que agora estava percebendo a necessidade de se envolver mais com o tema. A história de vida pode ser ressignificada ou alterada a cada momento, não é estanque, fixa. Repensar e refazer são verbos, mas mais do que isso são ações que nos remetem a uma fluidez que pode nos levar a novos caminhos e novas descobertas.

A política de ação afirmativa por meio das cotas para ingresso nas universidades, que teve início em nosso país em 2000 e na UFRGS em 2008, pretende ser provisória e está sendo muito importante no sentido de levantar discussões sobre o racismo na universidade e na sociedade brasileira, e assim, possibilitar que ultrapassemos o mito da democracia racial. Em alguns encontros com as mulheres houve o enaltecimento deste tipo de iniciativa levando em conta que os jovens negros estão se empoderando a partir do ingresso na universidade e, dessa forma, poderão ser sujeitos de uma nova realidade mais igualitária e

democrática. Segundo Diop (1976) é chegada a hora de encararmos o medo do outro que não se pode controlar para ultrapassarmos as barreiras que ele vem nos impondo.

Esses desafios cotidianos – racismo e machismo – têm impacto direto nas histórias de vida das mulheres negras em nossa sociedade. Exigem movimentos de avanço e recuo diante das mais variadas situações, na família, na escola, na comunidade, no trabalho, tornando necessárias posturas de enfrentamento e resistência ou de deslocamento e contorno de obstáculos, dependendo do momento e da fase da vida, ou ainda do espaço em que se encontram. Identificamos esses movimentos como possibilidades de resiliência que podem ocorrer de forma individual ou coletiva.

Nas trajetórias das mulheres negras que participaram da pesquisa percebemos que os obstáculos cotidianos não as intimidam, ao contrário, as motivam para concretização de sonhos. Por exemplo, **Niara** aponta que sente necessidade de formação individual a fim de poder contribuir de forma mais qualificada no espaço coletivo.

As histórias de vida destas mulheres servem de fonte de reflexão e inspiração para novas gerações porque as possibilidades de resiliência, assim como a liderança, pode ser estimulada e desenvolvida nas pessoas ou grupos. O compartilhamento de histórias de vida pode servir de motivação para novas gerações, mostrando a necessidade do equilíbrio entre o enfrentamento e o fortalecimento de uma postura flexível, o reconhecimento e o respeito das diferenças.

As mulheres que colaboraram com a pesquisa demonstram que as possibilidades de resiliência podem aparecer tanto no fortalecimento da autoestima por meio de ações estéticas, quanto no empoderamento por meio do estudo e do trabalho, geralmente incentivados pela família, ou ainda podem estar no desejo de seu reconhecimento pela comunidade em que com-vivem. As contribuições culturais trazidas por suas raízes através

da bagagem de seus pais e avós são enaltecidas em muitos momentos e impulsionam suas posturas e as escolhas que fazem ao longo de suas trajetórias.

Por isso, gostaria de deixar aqui uma reflexão sobre um verso de Mario Quintana, que resume um pouco o sentimento que aprendi ao longo desse processo e gostaria de compartilhar: “Não tenho paredes. Tenho horizonte”. Apesar das dificuldades que perpassam por nossos caminhos (meu, teu, das mulheres que participaram dessa pesquisa), é possível termos uma pré-disposição para vencer tais obstáculos, porque desafios são também oportunidades. Temos diariamente oportunidade para nos reinventar, sonhar e agir porque em alguns momentos será possível superar os desafios, em outros contorná-los ou, quando não for possível encará-los, que consigamos recuar hoje para avançar amanhã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O perigo de uma história única*. Entrevista TED, 2009. Disponível: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em 19/06/2016.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Se raças não existem, é inegável que insistem!* <https://ufrgsprocotas.noblogs.org/post/2007/06/22/se-ra-as-n-o-existem-ineg-vel-que-insistem/>. Acesso em 30 de julho de 2015.

_____; Leonardo Leitão. *Etnodesenvolvimento e mediações políticas e culturais no mundo rural*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ANJOS, José Carlos Gomes dos; SILVA, Sérgio Baptista da (Orgs.). *São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais*. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. *O conceito de coping: Uma revisão teórica* [Versão eletrônica]. Estudos de Psicologia (Natal), 3(2), 1998. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-294X19980002&lng=pt&nrm=isso

ARENHALDT, Rafael. *Das docências narradas e cruzadas, das sur-presas e trajetórias reveladas*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Dissertação (Mestrado) - PPGEdU, UFRGS, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://docencias.blogspot.com>

_____. *Vidas em Conexões (in)tensas na UFRGS: O Programa Conexões de Saberes como uma Pedagogia do estar-junto na Universidade*. – Porto Alegre, 2012. 238 f. + Apêndice + CD-ROM. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012, Porto Alegre, BR-RS.

BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. Cadernos Anped. Porto Alegre, RS, n° 5, set. 1983, p. 187-216.

_____. *A pesquisa-ação*. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.

BARLACH, Lisete. *O que é resiliência humana?* Uma contribuição para a construção do conceito. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 2005.

BELLO, Luciane. *Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Nhembo e enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias guarani*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação. Tese de Doutorado.

_____. *Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação*. *TELLUS* ano 14, n. 26, jan./jun. 2014.

BOFF, Leonardo. *O povo brasileiro: um povo místico e religioso*. Publicado em 16/03/2014 no blog: <https://leonardoboff.wordpress.com/2014/03/16/o-povo-brasileiro-um-povo-mistico-e-religioso/>. Acesso em 08/09/2016.

_____. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BONANNO, George A. *Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events*. *American Psychologist*, 59, 2004.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto.; D'DESKY, Jacques. *Racismo, Preconceito e Intolerância*. Atual Editora, São Paulo, 2002.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOUVIER, Paul. *Abus sexuels et résilience*. In: *Souffrir et se Construire* (M.-P. Poilpot, org.), pp. 125-161, Ramonville: Editions Érès, 1999.

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. RJ: Nova Fronteira, 1994.

CARDOSO, Claudete Batista. *Efeitos da política de cotas na Universidade de Brasília: uma análise do rendimento e da evasão*. Brasília, 2008. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

CARNEIRO, Sueli. *Gênero e raça*. In: Gênero, democracia racial e sociedade brasileira, Org. BRUSCHINI, Cristina; UNBERHAUM, Sandra G.. Fundação Carlos Chagas, 2002.

CARVALHO, José Jorge. *As Ações Afirmativas como forma de combate ao Racismo Acadêmico*. In: Valorizando a diversidade. Porto Alegre: Metrópole, 2004.

_____. *Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Introdução*. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CECCIM, Ricardo Burg. *Saúde e Doença: reflexão para a educação da saúde*. P. 37-50. In: Cadernos da Educação Básica nº. 4. MEYER, Dagmar E. E. (Org.) Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira e SOUSA, Elane Mayara Sousa. *Escuta sensível: o que é*. In: CERQUEIRA et all. (Con)Texto em escuta sensível. Brasília : Thesaurus, 2011.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Os trabalhos da memória*. In: BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

CIPRIANI Roberto, POZZI Enrique, CORRADI Consuelo. *Histoires de vie familiale dans un contexte urbain*. Cahiers int sociol 1983.

COLLINS, Patrícia Hill. *Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão*. Traduzido por Júlia Clímaco. "Toward A New Vision: Race, Class and Gender as Categories of Analysis and Connection" foi apresentado na abertura do Workshop "Integrating Race and Gender into the College Curriculum", realizado em 1989 no Center for Research on Women, Memphis State University. Caderno Sempre Viva.

_____. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2000.

COMAS, Juan; LITTLE, Kenneth L.; SHAPIRO, Harry L.; LEIRIS, Michel.; LÉVI-STRUSS, Claude. *Raça e Ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

COSTA, Suely Gomes. *Movimentos feministas, feminismos*. Revista Estudos Feministas. Vol.12 no.spe Florianópolis Sept./Dec. 2004.<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300003>

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. *Africanidades brasileiras e pedagogias interétnicas*. Revista Gibalé, Aracaju, n.2, p. 16-19, 1996.

DE ANTONI, Clarissa. *Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico*. Tese de Doutorado Não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2005.

DE ANTONI, Clarice, & KOLLER, Silvia H. *Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares*. *Psico*, 31(1), 2000.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco, KOLLER, Silvia H., & YUNES, Maria Angela M. *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo, SP: Casa do psicólogo, 2006.

DENZIN, Norman K. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

DEUS, Pedrina de. *Mulheres negras aprendendo a aprender o poder*. *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, maio/jun. 1988.

DIOP, Cheikh Anta. *Entrevista com Carlos Moore e Shawna Madlangbayan*. In: Black Books Bulletin, Winter Issue, Vol. 4, nº. 4, 1976, e Afriscope, February 1977, Vol. 7, No. 2.

_____. *Entrevista com Charles Finch*. In: Présence Africaine: Homage à Cheikh Anta Diop, nº 149-150, 1er et 2è trim, Paris, 1989, p. 361-373.

DUARTE, Eduardo de Assis. In: Reis, Maria Firmina dos. Úrsula, 4ª. ed. – PUC/Florianópolis-MG: Editora Mulheres (atualização do texto e posfácio).

DU BOIS, William Edward B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

ERRANTE, Antoinette. *Mas final, a memória é de quem?* Histórias orais e modos de lembrar e contar. História de Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (8):141-174, set. 2000.

EVARISTO, Conceição. *“Eu não sei cantar”*. Entrevista com Conceição Evaristo. Enpublicacion: Boletín PPCOR, no. 31. LPP, Laboratório de Políticas Públicas, UERJ: Brasil. Abril-Maio. 2007. Disponível: <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-2.asp/>

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org). *Gênero e desigualdade*. São Paulo: SOF, 1997.

FERNANDES, Florestan. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1971.

_____. *Que tipo de república?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____. *Racismo e cordialidade*. Folha de S. Paulo, 10 jul. 1995.

_____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo Aurélio*. o Dicionário do Século XXI. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1933, 2003.

_____. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Nacional, 1936.

FRY, Peter (et al). *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GBOWEE, Leymah. *Guerreiras Da Paz*. Editora: Companhia Das Letras, 2012.

GOLDIM, José Roberto. *Compaixão, simpatia e empatia*. 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/compaix.htm>. Acesso em: 24 maio 2008.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

_____. *Trajetórias escolares/corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural?* Trabalho apresentado na 25ª Reunião Anual da ANPed. Caxambu, MG, 2002.

_____. *Cultura negra e educação*. Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

_____. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: um breve discussão*. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. *O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes*. Política & Sociedade, 2008.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. *Negros e educação no Brasil*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 606p.

GONZALEZ, Lélia. *Cultura, etnicidade e trabalho*. efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – BR Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979.

GUILLÉN, Izabel. *Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco*. Comunicação apresentada no XXVII Simpósio Nacional de História. Julho de 2013. Disponível: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364666404_ARQUIVO_Ancestralidadeeoralidadeanpuh.pdf.

GUIMARÃES, Antônio Sergio A. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 1000.

_____. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

_____. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*. Revista de Antropologia, 47 (1), 2004.

_____. In: Marques, F. *Ação afirmativa em debate*. Revista FAPESP, abril 2008, edição impressa 146.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HASENBALG, Carlos. *Mobilidade social, desigualdade de oportunidades e raça*. In: Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG: Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil*: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro, IPEA, 2001, 49 p.

_____. *“É preciso tratar desigualmente os desiguais”*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2002. Entrevista feita por Helena Celestino e Maiá Meneses. Site O Globo, acesso em 24 jul. 2002.

HESSEL, Carmen Elisa, Prefácio, In ANJOS, José Carlos dos, SILVA, Sergio Baptista da (org.), *São Miguel e Rincão dos Martimianos*. Ancestralidade negra e direitos territoriais, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

HOOKS, bell. *Intelectuais negras*. Estudos Feministas. Ano 3, 2º. Semestre, 1995.

_____. *Alisando nossos cabelos*. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro–fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html.

_____. *Vivendo de amor*. In: WERNECK, Jurema. (org.) O Livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

HUTZ, Claudio; KOLLER, Silvia H.; BANDEIRA, Denise R. *Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco*. *Coletâneas da ANPEPP*, v. 1, n. 12, p. 79–86, 1996.

IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo*. Editora, Vozes, 1985.

_____. *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

IBGE – PNAD, 2008. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 05/08/2014.

_____. *Síntese de Indicadores Sociais*: análise das condições de vida da população brasileira, 2010. Disponível site <www.ibge.gov.br>. Acessado em 05/08/2014.

_____. *Síntese de Indicadores Sociais*: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>

IPEA. *Igualdade racial*. Políticas sociais: acompanhamento e análise. Brasília, n. 20, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome*. São Paulo: Editora Áquila Ltda, 1963.

_____. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. *Quarto de despejo, diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2007.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro. da S., DESLANDES, Sueli Ferreira. *Resiliência e maus-tratos à criança*. Cadernos da Saúde Pública, v. 19, no,1, RJ, jan/fev, 2003.

KAUFMANN, Roberta Fragoso Menezes. *Ações afirmativas à brasileira: necessidade ou mito?* Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

KUSCH, Rodolfo. *América profunda*. Buenos Aires, Hachette 1962.

KUSCH, Rodolfo. *El pensamiento indígena y popular en América*. Buenos Aires, Hachette, 1973.

LAMA, Dalai. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.: romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, c1964.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva estruturalista*, 1997.

_____. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary (org). História das mulheres no Brasil. 10 ed, São Paulo: Contexto, 2012.

LUCIANO, Gersem. *Educação para manejo e domesticação do mundo – entre a escola ideal e a escola real: Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro*. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2011.

LUTHAR, S. S.; CICCETTI, D. & BECKER, B. *The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work*. *Child Development*, 71, (3), 2000, 543-562.

MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade*. In: COSTA, Albertina de O., BRUSCHINI, Cristina (orgs.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplanção do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 1996.

_____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro*: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, no. 49. São Paulo, jun/ 2002.

MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue*: história do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINEAU, Sheila. *Rewriting resilience*: a critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to “kids at risk”. Tese de Doutorado não publicada, The University of British Columbia, Vancouver, Canada, 1999.

MASTEN, Ann S, GARMEZY, Norman. *Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology*. In: Lahey BB, Kazdin AE, editors. *Advances in clinical child psychology*. Vol. 8. New York: Plenum Press; 1985.

MARCONDES, Mariana Mazzini, et. al. (orgs). *Dossiê mulheres negras*: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil . Brasília: Ipea, 2013.

MARTINS, Luciênia. *Aforresilientes*: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional. Curitiba : Editora Appris, 2013.

MARTINS, Joel & BICUDO, Maria A.V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia*: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/ EDUC, 1989.

MIGNOLO, Walter. *A opção de-colonial*: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia. N°8: 243-281, janeiro-junho 2008.

_____. Decolonizing Western epistemology / building decolonial epistemologies. In A. M. Isasi-Díaz, & E. Mendieta, E. (Eds.), *Decolonizing epistemologies: Latina/o theology and philosophy*, pp. 19-43. New York: Fordham University Press. 2012.

MIGNOLO, Walter [et.al.]. *Los desafíos decoloniales de nuestros días*. pensar en colectivo / compilado por María Eugenia Borsani y Pablo Quintero. - 1a ed. - Neuquén: EDUCO - Universidad Nacional del Comahue, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONÇORES, Elisa e PAIXÃO, Marcelo. *Boletim Tempo em Curso*. Ano IV; Vol. 4; nº 7, Julho, 2012.

MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade*: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Nandyala. 2012. 2ª. Edição.

_____. In: *Valorizando a diversidade*. Porto Alegre: Metrópole, 2004.

MORAES, Eunice Léa de. *Relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional*. Brasília: MTE, SPPE. DEQ, 2005.

MONSMA, Karl. *Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros*: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista. Scielo, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52582010000300001&script=sci_arttext.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude*: Usos e Sentidos. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. Edusp, SP, 1996.

_____. *Apresentação*. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na escola*. 2ª Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. *Considerações sobre as políticas de ação afirmativa no Ensino Superior*. In: Pacheco, Jairo Queiroz. *O negro na universidade*: o direito à inclusão. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007. 151 p.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje*. História, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global Editora, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. *Em busca de uma ancestralidade brasileira*. In: Fazendo Escola. Vol. 2, ano 2002. Prefeitura de Alvorada.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Gizêlda M. do. *O negro como Objeto e Sujeito de uma escritura*. In: Cultura afro-brasileira, expressões religiosas e questões escolares (Caderno Uniafro v.1). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.

_____. *Grandes mães reais senhoras*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.p. 49-63.

NOGUERA, Renato. *Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza*. Entrevista publicada em 11 de julho de 2015. <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. Acesso em 18/08/2016.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto, quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo. T.A Queiroz, 1985.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza, CE: L. C. R., 2003.

_____. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

_____. *Epistemologia da Ancestralidade – Preâmbulo*. Epistemologia da Ancestralidade. Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins , v. 1, p. 1-10, 2009. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf>. Acesso em 18/08/2016.

_____. *Epistemologia do Racismo*. In: Anais do IV Colóquio Saberes e Práticas. Salvador: EdUFBA, 2011.

_____. *Filosofia da ancestralidade como filosofia africana*. Educação e cultura afro-brasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

OLIVEIRA, Lucia Helena; PORCARO, Rosa Mana; ARAUJO, Tereza Cristina N. *O Lugar do Negro na Força de Trabalho*. Rio de Janeiro IBGE 1981.

PACHECO, Jairo Queiroz, SILVA, Maria Nilza da. (orgs). *O negro na universidade: o direito a inclusão*. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007. 160 p.

PAIVA, Angela. (Org.). *Entre dados e fatos: ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Pallas, 2010.

PAIXÃO, Marcelo. *O sexo e a cor da desigualdade*. 2012. <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questao-racial/afrobrasileiros-e-suas-lutas/12614-marcelo-paixao-o-sexo-e-a-cor-da-desigualdade>. Acesso em 29/03/2014.

PINHEIRO, Luana [et al.]. *Retrato das Desigualdades de gênero e raça*. 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2008. 36 p.: gráfs., tabs.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. *Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras*. Resiliência em mulheres negras. Psicologia Social. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. USP, 2013.

QUEIROZ, Dalcele Mascarenhas; SANTOS, Jocélio Teles dos. *Sistema de cotas: um debate*. Dos dados à manutenção de privilégios e de poder. Educação & Sociedade. Vol.27 no.96. Campinas, Oct. 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302006000300005> .

QUEIROZ, Dalcele Mascarenhas. *O negro na universidade*. Salvador: UFBA, 2002.

_____. *O ensino superior no Brasil e as ações afirmativas para negros*. Universidade & Sociedade, Brasília, DF, v. 12, n. 29, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, Rosa Margarida de C. *Pedagogia da diferença*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

RUTTER, Michael. *Resilience in the face of adversity – protective factors and resistance to psychiatric disorder*. British Journal of Psychiatry, London, v. 147, p. 598–611, 1985.

_____. *Psychosocial resilience and protective mechanisms*. American Journal of Orthopsychiatry, New York, v. 57, n. 3, p. 316–331, July. 1987.

_____. *Resilience: some conceptual considerations*. *Journal of Adolescent Health*, 14, 1993.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Seis razões para pensar: Lua nova*. Revista de Cultura e Política, nº 54, 2001.

_____. *Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade*. In: Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, Irene (org). *Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre*. Porto Alegre:2005.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. *Direitos humanos e as práticas de racismo*. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

SANTOS, Sales Augusto dos. *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005

SANTOS, Renato Emerson dos. *Política de cotas raciais nas universidades brasileiras: o caso da Uerj*. In: Feres Jr., João e Zoninsein, J. (org). *Ação afirmativa e universidade: experiências nacionais comparadas*. Brasília Ed. da UnB, 2006.

SANTOS, Tomaz A. In: PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; ARANHA, Antônia Vitória (Orgs.). *Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SAYÃO, Marilise L. M. dos Reis. *Feminismo Negro e luta por inclusão nas Américas*. In: Ilse Scherer-Warren; Joana Célia dos Passos. (Org.). *Relações étnico-raciais: os controversos caminhos da inclusão*. 1ed. Florianópolis: Atilênde, 2014, v. 1.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Ana Célia da. *A desconstrução da discriminação no livro didático*. In: MUNANGA, K. (org.). *Superando o Racismo na escola*. 2ª Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Cidinha da. *Engravidei, Pari Cavalos e Aprendi a Voar Sem Asas*. Entrevista ao Blog Geledés. 2015. Disponível: <http://scl.io/9Z4vE1TR#gs.CgAjmIE>. <http://www.geledes.org.br/integra-da-entrevista-concedida-por-cidinha-da-silva-a-revista-forum-para-materia-sobre-a-solidao-da-mulher-negra/#gs.CgAjmIE>

SILVA, Paulo Sérgio da. *Quilombos do Sul do Brasil: movimento social emergente na sociedade contemporânea*. Revista identidade!, São Leopoldo, RS, v. 15, n. 1, jan.-jun. 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Educacao e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. 293 p. DoutoradoUFRGS.

_____. *Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas: Situando-nos enquanto mulheres e negras*. Cad. CEDES [online]. 1998, vol.19, n.45. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000200002>.

_____. *Racismo expulsa criança negra da escola*. Folha de São Paulo. Coluna Educação. São Paulo, 25 de março de 2002.

_____. *Negros na universidade e produção do conhecimento*. In: Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica /

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Valter Roberto Silvério (org.). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

_____. *Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania*. In: ABRAMOWICZ, Anete e SILVERIO, Valter, (orgs). *Afirmando diferenças – montando o quebra cabeça da diversidade na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

_____. *Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil*. Revista Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

_____. *Entre Brasil e África: Construindo Conhecimento e Militância*. Belo Horizonte-MG. Editora Mazza, 2011.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fulvia. *Brasil: lugares de negros e brancos na mídia*. In: Van Dijk, T. *Racismo e discurso na mídia*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. *As filhas das lavadeiras*. Porto Alegre: Grupo cultural Rainha Ginga, 2002.

SILVA, Adriana Nunes da. *Famílias especiais: resiliência e deficiência mental*. PUC/RS – Porto Alegre, 2007. 105 f. Dissertação de Mestrado.

SHELDON, Kennon M.; KING, Laura. *Why positive psychology is necessary*. *American Psychologist*, 56(3), 2001, 216-217.

SOARES, Luiz Eduardo. *O Rigor da Indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SOUZA, Fernanda, PIMENTEL, Mariana. *Sororidade negra: laços invisíveis*. Disponível: http://blogueirasnegras.org/2014/03/10/sororidade-negra-lacos-invisiveis/MAR_10_2014. Acesso em: 11/10/2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOUZA E SILVA, Jailson. *Por que uns e não outros*: caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

TAVARES, José. *A resiliência na sociedade emergente*. In: TAVARES, J. (Org.), Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

TAYLOR, Charles. *El multiculturalismo y la política del reconocimiento*. Mexico, Fondo de Cultura Econômica, 1994.

VELOSO, Jacques. In: Marques, Fabricio. *Ação afirmativa em debate*. Revista FAPESP, abril 2008, edição impressa 146.

_____. *Cotistas e não-cotistas*: rendimento de alunos da Universidade de Brasília. Cadernos de Pesquisa. Cadernos de Pesquisa, vol.39 no.137. São Paulo May/Aug. 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000200014>

WALSH, Froma. *The concept of family resilience*: crisis and challenge. Family Process, v.35, n. 3. 1996.

_____. *Strengthening family resilience*. New York: The Guilford, 1998.

_____. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

WERNECK, Jurema. Mulheres negras na primeira pessoa. / Organizadoras Jurema Werneck, Nilza Iraci, Simone Cruz. – Porto Alegre : Redes Editora, 2012.

WERNER, Emmy E. *Risk, resilience and recovery*: Perspectives from the Kauai longitudinal study. *Development and Psychopathology*, 5, 503-515, 1993.

_____. *Resilience in development*. Current Directions in Psychological Science. v. 4, n. 3, 1995.

WERNER, Emmy E.; SMITH, R. S. *Overcoming the odds*: High-risk children from birth to adulthood. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

YUNES, Maria Angela Mattar. *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em

Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. Yunes, M. A. 2001b.

_____. *Resiliência e psicologia positiva*. interfaces do risco à proteção. 2003. <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf>

_____. *Psicologia positiva e resiliência*. foco no indivíduo e na família. Versão revisada de artigo publicado na revista *Psicologia em Estudo*, 8 (número especial), 75-84, em 2003. <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf>
07/02/2011

_____. *Strategies to promote resilience in families of low income exposed to social and environmental risks*. Global Journal of Community Psychology Practice. Volume 3, Issue 4 December 2012. Disponível em <http://www.gjcpp.org/pdfs/2012-Lisboa-078.pdf>.

YUNES, Maria Angela M. & Szymanski, Heloisa. *Resiliência*: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em: Tavares J. (Org.) *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

ZIMMERMAN, M.A.; ARUNKUMAR, R. *Resiliency research*: Implications for schools and policy. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development*, 8(4), 1994.

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada para participar como colaboradora de uma pesquisa sobre mulheres negras. Após ser esclarecida sobre as dúvidas e você queira participar, assine, ao final das duas vias deste documento. Uma ficará com você e a outra ficará com a pesquisadora, Luciane Bello, orientada pela professora doutora Maria Aparecida Bergamaschi.

A pesquisa tem como objetivo a partir de encontros com mulheres negras descrever e analisar trajetórias de vida de mulheres negras, suas crenças, sentimentos e capacidades.

Os encontros terão gravação de áudio ou serão realizadas por email () com identificação () sem identificação da colaboradora. A gravação ou email ficarão arquivados, sob a responsabilidade da pesquisadora, com acesso restrito.

A pesquisa poderá ser utilizada para apresentação em eventos ou publicações científicas, não pretende trazer riscos nem oferece vantagem ou remuneração financeira.

Em caso de dúvida no decorrer do processo de pesquisa, entre em contato com Luciane Bello, pelo email luciane.bello@ufrgs.br.

Eu, _____ fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e mudar minha decisão de participar da pesquisa, se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local e data:

Nome da Colaboradora:

Assinatura:

Declaro que expliquei à participante da pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, a possibilidade de retirar-se da mesma sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

Local e data

Luciane Bello
Pesquisadora Responsável

APÊNDICE 2

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

1. Apresentação pessoal
2. Apresentação do projeto de pesquisa
3. Apresentação dos objetivos da pesquisa

Gostaria de conhecer um pouco sobre a sua trajetória:

- Origem familiar; Experiência escolar/ acadêmica; Trabalho; Política; Religiosa.
- Quem mais influenciou positiva ou negativamente sua vida?
- Quais suas maiores conquistas?
- Quais seus maiores desafios já enfrentados e os que ainda estão por vir?
- Como você se sente sendo mulher no Brasil?
- Você tem envolvimento com movimentos sociais, manifestações culturais, políticas, intelectuais ou religiosas negras? Que tipo de envolvimento?
- Como você identifica uma mulher bem sucedida?
- Você se considera bem sucedida? Por quê?
- Quais as características você acredita que sejam necessárias para uma liderança? E para uma liderança feminina?
- São necessárias qualificações diferentes para uma liderança negra e para uma branca no Brasil?
- Como você vê a democracia racial no Brasil?
- Você identifica empatia no seu cotidiano?
- Como você se autodeclara em relação à sua origem de raça e por quê?

ANEXO 1

Calendário de 1987: "Mulheres Negras no Brasil. recuperando nossa história 1987"



JANERO

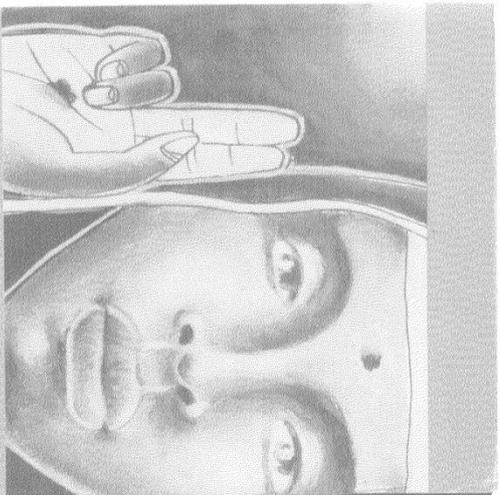
d	s	t	q	q	s	s
			1	2	3	
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

6/1924 Grécia pela 1ª vez o jornal O CLARIM.
25/1835 Revolta dos Malês.

ROSA MARIA EGÍPCÍACA DA VERA CRUZ

As ser pena pelo Inquérito em Lisboa, Acusada de feitiçaria, Rosa afirmou que era natural de Cabo de Melá (freguesia de mesmo nome) e que foi para o Rio de Janeiro aos 6 anos de idade (1725), sendo comprado pelos Srs. Azevedo, que a mandou bruxar e, aos 14 anos, a dedicou, vendendo-a para Sr. Miguel Gomes.
Na Vila da Inconfidência foi escrava da mãe de Frei Sinaia Rita Durão, para quem trabalhava como mezeira até o dia em que "teve o espírito maligno, o qual a molestava muito, até que o Padre Gonçalves Lopes fez com os seus exorcismos que se deslucisse o tal Espírito".
Quando possuída, Rosa entrou em transe nas igrejas, caindo desmaiada no chão.
O Bispo de Mariana mandou uma equipe de leigos examiná-la para constatar se era demoniaca ou embriaca como castigo por seu comportamento licencioso (o acontecido em praça pública ficando paralisada na sua sentença, o padre exorcista deu-lhe alicerça e levou Rosa para o Rio de Janeiro).
Em 1754 fundaram o Reconhecimento de Nossa Senhora do Furo, reunindo ali um dezena de mulheres e donzelas pobres, mais da metade negras.
Sob a orientação dos franciscanos, Rosa aprendeu a ler e iniciou o livro Sagrada Rodagem de Amor de Deus Luz Brillante das Almas Peregrinas, no qual registra suas visões e experiências místicas.
O Reconhecimento passou a ser local de romaria onde os devotos iam buscar reliquias da religiosa negra. Por "impulsão divina", Rosa passou a ser chamada Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz em homenagem a uma santa oriental que de prostituta se transformara em eremita.
Ficou pelo bispo do Rio de Janeiro, como suposta má fé e feiticeira, foi julgarmente com seu confessor enviada para julgamento em Lisboa.
Confessou várias vezes coisas estranhas e proféticas.
Deve ter morrido antes da sentença final, pois seu processo não foi concluído.

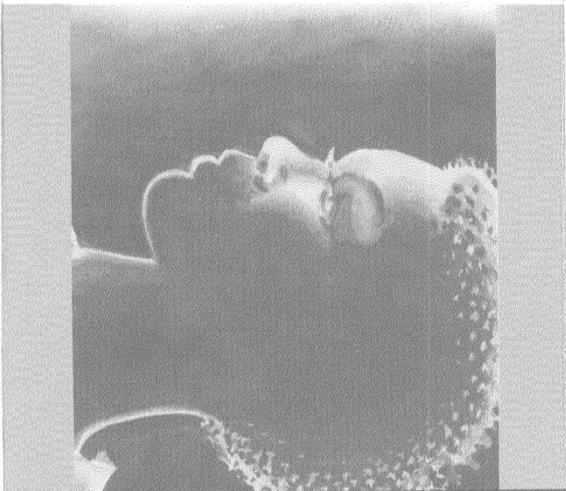
Pensava e Faria Luz Mour.



LUIZA MAHIN

Segundo alguns autores, Luiza Mahin nasceu na África. Pertencia a etnia ioré, sendo transportada para o Brasil, como escrava.
Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e sendo mandado livre por volta de 1812.
Em 1817 deu à luz a um filho que mais tarde se tornaria poeta e abolicionista.
O pai de Luiz Gama era português e vendeu o próprio filho, por dívida, aos 10 anos de idade, a um traficante de escravos, que levou o menino para Santos.
Luiza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde.
Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX: Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida no Brasil antes da abolição.
Luiza conseguiu escapar da violência repressiva desencadeada pelo Governo da Província e partiu para o Rio de Janeiro, onde também parece ter participado de outras rebeliões negras, sendo por isso presa e, possivelmente, deportada para a África.
Luiz Gama escreveu sobre sua mãe: "Sou filho natural de uma negra africana, livre, da nação ioré, de nome Luiza Mahin, ioré, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.
Minha mãe era baixa, negra, bonita, a cor de um preto bonito, sem lábios, os dentes eram alvissimos, como a neve.
Alguns generos, soltos e virgens. Era quarenteira e libertosa".
Luiza Mahin teve outros filhos, embora não tenha sido registrada em qualquer documento.
Em 19 de março de 1899, Luiza Mahin foi dada a uma praça pública, no bairro da Candelária, em São Paulo, para de grande concentração populacional negra, por iniciativa do Celtenro de "Milhares Negras?".

Fonte: Luiz Leme. O negro na lua contra a escravidão, 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Brasili, 1982, 198.
Folheto Inqui Luiza Mahin, Captenes Indígenas Negras?, 1993.



FEVEREIRO

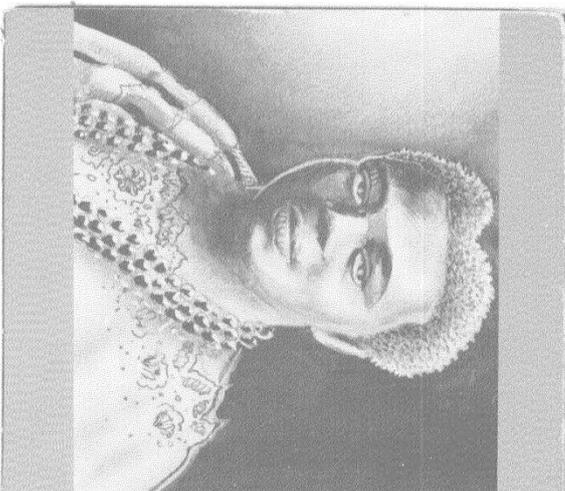
d	s	t	q	q	s	s
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

20/1974 (+) Sobano Fundação.

MARIA FIRMINA DOS REIS

Apoiar de ser considerada por alguns autores como a primeira romancista brasileira — seu livro *Urutá* e de 1859 — pouco se sabe da vida desta maranhense baiana e ingra. Nascida em São Luís (1825-1917), dipou em 1847 uma vaga para a cadeira de professora de primeiras letras em Guimarães. Conhecida como a *maria da linha*, a mãe alugou um palanquim — espécie de cadeira carregada por dois escravos — para que fosse recibo o documento da nomeação. Rapidez, Maria Firmina recobou, afirmando que "negro não era animal para se andar montado nele". Confronta a escravidão em suas atitudes, também leu os seus escritos para denunciá-la. Arreliava que a escravidão contraria os princípios do cristianismo, que ensina o homem a amar o próximo como a si mesmo. Via o escravo como uma pessoa digna, capaz de sentimentos nobres mesmo tendo vivido anos sob o regime degradante do cativeiro. Seu livro *Urutá* pode ser considerado o primeiro romance abolicionista escrito por uma brasileira. Colaborou ainda na imprensa local com poesias e contos, escreveu um livro em comemoração ao 13 de maio, além de ser autora de vários folhetos. Em 1852, um ano antes de aposentar-se do magistério público oficial, fundou em Guimarães uma escola para meninas de cor. Como professora e educadora, Maria Firmina e não usou castigos corporais. Quem se lembra dela, na casa dos 80, foi da velhota negra de cabelos grisalhos, amarrados atrás da nuca, vestida de roupas escuras e saralhas. Apesar de pobre e solteira, teve alguns filhos adotivos e muitos afilhados. Faleceu cega, aos 92 anos de idade, na casa de uma amiga ex-escrava, e até hoje, em Guimarães, "a mulher inteligente e inconfundível" Maria Firmina?

Fonte: "Poesias", Museu Maria Firmina dos Reis, fragmento de uma sala, São Luís, 14.9.1935.



MARÇO

d	s	t	q	q	s	s
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

8 Dia Internacional da Mulher
21 Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial

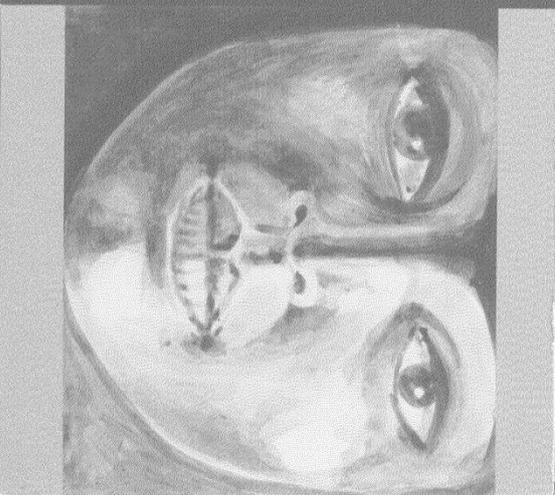
TIA CIATA

É difícil não se comover, ainda hoje, com a vida das baianas nos decêfios das escadas de samba. Todo ano, desde 1934, a Bahia celebra o aniversário de 100 anos da chegada de Caxa e de suas baianas que fizeram a história do povo brasileiro. Caxa, Perpetua, Rebeca, Amélia e Carmen pelas suas possíes de doutrinar nos terrenos e pela sua participação nas principais atividades do grupo negro foram, certamente, responsáveis pela permanência das tradições africanas e pela sua expansão e revitalização na cidade, e quid em todo o Brasil, sendo as escoras de samba apenas um dos exemplos. Caxa, Hilária Batista de Almeida (1834-1924), filha de Ojum, nasceu em Salvador, sendo iniciada no samba na casa de Bernardino, da região Kêtu. Aos 22 anos, trazendo consigo uma filha, mudou-se para o Rio de Janeiro, formando nova família. Continuou os preceitos do samba na casa de João Aluis, formando-se Mãe-Requeia. Respeitada pelos seus conhecimentos na religião, não deixou de ensinar em sua casa as festas dos orixás, quindos, depois da cerimônia, amava piçogueira e pimenta. "Caxa com sua vida...". No 100º aniversário ocorreu a criação do Museu da Baiana para os seus netos. Depois de muito choro — não sabendo no nome do cidade —, ela mesma lambeu a corrente dos orixás. Porém, barrada de comida na festa da Paula, ao redor da qual formaram noite-de-samba. Delel participavam Heitor dos Prazeres, Dongá, Sôto e Pingüinha, alguns deles ainda laureados desconhecidos. Caxa também alijava roupas de baiana para estas e carnaval. Sua casa tornou-se, então, a capital da Pequena África. Era um dos pontos principais dos cortejos de carnaval, onde os ranchos passavam e reverenciavam a velha baiana. Sua família saía no rancho Moss Branca, no Recreio das Flores, no qual sua irmã Líli foi porta-estandarte, e no qual Ojuzinho e Ojuzinho. Caxa morreu em 1924. A morte logo foi celebrada e a festa desagravou o luto com um grande baile. Seus restos foram sepultados no Cemitério de São João. Quando ela a saiu vestida para não se comover, dizia, xalel!... [na cidade não usava terno, 30 botões apertados e saia e saques atrás do laço]...

Fonte: Moura, Roberto. "Tia Caxa e a Pequena África no Rio de Janeiro", FUNARTE, 1983.

ABRIL

d	s	t	q	q	s	s
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					



MAIO

d	s	t	q	q	s	s
				1	2	
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

- 5/1978 (4) Nelson Siqueira da Cruz
- 10/1930 Fundação da Associação das Empregadas Domésticas - RJ
- 1/1 Da Nacional de Dança contra o Racismo
- 1/3/1889 Queima dos Documentos sobre a Escravidão
- 18/1950 Fundação Conselho Nacional de Mulheres Negras - RJ



MÃE ANINHA

O Candombe do Ezequiel Velho, Casa da Mãe Nísia, foi certamente o primeiro candombe a funcionar regularmente na Bahia. Fundado por volta de 1830, era dirigido por três africanos da Costa que tinham muito prestígio. Com a morte dos africanos, a direção da casa passou para Myrcélia. Após a morte desta houve uma disputa entre duas filhas-de-santo: Mãe Jilá da Myrcélia e Mãe Aninha. Mãe Aninha foi a vencedora e assumiu a direção da casa. Mãe Aninha foi a figura mais ilustre dos candombes da Bahia daquele tempo. Chegou aos 40 anos de feia e foi por mais 20 anos florista. Retornou na Bahia a pedido dos Odis (12 ministros de Xangô). Seu prestígio estendeu-se além dos limites de Salvador, abrangendo a vários outros estados, levando sua sacerdotisa e sacerdotisa. Era reconhecida também nas ramadas religiosas que congregam negros. Na Ladaria do Friburgo possuía uma quantidade de artigos de luxo e de arte, e em 1912, durante o governo de Amador de Góis, foi nomeada Alta Branca e em 1914, durante o governo de Amador de Góis, foi nomeada Alta Branca. Durante o Estado Novo exerceu em sua casa o sector Etoro. Chegou que estava sendo perseguida pela polícia política. No leito da morte, Aninha desgrudou Senhora (Ilorandá Mãe Nísia) para substituí-la. Seu corpo foi sepultado na Quinta dos Laranjeiros, mandada de São Benedito, com todas as praxes da religião católica e do culto africano.

Fonte: Santos, Desconhecido, H. dos. A Mãe, Odis Algodão. RJ: Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1962.
Foto: Camerini, Etoro, Candombe de Bahia, BA: Secretaria de Educação e Saúde, 1948 (Arquivo Biblioteca Museu Negro de Arade).

JUNHO

d	s	t	q	q	s	s
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

[3/1978 Criação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial - SP



RITA MARIA

Dessa vida, talvez que foi filha de escravos, viveu na ilha de Florianópolis, capital da então Província de Santa Catarina. Rita Maria, negra, à beira-mar, denominada Praia da Fera, onde fazia o arrendamento das embarcações, vendia do continente, para descarga e comercialização de mercadorias. Nesse local, nos primeiros anos do século XX, formou-se uma comunidade, com casas de madeira construídas no estilo ilhéu-agorita, sendo que em uma delas morava Rita Maria, que tinha por atividade de trabalho cuidar para os trabalhadores e comerciantes que ali passavam, além de lavar-lhes as roupas e lavar-lhes os cabelos, quando necessário. Benedita e curandera muito procurada pela população, seu prestígio pôde ser avaliado pelo fato de batizarem com seu nome o bairro onde morava. A urbanização mudou a cidade. O Bairro característico, denominado pelo povo de Rixa Maria, deixou de existir, mas a lembrança e o estilo popular fez com que dando a uma medida governamental fosse mantida viva a sua memória. Foi edificada em local próximo à Estação Rodoviária Rixa Maria, cuja construção foi feita em homenagem ao nome. Ate o momento não foi possível localizar fotos de Rita Maria. Muitos se lembram dela, uma senhora negra, para mais de 80 anos, porém, bombardeira de estatura mediana, sempre sorridente e alegre, que todos os domingos ia à Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto. Faleceu na década de 20. Os seus velhos lembram que sua morte deu-lhe muita tristeza. Foi enterrada no Cemitério do Morro, ali mesmo, perto de sua casa.

Fonte: Sexualidade: A Beldade do Cemitério Curumim de Florianópolis, Florianópolis, 14



AUTA DE SOUZA

Filha de uma progressista família, Aida de Souza (1874-1901) nasceu em Marília, Rio Grande do Sul, e morreu em Porto Alegre, Paulo Frey & Cia, a tipografia local do Rio-Grande-Liberal. Orlé de vida aos 2 anos de idade de pai aos 4, foi criada pela avó.

Seu primeiro público, ainda menina, compunha-se de mulheres do povo e velhos escravos, para quem ia, entre outras coisas, as ficinhas de Carlos Magno.

Em 1887 foi estudar no Colégio São Vicente de Paula, dirigido por religiosas francesas.

Aprendeu francês, leu os clássicos e os místicos.

Devido à saúde frágil — já estava com tuberculose —, retornou à casa da avó, onde completou sua formação na biblioteca do mbo, Henrique Carneiro, poeta, jornalista e deputado federal pelo Rio Grande do Norte na República Velha.

Em 1894 fundou o Clube do Biscainho, que promovia reuniões de declamação, jogos e danças na casa de suas associadas.

Em 1895 fundou o Clube de Fandangos, Aida passou a colaborar na melhor imprensa do seu Estado, sendo do editor por 20 anos.

Seu livro O Homem, publicado em 1901, prejudicado por Olho-Branco, foi elogiado pela crítica e lido com anidar tanto por intelectuais como pelo povo, que passou a repetir muitos de seus versos sob a forma de cartilhas.

Condenada por Otto Meyer Capriles como a mais alta expressão do nosso misticismo, alguns versos da poesia que morreu aos 25 anos de idade:

“Estradas fulgentes da noite em meio
Lembrando lírios sobre a andar.”

E eu tento a treva dentro do sono.
Auroras veladas, que eu não morrerei!”

Fonte: Bittencourt, A. Dicionário biobibliográfico de mulheres mineiras, nobres e mineiras de Brasil RJ, Progress, 1972.
Foto: Souza, A. O Homem, Almad Press, 1910 (acervo Pinó Guimarães)

JULHO

d	s	t	q	q	s	s
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

7/1978 Dia Nacional de Luta contra o Racismo

MÃE MENININHA DO GANTOIS

Mãe Escolástica da Conceição Nazare assumiu o posto de lideral, em 1922, sob o renome de Oum, com o nome de Mãe Menininha do Gantois.

Nascida em 10 de fevereiro de 1894, na cidade de Salvador, Mãe Menininha descendia de negrosos da cidade de Alagoas que foram trazidos como escravos para o Brasil.

Sua mãe, Maria Julia da Conceição, nasceu na Barragem, primeiro cabanote da Bahia, foi a mãe Menininha. Ela, feita aos 8 anos de idade, por sua mãe e madrasta, a mel-de-santo Plaquena da Conceição Nazare, que a apelidou de “Menininha”.

Com a morte repentina de sua mãe carnal, Mãe dos Prazeres Nazare, que era a filha-de-santo escolhida para suceder Plaquena, deu-se início a novo processo de sucesso, sendo Mãe Menininha escolhida mãe-de-santo pelos orixás que lhe deram posse. Orixás (deus da casa e re de Ketul), Xangô (deus do fogo e rei do Oyo), Oum (rainha da beleza e do rio Oum) e Obaluaê (dandade das doenças contagiosas).

Mãe Menininha detentou sempre a preservação dos rituais onde eram realizados os cultos afro-brasileiros, na época da escravidão, como o Eriçêto Velho ou a Casa Branca, o mais antigo terreiro da Bahia.

Sob sua tutela, desde a sua descoberta no orixá, sua fama se estendeu pelo País, tornando-a uma referência para os negros e filhas-de-santo. Alguns dizem que nasceu em todo o Brasil. Em vida, Menininha dizia que nasceu escolhida para ser mãe-de-santo, e ao aceitar essa missão, ela que estava entrando numa vida de sacrifícios.

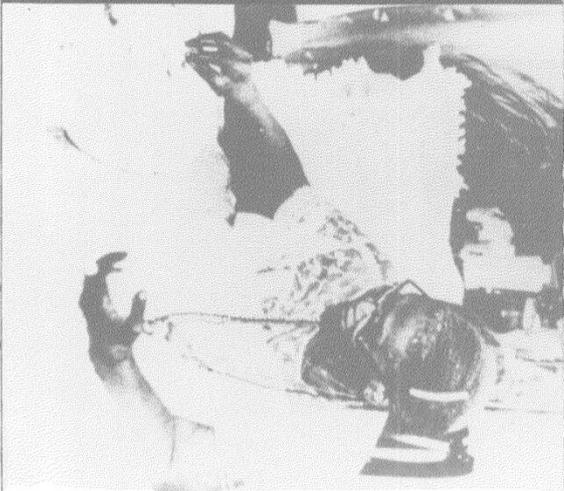
De sua vida pessoal, sabe-se que foi casada e teve duas filhas.

Faleceu aos 72 anos, depois de longa enfermidade, tendo dirigido a permanecer 44 anos na chieira do Gantoor e compilar 74 anos de iniciação “Menininha, ka san te ero” (última em cunha).

Foto: Arquivo Foto de São Paulo

AGOSTO

d	s	t	q	q	s	s
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					



24/1882 (+) Luz Gama, filho de Luiza Mahim



SETEMBRO

d	s	t	q	q	s	s
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

16/1931 Fundação da Frente Negra Brasileira - SP
28/1871 Lei do Voto em Branco
28/1877 Lei dos Sargentários

MARIA BRANDÃO DOS REIS

Rio das Contas é o nome da cidade mineira localizada na Chapada Diamantina, onde nasceu em 22 de julho de 1900, Maria Brandão dos Reis, com um traço sob o último sobrenome como guerra. Mito de militância política das suas avós, com a viragem intelectual pelo passarem a ler e escrever, Maria Brandão dos Reis foi influenciada pelo pai, onde estabeleceu uma presença fixada na Band do Sopro, que foi também o seu núcleo de militância. Mulher de visão, ofereceu guarda a todos que necessitavam de recursos para a sobrevivência intelectual, além de livros e bolsas de estudos aos que queriam estudar, mesmo que professassem ideologia diversa. Em março de 1947, apoiou as reivindicações das moças do bairro do Cereja Brigo, ameaçadas de perder suas habitações, organizando vigília noturna e passeata de protesto. Maria Brandão dos Reis teve destacada atuação na "Campanha da Paz", organizada pelo PCB em 1950, tendo contribuído significativamente para a formação de Conselhos da Paz em vários municípios. Obteve o prêmio de "Campeã da Paz", que lhe valeu o direito de "A Honra receber a Cruz da Paz", no Rio de Janeiro, em 1952, por sua atuação na campanha. Maria Brandão dos Reis também participou da campanha de apoio ao Rio Negro, em 1953, onde se destacou por seu descompromisso e indiferença, declarando: "Sou preta e ignorante, mas esse apelo ou não foi? Esperei a prisão, na revolução de 1964, refugiando-se em Brasília por "aconselhamento espiritual" de Rosângela Rios Luxemburgo. Em 1965, retornou à Bahia, onde foi interrogada pela polícia sobre seu envolvimento com os comunistas. Faleceu em 1974, em Salvador onde ainda hoje vive sua filha Daxinha.

Foto: Photographo Ana Molinari - Jampapelo na sua psiquiatria, Salvador, 70. Graças e Editora Luta Popular, Nova York
Foto: Agilberta Correia Lima

OUTUBRO

d	s	t	q	q	s	s
		1	2	3		
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

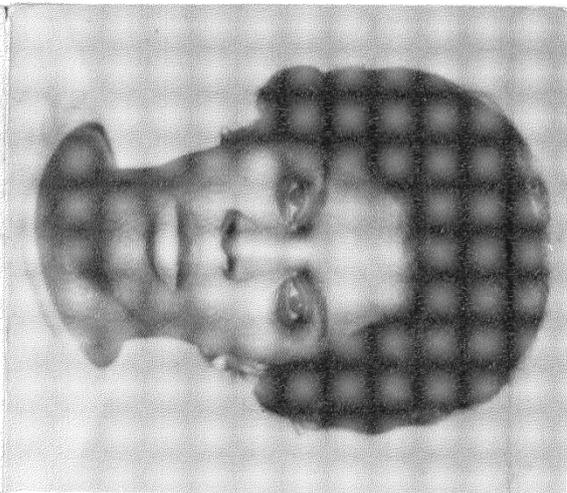
ANTONIETA DE BARROS

Educadora, jornalista, escritora e primeira mulher eleita à Assembleia Legislativa de seu Estado. Antonieta de Barros nasceu em 11 de julho de 1891, em Florianópolis, Santa Catarina. Normatiza a leitura em 1921, fundou no ano seguinte o Curso "Antonieta de Barros", com o objetivo de combater o analfabetismo, "impedimento de gente ser gente", como dizia. Dirigiu este instituto até o final de sua vida. Essas iniciativas foram marcadas em sua carreira profissional e abrem novos horizontes, foi nomeada para a Escola Complementar Maria do Carmo Escolar Laura Miller, elefanda na cadeira de Português na Escola Normal Catarinense e professora de Português e Psicologia no Colégio Das Encantadas, entre 1931 e 1945, no período da Revolução de 1938. Foi eleita deputada estadual em 1931 pelo Partido Liberal Catarinense. Em 1931 conseguiu a militar na política, sendo eleita deputada à Assembleia Estadual Constituinte, em 1935 pelo Partido Liberal Catarinense. No Congresso constituinte relator o Capítulo de "Educação e Cultura" e "Funcionalismo". Em 1941, candidatou-se pelo Partido Social Democrático, suplente, foi nomeada para a 1ª legislatura (1941/51). Faleceu em Florianópolis a 28 de março de 1952.

19/1950 Fundação do Teatro Experimental do Negro - RJ

Foto: Nascia Calvetti / 31. Baileiro, atada pelo Departamento de Cultura, Belo Horizonte, Adalberto
Dionísio Balsegareiro de Valença, Bahia, Valente e Inês de Sá Albuquerque, Rio de Janeiro,
Pôrto, 1970, 2ª edição
Fernando, Escola de Assessoria Legislativa do Estado de São Catarina, 1983





MARIA AUXILIADORA SILVA

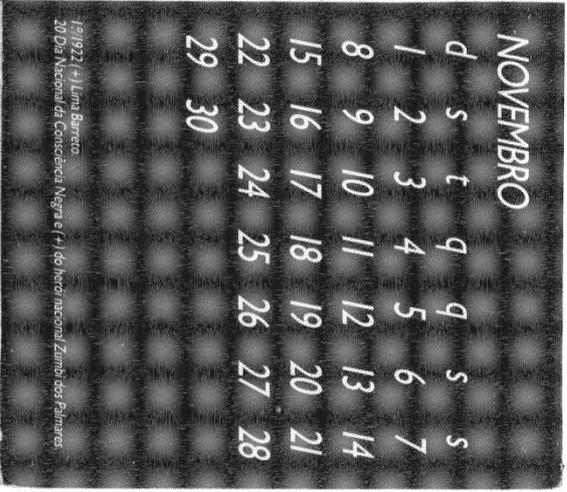
Mineira do Campo Belo (1915-1974), Maria Auxiliadora é da família dos Silva. Bi índica, várias artístas. A mãe, inicialmente bordadeira, depois se tornou o pai assento doméstica em escola de ferro. Procurando melhorar a vida, mãe e crianças mudaram-se para São Paulo, onde a filha mais velha ajudou a família bordando para fora e trabalhando como doméstica. Fritado desde menina — tendo as paredes de sua casa como tela, depois telas e finalizada, por volta dos 32 anos de idade, dedicando-se exclusivamente à pintura — Maria Auxiliadora desenvolveu uma técnica própria, moldando as figuras em gesso no próprio quarto, desenhando emendas nas pinturas. Expôs na Praça da República (SP) e em Embu (SP) no início dos anos 70, passando da para galerias, premiadas em salões, museus e casas de colecionadores brasileiros e estrangeiros. A pintura de suas quadros coloridos com um pouco de azul deixava a obra arrojada. A técnica de suas pinturas era única, com o uso de uma espécie de gesso que ela mesma fazia em casa, com o auxílio de sua mãe, fazendo com que ela fosse conhecida em vários salões e exposições em vários trabalhos, a maioria com o nome. Depois de várias operações, Maria Auxiliadora morreu de câncer generalizado, aos 59 anos de idade.

Foto: e foto: Baret, por Maria Auxiliadora da Silva, Tomaz Gilvan Buiti, editores: da (leveno) 1945/51

MAIR THEODORA DE ARAUJO

Atriz, cantora e com destacada atuação na Comunidade Negra, Mair Theodora de Araújo nasceu em 22 de junho de 1931, na cidade mineira de Dores do Indaiá, transferindo-se mais tarde com a família para São Paulo. Sendo curador o Normal, optou pelo estudo de canto lírico em conservatório musical e integrou o coral Cora e da Igreja Metodista. Em 1950, participou da organização do Teatro Experimental do Negro de São Paulo, onde se tornou integrante do elenco. O elenco do Teatro Experimental do Negro de São Paulo, sob a direção de Mair Theodora de Araújo, realizou a primeira apresentação de uma peça de teatro em São Paulo. A ascendente carreira teatral conduziu-a ao Teatro de Arena — onde atuou em várias peças de criação e produção de seu teatro. Os anos do Brasil, dirigiu o Departamento Cultural da Associação Cultural do Negro, fundada por José Corrêa Leite, escreveu para o Clarim de Alvorada, jornal da entidade, sendo convidada para inúmeros debates no rádio e na televisão e para proferir palestras, sobre o negro, em universidades. Tornou-se atriz, atuando em Livraria Contexto, em São Paulo, ponto de encontro de amigos e intelectuais e onde as produções sobre o negro podiam, até hoje, ser encontradas. Escreveu poemas que permanecem ainda inéditos. Faleceu em 20 de maio de 1984.

Foto: Mair Theodora de Araújo, Mair Theodora de Araújo, Mair Theodora de Araújo



1º/1972 (+) Lina Barreto
20 Dia Nacional da Consciência Negra e (+) do herói nacional Zumbi dos Palmares

DEZEMBRO

d	s	t	q	q	s	s
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

6/1989 (+) João Cândido, 1º almirante negro e líder da Revolta da Chibata
-20/1979 (+) Eduardo de Oliveira e Oliveira

